

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

MARÍLIA OLIVEIRA CALAZANS

**OS SAMBAQUIS E A ARQUEOLOGIA NO BRASIL DO
SÉCULO XIX**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2016

MARÍLIA OLIVEIRA CALAZANS

**OS SAMBAQUIS E A ARQUEOLOGIA NO BRASIL DO
SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Assis de Queiroz

VERSÃO CORRIGIDA

De acordo: _____

Francisco Assis de Queiroz

São Paulo

2016

MARÍLIA OLIVEIRA CALAZANS

OS SAMBAQUIS E A ARQUEOLOGIA NO BRASIL DO SÉCULO XIX

Dissertação de Mestrado

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Assis de Queiroz
FFLCH-USP

Profa. Dra. Márcia Regina de Barros Silva
FFLCH-USP

Profa. Dra. Maria Beatriz Borba Florenzano
MAE-USP

São Paulo, ____ de _____ de _____.

CALAZANS, Marília Oliveira. *Os sambaquis e a arqueologia no Brasil do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

RESUMO

Este trabalho propõe uma investigação sobre a história das pesquisas arqueológicas do século XIX em sambaquis do Brasil. Consideramos este um período de dupla gênese: da arqueologia como ciência e dos sambaquis como fato científico. A partir da documentação publicada nas principais revistas científicas brasileiras em circulação no período e em fontes dos arquivos de instituições de ciência do século XIX, procuramos estabelecer um diálogo entre a arqueologia praticada no Brasil e os grandes paradigmas científicos do período. Como resultados, observamos a confluência das pesquisas arqueológicas sobre sambaquis no Brasil com os pressupostos da ciência mundial, tanto quanto com o projeto imperial. Os sítios sambaquieiros deflagraram todo um debate intelectual que abarcou teorias arqueológicas e antropológicas, confirmaram teses da geologia sobre as mudanças ambientais da terra, conformaram teses sobre a inferioridade racial dos nativos brasileiros, revelando um panorama científico muito mais complexo do que o mero debate entre artificialismo e naturalismo, apontado por arqueólogos e historiadores da arqueologia dos séculos posteriores.

Palavras-chave: sambaquis, história da ciência; arqueologia brasileira; século XIX.

CALAZANS, Marília Oliveira. *The sambaquis (shell mounds) and the archaeology in Brazil in 19th century*. Dissertation (Master's Degree Dissertation) – University of São Paulo, São Paulo, 2015.

ABSTRACT

This work proposes an investigation into the history of the archaeological research of the nineteenth century in sambaquis (shell mounds) of Brazil. We consider this a double genesis: of archaeology as a science and the sambaquis as scientific fact. We seek to establish a dialogue between archaeology practiced in Brazil and the great scientific paradigms of the period, through the published documentation in the main Brazilian scientific journals that were outstanding during the period, and sources of nineteenth-century science institutions files. As a result, we see the confluence of the archaeological research on the sambaquis in Brazil with the assumptions of world science as much as with the imperial project. The sambaquis sites unleashed an intellectual debate which covered archaeological and anthropological theories, confirmed geology thesis on environmental changes of the earth and conformed thesis about the racial inferiority of Brazilian natives. This revealed a scientific panorama much more complex than a mere debate between artificiality and naturalism, appointed by archaeologists and historians of archaeology of later centuries.

Key Words: sambaquis (shell mounds); history of science; Brazilian Archaeology, 19th century.

Dedico este trabalho à memória dos homens e mulheres dos sambaquis, e aos novos habitantes dos casqueiros, com a esperança de que venham tempos em que, este patrimônio ancestral, os sambaquis que herdamos sejam (re)conhecidos, (re)animados e (re)vividos.

AGRADECIMENTOS

A meus queridos anfitriões e suas famílias, que me receberam em suas casas nas diversas fases desta pesquisa, oferecendo cama, sofá, colchão inflável, toalha, comida e, principalmente, amizade. Não fui uma mestranda sem-teto e sem-afeto graças a (a lista é grande) Vera e Zeca, Danilo e Felipe, Tatiane, Eduardo, Carolina, Camilla, Érika, Ana Cristina, Magali, Pâmela e Antônio, Ana Cláudia e Helder, Gabriela, Lorraine, Grant, Mário Matondo, Karen, Mércio e Cristina, Regiane e Marques, Amanda e Lucas, Isabella. Obrigada!

Mais que um agradecimento, expresse o reconhecimento a todos os professores e professoras que acompanham com entusiasmo minha jornada de formação, que apenas continua. Lurdinha Christo, Marilene Monte Real, Olavo Luisatto Filho, Evânia Martins, Eloýza Martinez e Victor Lomnitzer são parte desta história.

A meus alunos e alunas, que não aceitam menos do que meu melhor, agradeço pelo carinho e entusiasmo (nem sempre) pelas aulas de história, pelo apoio e compreensão nos momentos mais turbulentos e, sobretudo, pela inspiração para a realização deste e de outros trabalhos. Estendo este agradecimento às equipes de professores e gestores das escolas por onde passei, pelo trabalho e aprendizado que galgamos juntos. Ao professor Marildo Passerani, agradeço pelo material sobre arqueologia brasileira.

A Maria Clara dos Santos e Maria Luiza Brito, pelo carinho e profissionalismo com que cuidaram de mim, dividindo as melhores e piores fases da minha vida neste período. Pelo carinho e cuidado amadores, Kind, Naná, Caio, Nê, Nemu e Pri.

Ao professor Juvenal Zanchetta Jr., pela amizade e pelo incentivo ao ingresso na pós. À professora Tania de Luca, devo meus primeiros passos na pesquisa historiográfica. Aos professores Jurandir Malerba e Gislaine Monticelli, pelas primeiras orientações na pós-graduação. À professora Maria de Fátima Nunes, pelo aceite na Universidade de Évora. Ao professor Paulo de Blasis, pela disposição em conversar sobre minha pesquisa e pelo convite e companhia na escavação nas áreas do Figueirinha II, em Jaguaruna-SC. Às professoras Márcia Regina de Barros Silva e Maria Beatriz Borba Florenzano pelos elogios, críticas e correções no exame de qualificação.

A Maura Imázio da Silveira, pela atenção e dicas valiosas que recebi durante minhas pesquisas no Museu Emílio Goeldi. A Deusdédit Carneiro Leite Filho, do Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão, por toda a colaboração durante minha estada em São Luís, o *tour* arqueológico, materiais enviados pelo correio, pela amizade, enfim. A

Pedro Tórtima, do IHGB, pela parceria que selamos já nos primeiros meses da pesquisa. A Hélio Rosa de Miranda, do MAE-USP, pelos préstimos, gentileza e competência.

A Eraldo Santos, a quem devo o imprescindível trabalho de leitura e tradução de textos em alemão. A Amandine Castillon, a gentil e precisa tradução do francês. A Lorraine le Sueur, a atenta correção do *abstract*. A Adriana Coimbra, pelo pronto envio de documentação do IPHAN-Pará.

Aos amigos que doaram seus talentos para as várias pré-revisões deste texto, Carla Francisco, Renato Lanza, Fernando Lopes, Érika Nomura e Vinícius França; à Marilene Santana, pela delicada revisão da poesia da epígrafe, minha gratidão.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa em História das Ciências e das Tecnologias – Prometeu, pela calorosa, corajosa e comprometida jornada rumo ao universo da ciência. Em especial, a Natália Salla, pela indicação do manual de arquitetura e a Sandro Zarpelão, pela parceria em tantas paragens.

Aqueles a quem devo a melhor das companhias nas experiências em arqueologia: Tiago Attorre, Blaise Matondo e Natália da Luz. A Karen Freire e Renato Gabrich, pela companhia na tão sonhada visita a Lagoa Santa, terra do sábio Dr. Lund.

A meu orientador, professor Francisco Assis de Queiroz, agradeço pelo acolhimento na história da ciência e na pós-graduação, pela inteligência vívida, presença enriquecedora e inspiradora que tenho o prazer e a honra de acompanhar desde os idos da graduação na Unesp-Assis.

A meus pais, Maria Betania e José Roberto, por sua inabalável dedicação e amor por mim, por tudo o que tenho e sou, e porque eles são demais! A minhas irmãs Amanda e Cecília, que foram meus pés e braços neste mestrado, e também meu coração. A Alice Pirulice, porque tudo ficou mais fácil, divertido e lindo quando ela chegou. A minha querida tia Ivie, por todo o carinho e pela alegria tão intensa e verdadeira.

A Bruno Pastre Máximo, por tudo isso e mais. Por seu gênio criativo incansável, pelo teto e afeto, companhia leal nos melhores e piores momentos, pesquisa de fontes, tradução, fichamentos, críticas, incentivo, elucubrações, teorias de história, de ciências, de arqueologia, da vida, enfim. Esta realização é sua também.

À Prefeitura Municipal de Cubatão, pela concessão dos afastamentos necessários à realização desta pesquisa. Em especial, às amigas do embrionário Instituto Histórico e Geográfico de Cubatão, Mayra Grillo e Maria Aparecida Santos, pelos sonhos que compartilhamos.

Finalmente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pela bolsa de pesquisa concedida no último ano de mestrado.

*E quem sabe então
o Rio será
alguma cidade submersa
Os escafandristas virão
explorar sua casa
seu quarto, suas coisas
sua alma, desvãos*

*Sábios em vão
tentarão decifrar
o eco de antigas palavras
fragmentos de cartas
poemas
mentiras, retratos
vestígios de estranha
civilização.*

Chico Buarque

Uma concha pode ser a casa de uma ostra, um molusco. Uma das mais antigas formas de vida que coexistem com os seres humanos no planeta. Seres humanos são uma forma de vida recente, com uma extraordinária habilidade transformadora. A ostra nutre o ser humano. Sua casca – sua casa – para nada lhe serve depois que se tornou alimento. O ser humano, por sua vez, precisa de outras ostras para seu sustento. Diferentemente do que ocorre com a ostra morta, a ex-ostra, para o ser humano, as conchas são muito úteis. Ele as acumula, usa-as como adorno, instrumentos cortantes, e as descarta no solo. No chão pantanoso, as conchas provam ter outra utilidade: servem de material para aterro. Os seres humanos comem muitas ostras, acumulam muitas conchas.

Depois de algumas gerações, são toneladas de conchas, que formam montes de impressionante grandeza. Entre as conchas das ostras que morreram para servir de alimento, os corpos dos seres humanos mortos, que um dia delas comeram, são sepultados. As conchas juntas, são uma casa para eles.

O tempo passa, ninguém mais habita aquelas paragens, nenhum ser humano é sepultado. O tempo passa e os montes de conchas permanecem. Outros humanos que por ali passam usam-no como uma referência na paisagem, talvez tenham vivido sobre aqueles montes. Outros percebem que aquelas conchas, unidas por milênios, teriam mais utilidade se separadas, esmagadas, misturadas a outros materiais para unir a pedra de... suas casas. E tantas novas casas assim são construídas.

Mas isso não pode ser assim para sempre. As conchas acumuladas pelos primeiros humanos que a habitaram, logo depois das ostras, podem acabar! E com elas, vai-se também a memória. E novos seres humanos reclamam as memórias daqueles antigos, reivindicando-as para si. Para eles, as memórias que as conchas guardavam, contém segredos de seu próprio passado. É provável que as novas ostras não se lembrem deste tempo em que suas conchas-casa eram tão apreciadas pelos seres humanos que nasceram sem a própria casa. Mas estas conchas fazem o ser humano lembrar. E lembrar é também o que faz ser humano o ser humano.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Capítulo 1: ARQUEOLOGIA COMO CIÊNCIA SÍNTESE DE UM NOVO OLHAR SOBRE O TEMPO.....	25
1.1 O TEMPO GEOLÓGICO E O TEMPO HUMANO	25
1.2 A GEOLOGIA DE CUVIER A LYELL.....	29
1.3 “A FORÇA IRRESISTÍVEL DOS FATOS”: PETER W. LUND	35
1.4 J. BOUCHER DE PERTHES – “DEUS É ETERNO, MAS O HOMEM É BEM VELHO”	41
1.5 O MISTÉRIO DAS ORIGENS EM CHARLES DARWIN	46
1.6 ARQUEOLOGIA “PRÉ-HISTÓRICA”	54
Capítulo 2: CASQUEIROS, CONCHEIROS, BERBIGUEIROS, MINAS DE SERNAMBYS, OSTREIRAS: SAMBAQUIS.....	61
2.1 CONCHEIROS LÁ E CÁ.....	61
2.2 Os SAMBAQUIS NASCEM PARA A CIÊNCIA BRASILEIRA	72
2.3 Do CAMPO AO MUSEU.....	78
Capítulo 3: <i>UMA QUESTÃO QUASI INTEIRAMENTE NOVA PARA A CIENCIA:</i> TEORIAS E TÉCNICAS DE UMA ARQUEOLOGIA A PARTIR DE SAMBAQUIS	87
3.1 O HOMEM DOS SAMBAQUIS	87
3.2 ARTEFATOS, CRÂNIOS E INTELIGÊNCIA: “UMA NOVA FACE À CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA”	92
3.3 UMA ARQUEOLOGIA EM DIÁLOGO COM O ESPAÇO: WIENER NA TRILHA DE UMA TEORIA GERAL.....	102
3.4 A PRÉ-HISTÓRIA SOB RISCO: A ARQUEOLOGIA MILITANTE DE ALBERTO LOEFGREN	110
3.5 HERMAN VON IHERING: “A CRIAÇÃO DISSE: ESTA OBRA É MINHA!”	115
Capítulo 4: O TEMPO É VORAZ, O HOMEM AINDA MAIS OU EXPLORAÇÃO “NECRÓFILA E BÁRBARA”	122
4.1 O QUE RESTOU DOS SAMBAQUIS.....	122
4.2 O CAMINHO DAS CONCHAS.....	126
4.2.1 A Exploração Caieira Pelos Textos Da Arqueologia	127
4.2.1.1 Santa Catarina.....	128
4.2.1.2 Pará.....	130
4.2.1.3 Paraná	133
4.2.1.4 São Paulo	134
4.3 A dimensão pedagógica da pré-história.....	137
CONCLUSÃO.....	139
BIBLIOGRAFIA E FONTES	160
Fontes	162

Referências Bibliográficas..... 166

INTRODUÇÃO

A pesquisa que culminou neste trabalho consiste em mais uma etapa de uma jornada iniciada em 2010, no intento de responder à infinita curiosidade das minhas turmas do sexto ano do ensino fundamental. Esta série, em que os alunos iniciam um novo ciclo em sua vida escolar, demanda dos professores uma especial atenção ao acolhimento das turmas, à apresentação da disciplina e ao envolvimento dos pequenos com os temas pertinentes à história.

Começamos, como de costume, com os estudos introdutórios à história. O próprio material didático sugere sequências básicas para estas lições iniciais: *o que é história? o que são fontes históricas?, o que faz um historiador?*. Depois, partimos para as lições sobre o “tempo”: calendários egípcio, cristão, islâmico, maia. Tudo segue uma sequência aparentemente óbvia que desemboca infalível e inevitavelmente nos “períodos da história”. Da “pré-história” até o “mundo contemporâneo”. Assim, apresentados os conceitos, cada coisa em seu lugar, iniciamos os primeiros estudos: a pré-história.

Não seria suposição demasiado ousada se afirmássemos que todo professor de história já se deparou com um livro didático que siga a seguinte narrativa: “A pré-história é o período que vai desde o surgimento do *homem* [e não do “ser humano”] até a invenção da escrita, ou das primeiras civilizações, ou ambas”. “Neste *período* [cuja duração pode variar entre um milhão de anos e cento e noventa mil anos], o homem realizou importantes invenções como o fogo, a roda, a agricultura, o pastoreio, o manuseio de metais e cerâmica”, continua, apresentando uma cronologia de relativa precisão. Seguindo o percurso retilíneo da narrativa histórica, aparecem o *boom* civilizatório do Crescente Fértil, as cidades, o Estado, a hierarquização social, etc.

Em outros termos, notamos que a definição do período pré-histórico se assenta sobre dois elementos associados e diretamente proporcionais: o tempo cronológico recuado e um determinado estágio de desenvolvimento técnico, de modo tal que o avanço cronológico deve ser acompanhado pelo avanço técnico e tecnológico. As crianças colocam tudo o que aprenderam em uma linha do tempo.

Então, eis que, em plena “Revolução Neolítica”, do outro lado do oceano, o continente americano é povoado por... caçadores-coletores! A cronologia não bate. Outros manuais,

dedicados a apresentar a questão de modo mais complexo, mencionam os fatores migratórios, as contestações às datações, uma narrativa mais confortável.

Querelas pré-históricas à parte, iniciamos os estudos sobre a Antiguidade, isto é, sobre a história propriamente dita. Ao fim e ao cabo, a despeito do esforço empreendido nos capítulos introdutórios a fim de se estabelecer outras fontes materiais ou imateriais no estudo da história, a escrita permanece como marco cronológico das protagonistas da história: as civilizações.

Mas o que é uma civilização? – Norberto Guarinello responde: “Civilização não é um conceito, mas um termo visivelmente ideológico e propositalmente vago. Afinal, que é uma civilização? Opõe-se à barbárie, ao primitivo?”¹ Do outro lado, os manuais didáticos apresentam um conceito bem definido para civilização, ainda que igualmente ideológico. Civilizações são povos que concentram os atributos da sedentarização e conformaram um Estado.

A partir da mesma lógica, estuda-se em outras séries, sucessivamente, as antiguidades, a Idade Média, Idade Moderna, intercaladas por algum capítulo sobre “O reino do Congo” – em que se evidencia o fato de ser um “reino” na África (já que o Egito está anexo ao Oriente Médio e à cultura judaico-cristã) e ter se “convertido” ao cristianismo. Os autores avisam, aquela cronologia apresentada é problemática. É necessário atender às exigências legais sobre o ensino de história africana. E, entretanto, persiste o eixo narrativo eurocentrista.

Os séculos XV e XVI inauguram a Idade Moderna, o Renascimento, as Grandes Navegações e um novo constrangimento: a constatação de que, apesar das resistências bravias, das influências culturais na sociedade brasileira, os indígenas não tinham condições técnicas de enfrentarem os colonos. A informação subliminar não tarda a saltar às conclusões. Os indígenas *ainda* viviam na Idade da Pedra no século XVI.

Que implicações sociais e políticas resultam destes estudos da tenra idade, não podemos precisar. Seria salto exagerado partir destas primeiras lições de história que recebemos nos bancos escolares para o senso comum? Para as referências aos índios que *ainda* vivem como há quinhentos anos (*sic*), ou àqueles que *já* utilizam internet? E se procurarmos as referências na historiografia acadêmica, o que encontraremos? Uma história “cativa” das fontes escritas? Por que, a despeito dos esforços, uma parcela significativa de nossa história permanece marginalizada?

1 GUARINELLO, Norberto L. História Científica, história contemporânea e história cotidiana. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 1, n.1, p. 13-38, 2005, p. 17.



Figura 1 A pré-história tem grandes surpresas e perguntas: Como eles conseguiram matar animais grandes? Como achavam as cavernas? Como chegavam em topos de montanhas? Mas você pode descobrir a resposta. Pedro Luiz, 11 anos. Hidrográfica sobre papel, março de 2010.

As pesquisas empreendidas até este momento são parte de um esforço de cumprir a tarefa de responder a estas questões, ainda que parcialmente. Neste trabalho, recuamos ao século XIX, quando encontramos os primeiros esforços para a produção de uma história nacional brasileira.

Neste período, examinamos a produção da arqueologia sobre os sambaquis no período de 1841 a 1900, vinculada aos institutos e museus brasileiros. Além de analisar o conteúdo destas pesquisas, propusemo-nos a investigar os debates sobre a antiguidade humana, em voga no período, e compreender o papel desempenhado pelas instituições científicas na mediação deste conhecimento.

Sambaquis, que são os grandes montes artificiais compostos por restos faunísticos característicos da região litorânea (mariscos, berbigões, conchas e ossos de aves e de pequenos mamíferos) que, acumulados ao longo de milhares de anos, conformaram enormes monumentos que serviram de acampamentos ou cemitérios, mas, sobretudo, como marcos paisagísticos para

os colonizadores do litoral brasileiro, chamados de paleoíndios, pois são anteriores aos povos ceramistas dos quais descendem as comunidades indígenas atuais. À revelia de seu significado e das informações que estes sítios contêm, permanecem condenados a figurar na história e na memória como meras curiosidades de um tempo de barbárie.² No seio deste debate, pulsa o próprio conceito de civilização, que serviu e serve de baliza analítica aos estudos sobre o passado, enraizando imagens sobre a pré-história invariavelmente projetadas para sociedades contemporâneas. As datações mais antigas alcançam os nove mil anos AP (antes do presente), embora a maior parte dos sítios concentrem datas que variam entre quatro e dois mil anos AP.³

Cabe mencionar que a escolha dos sambaquis como recorte temático, no lugar de qualquer outro sítio arqueológico, também foi influenciada pelo forte vínculo identitário com meu bairro, o Casqueiro, na cidade de Cubatão-SP, onde se localiza uma das mais conhecidas concentrações de sambaquis do Brasil. Sobre os sambaquis nos atuais limites de Cubatão também há referências das mais antigas, que trabalhamos neste texto.

Compreendemos que a temática indígena foi preponderante nos estudos arqueológicos, antropológicos e etnológicos do século XIX. Os indígenas figuravam nas teses como uma síntese entre passado histórico e pré-histórico, mas também entre passado e presente. As pesquisas vinculadas aos institutos estavam no centro de um projeto que visava a um tempo a emolduração do passado e o progresso futuro.

Desta forma, os sambaquis foram um tema persistente, porém marginal na arqueologia brasileira, deflagrando o controverso binômio importância/marginalidade. Embora tenham despertado interesse científico (o próprio imperador D. Pedro II acompanhou escavações em São Vicente-SP em 1876),⁴ os sítios sambaquieiros continuaram a ser saqueados, consumidos pela indústria da cal desde o século XVI. Os mais antigos textos que tratam do sambaqui apontam para a identidade indígena relacionada ao sítio, tanto quanto o seu uso para obtenção da cal a partir da queima das conchas.

Em relação ao período de explorações científicas dos sambaquis, o século XIX, os trabalhos produzidos desde a década de 1960 evidenciam que a grande questão da ciência Oitocentista era debater a questão da origem natural ou antrópica do sambaqui. A disputa é expressa em duas categorias: de um lado, os artificialistas, isto é, defensores dos sambaquis

2 Cf. BLASIS, Paulo de. Os sambaquis vistos através de um sambaqui. 2005. 138 f. Monografia (Livre Docência em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005;

GASPAR, MaDu. Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

3 GASPAR et al. Sambaqui (Shell Mound) societies of Coastal Brazil In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William. Handbook of South American Archaeology. New York: Springer, 2008, p. 320-1.

4 GASPAR, op. cit., p. 12; PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: UNB, 1992, p. 8. Este episódio é narrado por Pedro II no volume 16 de seu diário.

como produto da ação humana e de outro, naturalistas, ou aqueles que afirmavam que os concheiros não passavam de registros climáticos. A versão mais antiga desta classificação das pesquisas do século XIX foi encontrada em *Introdução à arqueologia brasileira*, de Angyone Costa, considerado o primeiro manual de arqueologia brasileira.⁵ Costa dedicou – já na década de 1930 – um capítulo à história das pesquisas em sambaquis.⁶

A questão da artificialidade dos sítios sambaquieiros teria permanecido em pauta até a primeira metade do século XX. Paulo Duarte, em publicação emblemática de 1964, foi além: denunciou que a recorrência deste debate implicou na indefinição do valor pré-histórico do sítio, e a consequente destruição de grande parte destes, que tiveram como destino a indústria caieira, a pavimentação de rodovias e a construção civil.

André Prous, na obra referencial *Arqueologia Brasileira*, de 1992, acrescentou a esta ideia uma reflexão sobre o espaço institucional da produção arqueológica. Para ele, “o antagonismo entre estas instituições [Museu Nacional e Museu Paulista] (a primeira, monárquica e a segunda, republicana) iria logo comprovar-se, a propósito dos sambaquis [...]”,⁷ sugerindo que, mais que o estabelecimento de paradigmas na arqueologia brasileira, estava em disputa o renome de intelectuais vinculados aos dois museus.

Nacionalismo brasileiro à parte, foi partindo de premissas importadas da arqueologia europeia que os primeiros arqueólogos estrangeiros vieram ao Brasil, em meados do século XIX, especialmente interessados nas evidências guardadas nos sítios conchíferos do litoral. Para estes homens, as hipóteses de antiguidade humana, da ocupação do planeta e dos caracteres sociais vinculados a raça encontravam cada vez mais lastro nos achados arqueológicos pelo mundo. Os sítios conchíferos dinamarqueses, neste mesmo período, eram objetos de debates nos altos círculos científicos europeus, ora postulando novos paradigmas temporais na pré-história, ora confirmando tese de que os seres humanos eram muito mais antigos do que se pensara até então.

Na Dinamarca, os concheiros tinham um nome: *Kjokkenmoedding*, o que significa montes/resto de cozinha. Em francês, idioma de grande penetração nas sociedades científicas, foram chamados de *amas de coquillages*, isto é, monte de conchas. Em inglês, ganhou outra tradução literal: *shell mounds*. O Tupi, segundo a tradução de Angyone Costa, batizou-o de *sambaqui*, aglutinação de *tamba* (concha) e *ki* (monte). O português brasileiro possui ainda as

5 COSTA, Angyone. *Introdução à Arqueologia brasileira* (etnografia e história). 4ª edição, ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

6 Esta classificação também aparece nas análises de Blasis (2005) e Gaspar (2004), entre outros.

7 PROUS, 1992, p. 7.

versões casqueiro, berbigueiro, ostreira, sernambi. Toda esta variedade de nomes possui uma interessante semelhança: refere-se sempre ao aspecto externo destes sítios, que representam um inegável marco paisagístico. Por outro lado, nenhuma destas palavras têm significado que se remeta às características simbólicas que estes montes provavelmente tiveram entre seus arquitetos.

Para além das datações muito antigas obtidas nos sambaquis brasileiros, este dado linguístico é outra evidência da lacuna temporal que há entre o abandono dos sambaquis e a invasão colonial portuguesa. A conexão entre os povos sambaquieiros e as populações ceramistas que dominaram o litoral também é obscura, embora haja evidência de que os tupi tenham habitado a superfície dos sambaquis, o que se observa pelos vestígios de cerâmica encontrados nas camadas mais externas destes sítios.

Na década de 1860, apareceram timidamente na região sul-sudeste, alguns apontamentos de estudos sobre sambaquis, veiculados especialmente na revista do recém-criado Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e nos anais do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Este foi responsável por gerenciar a coleção arqueológica do Império, enquanto o primeiro tratava de reunir um círculo da ciência nacional. Nos anos de 1870, os sambaquis da regiões norte, sudeste e sul tomam relativo vulto e sobre esse período foi possível reunir uma documentação interessantíssima em muitos aspectos.

Sob a perspectiva da história das ciências, a documentação analisada aqui – a produção científica sobre os sambaquis brasileiros no século XIX – foi estudada, ainda que de forma indireta, por outros dois trabalhos de doutorado, com os quais esta pesquisa tenciona dialogar.

O primeiro, de autoria de Johnni Langer,⁸ inclui o debate sobre a arqueologia em sambaquis dentro do escopo da arqueologia de paisagens míticas e cidades imaginárias, no século XIX. O autor optou por estabelecer e analisar o diálogo travado entre os pesquisadores dos sambaquis brasileiros no período entre 1840 e 1889 – da primeira referência feita a estes sítios por Varnhagen, vinculado ao IHGB, até o fim do Império. Este recorte, por si, já sugere o caminho interpretativo proposto por Langer: vincular as pesquisas aos pressupostos políticos da elite imperial. O estabelecimento deste vínculo, porém, não se dá de maneira óbvia, de forma que os debates arqueológicos fossem produtos encomendados. Ao contrário, ideologia e ciência têm uma estreita e complexa relação, mesmo que não estejam associadas a priori.

8 LANGER, Johnni. Ruínas e mito: A arqueologia no Brasil Império. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

Langer verificou esta relação ao comparar resultados de pesquisas associadas ao IHGB e ao Museu Imperial com as independentes, e ao analisar a ressonância destes resultados em âmbito nacional e internacional. O autor concluiu que, além dos limites das técnicas de escavação destes pesquisadores, os resultados coadunavam com pressupostos ideológicos da elite política e eram permeados por rivalidades pessoais declaradas, o sentimento de nacionalismo e o imaginário social-evolucionista que destacava o europeu como “representante máximo da escala evolutiva”.⁹ Dessa forma, os vestígios arqueológicos serviriam como medidores de esquemas sociais estabelecidos e os pesquisadores eram aqueles que adaptavam suas observações a suas próprias hipóteses.

Lúcio Menezes Ferreira é autor de diversos textos que compõem nossas referências bibliográficas. Todas são derivadas de suas pesquisas de mestrado e doutorado em que produziu um trabalho exaustivo e necessário sobre aspectos da institucionalização da arqueologia no Brasil. Especificamente um artigo, de Ferreira e Francisco Noelli,¹⁰ trouxe valiosas contribuições para esta dissertação.

Os autores, iniciaram refletindo sobre o marco de cientificidade da arqueologia, isto é, sua institucionalização, afirmando que “o colecionismo, os catálogos e as viagens são fundamentais para a compreensão dos processos de institucionalização de uma ciência”.¹¹ Esta observação conduz a análise por um prisma distinto daqueles historiadores da arqueologia que classificam como “pré-científico”, “descritivo” ou “classificatório” o período compreendido entre 1840 e 1870, isto é, das primeiras expedições arqueológicas vinculadas e/ou patrocinadas pelo IHGB ou Museu Nacional até a entrada de ideias “científicas” na arqueologia brasileira. Outrossim, propõem que sejam exploradas fontes como a imprensa, que divulgava estes conhecimentos, e os romances naturalistas, que difundiam “informações, discussões e figurações metafóricas” sobre as questões debatidas pelos intelectuais sobre a arqueologia e a pré-história brasileira.¹² Apenas esta ampla gama de documentos, segundo o artigo, poderá assentar o estabelecimento da Arqueologia no Brasil dentro dos processos de mundialização da ciência.

A partir deste debate historiográfico, formulamos a hipótese de que a arqueologia brasileira, fortemente vinculada às instituições imperiais dedicadas às ciências, funcionava

9 LANGER, 2001, p. 51.

10 FERREIRA, Lúcio M.; NOELLI, F. Richard Francis Burton, os sambaquis e a Arqueologia no Brasil Imperial (Com tradução de textos de Burton). Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, v. 17, p. 149-168, 2007.

11 FERREIRA; NOELLI, 2007, p. 149.

12 FERREIRA; NOELLI, 2007, p. 150.

como um apêndice do projeto intelectual do Império. Esta hipótese, de certa forma, se confirma a partir de diversas evidências. Em primeiro lugar, porque foi apenas a partir das instituições financiadas pelo governo imperial que se elaboraram pesquisas arqueológicas sistemáticas. Depois, porque a arqueologia (assim como a história, etnografia e geografia), era uma disciplina que compunha o projeto declarado do IHGB de conhecer e dominar os interiores do Brasil. Finalmente, porque, com o fim do Império, ocorreu uma abrupta ruptura em relação às pesquisas arqueológicas, que reverberaram por alguns anos a partir dos centros paulistas na virada para o século XX, sucedidas por uma lacuna de décadas.

À medida que trabalhávamos as fontes mais antigas, de autores diletantes, sem vínculos institucionais e antes do *boom* científico dado na Arqueologia brasileira na década de 1870, constatamos que os documentos por si estabeleciam um diálogo com a ciência mundial na mesma medida em que esta se institucionalizava no Brasil. Esta constatação não coadunava completamente com nossa hipótese inicial, que pressupunha um vínculo institucional muito estreito, o que conferiria à arqueologia praticada no Brasil um caráter bastante nacionalista.

Foi necessário que compreendêssemos com maior profundidade os diálogos que as práticas científicas estabelecem com outras esferas sociais, como política, econômica e cultural. Neste momento, depois de transcorrido quase um ano desta jornada, iniciamos uma imersão nas teorias sobre história e historiografia das ciências. Muitos dos anseios foram respondidos a partir da leitura de textos clássicos que, todavia, estavam aquém do meu repertório teórico até aquele momento. Destacadamente, as ideias de Thomas Kuhn sobre os câmbios paradigmáticos; de Robert Merton, sobre os imperativos institucionais; e de Ludwig Fleck, sobre a gênese de um fato científico, emolduraram o novo panorama teórico que passou a orientar esta pesquisa. A grande colaboração dessa literatura teórica para o desenvolvimento analítico que propusemos foi, substancialmente, a inserção de uma perspectiva interna às ciências, do seu desenvolvimento e criação de paradigmas ao longo da história.

Ainda que fornecessem fundamental aporte ao desenvolvimento desta pesquisa, este referencial da historiografia das ciências estava muito ancorado na produção científica das chamadas *hard sciences*. Para um estudo de história da arqueologia, uma prática científica com interferências e consequências sociais e políticas tão evidentes, como seria possível descentralizar a análise das relações políticas e institucionais que permearam a produção arqueológica do século XIX? Neste período da pesquisa, os horizontes estavam bastante turvos. Perguntamo-nos, sobre a arqueologia: i) como emoldurá-la enquanto ciência? ii) como os estudos de ciência contribuem para a história da arqueologia? Eram as questões gerais que permaneciam sem resposta.

A leitura da breve fortuna crítica a respeito da história da arqueologia brasileira, evocou aspectos dessa disciplina, quais sejam, sua cientificidade, seu caráter institucional, e os paradigmas predominantes de uma época. A confluência destes aspectos como característicos dos estudos de história da arqueologia torna esta disciplina um objeto cuja abordagem é distinta entre os estudos de ciência. Isto significa que, em se tratando de arqueologia, o personalismo, as influências políticas e institucionais, e até um certo misticismo são fatores reconhecidamente incidentes sobre hipóteses e paradigmas.

Enquanto estas dúvidas pairavam por sobre a análise das fontes, esboçamos uma narrativa que tenciona responder ao problema central: a gênese dos sítios arqueológicos conhecidos como “sambaquis”, como fato científico. O percurso narrativo se concentra na história mais ou menos linear desta gênese, *pari passu* a seu vínculo institucional.

O capítulo 1, *Arqueologia como ciência síntese de um novo olhar sobre o tempo*, procura explorar o contexto científico da produção arqueológica, no âmbito americano e europeu, sobretudo. A partir da análise de obras seminais de um novo conceito temporal – geológico, biológico e humano –, buscamos identificar as raízes científicas da arqueologia, que nasceu com esta inerente interdisciplinaridade, bem como as origens da ideia de uma pré-história, cujos registros soterrados a arqueologia se propôs a decifrar.

Fundamentamo-nos especialmente em autores como Oscar Moro Abadía, em seu excepcional trabalho sobre arqueologia pré-histórica e história da ciência. Bruce Trigger, referência clássica em história da arqueologia, consolidou uma visão histórica sobre a disciplina, especialmente sobre seu período mais recente. Por fim, ainda que algumas analogias tenham sido necessárias, Edward Said influenciou-nos a enxergar a força do conhecimento produzido em ambiente acadêmico, que ecoa em uma percepção (racista, xenófoba) de alteridade fundamentada em ciência.

O segundo capítulo, *Casqueiros, Concheiros, Berbigueiros, Minas de sernambys, Ostreiras: Sambaquis*, debatemos a gênese do conceito científico de *sambaqui*. Consideramos, a partir da documentação analisada, que a própria palavra *sambaqui*, a despeito de sua raiz Tupi, foi retomada dentro dos círculos científicos para designar – e uniformizar – uma grande variedade de sítios, nomeados também de forma diversa. Ademais, constatamos que as primeiras significações para os sítios *sambaqui* foram importadas das interpretações dos *kjoekkenmoddings*, os concheiros dinamarqueses, que estavam entre os principais tópicos da arqueologia europeia em seu período formativo.¹³

13 Ver, por exemplo, MARQUES, Abílio S. As ostreiras de Santos e os kiokken-moddings da Dinamarca. *Revista brasileira*, vol. 6, pp. 55-71, 1880.

A ideia de gênese do fato científico, inspirada por Ludwig Fleck, deu sustento à percepção de que a arqueologia transformou o sambaqui em pauta científica, inscreveu-o dentro de um estilo da ciência, importando-o para manuais de arqueologia, carteiras escolares e cartilhas de patrimônio. A ciência fez dos sambaquis, velhos conhecidos marcos da paisagem litorânea brasileira, um fato, inscrevendo-os como um dos mais valiosos bens do território nacional.

No capítulo 3, *Uma questão quasi inteiramente nova para a sciencia: Teorias e técnicas de uma arqueologia a partir de sambaquis*, pretendemos, de certa forma, traçar o percurso inverso do segundo capítulo. Se naquele, tencionamos rastrear a influência da ciência geral na compreensão científica dos sambaquis, neste, olhamos quais teorias, métodos, técnicas e disciplinas científicas reajustaram seus pressupostos a partir da especificidade de um sítio que desafiou a cronologia oferecida por teorias referenciais, como o *difusionismo* e o *sistema das três idades*. Em um momento em que a arqueologia brasileira se dedicava a referendar mitos de cidades e civilizações perdidas no interior do Brasil, da presença viking ou fenícia anterior aos portugueses, os autóctones sambaquis convocavam o olhar especialista à elaboração de uma teoria também autóctone.

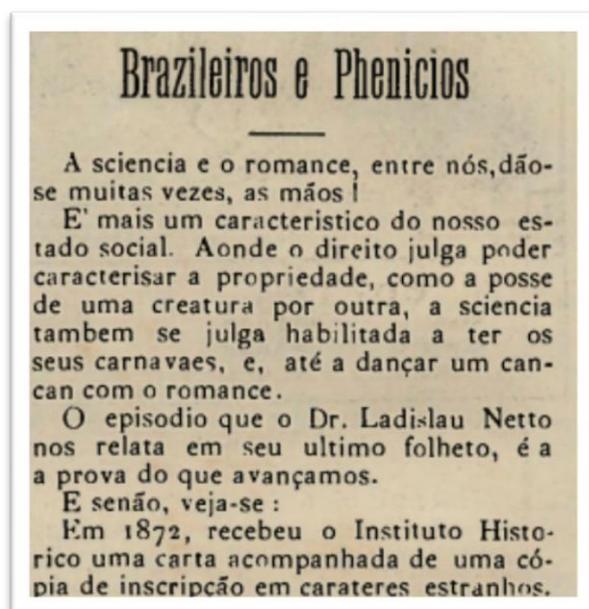


Figura 2 Nota da Revista Ilustrada relatando como o diretor do Museu Nacional Ladislau Netto comprovou ser falsa a tese das inscrições fenícias no nordeste brasileiro. In: J. V. Brazileiros e Phenicios. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 414, ano 10, pp. 1-8, 1885, p. 2.

Finalmente, no capítulo 4, “*O tempo é voraz, o homem ainda mais*” ou *Exploração “necrófila e bárbara”*, exploramos os traços da exploração caieira informados pela documentação arqueológica que analisamos. Os objetivos são dimensionar o tamanho do

patrimônio arqueológico – ainda hoje sob risco – cuja perda iminente os cientistas do século XIX denunciaram por meio de seus textos; além de examinar quais relações estes *homens de ciencia* teriam com a extração de conchas dos sambaquis para a fabricação de cal, nas entrelinhas de seus depoimentos.

Capítulo 1

ARQUEOLOGIA COMO CIÊNCIA SÍNTESE DE UM NOVO OLHAR SOBRE O TEMPO

Virá um tempo em que toda pedra contará uma história.
Cícero, *De finibus*, livro V, cap. III.¹⁴

1.1 O TEMPO GEOLÓGICO E O TEMPO HUMANO

A temporalidade, traço fundamentalmente comum às disciplinas de história e arqueologia, será objeto de análise das discussões desenvolvidas neste capítulo. Compreendemos que considerar as ideias sobre o tempo no século XIX seja indispensável para a construção do debate que se desenrolará nesta dissertação, em que o tempo e a antiguidade humana estão no centro de uma ampla discussão interdisciplinar. Fora do âmbito científico, estes temas também entraram em voga, pois o discurso sobre o passado tornou-se trunfo do poder político, justificativa de hegemonia e dominação.

Partiremos da hipótese de que o estabelecimento dessas disciplinas no âmbito científico positivo, dado na última metade do século XIX, está intrinsecamente conectado a um redimensionamento da concepção temporal. Esta nova construção do tempo, por sua vez, deu-se a partir de um debate travado em diversas áreas do conhecimento, especialmente, a geologia e a biologia. Tencionamos demonstrar como estas ciências se conformaram sob a égide dos interesses de seu tempo e forneceram ao debate interno à história e à arqueologia novos

¹⁴ Citado por Conde de la Hure em seu relatório sobre as origens dos sambaquis enviado ao IHGB em 1865.
Tradução livre.

fundamentos. A geologia, porque ampliou enormemente a noção de idade do planeta. A biologia, por sua vez, retirou do ser humano o estatuto de elemento especial entre os seres vivos, conferindo-lhe um caráter naturalizado e um passado animal. Segundo Oscar Moro Abadía, a separação entre ciência e superstição é o mito de origem da história da arqueologia.¹⁵

Arqueologia e história, consideramos, originaram-se em tempos distintos e caracterizam-se por práticas distintas. A primeira surgiu em meio à efervescência científica e intelectual característica do século XIX. Herdou do pensamento renascentista a atenção dirigida ao passado clássico; do colecionismo, o interesse por objetos exóticos e antigos; da geologia, a metodologia de escavação; e do *habitus* da aristocracia moderna, a instrumentalização do passado como justificativa de poder. Apenas no último quartel daquele século é que a arqueologia estabelecer-se-ia como uma disciplina, fundamentada em questões específicas, a serem respondidas por métodos específicos. A comparação de artefatos e a evolução técnica da humanidade passou a orientar estudos, exposições e coleções das chamadas “antiguidades”.¹⁶

A história narrativa ou cotidiana, por sua vez, remonta a tempos muito anteriores, nos quais assume vários formatos, que, em comum, encerram a relação de uma sociedade com o seu passado. Tradicionalmente, localiza-se na Grécia antiga a gênese da ideia ocidental de história. De outro ponto de vista, pode-se depreender, de uma noção alargada de história, que a mitologia cumpra função semelhante dentro de uma sociedade, qual seja, a justificativa de sua própria existência. Ao longo do tempo, e, em cada sociedade, este passado esteve representado na mitologia, revivido nos ritos, nas lendas, na religião e nas narrativas atemporais.¹⁷

Para o ocidente, especificamente, o século XIX foi palco de uma grande onda de cientificismo, do qual a história não escapou. De dentro das universidades, impulsionada pelo desenvolvimento das ciências sociais, surgiu a modalidade da história enquanto ciência. Este movimento acompanhou a institucionalização da história, também como um ato político. O uso do passado em favor do nacionalismo e a conformação de uma disciplina histórica científica,

15 ABADÍA, Oscar Moro. *Arqueología pré-histórica e historia de la ciencia*. Hacia una historia crítica de la arqueología. Barcelona: Bellaterra Arqueología, 2007, p. 75.

16 ROBRAHN-GONZALEZ, Érika. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*, São Paulo, n.44, p. 10-31, dezembro/fevereiro 1999-2000; MOMIGLIANO, Arnaldo. O surgimento da pesquisa arqueológica. In: _____. *Raízes clássicas da historiografia moderna*. Trad. M. Beatriz B. Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.

17 A pluralidade semântica da palavra “história” é discutida por diversos autores. Tomamos como principais referências: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Trad. António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978; MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista Inst. Est. Bra.*, 34, 1992, p. 9-24; GUARINELLO, Norberto. L.. História Científica, história contemporânea e história cotidiana. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 1, n.1, p. 13-38, 2005.

praticada no interior das universidades, são os fatores comumente mobilizados para explicar a produção historiográfica da segunda metade do século XIX.¹⁸

De fato, não se pode compreender o significado expresso pela historiografia daquele período dissociada de sua influência do positivismo científico e dos nacionalismos. Nosso trabalho, todavia, pretende oferecer uma visão complementar à estabelecida, por considerar a transformação da concepção de humanidade e de tempo – operada sobretudo pela biologia e geologia – fator relevante na concepção de história encarnada tanto na emergente arqueologia, quanto na antiga, mas renovada, história.

Sendo a humanidade e o tempo fatores fundamentais para a operação realizada na arqueologia e na história, procuramos esboçar neste capítulo os pontos que consideramos essenciais para a conformação desta nova noção de temporalidade. Para tanto, abalizamos as influências de três grandes obras pioneiras, estudos seminais que engendraram este novo olhar sobre o mundo, sobre o ser humano, e sobre o tempo.

Obedecendo à ordem cronológica, iniciamos pelo conjunto de três textos do paleontólogo Peter W. Lund: *Sobre a antiguidade do Homem em Lagoa Santa*, de 1842; *Notícias sobre ossadas humanas fósseis achadas numa caverna do Brasil*, de 1844; e *Novas observações sobre a antiguidade do Homem em Lagoa Santa*, do mesmo ano. Estes artigos representam os primeiros apontamentos científicos sobre a “ancianidade do homem”, isto é, sobre a existência de seres humanos em épocas remotas – aquém da indicação da cronologia mosaica. Os estudos de Lund não obtiveram de imediato uma ressonância à altura de suas descobertas, nem no Brasil, tampouco na Dinamarca, as duas pátrias do naturalista.¹⁹ Em ambos os países, o reconhecimento veio após sua morte, fato que não retira dos textos de Peter Lund o mérito do pioneirismo e sua enorme contribuição para a paleontologia e arqueologia nos séculos seguintes.

Seguindo, analisaremos uma obra considerada precursora dos estudos arqueológicos na Europa: *Antiquités celtiques et antédiluviennes: Mémoire sur l'industrie primitive et les arts a leur origine*, de Jacques Boucher de Perthes.²⁰ Monografia em dez volumes, impressa em 1847 e publicada dois anos depois, repetiu a baixa popularidade que o trabalho de Lund inicialmente obtivera. Os dados apresentados por Boucher de Perthes como artefatos antediluvianos não só

18 DÍAZ-ANDREU, Margarita. *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

19 HOLTEN, Birgitte; STERLL, Michael. *Peter Lund e as grutas com ossos em Lagoa Santa*. Trad. Luiz Paulo Ribeiro Vaz. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

20 BOUCHER DE PERTHES, J. *Antiquités celtiques et antédiluviennes: Mémoire sur l'industrie primitive et les arts a leur origine*. 3 vol. Paris: Treuttel et Wurtz; Derache; Dumoulin; Victor Didron, 1849, 1857, 1864.

atraíram a atenção de sociedades científicas da Europa e América, mas, segundo Donald Grayson, provocaram uma forte reação negativa, ao menos até a célebre publicação de Darwin fazer da antiguidade humana um paradigma consolidado.²¹

Por fim, tomaremos a publicação, em 1859, de *A Origem das espécies*, do naturalista Charles Darwin, como marco definidor e definitivo para esta concepção de tempo que tentamos abarcar. Buscamos demonstrar que esta obra, ao contrário das destacadas anteriormente, traz pontos de vista que, muitas vezes não foram originais ou exclusivos deste autor. O que torna *A Origem das espécies* uma obra essencial à compreensão da discussão que pretendemos desenvolver foi a estupenda receptividade das ideias concatenadas, elaboradas e apresentadas por Darwin. Por isso, este livro não é considerado ponto de partida para a reelaboração das percepções sobre o ser humano, mas foi fundamental no estabelecimento das noções apontadas anteriormente por *savants* como Charles Lyell e Boucher de Perthes, e a consequente influência no âmbito científico da segunda metade daquele século.

Os três trabalhos que selecionamos não são, evidentemente, suficientes para exemplificar todo o movimento científico do período retratado. É necessário examinar em que medida estas obras constituem continuidades ou rupturas com o pensamento racional e humanista desenvolvido a partir do século XVI. Igualmente, uma análise que considere os pormenores deste debate científico, bem como as influências de outros cientistas contemporâneos a estas obras, é essencial para o aprofundamento das questões aqui levantadas.

Ainda assim, é possível afirmar que os trabalhos de Lund, Boucher de Perthes e Darwin condensem inequivocamente as tendências do pensamento científico de sua época, constituindo, a um tempo, síntese e vanguarda da ciência. Para este estudo, as obras destes autores representam três importantes pontos de vista: o paleontológico, em Lund; o arqueológico, em Boucher de Perthes; e o biológico, em Darwin. Três guinadas que modificaram a visão humana sobre seu redor e, conseqüentemente, sobre sua própria existência.

Outro ponto em comum entre estas obras versa sobre a noção de planeta nas quais se apoiavam. A existência de camadas geológicas aparentemente definidas e a evidência da fauna extinta presente nestes estratos foram subsídios para que muitos autores forjassem a tese de que a Terra passara por eras geológicas distintas. Deste pressuposto, partia-se à questão sobre a explicação para tais modificações na superfície terrestre. No início do século XIX, fizeram escola teses que acomodavam o pensamento religioso com o discurso científico. Para os autores

21 GRAYSON, Donald K. *The Establishment of Human Antiquity*. New York: Academic Press, 1983.

que pretendemos analisar, as referências concentraram-se em dois estudiosos: o francês Georges Cuvier (1769-1832) e o escocês Charles Lyell (1797-1875).

Finalmente, esboçamos, a partir das obras de Daniel Wilson (1816-1892) e John Lubbock, o Lorde Avebury (1834-1913), os primeiros usos e sentidos do termo “pré-história” nos estudos arqueológicos, com o objetivo de compreender os limites deste novo marco de temporalidade. Ter em vista este debate em âmbito internacional é prerrogativa para a análise da introdução das práticas arqueológicas no Brasil, que, em grande parte, praticada por estrangeiros, acompanhava as tendências europeias. Outrossim, o Brasil, pela distância cultural e geográfica, foi território chave nos principais estudos das diversas áreas científicas em questão.

1.2 A GEOLOGIA DE CUVIER A LYELL

Georges Cuvier e Charles Lyell são, consideramos, duas pontas de uma das grandes controvérsias da história da ciência. Suas teses sobre as modificações da superfície terrestre influenciaram grande parte dos trabalhos em geologia e paleontologia do século XIX. No epicentro desta discussão teórica e metodológica estava a história da Terra e dos seres humanos. Isto significa que, àquelas conclusões estaria invariavelmente conectada a visão ocidental do ser humano sobre si, sobre o passado e também o futuro que se estenderia diante da humanidade.

Cuvier, naturalista, especialista em anatomia comparada, professor do College de France, do *Muséum de Histoire Naturelle*, membro de sociedades científicas da França, foi o responsável pelo desenvolvimento de uma metodologia que permitisse a inserção dos fósseis como referência no estudo das eras geológicas. Desde o início de suas publicações, ainda no final do século XVIII, suas análises estiveram centradas nos ossos fossilizados e nos grandes mamíferos extintos. Em 1812, Cuvier publicou a obra que consolidou em uma teoria suas observações das décadas anteriores. Trata-se de *Recherches sur les ossements fossiles de quadrupèdes, ou l'on rétablit les caractères de plusieurs animaux que les révolutions du globe ont détruit les espèces*. A partir de então, o estudo de fósseis passou a ser um elemento-chave na compreensão geológica. Sucessivas revoluções na superfície da Terra seriam responsáveis pelas modificações do planeta, em seu aspecto mineral e animal.

As observações de Cuvier, amparadas e verificadas por outros naturalistas, postularam a compreensão de que a vida humana surgira após a última catástrofe, nomeadamente o dilúvio, que levou consigo toda a fauna vivente. Os poucos seres, representantes daquele período, encontrados em estado fóssil corroboravam esta tese. Em virtude desta convicção, não era possível admitir a existência de fósseis humanos, uma vez que, a cada revolução no globo, este era repovoado por outras formas de vida. Esta tese ficou conhecida como teoria da catástrofe ou catastrofismo.

Em 1826, foi publicado *Discours sur les révolutions de la surface du globe, et sur les changements qu'elles ont produits dans le règne animal* [Discurso sobre as revoluções da superfície do globo],²² que estabeleceu a teoria das revoluções na superfície do globo (catástrofes) como paradigma científico e a geologia como disciplina,²³ à medida que disciplinou e contextualizou o estudo dos fósseis e da anatomia comparada dentro de um campo de pesquisa com programa próprio.

Desta obra, o capítulo *A história dos povos confirma a novidade dos continentes* instiga por ilustrar o movimento do raciocínio de Cuvier. A força da narrativa histórica era tamanha naquele momento, que esta servia de referência ao estabelecimento da idade da Terra:

Com efeito, ainda que à primeira vista as tradições de alguns povos antigos que remontavam a sua origem a tantos milhares de séculos pareçam contradizer fortemente a novidade do mundo atual, investigando-se de mais perto aquelas tradições não tardaremos em conhecer que elas nada têm de histórico; pelo contrário, ficamos logo convencidos de que a verdadeira história e todos os documentos positivos que ela nos conservou sobre os primeiros estabelecimentos das nações, confirmam o que os monumentos naturais já haviam anunciado.²⁴

À tradição, Cuvier opõe a história escrita, o que se confirma pelo trecho que segue:

A cronologia de nenhum dos nossos povos do Ocidente, por um fio, continuado, remonta a mais de três mil anos. Nenhum deles pode oferecer-nos antes desta época, nem mesmo dois ou três séculos depois, uma série de fatos interligados entre si com alguma verossimilhança. O norte da Europa não tem história senão depois da sua conversão ao cristianismo; [...]. Os gregos confessam que não possuíam a arte de escrever senão depois que os fenícios lhes ensinaram há trinta e três ou trinta e quatro séculos; ainda muito tempo depois, sua história é

22 CUVIER, Georges. *Discurso sobre as revoluções da superfície do globo e sobre as mudanças que elas ocasionaram no reino animal*. Trad. Fco. Ferreira de Abreu. São Paulo: Ed. Cultura, 1945.

23 FARIA, Felipe. *Georges Cuvier: dos estudos dos fósseis à paleontologia*. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia; Ed. 34, 2012, p. 149.

24 CUVIER, 1945, p. 198.

cheia de fábulas [...]. Da história da Ásia ocidental só temos alguns extratos contraditórios, que com algum nexu vão só até vinte e cinco séculos.²⁵

Textos sagrados e profanos são mencionados para atestar a ideia da relativa recentidade [*youth*] da presença humana na Terra, contada em séculos. Para Cuvier, tudo havia se preservado “em recordações muito confusas supridas com puras invenções semelhantes às que nossos monges da Idade Média urdiam sobre as origens dos povos da Europa”.²⁶ Apenas o testemunho escrito, ou “narrativas fixadas por meio da escrita”, nas palavras de Cuvier, poderiam conter informações positivas. Mesmo estes depoimentos estariam sujeitos a invenções, quando pretendiam versar sobre episódios antigos, como a origem dos povos ou das nações.

Um indício, todavia, chamara a atenção de Cuvier. Mesmo carentes de coesão cronológica, vários testemunhos faziam referência a um dilúvio como marco definidor da antiguidade de suas histórias. Cuvier explicou esta coincidência: “cada povoação da Grécia, que tinha conservado tradições isoladas, as começava pelo seu dilúvio particular, porque cada uma delas conservava alguma lembrança do dilúvio universal”.²⁷

O paradigma cuvieriano solidificou-se com vigor tal que todo achado que apontasse para a possibilidade da descoberta de ossadas humanas em estado fóssil era veementemente refutado, em virtude desta preconcepção.²⁸ A estes pareceres, Cuvier respondia que as ossadas de humanos teriam sofrido perturbação geológica dentro das cavernas e, por esta razão, não podiam estabelecer a convivência de seres humanos com animais extintos.

Neste contexto, os estudos geológicos exorbitaram os limites do tempo, ao mesmo tempo que fizeram do surgimento do ser humano uma baliza na história da Terra. Entretanto, apesar da hegemonia da teoria catastrofista no interior dos círculos científicos europeus e da aceitação de uma idade geológica antiga, os alicerces para a construção da ideia da antiguidade humana foram lançados pela obra idiossincrática de Charles Lyell, geólogo escocês, autor de *Principles of Geology* [Princípios de Geologia] (1830-3), *Elements of Geology* [Elementos de Geologia] (1838) e, anos mais tarde, *Antiquity of Man* [Antiguidade do Homem] (1863).

Principles of Geology, being an attempt to explain the former changes of the Earth's surface, by reference to causes now in operation,²⁹ em sua essência, confrontou não só a teoria

25 CUVIER, 1945, p. 198.

26 CUVIER, 1945, p. 201.

27 CUVIER, 1945, p. 202-3.

28 Felipe Faria adensou o debate sobre o estabelecimento dos estudos de fósseis na paleontologia, protagonizado por Georges Cuvier na obra: FARIA, 2012.

29 Princípios de Geologia, uma tentativa de explicar as mudanças formadoras da superfície da Terra, por referência a causas agora em operação. LYELL, Charles. *Principles of geology*. 1ª ed. Chicago; Londres:

geológica catastrofista, mas a geologia mosaica (com referência nas escrituras sagradas entre judeus e cristãos) e a direcionista (que admitia que um progressivo resfriamento e contração da Terra seria responsável pelas mudanças em sua superfície). Ao mesmo tempo, estabeleceu franco diálogo com as demais hipóteses.

A questão fundamental que fez de Lyell um geólogo de prisma peculiar foi sua ideia de que as mesmas leis que governariam as mudanças da superfície terrestre na época atual tinham sido as responsáveis pelas modificações do passado: a visão atualista [*actualism*].³⁰ Esta tese, elaborada pelo geólogo James Hutton,³¹ ainda no século XVIII, torna-se em *Principles* um postulado sobre o qual é edificada uma nova e revolucionária visão do globo terrestre: o sistema geológico da Terra é constante e estável. As extinções e modificações de sua superfície seriam parte de sua regularidade e do curso normal da natureza, mediado pelas interações do mundo orgânico e inorgânico, conceito expresso pelo termo “economia da natureza”.³² O tempo presente, por consequência, tornou-se um elemento chave na compreensão do passado geológico.

“*Principles*”, como afirma o historiador inglês Martin Rudwick, é um título ousado para a obra de um jovem geólogo como Lyell.³³ Tal designação, no meio científico, remeteria ao *Principia* de Isaac Newton, que representa um dos principais marcos da história das ciências.³⁴ De fato, esta obra de Lyell tem feições de um grande manual pelo qual perpassam os mais diversos temas tangentes à geologia: geohistória, cosmogonias, clima, estudo de fósseis, terremotos, vulcões e a interferência humana na extinção de espécies. É inaugurado com uma definição de geologia.

*Geology is the science which investigates the successive changes that have taken place in the organic and inorganic kingdoms of nature; it enquires into the causes of these changes, and the influence which they have exerted in modifying the surface and external structure of our planet.*³⁵

The University of Chicago Press, 1990.

30 Tradução livre. O sentido da palavra “actualism”, derivado de um antigo uso do termo “actual” – sinônimo de “presente” – é explicado por Martin Rudwick, na introdução da edição de *Principles*, de 1990. Cf.

RUDWICK, Martin. Introduction. In: LYELL, 1990, p. x.

31 James Hutton (1726-1797), um dos “pais” da geologia e principal referência de Lyell, autor de *Theory of the Earth*, cuja tese central é o uniformitarismo, isto é, a ideia de que o fenômeno geológico de qualquer era pode ser explicado pelos mesmos mecanismos.

32 LYELL, 1990, p. 1.

33 RUDWICK, 1990, p. xiii.

34 *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica*, do físico e matemático inglês Isaac Newton (1642-1727). Ver: HESSEN, Boris. As raízes sócio-econômicas dos *Principia* de Newton. In: GAMA, Ruy (Org.). *Ciência e técnica* (antologia de textos históricos). São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

35 Geologia é a ciência que investiga as mudanças sucessivas que tiveram lugar nos reinos orgânicos e inorgânicos da natureza; investiga as causas destas mudanças, e a influências que elas exerceram em modificar a superfície e a estrutura externa de nosso planeta. LYELL, 1990, p. 1. Tradução livre.

Com esta definição dura, Lyell desconectou os estudos geológicos dos relatos cosmogônicos, que figuravam como referência em alguns modelos interpretativos, tal como observamos em Cuvier. A pretensão última do programa de pesquisa estabelecido por Charles Lyell consistiu em compreender uma “estrutura” geológica e os fatores operantes dentro deste “sistema”. Os registros do passado da Terra, de acordo com esta tese, constavam nesta estrutura, e não em um passado remoto rememorado pelos mitos de origem. Citando Hutton, afirmou:

*The ruins of an older world are visible in the present structure, and the strata which now compose our continents have been once beneath the sea, [...]. The same forces are still destroying, by chemical decomposition or mechanical violence, even hardest rocks [...] where they are spread out and form strata analogous to those of more ancient date.*³⁶

A erudição de Lyell, que também exerceu trabalhos no campo do direito, é outra dimensão de *Principles* que fez desta obra um clássico. Os quatro primeiros capítulos (dos vinte e seis que compõem o primeiro volume), traçam um panorama histórico das ideias sobre o planeta, iniciando pelas cosmogonias orientais (egípcia, persa, chinesa, entre outras), a visão greco-latina da Terra, perpassando a ciência árabe e suas especulações sobre fenômenos geológicos e fósseis, as concepções teológicas, até, finalmente, balizar os conceitos contemporâneos sobre geologia.

36 As ruínas de um mundo mais velho estão visíveis na presente estrutura, e o estrato que agora compõe nossos continentes estiveram uma vez abaixo do mar, [...]. As mesmas forças estão ainda destruindo, pela decomposição química ou violência mecânica, mesmo as mais duras rochas [...] onde elas se espalharam e formaram estratos análogos às de data mais antiga. Tradução livre. LYELL, 1990, p. 61.

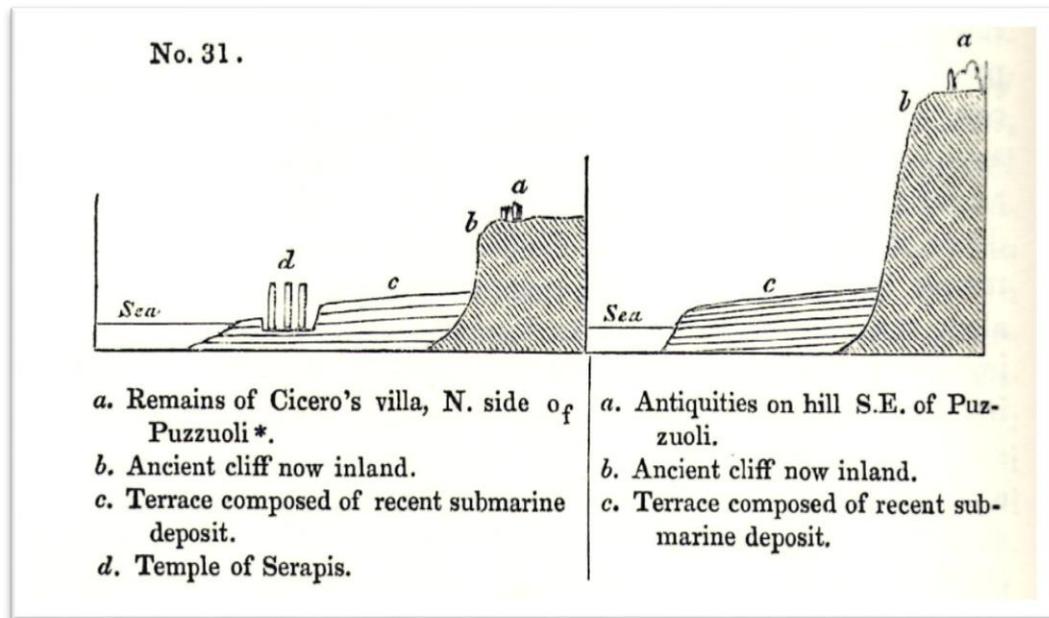


Figura 3 - Demonstração da elevação do nível do mar e a inundação das ruínas do templo de Serapide. Lyell, 1990, p. 450.

Lyell edificou sua obra claramente mediado por um esforço em dissociar sua teoria geológica de qualquer preconcep o sobre o globo presente nas escrituras sagradas, isto é, na Bíblia.³⁷ Além disso, contrariando Cuvier, buscou contextualizar as narrativas históricas em uma história da geologia. Os relatos históricos não ocupam um papel definidor em suas acep oes teóricas.

Charles Lyell popularizou uma prática geológica aut noma, cujo método era centrado nos estudos dos vestígios orgânicos e inorgânicos do passado da Terra e, por esta razão, o adjetivo "lyelliano" tornou-se sin nimo de "científico" no século XIX.³⁸ Embora, como veremos, este autor tenha se tornado sólida referência na concep o de *A Origem das Espécies*, a geologia lyelliana não pretendeu esclarecer a origem do mundo ou prever seu fim. Abandonando cosmogonias ou escatologias, a geologia fixou no presente o tempo cronológico chave na compreensão das modifica es sofridas pela Terra. Entretanto, esta perspectiva, em disputa com outras teses contemporâneas, foi amplamente aceita apenas nas décadas posteriores.

37 LYELL, 1990, p. 33, 34 et passim.

38 RUDWICK, 1990.

1.3 “A FORÇA IRRESISTÍVEL DOS FATOS”: PETER W. LUND

Um dos primeiros sinais materiais sobre a antiguidade humana apontados no meio científico veio do Brasil, mais precisamente, das cavernas calcárias do carste do interior do país, nos arredores da pequena cidade mineira de Lagoa Santa. Pelas mãos de Peter Wilhelm Lund (1801-1880), o botânico e zoólogo dinamarquês que ostenta o justo título de “pai” da paleontologia brasileira, foi divulgado publicamente o encontro das primeiras ossadas humanas fossilizadas.

Dono de trajetória acadêmica laureada, Peter Lund veio para o Brasil – destino de tantos viajantes naturalistas desde o século XVII – atraído por mais que a fauna e flora específica dos trópicos. Lund buscava um clima ameno em que pudesse se preservar da tuberculose, moléstia que fora fatal para dois de seus cinco irmãos. Além disso, suas memórias revelam que o naturalista foi cativado pelo espírito acolhedor dos brasileiros do interior do país. De fato, ainda hoje, a memória de Peter Lund é tratada com toda reverência por seus biógrafos, evidência da profunda relação estabelecida por ele com o Brasil, como campo de pesquisa e como lar. A primeira viagem a este país se estendeu de 1825 a 1829, com estada entre Rio de Janeiro e Niterói. A segunda e definitiva estada iniciou-se em 1831 ou 1832, até a morte de Lund, cinquenta anos depois.

Dr. Lund, “o sábio de Lagoa Santa”, é também autor de farto material, entre memórias científicas e correspondências (centenas, entre passivas e ativas), que compõem documentação indispensável para a composição de uma história da ciência no Brasil, e certamente para uma história do pensamento naturalista no mundo. Originalmente escrita em francês ou dinamarquês, a produção de Lund tem sido traduzida para o português desde o século XIX, por preocupação do próprio Lund em divulgar achados em carta ao IHGB, depois em 1886, a pedido do imperador D. Pedro II, que, reconhecendo o valor da obra de Lund, incentivou disponibilizá-la nos Anais da Escola de Minas de Ouro Preto.³⁹

As biografias de Peter Lund arquetam a memória de um cientista entusiasmado e de vocação inquestionável, minucioso em suas observações e metucioso nas análises. É interessante notar que seu perfil biográfico aglutina características dos naturalistas românticos e dos cientistas mais escrupulosos.⁴⁰ De fato, as memórias de Lund revelam o intelectual híbrido

39 COUTO, Carlos de P. Introdução. In: LUND, Peter W. *Memórias sobre a Paleontologia Brasileira*. Revisão e Comentários: Carlos de Paula Couto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; Instituto Nacional do Livro, 1950.

40 Nossas referências biográficas sobre Lund são: COUTO, 1950; PROUS, André. *Arqueologia brasileira*.

de seu tempo, um ponto transicional entre o naturalista viajante e o cientista do laboratório. Isto está claramente demonstrado nos cuidadosos registros do autor.

Lund foi um homem com profunda admiração pela beleza da natureza que o cercou durante grande parte de sua vida. Obstinado por conhecer em detalhes esta natureza, viajou pelo interior do Brasil (São Paulo, Minas Gerais e Goiás) nos anos de 1830 acompanhado por Ludwig Riedel – experiente botânico alemão que fizera parte da comitiva científica liderada por Georg von Langsdorff poucos anos antes⁴¹ até quando a saúde de ambos permitiu. De um encontro casual com o compatriota Peter Claussen, empresário de minas de salitre, soube da ocorrência de vestígios fósseis em cavernas na região do carste. Claussen apresentou a Lund as cavernas, e neste ponto encerra-se a obra do acaso na vida do naturalista.

A partir deste momento, Peter Lund iniciou seu exaustivo trabalho nas grutas da região. Foram dez anos de pesquisa, dezenas de cavernas e milhares de indivíduos fósseis coletados e analisados. A coroa dinamarquesa e a sociedade científica daquele país enviaram a Lund recursos econômicos que, por si, não eram suficientes para financiar as atividades do naturalista no Brasil, mas a que Lund devia retribuir enviando resultados e materiais coletados. O restante de suas despesas era autofinanciadas, devido a uma fortuna que Lund herdara do próspero comércio de seus pais, e a qual mantinha com pequenos investimentos financeiros no Brasil e na Dinamarca.

A primeira memória de Lund compreende uma das duas partes do escrito *Cavernas existentes no calcário do interior do Brasil, contendo algumas delas ossadas fósseis*, escrita entre 1836 e 1837, quarto ano de sua segunda e definitiva estada no Brasil. Endereçada à Academia Real Dinamarquesa, tinha por objetivo prestar contas de suas atividades no Brasil. Neste primeiro momento, sua correspondência anunciava o achado de fósseis animais, apenas.

À luz de sua concepção teórica sobre o mundo, seus achados ganhavam sentido. A disposição das ossadas fósseis e recentes, a conformação dos sedimentos, disposição das rochas e o curso d'água dentro das grutas, todas estas informações corroboravam a ideia de Lund sobre o “desenvolvimento do nosso globo”. Para ele, as primeiras informações colhidas das cavernas eram a clara evidência da catástrofe universal – o dilúvio – que separou a era histórica da anterior. Na primeira memória, esta interpretação parece inquestionável.

Brasília: UNB, 1992; LUNA FILHO, Pedro Ernesto de. *Peter Wilhelm Lund: O auge das suas investigações científicas e a razão para o término das suas pesquisas*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007 (com traduções de textos de Lund do dinamarquês); NEVES, Walter A.; PILO, Luís B. *O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos*. São Paulo: Globo, 2008; HOLTEN; STERLL, 2011. Além de referências autobiográficas.

41 Georg von Langsdorff (1774-1852), naturalista de cuja expedição, financiada pela coroa russa, também participaram nomes como Taunay e Ruggendas.

Tendo sido a origem destes depósitos explicada de modo satisfatório pelos estudos de muitos zoólogos e geognostas, supondo-se que eles provêm de uma inundação geral que se teria espalhado por tôda a superfície da Terra, e acreditando que se pode sem receio conservar-lhe o nome de *Diluvium*, proposto por Buckland⁴² – apesar da identificação hipotética deste acontecimento com o dilúvio mosaico – não hesitarei em, servir-me dele, doravante; e, sem tentar fornecer novas provas deste fato, que considero suficientemente demonstrado, [...]⁴³

Note-se que há um esforço em dissociar – ou não relacionar diretamente – o dilúvio bíblico e o “dilúvio universal”, marco geológico de cujas evidências valia-se Lund para expor sua teoria. A preocupação de Lund, comum aos estudos naturalistas do século XIX, não era contestar a cronologia imposta pela Bíblia. Apesar disso, a ideia de que uma catástrofe destruía a superfície da Terra, que foi repovoada por novas formas de vida, explicava de modo satisfatório a existência de camadas geológicas que acusam eras distintas, bem como a existências de espécies animais extintas associadas a estas camadas.

Esta teoria – o catastrofismo – tinha como maior expoente o geólogo Georges Cuvier, principal referência intelectual para Lund. Como vimos, de acordo com esta tese, sucessivas revoluções na superfície do planeta destruíram as formas de vida existentes, dando espaço a novas criações. A ideia de Cuvier explica o desenvolvimento do globo terrestre. Entretanto, não justifica o desenvolvimento gradual das espécies. Esta última questão, porém, não perpassou as elucubrações de Lund em seus primeiros anos de pesquisa nas cavernas.

A adesão de Lund ao catastrofismo foi sendo desafiada à medida que as escavações prosseguiam. O naturalista não conseguia encontrar explicação satisfatória que justificasse a existência de fósseis do mesmo animal nas supostas camadas pré e pós-diluvianas. Sua primeira hipótese era que o contínuo movimento das águas dentro do sumidouro fosse responsáveis pela confusão dos achados.

Em 1842, Lund noticiou IHGB sobre o encontro de ossadas humanas nas cavernas, associadas a fósseis de animais extintos. Entre geólogos, a associação (de achados arqueológicos do mesmo estrato) como método de datação já era consensual. Na introdução de seu depoimento, demonstra o quanto estas evidências contrariavam as convicções dos cientistas da época:

42 Willian Buckland (1773-1856) geólogo inglês e padre da Igreja Anglicana.

43 LUND, 1950, p. 81. Grifo original.

A questão da coexistência do homem com as grandes espécies extintas de mamíferos terrestres não pôde ainda ser resolvida de maneira decisiva pelos naturalistas do Velho Mundo. [...] Tendo eu tido ocasião favorável de submeter esta questão a um novo exame, nesta parte do mundo, não tenho poupado esforços para chegar a uma solução definitiva. [...]

E, contudo, numa época em que os animais ferozes abundavam neste país, apresentando tamanho gigantesco, como explicar que o fraco ente, o homem, escapasse à sorte que arrastara tantas outras vítimas, providas de força física muito superior? [...] inesperadamente, depois de sete anos de baldadas pesquisas, tive a fortuna de encontrar os primeiros restos de indivíduos da espécie humana sob circunstâncias que admitiam pelo menos a possibilidade de uma solução contrária a questão.⁴⁴

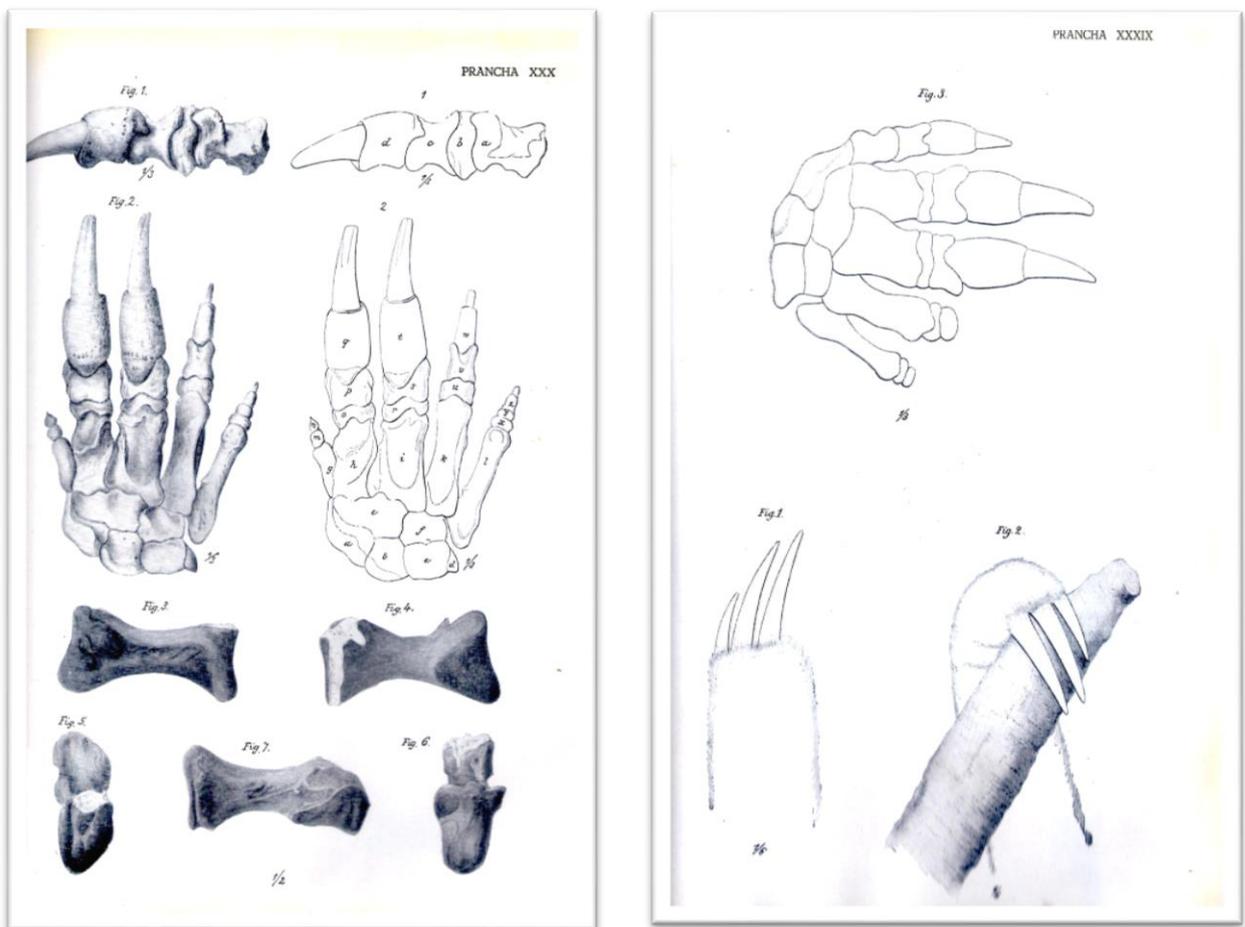


Figura 4 e 5 - Pranchas 30 e 39 demonstrando ossos da mão do *Platonyx Cuvierii* e a reconstrução ideal do braço e antebraço do animal. *Platonyx* é um gênero de preguiças extintas, de dimensão intermediária entre as preguiças atuais e o gigantesco *Megatherium*, que podia chegar a quatro metros de altura, quando apoiado sobre as patas traseiras. A anatomia comparada era a técnica base de Peter Lund em seu trabalho de especiação. Em sua Quarta Memória sobre a fauna das cavernas, de 1841, Lund explicou o conteúdo das pranchas: "Na preguiça. Este movimento é um tanto menos embaraçado que em *Platonix*, pelo fato de não ser tão longo o apêndice em gancho da face articular proximal [...]. Acabamos de verificar que o *Platonix* podia também curvar as garras do mesmo modo. Caminharia ele mesmo como os tamanduás?" Lund também os classificou como *bradypoda*.

44 LUND, 1950, p. 457-459.

O ineditismo do achado dificultava sua interpretação. Mas, para Lund, não havia dúvida de que as ossadas humanas estariam em estado de fossilização. A estes fatos, Lund associou o princípio catastrofista do dilúvio universal, o que conferia àquelas ossadas a idade de três mil anos, “trinta séculos para mais”, nas palavras do naturalista. “Fica, portanto, provado por estes documentos, em primeiro lugar, que o povoamento do Brasil vem de tempos muito remotos, indubitavelmente anteriores aos tempos históricos”.⁴⁵

O passo seguinte seria discutir a origem ou raça dos indivíduos humanos encontrados em estado fóssil nas grutas do interior do país, seu adiantamento intelectual e grau de civilização. A análise craniométrica, associada à arqueológica conduziu Lund a uma conclusão desfavorável sobre a inteligência da pretensa raça analisada. Com crânio pequeno e ferramentas tão rústicas, estaria evidente a inferioridade intelectual do homem de Lagoa Santa.⁴⁶

Estas informações tinham e têm valor imensurável na construção da história do ser humano na Terra. Para os planos políticos do Brasil em relação às populações indígenas, no entanto, tais afirmações consistiam na corroboração da ideia de que estes povos eram constituídos por seres de estatuto biológico e civilizatório inferior. Desta época até a transição para o século XX, já em período republicano, este argumento endossou desde projetos civilizatórios até o extermínio de povos indígenas do Brasil.⁴⁷

Para Lund, a relação entre os povos cujos representantes eram encontrados em estado fóssil e as populações indígenas contemporâneas era direta. Não lhe restavam dúvidas de que mantinham o mesmo modo de vida.⁴⁸ Para esta conclusão, eram considerados desenvolvimento técnico e características físicas dos indivíduos fósseis e vivos. Daí depreendia-se hábitos e comportamento, como o sepultamento de indivíduos, pela posição dos esqueletos; o sacrifício de inimigos, pela presença de indivíduos aparentemente jovens e saudáveis, e pelo relato de naturalistas; e a comparação dos artefatos com a indústria das populações indígenas.

Note-se que a combinação de registros arqueológicos com dados etnográficos, intuitivamente utilizada por Lund, manteve-se como metodologia arqueológica até meados do século XX, mesmo que partindo de outros pressupostos teóricos. No século XIX, os pressupostos evolucionistas orientavam a classificação de artefatos de acordo com um estágio evolutivo e, na metade do século seguinte, a *New Archaeology* continuou a fazer uso de dados

45 LUND, 1950, p. 460.

46 LUND, 1950, p. 462. No capítulo 3, retomaremos esta questão.

47 Para um debate sobre o uso da arqueologia como estratégia de dominação territorial ou “colonização interna”, ver FERREIRAL, Lúcio M. *Território primitivo: A Institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917)*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

48 LUND, 1950, p. 485; 487.

etnográficos, partindo, todavia, da noção de determinismo ecológico, isto é, que sociedades que se desenvolvessem em ambientes semelhantes, adotariam modos de vida semelhantes. De uma forma ou de outra, a referência ou projeção de dados obtidos com povos contemporâneos sobre registros arqueológicos realizadas por Lund permaneceu entre o *métier* de arqueólogos pelos séculos posteriores.

A obra de Peter Lund não representa exatamente uma ruptura com a teoria catastrofista, mas indica pontos de contestação. Lund tinha consciência de que suas memórias evidenciavam potencial avanço do conhecimento sobre a história, ao mesmo tempo que reconhecia que suas informações eram insuficientes e inconclusas.

Na marcha flutuante do espírito humano, sempre exposto a erros, sempre inclinado a passar de um extremo para outro, parece ir-se verificando a profecia do poeta: – “*multa renascenturm quae jam cecidere cadentoque, quae nunc sunt honore*” [sic].⁴⁹ Na verdade, a massa de documentos que parecem conduzir a uma conclusão contrária à já exposta vai aumentando todos os dias, e não poucas das primeiras autoridades da ciência se têm já inclinado diante da força irresistível dos fatos.⁵⁰

Embora ainda tenha vivido mais de trinta anos após a publicação destas memórias, Peter Lund jamais voltou a tornar públicas suas descobertas. Este é um dos pontos mais instigantes na trajetória do naturalista, objeto de controvérsia entre seus biógrafos. Entre as teses, estão a de que teria perdido muito dinheiro em um investimento, ou que tenha chegado a um limite em que sua atividade científica confrontava sua cosmovisão Luterana.⁵¹ O estudo de suas correspondências, entretanto, permite verificar que Lund, coerente com seu próprio discurso, manteve-se como o disciplinado e arguto estudioso que chegara ao Brasil nos anos de 1830, até o fim de sua vida.⁵²

Para o exame que pretendemos realizar, tal polêmica não interfere no fato de que Peter Lund edificou um estudo pioneiro no Brasil, que serviu e serve de referência a inúmeros pesquisadores, incluindo Charles Darwin.⁵³ Seu indiscutível legado funda-se em contribuição física e intelectual, pelo montante de objetos em exposição em museus e por seu protagonismo nos debates teóricos sobre a história natural do planeta.

49 Renascerão muitas que já sucumbiram e sucumbirão as que agora são palavras apreciadas. Tradução de 1994, por Mauri Furlan. O trecho citado faz parte da poesia *Ars Poetica* (*Arte Poética*), do poeta romano Horácio (65-8 a.C.). Disponível em: <<http://www.nucleodelatim.ufsc.br/wp-content/uploads/2012/05/5.b.-Ars-Poetica.pdf>> Acesso em 21 jan 2014. Grifos originais.

50 LUND, 1950, p. 490.

51 Respectivamente, LUNA FILHO, 2007; PROUS, 1992.

52 HOLTEN; STERLL, 2011.

53 DARWIN, C. *A Origem das espécies*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.

1.4 J. BOUCHER DE PERTHES – “DEUS É ETERNO, MAS O HOMEM É BEM VELHO”⁵⁴

A originalidade de *Antiquités celtiques et antédiluviennes* [Antiguidades celtas e antediluvianas], do antiquarista e arqueólogo francês Jacques Boucher de Perthes (1768-1868), reside em dois pontos fundamentais. Primeiro, esta memória consiste no mais antigo apontamento sobre a existência de um ser humano pré-diluviano, isto é, anterior à última grande catástrofe que teria exterminado grande parte da vida no planeta.⁵⁵ Depois, pela abordagem sobre os artefatos relacionados a este ser humano pré-diluviano, que, para este autor, tinham profunda relevância na significação dos achados arqueológicos.

Antiquités, na verdade, é a obra coletânea de diversas memórias de Boucher de Perthes, que tinha como ocupação principal um cargo público de alfândega em Abbeville, cidade ao norte da França. Nestes volumes, o autor versou sobre ferramentas e símbolos encontrados junto a ossadas nas escavações em sepulturas e terrenos identificados como “celtas e antediluvianos”, entre 1837 e 1846. Estas memórias foram apresentadas pelo próprio autor à *Société d'Emulation d'Abbeville*, neste mesmo período. Apesar da reação negativa das sociedades científicas da França e Inglaterra,⁵⁶ os volumes escritos por Boucher de Perthes, surpreendem pela obstinação e originalidade do autor em estabelecer uma idade pré-diluviana para o material escavado, contextualizando-o a partir do método estratigráfico, isto é, a associação etária de itens localizados nas mesmas camadas.

A vantagem que estes estudos tinham sobre as publicações pouco anteriores de Peter Lund era a fonte das informações. Enquanto, do Brasil, o naturalista dinamarquês apresentava suas cuidadosas observações realizadas em um sumidouro, um sítio sujeito a constante bioturbação, as escavações de Perthes ofereciam parâmetros geológicos mais seguros, ainda que não houvesse referência cronológica que permitisse a datação dos artefatos. As ferramentas

54 Apud: JOLY, N. *L'homme fossile: les habitations lacustres et l'industrie primitive*. Revue des cours scientifiques, vol. 1865, p. 258. Tradução livre.

55 Em termos atuais, a época pré-diluviana equivaleria ao período Pleistoceno ou terciário, ou à última era glacial.

56 A questão da antiguidade humana foi ampla e formalmente aceita nos meios científicos da Inglaterra, Europa e Estados Unidos apenas a partir da publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin. Sobre o estabelecimento deste paradigma, ver: GRAYSON, 1983; HILL, Rosemary. *Stonehenge*. Londres: Profile books, 2008.

e ossadas encontradas eram classificadas como “celtas” ou “pré-diluvianas”, dependendo de seu estado de preservação ou fossilização, ou de sua associação com ossos de animais extintos. Entretanto, a rusticidade dos materiais, para outros, eram indícios de que não eram produtos de trabalho humano, mas vestígios acidentais do último cataclismo.⁵⁷

Para Boucher de Perthes, o fato de existirem seres humanos anteriores ao indicado pela cronologia bíblica – que, nos anos de 1840, ainda era a referência temporal hegemônica no campo científico – não era contestado. Este pressuposto, talvez tenha sido o principal dificultador na difusão de seu trabalho, uma vez que neste período, a ideia da existência de ossadas humanas fossilizadas era considerada um disparate. Boucher de Perthes, entretanto, considerava que seria apenas uma questão de tempo até que suas convicções fossem aceitas entre seus pares.⁵⁸

Já na introdução de sua longa memória, o autor apresenta o viés de seus estudos:

*Les découvertes dont nous aurons à parler pourront donc, au premier aspect, paraître bien minimes car elles se bornent à des ossements, à des pierres grossièrement taillées. Ici point d'inscriptions, ni de médailles, point de bas-reliefs [...]. Mais pour l'observateur aux yeux duquel la démonstration d'une vérité a plus de prix que la possession d'un bijou, ce n'est ni dans le fini de l'oeuvre, ni dans son prix courant qu'est la valeur. Le morceau qui lui paraît le plus beau est celui qui lui offre le plus d'aide pour la démonstration d'un fait, pour la réalisation d'une prévision [...].*⁵⁹

Com este posicionamento, o autor rompeu com a tradição do colecionismo, no sentido em que este privilegia o exotismo dos objetos à significação que estes podem conferir a uma investigação. Além disso, estabeleceu um valor científico para o artefato, que não seu valor ornamental. A prática arqueológica proposta por Boucher de Perthes concentrou-se exatamente em evidências normalmente desprezadas pelas escavações da época: ossos e dentes humanos e animais e ferramentas as mais rústicas, feitas em pedra. Esta aproximação com os objetivos e métodos da geologia (arqueogeologia)⁶⁰ pontua, segundo historiadores da arqueologia,⁶¹ a

57 BOUCHER DE PERTHES, 1864, p. 109. Tradução livre.

58 BOUCHER DE PERTHES, 1864, p. III.

59 As descobertas de que falaremos poderiam assim, à primeira vista, parecer bem pequenas, uma vez que são apenas ossos, pedras pouco trabalhadas. Aqui, o ponto de inscrição, sem medalhas, nem baixos-relevos [...]. Mas, para o observador aos olhos do qual a demonstração de uma verdade tem mais preço que a posse de uma joia, não é nem na obra acabada, nem no seu preço onde está seu valor. A parte que lhe parece mais bela é aquela que lhe oferece mais ajuda para a demonstração de um fato, para a realização de uma previsão [...]. BOUCHER DE PERTHES, 1857, p. 3. Tradução livre.

60 BOUCHER DE PERTHES, 1864; JOLY, 1865.

61 TRIGGER, Bruce. *History of Archaeological Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. ROBRAHN-GONZALEZ, 2000.

gênese da ciência arqueológica, focada nos estudos sobre sociedades antigas e pré-históricas, para além de seus vestígios materiais.

Observemos, no trecho que segue, como esta confluência foi dada. Aqui, Boucher de Perthes apresenta o resultado de uma escavação em Moulin Quignon, sítio arqueológico em Abbeville. Como respondesse a críticas a sua tese, Boucher de Perthes discursa: “*Il est deux voies qui conduisent à l'erreur: c'est de tout croire ou de ne rien croire. L'un n'est pas plus logique que l'autre, [...] pour s'éviter la peine de voir ou de réfléchir, accepte ou repousse un fait en fermant les yeux*”.⁶² As observações são validadas pelo recorte estratigráfico (a profundidade é indicador proporcional de antiguidade).⁶³

<i>Première couche: terre végétale</i>	0m	30c
<i>Deuxième: terrains non remaniés; sable gris mêlé de silex brisés</i>	0	70
<i>Troisième: sable jaune argileux mêlé de gros silex peu roulés, s'appuyant sur une couche de sable gris</i>	1	50
<i>Quatrième: sable jaune ferrugineux brun ; silex moins gros et plus roulés; coupée et suivie par une couche de sable moins jaune. Ossements fossiles rares; fragments de dents de l'elephas primigenius; silex taillés de main d'homme</i>	1	70
<i>Cinquième: sable brun argilo-ferrugineux presque noir, colorant la main et s'y attachant, paraissant contenir</i>	0	50

62 Há duas vias que conduzem ao erro: em tudo crer, ou em nada crer. Uma não é mais lógica que a outra, [...] por se evitar a dor de ver ou de refletir, aceita-se ou rejeita-se um fato fechando os olhos. BOUCHER DE PERTHES, J. *Antiquités celtiques et antédiluviennes: Mémoire sur l'industrie primitive et les arts a leur origine*. Vol. 3. New York: CambridgeUniversity Press, 2010, p. 108. Tradução livre.

63 Primeira camada: terra orgânica. / Segunda: terra não perturbada; areia cinza misturada com pedras quebradas. / Terceira: areia argilosa amarela misturada sílex grande pouco batido, sobre uma camada de areia cinzenta. / Quarta: areia amarelo-marrom ferruginosa; lascas delgadas e mais e com envoltórios; corte e siga por uma camada de areia menos amarela. Ossos fósseis frágeis; fragmentos de dentes de elephas primigenius; lascas talhadas por humano. / Quinto: argila marrom arenosa e ferruginosa quase preta, tinge e gruda na mão, parece conter materiais orgânicos. Outros poucos seixos nas bancadas superiores, também contendo pedras talhadas por humanos. / Sexto: banco de giz sobre o qual há areia argilosa negra, a uma profundidade de 5 metros abaixo da área. BOUCHER DE PERTHES, 2010, p. 126. Tradução livre.

*des matières organiques. Petits
cailloux plus roulés que
dans les bancs supérieurs,
contenant aussi des silex taillés
de main d'homme*

Total

4m

70c

*Sixième: banc de craie sur
lequel repose le lit de sable
argileux noir, à une
profondeur de 5 mètres
audessous
de la superficie*

Além da contextualização de materiais, sobretudo os machados de pedra e seixos de sílex, *Antiquités* ainda contempla um ensaio sobre a arte, os símbolos e a história do ser humano em sua “juventude”, ou seus primeiros passos sobre a Terra. Note-se que este raciocínio se contrapõe à ideia desenvolvida em meados do século XIX de que os homens primitivos (ou os “bárbaros”) seriam pré-históricos ou a-históricos: Boucher de Perthes, vislumbrou nos mais antigos vestígios materiais da presença humana na Terra, um meio para se contar sua história. “Em seus pobres utensílios está toda sua história, toda sua religião, lá está sua língua”. A “pobreza” da técnica é também contextualizada: “E quando o selvagem não tem outro motor senão seu braço, outra ferramenta além de uma pedra, outro modelo além da natureza?”⁶⁴

Boucher de Perthes partilhava da ideia que reconhecia uma “marcha progressiva” do conhecimento humano, da ciência e das artes, todos com raízes no instinto. As artes, por exemplo, derivavam do instinto de imitação da natureza, ou do reflexo de formas vivas. Neste ponto, o autor aproxima-se de seus pares, na medida que reconhece um ser humano antigo de raciocínio pouco elaborado ou complexo, que, diante de poucos recursos, age instintivamente. De modo geral, entretanto, é de sua obra pioneira que emerge uma sólida visão histórica sobre humanidade em suas mais antigas manifestações.

64 BOUCHER DE PERTHES, 1847, p. 3; 6. Tradução livre.

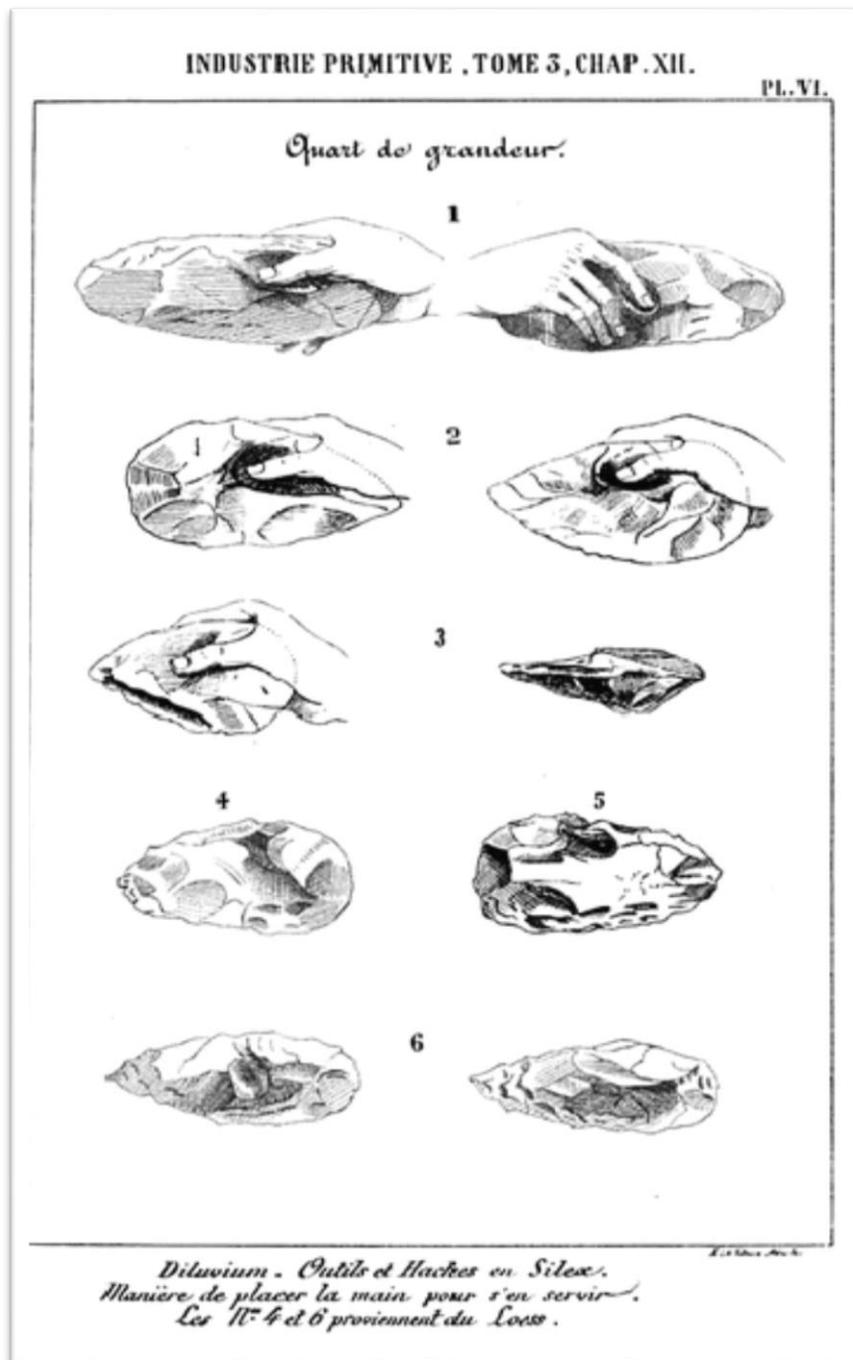


Figura 5 “Machados de pedra toscamente esculpidos”. Boucher de Perthes, 1847.¹

1.5 O MISTÉRIO DAS ORIGENS EM CHARLES DARWIN

On the Origin of Species by means of Natural Selection, or the Preservation of Favored Races in the Struggle for Life – A Origem das Espécies – não é apenas uma obra canônica entre biólogos, como também um ícone na História da Ciência e um grande sucesso editorial. Escrita pelo naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882), publicada pela primeira vez em 1859 pela célebre editora londrina John Murray, a obra condensa o intenso debate travado na primeira metade do século XIX a respeito das formas vivas do planeta. Mais precisamente, neste livro, Darwin aprimora suas teses sobre a Seleção Natural e a Descendência com Modificação, conceitos-chave para a compreensão da origem das espécies defendida por este autor.

A Origem das Espécies não é a obra definitiva de Darwin sobre o tema. É, contudo, sua obra-prima. Os catorze capítulos, que compuseram as quase quinhentas páginas do original,⁶⁵ trazem um texto que explora alguns estudos de caso conduzidos pelo próprio Darwin ou por outros autores que buscaram compreender as “leis de variação” das espécies. São quase duzentos autores citados, entre botânicos, naturalistas, geólogos, físicos, filósofos e historiadores. Até mesmo o talento precoce de Mozart foi evocado para diferenciar hábito de instinto.^{66, 67} Os outros temas abordados remetem às variações das espécies, hibridez, as evidências geológicas insuficientes, a extinção e a distribuição geográfica das espécies. Trata-se, portanto de uma grande obra introdutória, em que Charles Darwin tornou pública suas convicções elaboradas a partir seus primeiros escritos, desde a década de 1820.

A rede intelectual da qual se valeu Darwin era, no entanto, heterogênea em relação a estas certezas. Isto não significa que alguns dos cientistas citados eram defensores da imutabilidade das espécies, ou de várias criações ou origens das formas vivas. A adesão de muitos cientistas ao catastrofismo – teoria que defendia a imutabilidade das espécies ao mesmo tempo que explicava a existência de espécies extintas – fora abalada, segundo Darwin, pelas

65 A Origem das espécies ainda foi submetida a outras cinco edições até a década de 1870. A cada edição, Darwin procurava incorporar debates e responder às inúmeras críticas. Na sexta edição, acrescentou o capítulo “Contestações diversas feitas à teoria da seleção natural”, além de parágrafos aleatórios, em que buscou responder às dúvidas sobre os mecanismos da seleção natural.

66 Wolfgang Amadeus Mozart, músico austríaco (1756-1791).

67 DARWIN, 2010, p. 178. Cotejado com edição original: DARWIN, C. *On the Origin of Species by means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. Londres: John Murray, 1859.

publicações de Charles Lyell, que apresentavam novos postulados sobre a estratigrafia do planeta.

Nenhum cientista, porém, havia ainda publicado suas ideias sobre a Descendência com Modificação com a convicção ou o fôlego de Darwin. Grande parte da tese de *A Origem* não está demonstrada em detalhes – afinal, tratava-se de um “resumo” publicado “às pressas”. Darwin temia que, por sua saúde, não houvesse tempo para publicar estudo mais detalhado e extenso. Por outro lado, havia a disputa pelo mérito da tese. Outros, como o colecionador e naturalista Alfred Russel Wallace (1823-1913) e o escritor e engenheiro Herbert Spencer (1820-1903), publicavam artigos que se aproximavam cada vez mais da teoria sobre a variação das espécies.

Darwin conseguiu, habilidosamente, conciliar a influência e colaboração de outros autores sem ofuscar o pretensão ineditismo de suas ideias. Em carta endereçada a Spencer, por exemplo, afirmou:

Rogo-lhe permissão para agradecer sinceramente pela enorme gentileza de me presentear com seus Ensaíos. [...] Seus comentários sobre a tese geral da chamada Teoria do Desenvolvimento parecem-me admiráveis. No momento, estou preparando um resumo de um trabalho maior sobre as mudanças nas espécies; porém, trato o assunto como um simples naturalista e não de um ponto de vista geral; se assim não fosse, em minha opinião, seria impossível aprimorar sua tese, [...].⁶⁸

A mesma reverência e humildade são dirigidas a Wallace, que chegou a formular, independentemente, uma teoria sobre a Seleção Natural. A este naturalista, porém, Darwin anuncia a preocupação em dividir os créditos, ao mesmo tempo em que tenta afirmar a originalidade de sua obra:

Seu artigo parece-me *admirável* [...]. Se eu o houvesse lido alguns meses atrás, teria me beneficiado dele [...]. Contudo, meus dois capítulos sobre esse assunto [Seleção Natural] já estão impressos [...] Assim, verá que minhas ideias são praticamente idênticas às suas, e pode ter certeza de que nem uma só palavra será alterada por eu ter lido suas ideias.⁶⁹

Darwin baseou-se nos trabalhos de especialistas em pombos, abelhas, espécies de plantas, e em suas próprias observações e experiências meticulosas com peixes, cracas, conchas,

68 DARWIN, C. Carta a H. Spencer, 25 de novembro de 1858. In: BURKHARDT, Frederick (Org.). *Origens: Cartas seletas de Charles Darwin 1822-1859*. Trad. Vera Ribeiro, Alzira Vieira Alegro. São Paulo: Ed. Unesp, 2009, p. 264.

69 DARWIN, C. Carta a A. R. Wallace, 9 de agosto de 1859. In: BURKHARDT, 2009, p. 273. Grifo original.

sementes e abelhas para compor o resumo de sua teoria em *A Origem das espécies*. Dessa forma, concatenou uma tendência de pensamento comum a muitos “homens de ciência” do período.

O otimismo de Darwin em relação à recepção de sua obra é confirmado pelo esgotamento dos 1250 exemplares da primeira edição de *A Origem das espécies* em seu primeiro dia de venda.⁷⁰ Sua principal preocupação com esta publicação era estabelecer suas teorias sobre a Seleção Natural e a Descendência com Modificação, muito mais que tangenciar assuntos mais polêmicos.

O ato criador, por exemplo, não é contestado nesta obra. Em vários momentos, entretanto, o termo “criação” pode aparecer em *A Origem* como um termo genérico, ou sem conotação religiosa, para denominar a natureza ou o conjunto dos seres vivos. Darwin preocupou-se em delimitar seu campo de ação dentro do alcance da ciência. Seu objetivo não era procurar pelo plano criador, nem questionar a essência ou origem da vida. “Quem pode explicar o que é a essência da atração ou da gravidade”, interrogou-se. Por outro lado, admite que lançar luz sobre a origem das espécies significa lidar com o “mistério dos mistérios”,⁷¹ sobre o qual arrisca: “A variedade é a origem das espécies”.⁷²

O esquema morfológico proposto por Lineu⁷³ foi, para Darwin e inúmeros naturalistas contemporâneos a ele, o ponto de partida para o questionamento sobre as analogias estruturais das formas vivas e espécies extintas do planeta. Mesmo que este modelo não possa ter esclarecido sobre a origem das espécies, foi este raciocínio que colocou a natureza em perspectiva histórica. História cujo motor foi elucidado por Darwin e Wallace: a seleção natural. Ainda que Darwin não rejeite a hipótese criacionista, esta, a partir de *A Origem* é redimensionada, de forma que não explica o estado atual do mundo, apenas sua origem. “Creio que todos os animais se originam de quatro ou cinco formas primitivas no máximo, e todas as plantas de um número igual ou mesmo menor”.⁷⁴

Entre plantas, conchas e insetos em metamorfose, *A origem das espécies* omite o ser humano dos estudos sobre variedade e especiação. Na verdade, exceto por uma breve referência sobre órgãos análogos (em que os ossos da mão humana são comparados à asa do morcego e à nadadeira da baleia – uma evidência da ancestralidade comum), o ser humano é mencionado principalmente como agente da seleção artificial, quando seleciona animais domesticados,

70 DARWIN, C. Carta a T. H. Huxley, 24 de novembro de 1859. In: BURKHARDT, 2009, p. 276.

71 DARWIN, 2010, p. 19, 176, 313, 344.

72 DARWIN, 2010, p. 36.

73 Carl von Linné, Linnaeus ou Lineu (1707-1778), botânico e zoólogo sueco. Sobre a influência de Lineu e Darwin entre a ciência naturalista, ver: DROUIN, Jean-Marc. Os viajantes naturalistas de Lineu a Darwin. In: SERRES, Michel (Dir.). *Elementos para uma história das ciências*. Lisboa: Terramar, 1996.

74 DARWIN, 2010, p. 346.

criando novas espécies. Evidentemente, o poder do ser humano na seleção artificial é balizado: enquanto o homem seleciona pensando em sua própria vantagem, a natureza seleciona as espécies em benefício do indivíduo.⁷⁵

Tal omissão não se deu por mero acaso. Em seus escritos públicos e privados, há uma preocupação explícita de Darwin em preservar sua tese daquilo que chamou de “preconceito religioso”.

Pergunto se me recomenda dizer a Murray que meu Livro não é mais inortodoxo⁷⁶ do que o assunto torna inevitável. Que não discuto a origem do homem. [...] essa medida de inortodoxia, que não é maior, na verdade, que qualquer Tratado Geológico que contrarie diretamente o Gênesis?⁷⁷

Não obstante, Darwin flertou com palavras de conotação religiosa. Em seus termos, sua teoria é uma doutrina, suas convicções são crenças. Os intelectuais convencidos delas, são entusiasticamente chamados por Darwin de convertidos. Este arcabouço semântico, no entanto, não convence a todos. Em carta a seu mentor científico Charles Lyell, por exemplo, Darwin discute a severa crítica de Owen sobre sua publicação para quem respondeu que se “esforçaria por modificar os 'acreditos' e os 'convencidos’”.⁷⁸ É preciso, todavia, considerar que, a Darwin, pouco importou a terminologia. Rebatendo críticas na segunda edição de *A Origem*, manifestou-se, afirmando que

No sentido literal da palavra, não há dúvida de que a expressão seleção natural seja expressão errada. [...] Contudo, não se pode dizer que falo da seleção natural assim como de uma potência ativa ou divina. [...] Todos sabem o que significa e o que exprimem estas expressões metafóricas necessárias à clareza da discussão. [...] No fim de algum tempo, nos serão familiares estes termos e deixaremos de lado estas críticas inúteis.⁷⁹

É comum na história da ciência a ideia de que *A Origem das Espécies* tenha representado uma guinada nas ciências naturais. Procuramos, até agora, demonstrar como esta obra, na verdade, não foi muito além da sistematização de algumas vertentes modernas do pensamento científico sobre a origem da vida que, em meados do século XIX, com as amiúdes descobertas

75 DARWIN, 2010, p. 42.

76 Originalmente, “unorthodoxy”, Cf. Darwin Correspondence Project. <<https://www.darwinproject.ac.uk/entry-2437>> Acesso em: 03 jan 2014.

77 DARWIN, C. Carta a Charles Lyell, 28 de março de 1859. In: BURKHARDT, 2009, p. 268.

78 Richard Owen (1804-1892), anatomista, professor do Royal College of Surgeons, superintendente dos Departamentos de História Natural do Museu Britânico e autor da descrição dos mamíferos fósseis do Beagle. DARWIN, C. Carta a Charles Lyell, 10 de dezembro de 1859. In: BURKHARDT, 2009, p. 277.

79 DARWIN, 2010, p. 70.

da geologia e da paleontologia, diferia cada vez mais dos relatos bíblicos sobre a criação. A partir de *A Origem*, no entanto, não tardou para que pululassem publicações questionando sobre as origens do homem. Depois do mencionado trabalho de Boucher de Perthes (1849), com melhor recepção depois de 1859, veio o *Antiquity of man* (1863), de Charles Lyell, considerado “tímido” por Darwin, e *The Descent of Man* (1871) deste autor.

Situar o ser humano no meio de toda a criação, como mais um produto (elaborado que fosse) da evolução pela seleção natural, significou, para os historiadores Frank e Fritzie P. Manuel, um golpe mortal no pensamento utópico do século XIX, pois este raciocínio fez do homem – sujeito e objeto da utopia – um ser de natureza biológica problemática. Segundo estes autores, substituiu-se o homem político ou religioso por um ser biologicamente transformado.⁸⁰ A tentativa de Darwin de esquivar-se do polêmico assunto sobre a origem humana foi em vão. Após a publicação de *A Origem*, aquilo vulgarizado como darwinismo extrapolou o debate interno às ciências naturais e passou a permear principalmente uma visão de sociedade.⁸¹

Em raciocínio inverso, pode-se também detectar o quanto de um pensamento social está projetado sobre a natureza nas páginas de *A Origem*. A naturalização de alguns conceitos sobre o universo humano, mobilizados para descrever e classificar o mundo natural é também característica distintiva do pensamento de Darwin. O instinto das abelhas-rainha em matar suas filhas férteis, privilegiando as estéreis, é chamado de “ódio maternal”. As formigas, por sua vez têm “instinto escravagista” essencial para a sobrevivência da espécie. Todas as espécies, segundo Darwin, têm seus “costumes”.

A sociedade é o ponto de partida de Darwin para pensar a natureza sob a chave interpretativa da seleção natural. O princípio da incompatibilidade entre crescimento populacional e produção de alimentos, e a conseqüente disputa por comida demonstrada pelo economista inglês Thomas Malthus (1766-1834) em sua obra *Essay on the Principle of Population* (1798), foi o que motivou Darwin a formular pressuposto equivalente, aplicado à natureza e combinado com o estudo das variedades domésticas, o princípio da mutação das espécies e as evidências da extinção.⁸²

Também, como nascem mais indivíduos que os que podem sobreviver, deve existir, em cada caso, luta pela sobrevivência [...]. É a doutrina de Malthus

80 MANUEL, Frank; MANUEL, Fritzie. *El pensamiento utópico em el mundo occidental*. Vol. III. Trad. Bernardo Moreno de Carrillo, 1984, p. 325-7

81 Termo cunhado em 1860 por Thomas Henry Huxley, biólogo britânico e referendado pelos defensores dos princípios darwinianos. Cf. SUSSMAN, Hillary E. On the origin of Darwinism. *Genome research*. Cold Spring Harbor Laboratory Press, 2009. Disponível em: < <http://genome.cshlp.org/content/19/5/691.full>>. Acesso em: 15 set 2015.

82 DARWIN, C. Carta a A. R. Wallace, 6 de abril de 1859. In: BURKHARDT, 2009, p. 271.

aplicada com a mais considerável intensidade a todo o reino animal e vegetal.
[...]
O próprio homem, que se reproduz tão lentamente, veria o seu número dobrado a cada vinte e cinco anos, e, nesta proporção, em menos de mil anos, não haveria espaço suficiente no globo onde se conservasse de pé.⁸³

Nota-se aí que o pensamento naturalista, aquele que impõe uma relação de exterioridade entre natureza e sociedade – marca do pensamento moderno no ocidente – não encontra abrigo nas linhas de *A Origem*. Ao contrário, Darwin é capaz de reconhecer a analogia não somente física, mas também orgânica e sensorial que há entre humanos e outros animais. No movimento proposto por Darwin, a natureza biológica define o humano, ao mesmo tempo que a humanidade define o natural, de forma que a descendência seja o “vínculo secreto”, a “união de origem” entre o ser humano e as outras formas vivas da natureza.

Tal constatação pode levar à ideia equivocada de que *A Origem das espécies* imponha uma visão simétrica entre as formas vivas ou entre os seres humanos. As entrelinhas desta obra, no entanto, revelam que o princípio da perfectibilidade e o da sobrevivência do mais apto, de certa forma, compreendem certo juízo a respeito das populações. Este preceito se aplica entre espécies e pode implicar na extinção daquela menos apta. A mesma fórmula, isto é, a competição entre indivíduos mais ou menos aptos de uma mesma espécie pode lhe servir para explicar a história humana:

Não se poderia mencionar país algum cujos habitantes indígenas estejam atualmente adaptados perfeitamente uns aos outros, relativamente às condições físicas que os rodeiam, que não haja lugar para qualquer aperfeiçoamento, porque, em todos os países, as espécies nativas têm sido totalmente vencidas pelas espécies aclimatadas, de modo que algumas destas tomam posse do solo definitivamente.⁸⁴

Uma visão naturalizada do processo histórico de dominação das terras e dos povos indígenas, de forma que nada além da seleção natural seria necessário para explicar as invasões coloniais e o sucesso dos colonizadores, ou “espécies aclimatadas”. Mais adiante, o autor retomou o exemplo do indígena, desta vez comparado ao comportamento sexual de aligátors, para explicar os meandros da seleção sexual, uma tese secundária de *A Origem*. Nesta passagem, afirmou:

Dizem que os aligátors machos se batem, rugem, giram em círculo, como fazem os índios em suas danças guerreiras, para apoderar-se das fêmeas; [...]

83 DARWIN, 2010, p. 59.

84 DARWIN, 2010, p. 71.

M. Fabre, este observador inigualável, viu muitas vezes alguns insetos himenópteros machos baterem-se pela posse da fêmea, que parecia assistir, indiferente, ao combate e que, em seguida, partia com o vencedor.⁸⁵

Tais apontamentos provocam reflexões ambíguas sobre o lugar reservado ao ser humano na tese apresentada em *A Origem das espécies*. Estaria o ser humano no centro ou no topo da criação? O que estaria por trás da “inaptidão indígena” a seu próprio território? Em sua obra de 1859, Charles Darwin não arriscou muitas outras comparações neste sentido. Com a mesma sutileza, entretanto, admitiu (ou sugeriu) que a humanidade estaria em estágios distintos. “Após a descoberta dos instrumentos de sílex nas camadas superficiais de muitas regiões do globo, os geólogos acreditaram que o homem bárbaro viveu num período bastante remoto, e sabemos hoje que não há tribo, que não haja domesticado o cão, por mais bárbara que seja”.

A comparação ente o sentimento e comportamento animal e humano é, por sua vez, a metodologia central de *The Descent of Man – A Descendência* ou *A Origem do Homem*, última grande publicação de Darwin, datada de 1871. Segundo o naturalista, as semelhanças entre homens e animais são a prova de que o ser humano é descendente de uma espécie inferior.⁸⁶

A dominação de grupos humanos sobre outros, a partir de *A Origem*, é posta sob ótica naturalizada, e o “estágio de civilidade” aparece como mera (porém definidora) vantagem perante a seleção natural. Esta análise reelabora a ideia constatada por Malthus, para quem a desigualdade era uma fatalidade, em virtude da concorrência das populações por alimento. Esta fusão do raciocínio biologizante com o pensamento histórico sobre a humanidade é o que define mormente o que se vulgarizou como darwinismo social. As consequências mais pungentes da popularização deste juízo em meados do século XIX – período da gênese das Ciências Sociais e auge do Novo Sistema Colonial – foram a naturalização da dominação, o senso de superioridade ocidental e a fundamentação desta suposta preeminência em um discurso racial.

Esta associação foi possível apenas porque os cientistas do século XIX – Charles Darwin, destacadamente – fundaram uma ciência natural com preocupação histórica. Fazer da ciência natural um instrumento para responder às questões sobre a origem da vida, fê-la ocupar um papel tradicionalmente executado pela filosofia e a religião.

A partir dos escritos de Darwin, Wallace, Lyell e Spencer construiu-se a ideia de uma natureza remetida a um tempo muito recuado, milhões de anos, em vez dos milhares sugeridos pelo Gênesis bíblico.⁸⁷ A história humana, por consequência, também retrocedeu a um tempo

85 Jean Henri Casimir Fabre (1823-1915), entomologista francês.

Himenóptera: Ordem de insetos que compreende abelhas, vespas e formigas. DARWIN, 2010, p. 75.

86 DARWIN, C. *The Descent of Man and Selection related to sex*. 2 vol. Londres, John Murray, 1871.

87 Gerald J. Whitrow mencionou alguns casos em que a Bíblia fora utilizada como parâmetro cronológico, a

imemorial. A ideia de progresso foi paulatinamente substituída pela noção de evolução. Esta diferença semântica entre os dois termos implicou na aceitação da existência progressos muito lentos – *Natura non facit saltum*, “a natureza não dá saltos”, repetia Darwin – e também da ideia de extinção.

A história foi, inclusive, uma referência muito próxima à tese de *A Origem*. Como Darwin partisse das modificações entre espécies domesticadas, e sendo a domesticação um vestígio de civilização, foi a partir de fontes históricas que Darwin documentou algumas destas evidências.

O argumento básico dos que creem na origem múltipla dos animais domésticos jaz no fato de encontrarmos, desde tempos imemoriais, nos monumentos do Egito e nas habitações lacustres da Suíça, uma diversidade enorme de raças. Muitas delas apresentam semelhança acentuada, ou mesmo idêntica às existentes atualmente. Mas isso só faz recuar a origem da civilização [...].⁸⁸

A domesticação ou seleção de plantas também foi considerada:

Embora a pera fosse muito cultivada nos tempos clássicos, era, segundo o testemunho de Plínio, tão só um fruto de qualidade muito inferior. [...] Os horticultores da época greco-latina que cultivavam as melhores peras de que se tinha notícia, não poderiam imaginar quão deliciosos frutos nós comeríamos agora.⁸⁹

Este fluxo e contrafluxo de influências entre história e filosofia e as ciências naturais parece revelar um aspecto do pensamento científico moderno muito menos compartimentado do que se celebra. O movimento eugenista, de fins do século XIX e que se estendeu pelo século seguinte, é uma evidência de como o discurso biológico assumiu uma cruel interpretação social.⁹⁰ O darwinismo, somado aos estudos genéticos, ainda que tenha significado uma revolução na compreensão da natureza, do ponto de vista social, serviu para aprofundar os sentidos da dominação colonial e racial deste período.

fim de se estabelecer uma data precisa para a criação do mundo. James Ussher (1581-1656), arcebispo de Armagh, sugeriu a data 23 de outubro de 4004 a.C.. Posteriormente, o astrônomo Johannes Hevelius (1611-1687) postulou esta data em 24 de outubro de 3963 a.C., às seis horas da tarde. Cf. WHITROW, G. J. *O Tempo na História: Concepções sobre o Tempo da Pré-História aos nossos dias*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 149, 156.

88 DARWIN, 2010, p. 29.

89 DARWIN, 2010, p. 40.

90 Para um debate aprofundado sobre eugenia, ver: KEVLES, Daniel J. *In the Name of Eugenics: Genetics and the Uses of Human Heredity*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.

O desenvolvimento da geologia, por sua vez, alargou os limites da compreensão humana sobre o planeta. Além disso, instituiu uma metodologia que permitiria o desenvolvimento da arqueologia. A história, enquanto disciplina, ganhou uma vertente atravessada pelo tempo geológico, chamada de “História Natural”, da qual o ser humano fazia parte, não como protagonista, mas como marco temporal. Na alegoria de Lyell citada por Darwin, notamos como a história enquanto narrativa foi mobilizada para explicar a geologia e os registros geológicos:

Uma história do globo incompletamente conservada, escrita em um dialeto sempre modificado, do qual possuímos apenas o último volume tratando de dois ou três países apenas. Alguns fragmentos de capítulo deste volume e algumas linhas esparsas de cada página são as únicas chegadas até nós.⁹¹

O “mistério das origens” transformou-se em enigma, cuja resposta não seria revelada, mas poderia, aos poucos, ser descoberta. Este novo paradigma em relação ao passado constituiu verdadeira condição para o desenvolvimento da arqueologia praticada em fins do século XIX.

1.6 ARQUEOLOGIA “PRÉ-HISTÓRICA”

Nos anos de 1860, a ideia da antiguidade humana já atingira consenso no meio científico. A referência de um ser humano anterior àquilo que se considerou civilização, vivendo com recursos rústicos, em um estado selvagem, passou a orientar as pesquisas de naturalistas, tanto quanto as coleções de antiquaristas. Perseguindo desvelar o modo de vida deste ser humano ancestral, amadores e profissionais voltaram seus olhares ao passado, classificaram seus vestígios com ênfase na técnica e, pela técnica – na elaboração de abrigos, armas, ferramentas e roupas –, atribuíam a seus artífices uma idade (um lugar no tempo histórico), ou um estágio evolutivo (um lugar na sociedade), ou ambos.

O interesse pelo humano e a classificação dos artefatos foram os elementos que delimitaram o campo de atuação da arqueologia. Esta ciência, que se estabeleceu enquanto tal *pari passu* à consolidação do evolucionismo, retirou desta doutrina sua principal referência de classificação. Sob esta chave interpretativa, avolumaram-se trabalhos que buscavam investigar como viviam os primeiros seres humanos em período tão remoto.

91 DARWIN, 2010, p. 328.

Este questionamento não diferia daqueles formulados pelos pensadores do iluminismo europeu, como Hobbes, Locke ou Rousseau,⁹² no sentido de que buscava discutir a “essência humana”, ou pensar o ser humano em um “estado natural”. A diferença da abordagem arqueológica residia na ambientação deste ser humano “primitivo” [*primeval*] em um tempo recuado em milhares de anos, desafiado por uma natureza distinta em clima, fauna e flora. Outrossim, o avanço técnico e tecnológico deste humano primitivo era evidenciado pelos vestígios arqueológicos como resultantes de um lento e longuíssimo processo de desenvolvimento.

Foi na segunda metade do século XIX que se desenvolveu a noção de “pré-história”, inaugurando também uma vertente da arqueologia, especializada neste “período”. Sua referência cronológica era imprecisamente ditada pela posição dos artefatos e esqueletos entre as camadas estratigráficas, mas a indefinição do termo não reside apenas no critério de datação. Os primeiros usos e sentidos que conformaram a expressão “pré-história” podem ser capturados apenas pelas entrelinhas das obras que se valeram deste termo, galgado por pesquisadores britânicos. Para o historiador Matthew Goodrum, a invenção deste termo foi um importante marco na história da arqueologia, pois denota a criação de um conceito repleto de significado.⁹³ A principal implicância decorrente da consolidação deste vocábulo, segundo este autor, foi a difusão da crença em um período chamado pré-história, ao mesmo tempo que estabelecia a disciplina científica homônima.

Daniel Wilson, escocês radicado no Canadá, foi o primeiro entre os arquitetos do conceito pré-história. Em 1862, publicou *Prehistoric Man: Researches into the origin of civilisation in the old and the new world*. Nesta obra, sua interrogação inicial é focada na busca pelo “estado natural do ser humano”.⁹⁴ Seu objetivo declarado era enxergar a humanidade intocada pelas influências e modificações que acompanharam o desenvolvimento das nações. E, neste sentido, sua obra científica é carregada de conotação política. Para Wilson, as investigações do arqueólogo, quando conduzidas por um espírito iluminado [*enlightened*], teriam importância em relação a alguns dos principais problemas da ciência moderna.⁹⁵

92 Thomas Hobbes (Inglaterra, 1588-1679), John Locke (Inglaterra, 1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (Suíça, 1712-1778), expoentes filósofos do Iluminismo europeu. Suas teses sobre a natureza humana cristalizaram-se em teorias no campo econômico e político. Embora a pergunta “o que é o homem” tenha sido alvo do esforço de inúmeros filósofos, consideramos que, a partir dos dados produzidos pelos estudos arqueogeológicos, arquitetou-se um novo arcabouço técnico e teórico por meio dos quais esta questão fundamental da filosofia seria encarada.

93 GOODRUM, Matthew R. The Idea of Human Prehistory: the Natural Sciences, the Human Sciences, and the Problem of Human Origins in Victorian Britain. *Hist. Phil. Life Sci.*, 34 (2012), p. 117-146.

94 WILSON, Daniel. *Prehistoric Man: Researches into the origin of civilisation in the old and the new world*. 2 vol. Cambridge: Macmillan and Co., 1862, p. 2.

95 WILSON, 1862, p. VII.

O homem pré-histórico de Wilson é aquele perfectível, porque é obra divina. Não é um selvagem, pois combina potência intelectual e pureza moral.⁹⁶ Wilson não descartou os relatos contidos no livro bíblico, mas conciliou-os com as descobertas científicas, tratadas como progressivas revelações de Deus à humanidade.

*Man existed in the purposes of God Through countless ages, before the world, with all teeming life, was animated with new life by his presence; and knowledge also for man has tarried its appointed time. Letters, arts, numbers, maritime discovery, the invention of the great mechanical powers, the evolution of the great intellectual disclosures, astronomy, gravitation, geology, and ethnology itself, have each had their time to be born, and were each an impossibility till then. And what are these but glimpses of what is yet to be revealed; [...]*⁹⁷

Entretanto, este homem pré-histórico é materialmente primitivo e seus hábitos são quase instintivos. E, sendo o instinto humano a característica que mais aproxima o ser humano da natureza, este se torna mais que um conceito central na definição do homem primitivo: é também aquilo que segregou o ser humano da natureza, a saber, sua capacidade de superar o instinto e “desenvolver-se”.

Uma questão era candente neste raciocínio. As letras, as artes, os números, como caracteres do conhecimento humano foram revelados, cada um a seu tempo, aos seres humanos. Era necessário explicar a razão pela qual os habitantes do Novo Mundo vivessem em estágio técnico semelhante ao dos egípcios de milênios anteriores, segundo as observações deste autor. O próprio título da obra sugere duas origens distintas no velho e no novo mundo. Além disso, sendo os nativos americanos “filhos da natureza”, as informações obtidas sobre estes povos foram avaliadas como conteúdo etnográfico sobre a pré-história. Em outras palavras, estudar os povos indígenas seria o equivalente ao testemunhar a pré-história viva, em pleno século XIX.

A partir desta obra, é possível cercar o uso das expressões “pré-história” e “pré-histórico” e depreender um sentido evidente. A classificação do pré-histórico é construída em oposição àquilo que é considerado “civilizado”, isto é, o próprio modo de vida europeu. Daniel Wilson explicou que, entre estes dois extremos, há uma história de estranho progresso:

96 WILSON, 1862, p. 44.

97 Homem existiu nas propostas de Deus Através de incontáveis anos, antes o mundo, com toda a vida abundante, era animada com nova vida pela sua presença; e sabedorias também para o homem tem demorado seu tempo determinado. Cartas, artes, números, descobertas marítimas, a invenção dos grandes poderes mecânicos, a evolução das grandes divulgações intelectuais, astronomia, gravitação, geologia, e etnologia ela mesma, tem cada tido seu próprio tempo para nascer, e estavam cada uma impossibilitada até então. E o que são estes senão lampejos do que está ainda a ser revelado; [...]. Tradução livre. WILSON, 1862, p. 86.

*In Europe we study man only as he has been molded by a thousand external circumstances, foreign to his blood, his stock, or the social conditions of his being. The arts and intellectual civilisation, born at the very dawn of history in the great river-valley of Egypt, give form to the social life in England in her nineteenth century. The Divine law given forth from the lightnings of Sinai, and the faith and morals nurtured among the hills of Judah, while yet the British Isles were savage-haunted wastes; the intellect of Greece, the military prowess of Rome, [...] it becomes a curious question how much pertains to the man, and how much to this strange development we term civilisation, of which he is in part the author and in part the offspring?*⁹⁸

Wilson compreendia por civilização algo como um estado social que congregasse algumas características, tais como a escrita, religião monoteísta, organização militar e a tradição histórico-filosófica. Note-se que o autor recuou até a antiguidade para encontrar as origens da “civilização britânica”, fruto da confluência de todos os estágios de desenvolvimentos apontados. Para um império que, à época, estendia-se pelos cinco continentes do globo, a distância espaço-temporal entre a civilização e suas origens não parecem estranhas. Ao contrário, a escolha ou reconhecimento deste passado servia como justificativa ideológica para o colonialismo inglês em particular, e europeu como um todo.

Poucos anos depois, em 1865, outra obra se propôs a lançar luz sobre o período pré-histórico. Trata-se de *Pre-historic times, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages* – coletânea dos textos *The Danish Shell-mounds* (1861), *The Swiss Lake-dwellings* (1862), *The Flint Implements of the Drift* (1862), *North American Archaeology* (1863) e *Cave-men* (1864) – do eminente naturalista inglês John Lubbock.⁹⁹ Seus estudos sobre insetos e crustáceos foram referências para Darwin, de quem era vizinho e defensor entusiástico. Na década de 1860, no entanto, as publicações do autor voltaram-se para a arqueologia e etnografia.

Lubbock teve por objetivo, com esta coletânea de textos, lançar bases para a prática da “arqueologia pré-histórica, com ênfase especial aos indicativos que contemplam a condição do

98 Na Europa nós estudamos o homem somente enquanto ele tiver sido moldado por milhares de circunstâncias externas, estrangeiras ao seu sangue, seu *stock*, ou condições sociais do seu ser. As artes e a civilização intelectual, nascidas na primeira aurora de sua história no grande vale do rio do Egito, deram forma a vida social na Inglaterra no seu século dezanove. A lei Divina dada diante dos relâmpagos do Sinai, e a fé e moral nutrida entre as colinas de Judah, enquanto ainda as Ilhas Britânicas eram resíduos selvagens-assombrados; o intelecto da Grécia, a proeza militar de Roma, [...] se tornaram uma questão curiosa: quanto pertence ao homem, e quanto de seu estranho desenvolvimento nós nomeamos civilização, de qual ele é em parte o seu autor e em parte sua prole? Tradução livre. WILSON, 1862, p. 3.

99 LUBBOCK, John. *Pre-historic times, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages*. Edimburgo; Londres: Williams and Norgate, 1865.

homem nos tempos primordiais [*primeval times*]”.¹⁰⁰ Para tanto, debruçou-se sobre os estudos arqueológicos com vestígios mais antigos da Europa: sepultamentos (*mounds*), vestígios orgânicos, as recentes descobertas lacustres da Suíça, cavernas com ossos e os sambaquis (*shell-mounds/kjökkenmøddings*). Por isso, *Pre-historic times* pode ser considerado uma tentativa de esboço geral sobre a “pré-história”, conciliando dados conflituosos das recentes pesquisas arqueológicas.

Grande expoente e entusiasta do evolucionismo na arqueologia pré-histórica, ansiava pelas respostas que poderiam provir da arqueologia.

*The first appearance of man in Europe dates back to a period so remote that neither history, nor even tradition, can throw any light on his origin. [...] But of late years a new branch of knowledge has arisen; a new Science has, so to say, been born among us [...] The geologist reckons not by days or by years; the whole six Thousand years [...]. Archaeology forms, in fact, the link between geology and history.*¹⁰¹

Sobre este homem antigo, afirmou também: *there may have been a period when society was in so barbarous a state that stick or stones were the only implements with which men knew how to furnish themselves*”.¹⁰²

A controvérsia central inaugurada após o estabelecimento da antiguidade humana versava sobre a cronologia pré-histórica, o sistema de três idades [*three-aged system*] proposto pelo dinamarquês Christian Thomsen e aprimorado por arqueólogos nas décadas posteriores.¹⁰³ Lubbock aprofundou-se neste debate, nos diversos sítios, comparou técnicas e materiais dos artefatos, além de observar vestígios de caça/pesca e agricultura e/ou domesticação de animais.

100 LUBBOCK, 1865, p. vi. Tradução livre.

101 O primeiro aparecimento do homem na Europa remonta a um período tão antigo que nem o a história ou mesmo a tradição pode lançar luzes sobre sua origem [...] Mas, nos últimos anos, um novo ramo do conhecimento emergiu; uma nova Ciência, por assim dizer, nasceu entre nós [...] O geólogo os avalia [o tempo e os acontecimentos] não por dias ou anos; o total de seis mil anos, [...] A arqueologia forma, de fato, o elo entre a geologia e a história. LUBBOCK, 1865, pp. 1-2. Tradução livre.

102 Houve um período em que a sociedade esteve em um estado tão bárbaro que um pedaço de pau ou pedras eram os únicos instrumentos com os quais os homens conheciam para abastecerem a si mesmos. LUBBOCK, 1864, pp. 61-62. Tradução livre.

103 Christian Jürgensen Thomsen (1788-1865), antiquarista e diretor do Museu Nacional de Copenhagen. O dinamarquês propôs o que se chamaria de Sistema das três idades, a princípio, como modelo organizacional das coleções. Partiu de um sistema evolutivo, alinhado com o pensamento progressista vigente no século XIX e com os estudos estratigráficos. Thomsen criou um padrão de análise que se pautou na tecnologia e materiais utilizados, partindo da pedra (lascada e polida), até o Cobre e o Ferro. Este ordenamento organizou a coleção e permitiu que os arqueólogos interpretassem o registro arqueológico de acordo com um critério científico. Cf. GRASLUND, B. *The Birth of Prehistoric Chronology: Dating Methods and Dating Systems in Nineteenth-Century Scandinavian Archaeology*. CUP Archive, 1987. Para Lubbock, Thomsen foi o primeiro que estabeleceu parâmetros científicos para o sistema de três idades, já usado pelos gregos antigos (1865, p. 7).

A explicação para a diversidade de achados, a predominância de alguns e o desaparecimento de outros foi dada pela dominação ou prevalência de raças superiores.

O adjetivo pré-histórico foi mobilizado para qualificar os vestígios mais antigos de humanidade. Lubbock também construiu sua tese sobre a técnica do “homem pré-histórico” baseando-se no critério do instinto, sendo este um ponto comum nas análises de diversos autores daquela centúria. A solidez com que esta ideia penetrou as teorias de diversos pré-historiadores conformou a ideia de um ser humano ancestral sem símbolos, cultura ou história, pois sua vida, eterno estado de sobrevivência, era reduzida à resposta imediata às exigências da natureza, ponto que destaca a particularidade do mencionado trabalho de Boucher de Perthes.

A rigorosa projeção desta interpretação às populações contemporâneas consideradas selvagens foi a dimensão mais cruel desta discussão. Para este autor, a etnografia, o estudo de populações ou raças “selvagens”, com modo de vida análogo ao demonstrado pelos vestígios da pré-história, eram a evidência de que, se a humanidade percorreria estágios evolutivos, os povos selvagens representariam uma exceção: “*But it is not necessary to go back to pre-historic times; nor need we appeal to doubtful history or ancient remains [...] Many savages or semi-savages tribes live in the same manner*”.¹⁰⁴

Este trecho também transparece uma visão do binômio etnografia/arqueologia em que a primeira, certa, referenda a outra, duvidosa. Em outras palavras, Lubbock demonstrou mais confiança no estado pré-histórico de povos contemporâneos, que nos resultados das pesquisas arqueológicas, ou relatos históricos. Reconheceu na arqueologia uma ciência recém-nascida do elo entre história e geologia, o que não abalou a concretude de suas convicções.¹⁰⁵

O passado figurou nos debates internos aos círculos científicos como a grande novidade de meados do século XIX, penetrando estudos de diversas especialidades. Caleidoscópica, a imagem do passado revelada pela geologia, paleontologia, arqueologia e biologia, exigiram a reformulação da narrativa histórica do ocidente sobre si e sobre os outros. A gênese da antiguidade humana como fato científico pode ser considerada um dos maiores impactos sociais da ciência da história do ocidente, em que pesem os contornos políticos que assumiu. Por outro lado, na trajetória deste fato há um histórico senso de superioridade europeia, ao qual as ciências do século XIX apenas vieram referendar.

104 Mas não é necessário voltar aos tempos pré-históricos; nem precisamos nós apelar a história duvidosa ou antigos remanescentes [...] Muitas tribos selvagens ou semi-selvagens vivem do mesmo modo. Tradução livre. LUBBOCK, 1864, p. 122.

105 LUBBOCK, 1864, p. 2

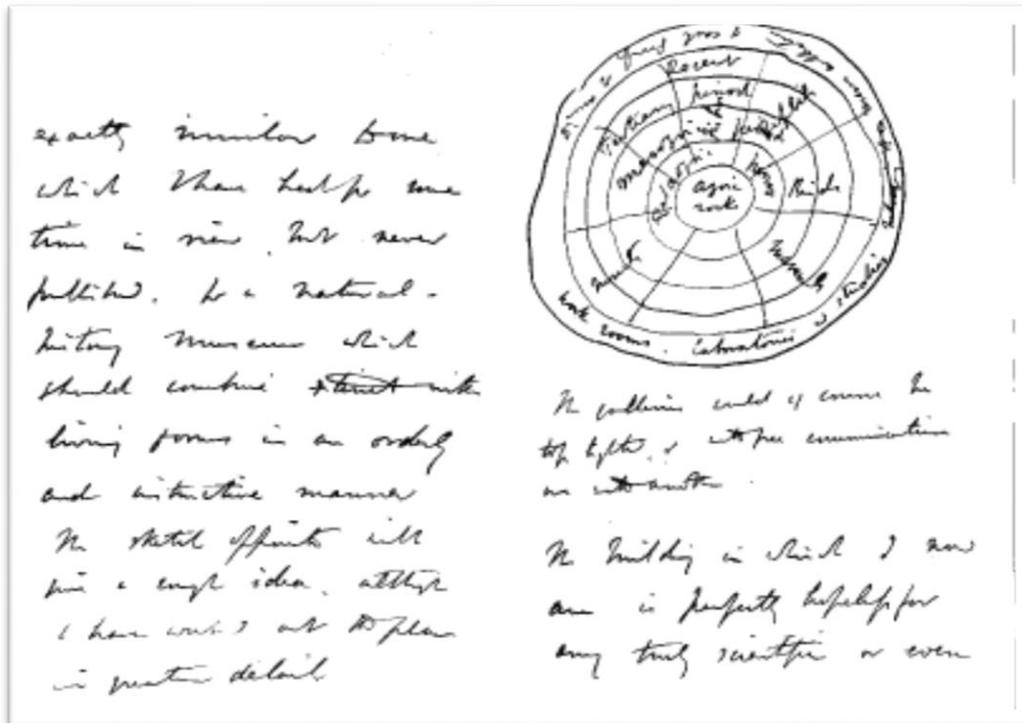


Figura 6 - Esboço da "rotunda antropológica" de Pitt Rivers demonstra um exemplo de classificação técnica e geográfica de artefatos. O aprimoramento e eficiência das armas postos em perspectiva comparativa evidencia o estágio evolutivo de seus artífices. Museu Pitt Rivers, Oxford, Inglaterra, 1891.¹

Capítulo 2

CASQUEIROS, CONCHEIROS, BERBIGUEIROS, MINAS DE SERNAMBYS, OSTREIRAS: SAMBAQUIS

O humilde sambaqui tem para a sciencia universal a mesma importância que a magestosa pyramide do Egypto ou do Mexico.

O craneo de um cacique é tão interessante como de um Pharaó.

O machado é um elo da cadeia do desenvolvimento das aptidões creadoras e destruidoras do homem: Ensina-nos tanto quanto a mais bella espada de Damasco.

[...]

depois de ter resolvido as areias do Sahara os homens da sciencia deverião penetrar nas sombrias florestas do Brasil e ahi estudar o homem pre-historico, que se encontra todo n'ellas.

Charles Wiener, 1876.¹⁰⁶

2.1 CONCHEIROS LÁ E CÁ

A história da pesquisa nos sítios concheiros confunde-se com a própria história da arqueologia, no Brasil e no mundo.¹⁰⁷ A inegável presença desses sítios, sua marca na paisagem – ao – contrário de outros tipos de vestígios arqueológicos, soterrados pelo decorrer de anos e eras geológicas – provocaram concepções das mais diversas em torno daquilo que se convencionou chamar no Brasil pela palavra de origem Tupi “sambaqui”. Apesar de utilizarmos as palavras “sambaquis”, “concheiros”, etc, como termos intercambiáveis, o conceito *sambaqui* foi definido como categoria em meados dos anos de 1870, a partir dos trabalhos veiculados na

106 WIENER, Carlos. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, vol.1, pp. 1-20, 1876, p. 20.

107 GASPAR, MaDu. Prefácio. In: VILLAGRÁN, Ximena. *Geoarqueologia de um sambaqui monumental: Estratigrafias que falam*. São Paulo: Fapesp; Annablume, 2010; NEVES, Walter Alves. *Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)*. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

revista do Museu Nacional, para designar toda a variedade de sítios conchíferos do litoral brasileiro.

Conde de la Hure, em missiva ao IHGB, registrou sua versão etimológica, em texto um pouco mais antigo:

L'ignore si l'etymologie certaine du mot Çambaqui, qui sert a désigner partout au Brésil les conchyliosites, a été déterminée; quoi qu'il en soit, e terme paraît avoir pour racine le mot taba, village en tupy. Les premières indigènes de langue tupy ou guarani trouverent sans doute des habitants sur certains amas de coquilles et désignerent ces amas habités par les mots çaba quig, leu village lá, le t en pareil cas, suivant une règle analogue au génitif ou état construit de l'hebreu et à la permutation de la consonne initiale dans les langues celtiques, se changeant en ç; le mot quig indique quelque chose d'entrager à soi et aux siens, que l'on désigne. De çaba quig à Çambaqui ou Sambaqui, il n'ya de différence essentielle que l'm euphonique que les portugais y ajoutèrent, suivant le génie de leur langue.¹⁰⁸

Nos idos do século XIX, diversas áreas da ciência encontraram nestes montes, compostos predominantemente por conchas, perguntas e respostas, desafios para o pensamento científico daquele período. Isso significa que os sambaquis, os vestígios neles soterrados, seus significados e intenções de um tempo distante – até oito mil anos, conforme datações apresentadas – foram objetos de (re)interpretação de cientistas no século XIX, que inauguraram um campo de pesquisa sujeito a tantas especificidades quanto mistérios que até os tempos atuais intrigam e movimentam pás e picaretas de arqueólogos.

Sob a égide da interpretação científica, os sambaquis foram alçados a um posto importante na história humana. As primeiras publicações acadêmicas o encaravam como evidência da evolução humana, por suas formas rudimentares e vestígios de atividade sem complexidade. Os concheiros foram, para os círculos científicos, mais uma prova de que o homem ocidental moderno descenderia de um ente *pré-histórico*, que vivera em hostis tempos remotos e cuja atividade estava voltada à sobrevivência.

108 Não sabemos se a etimologia certa da palavra Çambaqui, que designa os conchyliosites em todo o Brasil, foi determinada; de qualquer forma, o termo parece ter por raiz a palavra taba, vilarejo, em Tupy. Os primeiros indígenas da língua Tupy ou Garani acharam, sem dúvida, moradores acima desses montes de conchas e designaram os montes habitados pela palavra çaba quig aquele vilarejo, vilarejo, o t nesse caso, seguindo uma regra análoga ao genitivo ou estado construído do hebraico, e a permutação da consonante inicial nas línguas celtas, mudam para ç; a palavra quig indica algo de estrangeiro a si mesmo e aos seus, que designa. De çaba quig a Çambaqui ou Sambaqui, não tem diferenças essenciais, além do m eufônico, que os portugueses adicionaram, seguindo o gênio de sua língua. DE LA HURE, Conde. *Considérations sommaires sua l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca. 10 mar 1865. IHGB, Lata 15, doc 9, pp. 6-7. Tradução livre.

Na publicação de John Lubbock sobre os tempos pré-históricos que tratamos no Capítulo 1, um capítulo inteiro foi dedicado à questão dos *kjoekkenmoeddings* dinamarqueses.¹⁰⁹ Em sua viagem até a Dinamarca entre 1861 e 1863, estudou quatro *kjöekkenmödding* previamente estudados e reportados pela comissão formada pelos membros da *Royal Society of Sciences of Copenhagen* Worsaae, Steenstrup e Forchhammer: os concheiros de Bilidt (Isefjord), Hevelse, Meilgaard e Fannerup.¹¹⁰

Ao apresentar algumas de suas observações sobre os concheiros, afirmou: “A *good section of such a kjöekkenmödding can hardly fail to strike with astonishment anyone who sees it for the first time and it is difficult to convey in words an exact idea of the appearance which it presents*”.¹¹¹ O espanto anunciado pelo autor resultou, então, da aparência inusitada de um concheiro. Mais uma vez, era necessário compreender, naquele momento em especial, que o foco do conhecimento produzido pela arqueologia estava na informação sobre o passado e não na aparência dos objetos escavados, nem em sua associação à riqueza e poder.

O *Royal Museum of Northern Antiquities* de Copenhague, que exportou para arqueologia europeia – e mundial – um sistema de classificação de artefatos, o *three aged system*, tinha, de acordo com Worsaae, a coleção de antiguidades mais antigas encontradas até então na Dinamarca provenientes da escavação nos concheiros.

John Lubbock, por sua vez, incluiu os concheiros dinamarqueses entre os grandes temas da arqueologia europeia com esta publicação, ainda que reconhecesse que a ocorrência destes sítios fora observada anteriormente em diversas partes do mundo.¹¹² John Evans, Prestwich e o próprio Lubbock [que escreveu] “Encontramos uma grande acumulação de conchas, da qual obtive vários fragmentos de sílex e pedaços de uma cerâmica rústica”.¹¹³ A cerâmica e as peças

109 Nesta dissertação, adotamos a palavra concheiro como sinônimo de *kjoekkenmoedding*.

110 Anos depois, uma investigação conduzida e reportada pelo arqueólogo escocês Robert Munro constatou que o concheiro de Halvese já teria sido completamente demolido antes dos anos de 1880, o que demonstra que o arrasamento destes sítios, seja para qual fim tenha sido, não era realidade exclusiva dos concheiros do território brasileiro. No caso dinamarquês, as conchas eram usadas como esterco [manure] e os cascalhos para a pavimentação de rodovias [gravel for road metal]. Cf. MUNRO, Robert. Danish Kjöekkenmöddings, their facts and inferences. *Proceedings of the Society*. Londres, 10 mar 1884, p. 217.

111 Uma boa seção de tal *kjöekkenmödding* não pode deixar de espantar quem o vê pela primeira vez e é difícil transmitir em palavras uma ideia exata da aparência que ele apresenta. LUBBOCK, 1865, p. 176. Tradução livre.

112 Os trabalhos citados por Lubbock são: i) Austrália: Dampier Pinkerton's Travels, vol II, p. 473; ii) Tierra del Fuego: Darwin, em *Journal*, p. 234; iii) Península Malay: Earle, na *Ethnological Soc. Trans.*, New series, vol II, p. 119; iv) Ásia: Andaman Islands por Dr. Stolickza, nos *Proc. As. Soc. Bengal*, jan 1870; no Japão, por Morse, em *Mem. of Univ. of Tokyo*, vol I; v) América do Norte: por H. Wyman, *The American Naturalist*, vol II, n. 8 e 9; Foster, em *Prehistoric Races of the United States*, p. 156. vi) América do Sul: Brett, em *Indian Tribes of Guiana*; e Agassiz, em *Journey in Brazil*; vii) Tasmânia e África: Sem referências. Além destes, cita Pengelly e Spence Bate, que relataram concheiros em Cornwall e Devon-shire (Inglaterra), e similares na costa irlandesa e Gordon, sobre concheiros no lago Spynie, na Escócia. LUBBOCK, 1865, p. 509.

113 Tradução livre. “[...] found a large accumulation of shells, from which I obtained several flint flakes and

em sílex eram fatores incontestáveis da presença humana nos concheiros, interpretados, como o próprio nome sugere, “restos de cozinha”, ou seja, amontoados dos restos da alimentação de antigos habitantes do local. Lubbock não esboçou neste ensaio qualquer tentativa de ir além desta definição sobre os concheiros, a não ser por supor que tenha servido de habitação sazonal àquela população.

A avaliação dos artefatos retirados dos concheiros era criteriosa, ainda que se ancorasse em testemunhos orais e factuais, o que, por vezes, enviesasse sua análise. Um alfinete de bronze, atribuído a um dos concheiros escoceses, foi datado de 800 a 900 D.C., serviu de referência para uma hipótese sobre a idade do concheiro, porque parecia “não haver razões para duvidar da afirmação do homem que o encontrou”. Os registros ambientais também serviram como referência: “*from ancient records it appears that the shingle barrier was probably completed and the lake shut out from the sea in the thirteenth and fourteenth centuries*”.¹¹⁴ As habitações lacustres na Suíça, outro tema importante da arqueologia daquele momento, foram parâmetro temporal e tecnológico: “*grains of wheat and barley, and even pieces of bread, or rather biscuit have been found. It does not, however, appear that the men of the kjökkenmöddings had any knowledge of agriculture, no traces of grain of any sort have been hitherto discovered*”.¹¹⁵

Por outro lado, sua avaliação dos restos faunísticos componentes dos concheiros – ossos de aves, mamíferos, peixes e moluscos – conduziu-o, a uma importante conclusão sobre a população cujos vestígios estavam amontoados nestes sítios: eram pescadores, não praticavam a agricultura, e viviam sobre os concheiros por, pelo menos, dois terços do ano. Uma informação etnográfica a respeito dos *Fuegians*,¹¹⁶ permitiu-o pensar que, se estes antigos pescadores [*old fishermen*] mudavam de sítio, faziam-no intercambiando pontos da costa dinamarquesa. Para o autor, diversas evidências arqueológicas e etnográficas apontavam para uma população essencialmente litorânea, com uma cultura material característica.

A descrição desta cultura material, dos “achados costeiros” [*coast-finds*],¹¹⁷ partiu do pressuposto evolutivo que classificava os artefatos. A maior parte dos achados era descrito como ferramentas rústicas, isto é, feitas a partir de pedra lascada e ossos. O alfinete de bronze, um fragmento de pedra polida ou as pequenas porções de cerâmica, por não serem

some pieces of rude pottery”. LUBBOCK, 1865, p. 178.

114 “a partir de registros antigos, parece que a barreira de cascalho provavelmente foi concluída e o lago fechado para o mar nos séculos XIII e XIV”. LUBBOCK, 1865, p. 177. Tradução livre.

115 Grãos de trigo e cevada, e mesmo pedaços de pão, ou melhor, de biscoito foram encontrados. Todavia, não parece que os homens dos concheiros tinham qualquer conhecimento de agricultura, nenhum vestígio de grão de qualquer tipo foi descoberto até agora. Tradução livre. Grifo nosso. LUBBOCK, 1865, p. 179.

116 Fuegians ou fueguinos, indígenas da região do Chile ou Tierra del Fuego, descritos por Darwin em seu diário sobre a viagem a bordo do HMS Beagle. Cf. LUBBOCK, 1865, p. 464.

117 LUBBOCK, 1865, p. 191.

predominantes entre os achados, levou o autor a supor que as tecnologias de manejo de metais e polimento de pedras também poderiam ser conhecidas pelos homens dos concheiros, afirmação sobre a qual preferiu não sustentar por falta de evidências.

Ao fim e ao cabo, a classificação dos artefatos foi o caminho condutor até uma hipótese antropológica, sustentada pelos pressupostos da(s) teoria(s) evolucionista(s) e apoiada em dados etnográficos. Por exemplo, uma vez que um determinado estágio tecnológico seria correspondente de um determinado estágio moral, o canibalismo, como indício de barbárie, seria esperado de povos primitivos. De uma forma indireta, esta prática estaria refletida nos artefatos de pedra lascada. Além disso, era necessário compreender a presença de ossadas humanas entre conchas, ostras e ossos de animais, isto é, entre restos de comida que eram os *kitchen midden*. Lubbock, a fim de responder a esta questão, considerou:

*The observations of Artic travellers prove that even if human bones had been found in the shell-mounds, this would not of itself be any evidence of cannibalism; but the absence of such remains satisfactorily shows that the primitive population of the North were free from this practice.*¹¹⁸



FIG. 198.—Rude flint axe from Denmark, actual size.

Figura 8 Machado rude de sílex.



FIG. 197.—Lance-head from Denmark, actual size.

Figura 7 Ponta de lança descrita por Worsaae e Lubbock.

John Lubbock propôs um padrão para os artefatos encontrados nos concheiros dinamarqueses, os coast-finds. Eram basicamente ferramentas de pedra lascada, a que chamou de “rudes relíquias”.¹¹⁹

118 A observação dos viajantes do ártico prova que mesmo que ossos humanos tenham sido encontrados nos concheiros, isso não pode ser por si uma evidência de canibalismo; mas a ausência de tais restos mostra satisfatoriamente que a população primitiva do Norte esteve livre desta prática. Tradução livre. LUBBOCK, 1865, p. 188.

119 LUBBOCK, 1913, p. 242.

Para além de Lubbock, outros estudiosos lançaram luzes sobre o tema. O geólogo estadunidense John Wells Foster somou-se ao grupo de cientistas dedicados a compreender a história por trás dos *mounds* do continente americano, em suas palavras, “resolver o mistério desse povo esquecido deste continente, agora conhecidos como *mound-builders*”,¹²⁰ entendendo-os como vestígios das conexões entre os povos que os edificaram nos Estados Unidos, México, Peru e Brasil.

Charles Lyell, cuja obra assentou as bases sobre as quais se desenvolveria a geologia moderna, por sua vez, elucubrou sobre a formação dos concheiros em *Antiquity of Man*.

*Seeing, in the Museum of Philadelphia, fragments of the calcareous stone or tufa from this spot [Santos, in Brazil], containing a human skull with teeth, and in the same matrix, oysters with serpulæ attached, I at first concluded that the whole deposit had been formed beneath the waters of the sea, or at least, that it had been submerged after its origin, and again upheaved; also, that there had been time since its emergence for the growth on it of a forest of large trees. But after reading again, with more care, the original memoir of Dr. Meigs, I cannot doubt that the shells, like those of eatable kinds, so often accumulated in the mounds of the North American Indians not far from the sea, may have been brought to the place and heaped up with other materials at the time when the bodies were buried. Subsequently, the whole artificial earthwork, with its shells and skeletons, may have been bound together into a solid stone by the infiltration of carbonate of lime, and the mound may therefore be of no higher antiquity than some of those above alluded to on the Ohio, which, as we have seen, have in like manner been exposed in the course of ages to the encroachments and undermining action of rivers.*¹²¹

120 Mound-builder pode ser traduzido como “construtores de montes/montículos”. Note-se como o artefato arqueológico – o mound – define o povo que o contruiu, assumindo uma característica antropológica e antropologizante. Voltaremos à questão no Capítulo 3. Tradução livre. No original, “[...] to solve, from existing data, the mystery of that forgotten people of this continent, now known as ‘Mound-builders’”. Cf. FOSTER, John W. Prehistoric races of the United States of America. Chicago: Griggs and Co., 1873. Resenha de: C. C. A. Prehistoric races of the United States. *The American Naturalist*, University of Chicago Press, vol. 7, n. 10, pp. 623-626, out 1873.

121 Vendo, no Museu da Filadélfia, fragmentos de pedra calcária ou tufa deste lugar [Santos, no Brasil] contendo um crânio humano com dentes e, na mesma matriz, ostras com serpulæ junto, eu concluí em um primeiro momento que todo o depósito fora formado abaixo das águas do mar, ou ao menos que fora submerso depois de sua origem, e depois emerso novamente; também concluí que houve um tempo desde que emergiu, para que crescesse nele uma floresta de grandes árvores. Mas depois de ler novamente, com mais cuidado, a memória original do Dr. Meigs, eu não posso duvidar que as conchas, como aquelas comestíveis, tão frequentemente acumuladas nos mounds dos índios norte-americanos não distantes do mar, podem ter sido trazidas ao lugar e amontoadas com outros materiais quando os corpos eram enterrados. Subsequentemente, o soterramento artificial, com suas conchas e esqueletos, podem ter sido unidos em uma pedra sólida pela infiltração de carbonato de cálcio [cal], e o mound pode então possuir uma antiguidade não maior do que aqueles aludidos acima em Ohio, os quais, como temos visto, têm, da mesma forma, sido expostos no curso das eras a violações e à destruidora ação dos rios. LYELL, Charles. The geological evidence of the *Antiquity of man* with remarks on theories of the origin of species by variation. Londres: John Murray, 1863. Tradução livre.

À luz das convenções e métodos da época, pouco se pôde deferir sobre estes enigmáticos sítios arqueológicos, a respeito do contexto de sua formação e sobre o modo de vida de que os antigos teriam levado. Por outro lado, ou mesmo por isso, os *kjoekkenmoedings* ou *shell mounds* figuraram como um capítulo à parte nas teorias gerais da arqueologia, suscitando à elaboração ou conformação destas teorias de forma a abarcar a especificidade destes sítios.

A partir dos pressupostos definidos por estes intelectuais, para quem os sítios concheiros representariam vestígios importantes para a compreensão de um passado pré-histórico, misterioso e esquecido, importou-se para o Brasil a ideia de que os concheiros seriam evidências arqueológicas significativas, dignas de serem estudadas e exploradas. A grande ocorrência de sítios conchíferos no Brasil, possibilitou o desenvolvimento de um campo de estudos arqueológicos, em franco diálogo com as pesquisas na Europa e América do Norte.

No Brasil, os poucos registros a respeito dos sambaquis sugerem alguns caminhos interpretativos desde os primeiros séculos da colonização. Para além da denominação Tupi, bastante descritiva – derivação de *taba* (concha) *ki* (monte) –,¹²² a menção documental aos sambaquis mais antiga provavelmente foi feita pelo padre jesuíta Fernão Cardim, ainda que não os tenha classificado como tal.

Os índios naturaes antigamente vinhão ao mar ás ostras, e tomavam tantas que deixavão *serras de cascas*, e os miolos levavão de moquém para comerem entre anno, sobre estas serras pelo decurso do tempo se fizerão grandes arvoredos muito espessos, e altos, e os portuguezes descobrirão algumas, e cada dia se vão achando outras de novo e destas cascas fazem cal, e de um só monte se fez parte do Collegio da Bahia, os paços do Governador, e outros muito edifícios e ainda não he exgotado.¹²³

122 Para os intelectuais que lidavam com os sambaquis no Brasil, traduzir este nome seria o primeiro passo para compreendê-lo, ainda que este nome tenha sido estabelecido a partir de suas próprias atividades científicas. Isto porque, especialmente no Brasil, acreditava-se em uma conexão entre os povos construtores de sambaquis e as populações de origem tupi remanescentes no século XIX. Conexão esta que os dados apresentados pelas pesquisas arqueológicas de meados do século XX refutariam. Voltaremos a este tema no Capítulo 3. A tradução que apresentamos aparece no trabalho de MaDu Gaspar (2004), entre outras produções recentes.

123 CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & Cia., 1925, p. 92. Grifo nosso.

Já no século XVIII, outra fortuita alusão foi feita pelo também religioso Frei Gaspar da Madre de Deus.

[...] Tanto he a antiguidade dessas *Ostreiras* (assim lhe chamaõ na Capitania de S. Paulo) que a humidade pelo decurso dos tempos veio a dissolver as conchas de algumas dellas, reduzindo-as a huma massa branda, a qual petrificando-se pouco a pouco com o calor, formou pedras taõ sólidas, que he necessario quebralas com marrões, ou alavancas, antes de as conduzirem para os fornos, ondem a resolvem em cal. [...]. Na maior parte dellas ainda se conservaõ inteiras as conchas e n'algumas achaõ-se machados (os dos Indios eraõ de seixo muito rijo) pedaços de panellas quebradas, e ossos de defuntos; pois que se algum Indio morria ao tempo da pescaria, servia de cemitério a *Ostreira*, na qual depositavaõ o cadaver e depois cobriaõ com conchas.¹²⁴

Tais referências tangenciam-se em, pelo menos, dois argumentos centrais. Em primeiro lugar, associam as ostreiras ao feito de indígenas do passado. Depois, porque atribuem a sua rusticidade à indolência indígena. A partir disso, podemos inferir que os sambaquis, em seu caráter antrópico, foram assim reconhecidos muito antes da arqueologia moderna conferir seus pareceres científicos. Outrossim, a estes montes eram vinculados o passado do território. Neles, Fernão Cardim e Gaspar da Madre de Deus puderam reconhecer as atividades, técnicas e hábitos de seus construtores – isto é, confecção de ferramentas, alimentação, sepultamentos –, em um passado indefinido que deixara estes montes como vestígios para a posteridade.

Existe também no texto de Madre de Deus um julgamento moral. Este testemunho contém um espanto. Como seria possível que aquelas pessoas não dessem um destino digno aos cadáveres de seus parentes? Quão imensa seria a insensibilidade de tais “indígenas” que, diante da morte de um dos seus, lançavam seu cadáver junto aos despojos de comida? – Por outro lado, deve-se destacar que o reconhecimento da (des)humanidade por trás da edificação das ostreiras faz destes depoimentos um ponto chave em nosso argumento: os sambaquis eram admitidos como vestígios de pessoas ancestrais naquele período.

A singularidade dos sambaquis é um fator que deve ser considerado. Afinal, aos olhos leigos, seria possível reconhecer sua monumental antiguidade sem explorá-lo em seus interiores? Não é fácil responder a esta questão. A fim de se conformar uma ideia, descrever sambaquis já não é tarefa simples.

Como sítio arqueológico, não está soterrado, ao contrário, ergue-se na paisagem em alguns casos, como os monumentais do litoral sul de Santa Catarina. Em outros, está recoberto

124 MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a história da Capitania de São Vicente*. Lisboa: Typografia da Academia, 1797, p. 20. Grifos originais.

pela floresta e confunde-se com o relevo local. Este é o caso dos sambaquis litorâneos e fluviais do Sudeste. Há ainda casos em que esteja submerso, pois foi edificado no período da última glaciação, na transição do Pleistoceno para o Holoceno. Pela variação climática e o degelo, o nível do mar avançou e recuou quilômetros, mais ou menos, dependendo do ponto da costa em que se localiza. Por último, pode ser confundido com bancos de mariscos, de formação natural. Por estas razões, as pesquisas hodiernas em arqueologia são mais parcimoniosas em relação a estabelecer teorias gerais e generalizantes relativas aos sítios concheiros que ocorrem no litoral brasileiro.

Possuindo formas variadas – desde montes de base ovalada até montes sem forma aparente, sua estrutura interna, todavia, é reconhecível para aquele a quem os sentidos da estratigrafia na arqueologia ou na geologia são conhecidos. Para um leigo, colono, religioso, por sua vez, era impossível decifrar esta estrutura, ficando apenas a (má) impressão dos artefatos, esqueletos humanos, ossos de caça enterrados sob a mistura rústica e eficiente dos diversos tipos de conchas misturadas a outros restos orgânicos, areia e terra.

É um limite de toda a pesquisa histórica, todavia, que não se possa alcançar do passado aquilo que não deixou rastros. Quão generalizado foi o reconhecimento do caráter antrópico dos sambaquis no período colonial? Carecemos de fontes que nos permitam responder a esta pergunta. Entretanto, sabemos que nem a moral cristã, nem o reconhecimento das ostras como vestígios do passado foram suficientes para impedir que inúmeros sítios fossem destruídos pela indústria caieira, como apontaram Cardim e Madre de Deus. Se não é fácil encontrar ou reconhecer um sítio sambaqueiro, mais simples é reconhecer seu destino. Estradas, casas e igrejas do período colonial contêm seus micro pedaços na cal e na argamassa – feita de areia, óleo de baleia e conchas – que unia as pedras destas construções.

Até o século XIX, podemos afirmar, a existência dos sambaquis era um fato conhecido, mas não era uma questão. Uma variedade de nomenclaturas e interpretações estavam assentadas no senso comum. Além de ostras ou concheiros, a documentação que reunimos para este trabalho, produzida por intelectuais no século XIX indica a ocorrência de denominações como *berbigueiros* ou *casqueiros*, no litoral paulista, *sambaquis* ou *sambagués* no litoral catarinense, *minas de sernambis* no Pará.



Figura 9 Sambaqui Figueirinha 2, Jaguaruna/SC. Acervo da autora.



Figura 10 Sondagem no entorno do Figueirinha 2. Acervo da autora.



Figura 12 Vista do sambaqui do Itapary ou Panaquatira, em São José de Ribamar, MA. Os moradores do entorno retiram a terra preta do sambaqui e vendem como adubo para jardinagem. Acervo da autora.



Figura 11 Trincheira no sambaqui do Itapary, em São José do Ribamar, MA. Os círculos destacam a cerâmica decorada que aflora no perfil. Acervo da autora.

2.2 OS SAMBAQUIS NASCEM PARA A CIÊNCIA BRASILEIRA

A grande guinada na compreensão dos sambaquis como fenômeno arqueológico, vestígio ancestral, fato científico, deu-se em meados do século XIX, entre intelectuais naturalistas viajantes,¹²⁵ que remodelaram a visão sobre estes sítios, ainda que não os tenham colocado nos debates centrais da arqueologia. No escopo das pesquisas sobre história e geografia do Brasil publicadas no Brasil pelas páginas da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, uma pré-história começou a despertar interesse tímido, a partir da publicação pioneira de Peter Lund, nos anos de 1840. Paralela à edificação de uma história nacional, tarefa do Instituto, e em sua esteira, esteve a conformação de uma pré-história para o Brasil. Neste instituto, arqueologia e etnografia se entrecruzaram, tencionando depreender o passado “pré-histórico” do Brasil a partir destas disciplinas. Aparentemente, entre os membros do Instituto, não havia grande distinção entre um crânio escavado do interior de um sambaqui e um índio vivo, contemporâneo. Mais precisamente, estudar ambos permitia que se chegasse às mesmas conclusões, pois se partia dos mesmos pressupostos. Indígenas eram fósseis vivos.¹²⁶

125 Não adotaremos aqui uma distinção entre o “naturalista” e o “cientista”, no sentido em que o primeiro represente um olhar “descritivista” ou ainda “pré-científico” sobre seus objetos. Esta periodização pode ser encontrada nos textos de BECK, Anamaria. O problema do conhecimento histórico dos sambaquis do litoral do Brasil. *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, ano VII, n. 7, pp. 27-66, dez 1974, PROUS (1992) e em ROBRAHN-GONZALEZ, Érika. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*, São Paulo, n.44, p. 10-31, dezembro/fevereiro 1999-2000. É relativizada por GASPARD (2004), que considera as grandes colaborações de arqueólogos chamados de “amadores”. Outros autores, como Marilda Nagamini e Shozo Motoyama, consideram a diversa gama de produção técnica e científica no Brasil do período colonial para defender a tese de que o Brasil possui tradição nas áreas de ciência e tecnologia (C&T). Cf. MOTOYAMA, Shozo (Org.). *Prelúdio para uma história: Ciência e Tecnologia no Brasil*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2004. Este olhar que evidencia continuidade na produção científica está também em LOPES (2009) e em autores como Arnaldo Momigliano, em uma perspectiva estrangeira. Cf. MOMIGLIANO, A. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004. Marta Amoroso, em uma terceira perspectiva, da antropologia simétrica, horizontaliza a abordagem sobre estes, no sentido que ambos produzem conhecimento sobre história natural. Cf. AMOROSO, Marta. Natureza e Sociedade. Disputas em torno do cultivo da paisagem em Itambacuri. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 24, n. 71, pp. 55-72, out 2009. Para Antropologia simétrica, ver: LATOUR, Bruno. *Ciência em Ação*. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000; e STENGERS, Isabelle. *A Invenção das Ciências Modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.

126 Dentre a vasta produção sobre a produção do IHGB no período imperial, selecionamos como referência: GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. D. João VI e a gênese do Império Brasileiro na obra de Varnhagen. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 99-108, jan/jun 2009; _____. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX. *Tempo*. DH/UFF, Nº18, jan-jun 2005; GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº1, 1988; FERREIRA, Lúcio M. *Vestígios de civilização: a Arqueologia no Brasil imperial (1838-1871)*. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2002.

O tom nativista das atividades promovidas pela elite reunida no IHGB dava pouco espaço a questões pertinentes a arqueologia, todavia. Nas páginas de sua revista trimestral, há total predominância de trabalhos de outras áreas, a despeito da criação de uma comissão de arqueologia em 1847, ainda nos primeiros anos de atividade da instituição, portanto. Pesava sobre o Instituto, o fato de ser uma das poucas instituições dedicadas à ciência no Brasil dos anos de 1840.¹²⁷ Seguindo a receita do naturalista bávaro Von Martius, em seu artigo *Como se deve escrever a história do Brasil* – vencedor do concurso homônimo promovido pelo Instituto em 1845,¹²⁸ em que o autor convocou os historiadores a se ocupar das três raças que comporiam a nação brasileira –, o IHGB foi destino certo das correspondências remetidas por pesquisadores dos diversos interiores do país. Não obstante, foi em seus arquivos que encontramos a mais antiga missiva relatando interesse científico pelos sambaquis do litoral do Brasil. Curioso é o fato de que a série de quatro cartas-relatórios enviadas (e respondidas) ao Instituto, não foi publicada nas páginas de sua revista.

Esta coleção de cartas é de autoria do grande entusiasta das artes, indústria e ciências, V. L. Baril: Comte de la Hure ou Conde de la Hure. Os poucos vestígios biográficos de De la Hure já indicam por si a curta, porém expressiva influência do conde na década em que esteve diretamente envolvido com a produção científica brasileira. Em 1862, publicou na França *L'Empire du Brésil*, uma espécie de tratado descritivo sobre a história e geografia do Brasil, "este império vasto e rico", e dedicado a Dom Pedro II.¹²⁹ Uma parte deste estudo, sobre a colonização do Brasil, já tinha sido oferecido ao IHGB em 1859.¹³⁰

Na descrição da costa, percebeu que havia uma enorme variedade de ostras que eram ainda usadas na alimentação, quase sempre entre as pessoas mais pobres. Possivelmente, foi por destes estudos gerais que De la Hure esteve, no início dos anos de 1860, no litoral norte da província de Santa Catarina, às margens do estreito [*détroit*] de São Francisco do Sul. Lá, examinou oito sambaquis [*conchyliosites*], considerou sua inserção no espaço, estratigrafia, materiais que os compõem, ossadas humanas e vestígios artefatuais neles contidos. As cartas enviadas ao IHGB entre 1864 e 1865, entre elas o ensaio de maior fôlego *Considérations*

127 BREVE notícia sobre a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo I, n.1, 1º trimestre 1839, p. 5-8.

128 VON MARTIUS, Karl F. P. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Rio de Janeiro: IHGB, 1991.

129 BARIL, V. L. *L'Empire du Brésil*, monographie complète de l'Empire sudaméricain. Paris: Ferdinand Sartorius, 1862, p. V.

130 IHGB. Appendice ao relatório de 1859. Obras, impressos, manuscritos, oferecidos ao INSTITUTO HISTÓRICO NO ANNO DE 1859. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol. XXII, 1859, p. 757.

sommaires sur l'Origine des amas de coquillages de la côte du Brésil, contém breves relatórios desta expedição.¹³¹

Custeada pelo próprio autor, esta empreitada consiste também na mais antiga escavação arqueológica neste tipo de sítio realizada no país. Diante disso, soa curioso o fato de não ter alcançado grande ressonância. Ainda que represente para a história da arqueologia brasileira um dos pontos de partida, os escritos De la Hure que permanecem no Brasil podem apenas ser consultados mediante solicitação de acesso às latas do IHGB, em sua língua original, o francês. Os pareceres desfavoráveis às solicitações de apoio do conde não foram publicados, senão o que respondeu a um relatório específico sobre uma cidade mítica, no ano de 1866.¹³²

O entusiasmo do conde, diletante na arqueologia, ia além das ciências, como evidenciam a série de correspondências enviadas a Machado de Assis, neste período, diretor do *Diário do Rio de Janeiro*. Entre os meses de outubro e dezembro de 1866, Conde de La Hure esteve responsável por cobrir a Exposição Nacional, ocorrida no Rio de Janeiro, nas instalações da futura Casa da Moeda (atual Arquivo Nacional). Suas descrições dos produtos e dos expositores são permeadas pelos comentários eruditos e confiantes do conde.¹³³

Embora estes relatos não estejam contextualizados entre a documentação relacionada à exploração arqueológica dos sambaquis do norte da província de Santa Catarina, a partir das palavras ali escritas é fácil compreender a filiação ideológica do autor, que se meteu por conta própria a escavar – e dar notícias destas atividades ao corpo intelectual reunido no IHGB – os sítios até então inexplorados pelo olhar especializado. Para ele, o conhecimento da arqueologia, da história e da ciência em geral, tinha um caráter pedagógico, essencial para o desenvolvimento de um país.

Em uma carta preliminar, De la Hure já expôs algumas considerações. Primeiramente, que os sambaquis eram, como os da Dinamarca – a referência ao estudo pioneiro dos sítios dinamarqueses é persistente, como uma forma de, a um tempo, referendar a pesquisa e legitimar-se no debate – resultados da ação humana. O indício a que o autor se ancorou para expor tal conclusão foi simples: o estágio de desenvolvimento das conchas, todas adultas, e sua procedência de distintos *habitats*. Depois, porque entre estas conchas se encontram ossos de

131 DE LA HURE, Conde. *Considérations sommaires sur l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca. 10 mar 1865. Lata 15, doc 9.

132 DE LA HURE, Conde. *A Messieurs les Membres de l'Institute*, 14 jun 1865, IHGB, lata 92, pasta 7; PINHEIRO, J. C. Fernandes. Parecer sobre a memória do Sr. conde de La Hure, relativa às inscrições achadas nas ruínas d'uma cidade incógnita, que se diz existente nos sertões da Bahia. *RIHGB*, Rio de Janeiro, v. 29, pp. 373-90, 1866.

133 ROUANET, Sergio (Coord.). *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo II, 1870-1889. Rio de Janeiro: ABL, 2009, p. 368.

peixes, animais terrestres e instrumentos de pedra "grosseiramente trabalhadas" [*grossièrement façonnés*], além de fragmentos cerâmicos e de carvão.¹³⁴ Com esta carta, De la Hure disponibilizou também, aos cuidados do IHGB e do Museu Nacional, uma remessa com amostras destes artefatos.

Em uma pequena nota, o geólogo alemão Carlos Rath registrou a existência dos sambaquis – os quais “á primeira vista qualquer homem de poucos conhecimentos percebe que foram feitos pela mão humana” – nas páginas da *RIHGB*. Trata-se do texto *Noticia Ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como seu interior antes do diluvio universal*.¹³⁵ Em tom de convocação aos intelectuais do Brasil, manifestou sua preocupação a respeito da conservação daquilo que nomeou *sambagués*, fenômeno que afirmou ter observado na costa norte da América do Sul, México e América do Norte. “A historia do Brasil não desconhece a existência dos sambagués, porém desconhece essa antiguidade e construção”. Ele mesmo teria publicado notas em jornais europeus e brasileiros, desde a década de 1840.¹³⁶

Richard Francis Burton, outro eminente naturalista, em passagem pelo Brasil, relatou a existência dos *shell mounds* no litoral paulista, embora não os tenha escavado. Para o inglês, cujos interesses científicos centravam-se em história natural,¹³⁷ era custoso presenciar a ignorância ou negligência com que os sambaquis, enquanto fenômeno arqueológico, eram tratados.

De sua estada nas paragens do litoral paulista, em meados dos anos de 1860, uma primeira nota foi publicada na revista da *Anthropological Society of London*. Em pouco mais de uma página, Burton noticiou o estado dos sambaquis paulistas, especialmente da Baía de Santos, e publicou curiosas inferências sobre os sambaquis, relacionando-os aos hábitos de tribos indígenas do litoral que o autor provável e confusamente reuniu a partir de etnografias diversas. Segundo seu relato,

The Goyana Indians were a domesticated tribe, they only enslaved instead of killing and eating their prisoners, and they were kind to the whites – thus Martius Affonse de Sousa found easy to colonise their lands. [...] They have no plantations nor villages like the Tameyo; their dwelling-places were caves or holes in the ground, [...].

134 DE LA HURE. *Dona Francisca*, 16 Août 1864. IHGB, lata 341, Pasta 7.

135 RATH, Carlos. *Noticia Ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior antes do dilúvio universal*. *Revista trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, tomo XXXIV, pp. 287-292, 1871, p. 287.

136 Cf. RATH, 1871, pp. 289; 291.

137 Cf. FERREIRA, Lúcio M.; NOELLI, F. Richard Francis Burton, os sambaquis e a Arqueologia no Brasil Imperial (Com tradução de textos de Burton). *Revista do Museu de Arqueologia e Etimologia*, v. 17, p. 149-168, 2007. SILVA, Wilton C. L. *As Terras Inventadas: Discurso e Natureza em Jean de Lery, André João Antonil e Richard Burton*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

*These “Negroes”, as the people still call them, disappeared from the vicinity of Santos Bay shortly after 1532, when the Portuguese founded S. Vicente. It was their custom to accompany the wild beasts in their annual migrations from the highlands of the interior during the so-called winter – May to September – and vice-versa. On the sea-board, they seemed to live chiefly upon oysters and other shell-fish. They must have had certain camping grounds, generally amongst the mangroves, where crabs and different kinds of crustacean are common. They heaped up the empty shells in huge mounds, and in them buried their dead. The mounds are often apparently double, and separated by a small stream of fresh water, as if each subtribe or family had its own peculiar plan.*¹³⁸

Em 1873, no periódico britânico *Anthropologia*, publicou um artigo em que o autor afirmou: “o ignorante [senhor João, seu guia em Santos/SP] não consegue acreditar que esses montes resultaram de trabalho manual do homem, atribuindo-o ao dilúvio de Noé, ou a algum outro suposto distúrbio. Homens instruídos têm igualmente defendido esse absurdo em publicações”.¹³⁹

Faz-se necessário compreender o contexto das proposições de Richard Burton, isto é, situá-las no cenário controverso do Brasil – e no mundo – em relação ao tratamento dado às chamadas “antiguidades”.¹⁴⁰ Dentro do Museu Nacional, por exemplo, era volumoso o trânsito de artigos deste gênero.¹⁴¹ Porém, o valor destas antiguidades, como apontam diversos autores, não era exatamente um valor científico. Isto é, a coleção de antiguidades estava mais relacionada a uma ideia de poder, a partir da posse destas relíquias, que a uma tentativa de compreender o passado por meio delas. Outrossim, um artefato antigo era considerado uma antiguidade de valor, por sua preciosidade e raridade. Colecionava-se, assim, joias, coroas, armas e indumentárias obtidas a partir de escavações e tantas vezes adquiridas sem registro.¹⁴²

138 Os índios Goyana foram uma tribo domesticada, só escravizavam em vez de matar e comer seus prisioneiros, e eram dóceis com os brancos, então Martim Afonso de Sousa achou fácil colonizar suas terras. [...] Eles não tinham plantações ou cidades como os Tamoio; suas habitações eram cavernas ou buracos no chão, [...]. Estes "Negros", com as pessoas ainda os chamam, desapareceram da vizinhança da Baía de Santos pouco após 1532, quando o Português fundou São Vicente. Era seu costume acompanhar as bestas selvagens em suas migrações anuais das terras altas do interior, durante o assim chamado inverno - maio a setembro - e vice-versa. No litoral, eles pareceram viver principalmente sobre ostras entre os manguezais, onde caranguejos e diferentes tipos de crustáceos são comuns. Eles amontoavam as conchas vazias em enormes montes, e neles enterravam seus mortos. Os montes são com frequência, aparentemente duplos, e separados por um pequeno fluxo de água como se cada subtribo ou família tivesse seu próprio estranho terreno. Tradução livre. BURTON, Richard Francis. On a kjokkenmodding of Santos, Brazil. *Journal of the Anthropological Society of London*, Londres, vol. 4, pp. cxiii-cxciv, 1866, pp. cxiii-iv.

139 BURTON, Richard Francis. Notes on the kitchen-midden of Sao Paulo, Brazil, and the footprints of St. Thomas, alias Zomé. Apud FERREIRA; NOELLI, 2007, p. 162-168. Tradução dos autores.

140 Cf. MOMIGLIANO, 2004.

141 Nossa pesquisa na SEMEAR (Seção de Memória e arquivo do Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), focada nas décadas entre 1840-1890, levantou uma série de mais de setenta páginas de documentos, entre contratos profissionais, aquisição de peças e missivas. Entre elas, destaque-se um documento probatório da aquisição de fósseis cipriotas vindos do Metropolitan Museum of Art de Nova York.

142 Em sua dissertação de mestrado, Lucio Ferreira conceitualiza como nobiliárquica a prática arqueológica

Por outro lado, a aquisição de artefatos associados à antiguidade egípcia e greco-latina, como estátuas, joias, ornamentos e múmias, refletiam a preocupação dos Estado-Nações modernos em se legitimarem enquanto herdeiros destas civilizações, celebradas como “originais”. Ainda hoje, a epopeia das nações modernas é narrada por grandes museus no mundo, que guardam esta interpretação, musealizando por gerações sucessivas a perspectiva moderna da história ocidental.¹⁴³

No contexto de celebração de determinadas porções de passado, seja para fins científicos ou para fins colecionistas – ambos explorados pelos museus – onde se enquadrariam os sambaquis, uma vez que não representam nem o passado grandioso de uma civilização e tampouco oferecem artigos de preciosa raridade, de materiais nobres ou mesmo de técnicas refinadas? A rusticidade dos sambaquis, mais que a incompreensão de seu valor (pré-) histórico, pode servir para explicar a marginalidade destes sítios dentro dos grandes debates da arqueologia.

Justiça seja feita, ainda que os sambaquis brasileiros não tenham alcançado o reconhecimento no senso comum como elementos-chave para a compreensão da ocupação do litoral brasileiro e que esta percepção também rondava os debates acadêmicos – como mencionou Burton e, décadas depois, Benedito Calixto –;¹⁴⁴ entre determinados círculos científicos, os sambaquis tornaram-se centro do debate. As fontes centrais desta pesquisa provêm justamente deste último grupo.

cujos esforços são direcionados à busca de um passado grandioso, nobre, refletido em monumentos abandonados e tesouros soterrados. Cf. FERREIRA, 2002. Margarita Díaz-Andreu traça um interessante panorama da arqueologia em seu período formativo na Europa, apontando a relação promíscua entre os Museus e o colonialismo. DÍAZ-ANDREU, Margarita. *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

143 Uma interessante crítica sobre os projetos expográficos de museus na atualidade está em ECO, Umberto. Viagem pela hiper-realidade. In: _____. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

144 CALIXTO, Benedito. Algumas notas e informações sobre a situação dos sambaquis de Itanhaen e de Santos. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol VI, p. 490-518, 1904. Benedicto Calixto (1853-1927), historiador e artista autodidata paulista.

2.3 DO CAMPO AO MUSEU

O Segundo Reinado no Brasil, sob a égide de Dom Pedro II, o “monarca esclarecido”,¹⁴⁵ foi período especialmente frutífero para as atividades científicas no país.¹⁴⁶ A presença do rei em eventos científicos, seu estímulo às artes, ciências e letras foram descritos em textos como este de Abílio Marques, de 1880, compartilhando o volume da *Revista brasileira* com ninguém menos que Machado de Assis:

Refere ainda o comunicado, feito sem duvida pelo próprio Dr. Rath, que o Imperador foi pessoalmente vêr e examinar as ossadas, que o referido Dr. possuia, “desse povo antediluviano, espalhadas no littoral daquellas províncias”.

“Duvidando o Imperador da antiguidade, sem vêr as camadas de alluviões acima dos montes de ostras que incuiam estas ossadas, com todas as armas e utensílios que o extinto povo possuira, mostrou desejos de vel-os no estado natural, para julgar por si”.¹⁴⁷

Para além do IHGB, outras instituições de ciência surgiram no período, por exemplo, o Museu Nacional (MN, reformulado a partir do antigo Museu Real, inaugurado por Dom João VI em decreto de 1818)¹⁴⁸ e o Museu Paraense, mais tarde nomeado de Museu Paraense Emílio Goeldi, em homenagem ao botânico suíço homônimo que, em 1884, veio ao Brasil a convite de Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional.

A despeito dos importantes antecedentes, é inegável que o *boom* da arqueologia, por assim dizer, científica, se deu nos anos de 1870. Especificamente, em se tratando dos

145 O próprio imperador, em seu diário, registrou com uma breve nota sua passagem pela província de São Paulo em setembro de 1876, quando acompanhou a retirada de um esqueleto de um sambaqui de São Vicente. O episódio é também narrado em Prous (1992) e em Gaspar (2004). Patrono das ciências e das letras, “protetor” do IHGB, as biografias de Dom Pedro II evidenciam seu interesse pelo conhecimento científico. “A ciência sou eu” é uma de suas frases que retumbaram no Instituto, Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008, p. 125. Em sua grande viagem do ano de 1876, o *New York Herald* registrou a seguinte frase, proferida pelo imperador: “Sou um defensor da verdade e quanto mais eu leio, mas me convenço de que a verdade é uma só, e que todas as ciências convergem para este ponto – o da verdade”. Apud BARMAN, Roderick J. *Imperador cidadão*. Trad. Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Unesp, 2010, p. 393. No Arquivo Histórico do IHGB, gaveta “Diplomas de Dom Pedro II”, contabilizamos mais de cento e trinta diplomas, de universidades e instituições diversas, entre elas, de ciências e artes, que lhe conferiam títulos acadêmicos ou de associação honorífica.

146 Cf. MOTOYAMA, 2004.

147 MARQUES, 1880, p. 55.

148 “Querendo propagar os conhecimentos e estudos das sciencias naturaes no Reino do Brazil, que encerra em simillares de objectos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em beneficio do commercio, da industria e das artes, que muito desejo favorecer, como grandes mananciaes de riqueza: Hei por bem que nesta Côrte se estabeleça um Museu Real” Trecho do decreto de 6 de junho de 1818, que funda o Museu Real no Campo de Sant’ Anna. SEMEAR, MN/UFRJ.

sambaquis, quando o naturalista Ladislau Netto assumiu a direção do Museu Nacional em 1874.¹⁴⁹ Esta instituição, a mais antiga entidade destinada às ciências do país, passou a assumir um importante papel na produção científica brasileira na década de 1870, intermediando as relações acadêmicas do Brasil com outros países, e gerenciando o trânsito de importantes intelectuais como Charles Wiener e Charles Hartt.¹⁵⁰

Os trabalhos passaram a ser publicados nas páginas da revista *Archivos do Museu Nacional*, uma fonte central de informações para esta pesquisa. Publicada com certa regularidade, a arqueologia – especialmente dos sambaquis – teve destaque nos primeiros volumes da revista. Dentre os dez primeiros volumes (1876-1899), cinco traziam um ou mais artigos sobre sambaquis. Admitindo-se a exclusividade dessa revista no cenário científico brasileiro, pode-se considerar as últimas décadas do século XIX, se não a gênese do interesse científico sobre os sambaquis, seu período áureo.

Já no primeiro volume da revista, em 1876, encontramos importantes teses do professor Wiener, a respeito dos sambaquis de Santa Catarina. A relevância do suporte institucional que o Museu Nacional representou para a arqueologia brasileira, a partir da gestão de Ladislau Netto, fica evidente. Ainda que, via de regra naquela centúria, as pesquisas arqueológicas e de áreas afins fossem sustentadas por seus protagonistas ou por mecenas, os exemplos frustrados de Peter Lund e Conde de la Hure demonstram que o calcanhar de Aquiles da arqueologia amadora era o financiamento destas atividades. Profissionais vinculados a instituições, por outro lado, poderiam ousar planos de pesquisa mais longevos e de maior impacto, pela veiculação de seus resultados em suas revistas.

Charles Wiener examinou alguns sambaquis do litoral norte de Santa Catarina, distante alguns quilômetros da região explorada por De la Hure, a quem faz uma breve referência. Outra alusão importante em seu trabalho é sobre o relatório de Rath, nos sambaquis de São Paulo.¹⁵¹

149 Cf. MUSEU NACIONAL. Os diretores do Museu Nacional/ UFRJ. Rio de Janeiro: MN/UFRJ, 2007-8.

Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf. Acesso em 15 jul 2015.

150 Cf. Carta de 27 de Outubro e Viener, encarregado de uma Missão na America Meridional ao Director do Museu Nacional. Agradecendo a este, ao partir E.Sta. Catharina, a missão que lhe confiam os estudos os Sambaquis Déssa provincia e o bom acolhimento que recebeu do Museu. MN, Pasta 14, Documento 61, DCMNO(0)3, 0396, DR. CO. AO 1761, 27 out 1875; Contracto firmado em 2 de Março, entre o Ministro da Agricultura C. e Obras Publicas e o Professor Charles Frederic Hartt E. que este se obrigue, pelo praso de 3 annos, a cumprir todos os deveres e obrigações que no Reg. approved pelo Decreto nº 6116 de 9 de fevereiro ultimo, [ilegível] o Director do Museu Nacional da Secção de Sciencias Phisicas Mineralogicas, geologicas e paleontologia geral. Pasta 15, Documento 19, 0210311876, CDMNO3, 0434-0435, DR. CO. AO 1785, 1876.

151 RATH, Carlos. Notícia Ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, em como o seu interior antes do dilúviu universal. *Revista trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, tomo XXXIV, pp. 287-292, 1871.

Apesar destas referências, o autor afirma que partia a campo apenas com uma prenoção do que o esperaria. Segundo ele, os sambaquis

foram já indicados á curiosidade dos viajantes, mas aquelles cuja palavra tem maior peso e cujas obras exercem mais influencia no espirito publico confináram em notas demasiado resumidas este assumpto certamente digno de mais pacientes e longos estudos.

Saint-Hilaire, Burton e Agassiz mencionaram-nos, e ainda que não tenham escavado aquellas collinas de conchas, adivinharam-lhes contudo a importancia, graças a intuição que caracteriza o homem de sciencia.¹⁵²

Apesar das copiosas e antigas referências à antiguidade e pertinência dos sambaquis aos estudos científicos, foi a partir desta publicação de Wiener, em que apresentou resultados baseados em evidências concretas, que estes sítios se tornaram uma das principais pautas da arqueologia brasileira. Curiosamente, não foi a antiguidade dos sambaquis que impressionou o arqueólogo, que lhes atribuiu uma idade não maior que trezentos anos. Wiener explicou que o estado de decomposição das conchas poderia ocorrer de forma muito acelerada. Outrossim, os hábitos cujos vestígios eram observados no interior dos sambaquis seriam muito semelhantes aos grupos indígenas contemporâneos a Wiener, por exemplo, acender fogueiras noturnas.

Não tinha dúvidas, por outro lado, de que os sambaquis eram vestígios da atividade humana, construídos por populações que sucessivamente ocuparam a costa. Lá teriam vivido e sepultado seus mortos, bem perto das redes onde dormiam (o detalhe da rede fora obviamente outro palpite baseado em dado etnográfico omitido de seu texto).

A partir destas pormenorizadas observações, concluiu, desafiando não apenas um senso comum, mas o olhar científico sobre os sítios:

A opinião popular sobre a origem dos sambaquis [...] assignala-lhes uma idade que remonta além do diluvio.

Não insistindo sobre a extravagancia desta hypothese, não justificada por facto algum, e que os *missionarios perpetuaram* entre o povo, referimos a opinião de alguns homens da sciencia, segundo a qual devem-se considerar os sambaquis do Brazil, [*assim como os da Dinamarca*] devendo-lhes dar ao mesmo tempo uma origem artificial e fortuita.¹⁵³

Seguindo este raciocínio, comunicou sua teoria da "triplice origem dos sambaquis". Segundo esta tese, há sambaquis "naturais", há os "artificiais e fortuitos" e um terceiro tipo,

152 WIENER, 1876, p. 3.

153 WIENER, 1876, p. 15. Grifos nossos.

"obra da paciência do homem, que, durante um largo espaço de tempo, tinha em vista um fim definido, isto é, sambaquis artificiaes, verdadeiros monumentos arqueológicos.¹⁵⁴

Ousada e perspicaz, a tese Wiener matou dois coelhos com uma paulada: posicionou-se a partir de uma perspectiva brasileira a respeito da origem destes sítios, cuja tendência era de serem imediata e analogamente remetidos aos da Dinamarca, além de ter explicitado as diferenças entre a formação de um concheiro natural e um artificial.

Adicionalmente, ao afirmar a monumentalidade dos sítios, este autor atribuiu um importante aspecto simbólico, para além de seu caráter modesto. Seguindo uma inclinação também expressa por Perthes, para quem o tesouro da aqueologia está não em joias e tesouros, mas na informação que se pode obter a partir do mais rústico dos artefatos, Wiener propôs um olhar simétrico entre os sambaquis e quaisquer outros monumentos: "O humilde sambaqui tem para a sciencia universal a mesma importância que a magestosa pyramide do Egypto ou do Mexico", sustentou, encerrando o ensaio mais elaborado sobre a origem, destino e constituição de um sítio sambaquieiro jamais realizado até então.

Ainda no primeiro volume, Domingos Soares Ferreira Penna, mineiro, naturalista viajante do Museu Nacional e fundador do Museu Paraense na década de 1860,¹⁵⁵ publicou intrigante nota sobre os sambaquis do Pará, estabelecendo frutífero diálogo com as conclusões formuladas por Wiener sobre os sambaquis do Sul.

Partindo de Salinas, onde já não pode encontrar nenhum dos sambaquis indicados por seus informantes, constatou que todos as *minas* informadas já estavam extintas devido à exploração da indústria caieira do norte do país. Apesar de Penna usar o nome *sambaqui*, observa que

No Pará, dá-se geralmente aos Sambaquis o nome de *Mina de Sernamby*. Nunca ouvi chamar *Casqueiros* muito menos *Ostreiras*, nomes que certamente serão inapplicaveis aos Sambaquis desta provincia nos quaes nunca encontrei conchas de ostras senão em sua superfície muito raras vezes, podendo-se afirmar que ellas foram para ali levadas por alguns carregadores de Sernamby.¹⁵⁶

154 Ibidem.

155 Cf. CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. Talento e atitude: Estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi. vol 1. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989, pp. 20-21. Ver também SANJAD, Nelson. Ciência de potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, vol 19, n.1, jan-jun 2011.

156 PENNA, Domingos S. Ferreira. Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol. 1, pp. 85-99, 1876, p. 87. Grifos originaes.

Descendo o rio Pirabas, encontrou algumas das minas, sobre as quais forneceu uma ligeira descrição sobre a localização, o proprietário e o estado de conservação. Terminou o artigo como o fez Wiener, enfatizando uma postura científica, em oposição à “opinião popular”.

Estes pormenores podem parecer superfluos á maior parte dos homens, ainda aos mais doutos que não estiverem familiarizados com os costumes e condições dos habitantes e com as disposições físicas dos lugares tão pouco povoados; parecerão mesmo triviaes e enfadonhos áquelles que só tem viajado de cidade em cidade, á bordo de vapores, com todas as comodidades e boa companhia. Nunca, porém, serão demais para os homens científicos que a nobre ambição do saber obriga tantas vezes a longas e penosas viagens.¹⁵⁷

Além dos dois artigos, que tratavam diretamente dos sambaquis, outros dois artigos tangenciavam a questão. O de Lacerda Filho e de Rodrigues Peixoto, importantes colaboradores da *Archivos*, tratou das *raças indígenas do Brasil*. Carlos [Charles] Hartt, por sua vez, analisou tangas marajoara da coleção do Museu Nacional.¹⁵⁸ A importância destes estudos periféricos aos sambaquis nesta análise é de que eles auxiliaram na composição de um panorama da visão destes autores sobre os povos indígenas, por um lado, e por outro, sobre a pré-história brasileira. Compõem também este cenário, as publicações de Orville Derby, aluno de Hartt e outros trabalhos de Penna publicados na revista.

Em 1884, a revista do IHGB publicou pequena nota do intelectual Karl Von Koseritz sobre os sambaquis da Conceição do Arroio, no litoral sul, a partir de dados enviados por terceiros. Koseritz relatou a ocorrência de uma série de ostras, comparando com os enormes sambaquis do norte da província de Santa Catarina e com os *kjoekkenmoedings*. Seu parecer foi tímido, se comparado aos textos contemporâneos, por não ter dados mais precisos ou descrição de escavação. Não por isso o autor deixou de posicionar-se:

Trata-se no caso de uma série de ostras, que hesito em denominar sambaquis, porque são pequenos, tendo pouco altura e cobrindo área de 5 a 10 metros em quadro, ao passo que aquillo que vulgarmente denominamos sambaquis são altas collinas.

Em compensação parecem-se as ostras da Conceição extraordinariamente com os *Kjokkemoddings* da Dinamarca.¹⁵⁹

157 PENNA, 1876, p. 99.

158 LACERDA FILHO, PEIXOTO, Rodrigues. Contribuições para o estudo das raças indígenas do Brasil. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 1, pp. 47-75, 1876; HARTT, Carlos. Nota sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indígenas da ilha de Marajó. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 1, pp. 21-26, 1876.

159 VON KOSERITZ, Karl. Sambaquis da Conceição do Arroio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol. XLVII, parte I, pp. 179-182, 1884, p. 179-80.

No curto espaço gráfico, Koseritz apontou a variação da faixa litorânea, comparou artefatos líticos “achados” nos sambaquis com os de tribos do interior. Concluiu que, pela semelhança com os do Paraná, tivessem sido construídos por um mesmo povo que migrara em direção ao sul. Identificou presença de cerâmica da simples a ornamentada, mas também pérolas de vidro e uma peça de cobre. Todas essas informações foram emitidas por Koseritz sem análise mais profunda. Todavia, chama atenção em seu texto a idade atribuída aos sambaquis: seis mil anos, em virtude do material encontrado e de um crânio fossilizado: “é da grossura de 1 ¼ centímetro, como todos os craneos, que têm sido achados em sambaquis, e é fóssil, porque pega na língua”.¹⁶⁰ A confirmação da idade dos sítios, no entanto, só seria possível a partir de uma amostra de conchas.

A nota termina otimista, reafirmando a importância dessa sorte de estudos: “É provável, que os trabalhos da estrada de ferro D. Pedro I ponhão a descoberto muitos sambaquis, enriquecendo por essa fôrma a sciencia com dados novos sobre o homem pre-historico do Brazil”.¹⁶¹

João Batista de Lacerda merece destacado lugar entre estes nomes. É deste autor o principal ensaio antropológico acerca dos sambaquis – e um dos poucos estudos gerais até hoje –, *O homem dos sambaquis*, publicado no sexto volume da *Archivos*, em 1885.¹⁶² A tentativa do autor em demonstrar uma humanidade por trás dos sítios concheiros, faz deste artigo mais que considerações sumárias sobre a arqueologia em sambaquis ou sobre a mera demonstração de sua existência artefactual.

Neste brilhante e derradeiro volume da *Archivos* sobre arqueologia – o próximo volume a tratar a questão, ainda que desde uma perspectiva geral, seria publicado apenas em 1921 –¹⁶³ há também a publicação póstuma de trabalho de grande fôlego do professor Charles Hartt, terminado e organizado por Derby.¹⁶⁴ A experiência de Hartt na Amazônia se iniciou no começo

160 VON KOSERITZ, 1884, p. 181.

161 VON KOSERITZ, 1884, p. 182.

162 LACERDA, João Batista de. O homem dos sambaquis. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol.6, pp. 175-202, 1885.

163 Em 1909, Ricardo Krone publicou estudos sobre cavernas no Vale do Ribeira em São Paulo. Ainda que seu objetivo central fosse o estudo paleozoológico, Krone encontrou vestígios de presença humana em tais cavernas, como artefatos, ossadas e carvão. Estes achados eram vendidos e muitos compõem o acervo do Museu Paulista. Cf. KRONE, Ricardo. Estudo sobre as cavernas do Valle do Ribeira. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 15, pp. 139-166, 1909. Ver também: GROLA, Diego Amorim. *Coleções de História Natural no Museu Paulista*, (1894-1916). Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Alguns autores da historiografia que trabalhamos – notadamente Prous (1992) – defendem que grande parte da guinada nos temas da *Archivos* deu-se por uma rivalidade política. Às portas do golpe republicano, o recém-criado Museu Paulista passou a centralizar a produção científica na área de arqueologia. Embora o período republicano estivesse a priori fora do recorte desta dissertação, tencionamos desenvolver melhor esta questão à guisa de considerações finais.

164 HARTT, Carlos. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, Rio

da década de 1870, quando se ocupou de examinar a geografia e geologia da região, artefatos de cerâmica, ornamentos, mitologia, entre outros estudos que lhe renderam diversas publicações na *Archivos*, na *Revista da Exposição Anthropologica Brasileira*, e outras nos Estados Unidos, onde suas teses em etnologia brasileira tiveram considerável repercussão.¹⁶⁵

A particularidade dos sítios sambaqueiros do norte do país, que são desde grande antiguidade associados a cerâmica, conduziu Hartt, já em 1871, quando em sua primeira expedição, a atribuir-lhe caráter antrópico, ou artificial.¹⁶⁶ Contudo, em seu texto de 1885, trouxe outros problemas sobre a adoção do termo *sambaqui*, então consolidado no meio científico. Hartt adotou a palavra *kitchen midden*, e seu texto traz a seguinte nota de edição:

[*kitchen midden*]Palavra inglesa, significando uma acumulação de refugio de cosinha. Si esta palavra não fosse de tão difficil assimilação seria conveniente adoptal-a na lingua portugueza que não tem equivalente exacto. A palavra *Sambaqui*, empregada no titulo deste capitulo, é defeituosa, porque não envolve necessariamente a idéa da acção humana, sendo applicada a qualquer accumulacão de conchas, quer formada natural, quer artificialmente.¹⁶⁷

Este relatório de Hartt esclarece que o caráter arqueológico dos sambaquis era reconhecido entre cientistas. Para além de mero nominalismo, as questões em torno do estabelecimento do conceito *sambaqui* geraram grande confusão para historiadores, arqueólogos e leitores dos séculos posteriores. O problema é que o uso da palavra *sambaqui*, que se consolidava neste meio para designar sítios conchíferos, qualificava

de Janeiro, vol. 6, pp. 1- 174, 1885. Charles Hartt faleceu precocemente, aos trinta e oito anos, vítima de febre amarela, em meio à crise que levou à queda do gabinete Rio Branco, à ascensão liberal e à interrupção das atividades da Comissão Geológica do Brasil. Cf. FREITAS, Marcos Vinícius de. *Charles Frederick Hartt*, um naturalista no Império de Pedro II. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

165 KERN, Daniela. Tirando o pó das Brazilian Antiquities: Charles Frederick Hartt relido por Anna Rosevelt, *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas/SP, n. 16, pp. 29-55, jul-dez 2011.

166 A curiosa associação de cerâmica em sambaquis do litoral maranhense é explorada na tese Arkley Bandeira. BANDEIRA, Arkley Marques. *Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luis – MA*: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Classificada como fase Mina, a cerâmica nos sambaquis da costa do Pará e Maranhão serviu de base para a teorização sobre uma tradição cerâmica com datações bastante recuadas, 5000 a 3000 AP. Cf. SIMÕES, M. F. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). Nota Preliminar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia, Belém, n. 78, p. 1-26, mar. 1981. Este tipo de associação nos sambaquis do sudeste e sul do Brasil ocorre muito raramente, apenas em camadas estratigráficas mais recentes, indicando ausência de contato entre as populações sambaqueiras e ceramistas. Para aqueles versados nas bases arqueológicas do século XIX, como Hartt, a presença de cerâmica nos sambaquis, para além de um óbvio vetor de ação humana, representaria também um estágio evolutivo mais avançado que a dos caçadores-coletores, porque está associada a práticas agrícolas e à sedentarização. HARTT, 1885, p. 9.

167 HARTT, 1885, p.2.

indiscriminadamente sítios arqueológicos e concheiros naturais, como bancos de mariscos e outros.

Na década seguinte, as instituições paulistas, vinculadas à República que se constituía, ganharam vulto. Na esteira destes acontecimentos, em 1893 foi publicado o primeiro artigo com informações pormenorizadas sobre os sambaquis da província de São Paulo. De autoria do botânico sueco Alberto Loefgren, o trabalho apresentado à Comissão Geográfica e Geológica do estado trouxe mapeamentos dos sítios do litoral paulista, os quais Loefgren mapeou e setorizou em quatro regiões, de acordo com características geográficas e arqueológicas. Mais que um trabalho de mapeamento, Loefgren lançou bases para conformar sua própria teoria a respeito da formação dos sambaquis.

Sobre sua passagem na Ilha do Casqueiro, relatou:

Ouvindo este nome pela primeira vez, perguntámos ainda: “Sambaqui? Que vem a ser”?

“São uns montes de cascas de ostras e outras conchas, também denominadas ostreiras ou casqueiras; uns pensam que foram formados pelos bugres e outros crêem que se originam do dilúvio ou da acção do mar, sei lá”, concluiu o nosso companheiro.

E eis em resumo o que até agora se conhece e o que se póde saber sem os ter visto e explorado pessoalmente, por mesmo que tradições quase que não as há, e os moradores da costa jamais cogitaram d’elles.¹⁶⁸

“Sei lá” foi a deixa para que o autor percebesse que estava diante de um dos principais problemas da arqueologia do período. Depois de um primeiro contato, no ano de 1875, foi somente em 1884 que Loefgren e Derby, acompanhado do ilustre colecionador Joaquim Sertorio,¹⁶⁹ voltou aos sambaquis, com o intento de

reunir a maior copia de dados que contribuíssem par esclarecer a origem e a formação desses monumentos archeologicos e, si possível, derramar alguma luz sobre as mysteriosas trevas que ainda envolvem a prehistoria deste paiz, tão interessante e de tamanha importância para a sciencia.¹⁷⁰

Por trás da misteriosa monumentalidade arqueológica, Loefgren reconhecia que os sambaquis não seriam “[...] outra coisa mais do que aglomerações de ostras e conchas de envolta

168 LOEFGREN, Albert. Os Sambaquis de São Paulo. *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo*, n. 9, p. 1-54, 1893.

169 A coleção do coronel Joaquim Sertório compôs o Museu Sertório, posteriormente, incorporado ao Museu Paulista. A coleção era composta por uma ampla gama de artefatos de diferentes períodos. Cf. FERREIRA, 2010, p. 130.

170 LOEFGREN, 1893, p. 14.

com outros restos das refeições e estes montes effectivamente formados pelos resíduos das habitações e alli deixados pelos habitantes daquelas paragens”.¹⁷¹

Muito tempo antes eram taes “kjoekkenmoeddings” conhecidos; mas tidos em conta de túmulos e como taes respeitados. Mais tarde é que a sciencia suspeitando a sua verdadeira origem, começou a exploral-os, reconhecendo logo que não se havia enganado.¹⁷²

Preocupado em traçar um histórico sobre as pesquisas nestes sítios, Loefgren percebeu que este foi um tema esparsamente tratado pela literatura colonial. Encontrou os relatos de padres como Fernão Cardim e José de Anchieta, que testemunharam o arrasamento dos sítios com a expansão das vilas urbanas brasileiras, acompanhada pelo crescimento também da presença jesuíta na região. Estes documentos denunciavam a exploração dos sítios desde no século XVI. Ainda que os textos tratem dos concheiros mais por um viés econômico que científico, Loefgren aproveitou a informação de que, já naquela época os sambaquis eram recobertos pela mata local, dado que lhe forneceu uma pista sobre a idade dos sítios: Seriam anteriores à colonização.

O número de sambaquis relatados e estudados era muito menor do que os existentes. Muitos sítios eram desconhecidos pelos pesquisadores e outros tantos já estavam completamente consumidos ou extintos no final do século XIX. A partir dos arquivos da indústria e comércio de cal pode-se encontrar registros mais precisos sobre a exploração e sobre sítios que não resistiram a atividade econômica do período colonial.

A partir destas visões, tentaremos estabelecer no próximo capítulo um panorama generalizado sobre a compreensão da ciência do século XIX em torno dos sambaquis, seus construtores e sobre o passado pré-histórico do Brasil que ali começava a ser delineado pela perspectiva científica. O objetivo não é homogeneizar os pontos de vista dos autores pesquisados, mas demonstrar que, ao contrário do que se evidencia na historiografia da arqueologia, os debates sobre os sambaquis estavam longe de orbitar em torno da questão de sua naturalidade ou artificialidade. Ao contrário, promoviam uma série de debates que tinham como ponto central responder questões sobre o tempo e a(s) humanidade(s) em questão. O estudo dos sambaquis em particular, e os estudos arqueológicos em geral, promoveram a conformação da alteridade entre o presente e o passado, mas, especialmente, entre o antigo e o moderno, entre o civilizado e o bárbaro.

171 LOEFGREN, 1893, p. 15.

172 LOEFGREN, 1893, p. 15.

Capítulo 3

UMA QUESTÃO QUASI INTEIRAMENTE NOVA PARA A SCIENCIA: TEORIAS E TÉCNICAS DE UMA ARQUEOLOGIA A PARTIR DE SAMBAQUIS

Era-me preciso examinar muitos casqueiros em diversos lugares e tempos para poder conhecer bem toda a construcção e idade d'estas sepulturas primitivas [...]. Com estas provas, póde-se garantir, sem medo de errar, que o gênero humano existia por todo o mundo e mormente no Brasil, onde numeroso povo habitou antes do grande diluvio chamado na geologia de *Myocene* ou *geral inundação*.

Carlos Rath, 1871.¹⁷³

3.1 O HOMEM DOS SAMBAQUIS

Por trás do projeto arquitetônico dos sambaquis, havia, é claro, seus construtores, os (mais ou menos) antigos habitantes do que se tornaria o território brasileiro. A primeira publicação que cogitou – e demonstrou – evidências da antiguidade humana no território brasileiro partiu da pena do célebre paleontólogo dinamarquês Peter Lund, constatada em suas intensas escavações nas cavernas do carste brasileiro, região dos arredores de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Naqueles idos dos anos de 1840, a baliza cronológica do tempo histórico era o (um) dilúvio que teria erradicado da terra as primeiras formas de vida da criação.¹⁷⁴ Este dilúvio fora a explicação encontrada por muitos intelectuais e cientistas para justificar a existência de fósseis de animais extintos.

173 RATH, 1871, p. 291. Grifos originais.

174 CUVIER, 1945, pp.202-3; LUND, 1950, p. 81.

Até Lund, não havia apontamentos sobre a existência de esqueletos humanos associados a animais extintos.¹⁷⁵ Para o grande mestre da geologia e da paleontologia, Georges Cuvier, a existência de um *homem pré-diluviano* ou mesmo de ossadas humanas fossilizadas era uma hipótese descartada. Naquele contexto, a ciência bastante incipiente no Brasil, especialmente a reunida no IHGB, não tinha posto em pauta o estabelecimento de uma idade para a raça nativa brasileira, fosse ela autóctone, ou migrante de outras regiões do globo.

Era, todavia, consensual que a população nativa do “Novo Mundo” portava características raciais inferiores. Neste período, os arqueólogos e antropólogos que trabalhavam no Brasil buscando evidências e explicações sobre o povoamento do continente americano em particular, e do globo no geral, se pautavam basicamente em quatro tipos de evidências: (i) os esqueletos supostamente pré-diluvianos escavados por Lund; (ii) os *mounds* marajoaras, concebidos analogamente aos *mounds* do Vale do Mississipi;¹⁷⁶ (iii) os sítios concheiros do litoral (sambaquis); (iv) as populações indígenas, especialmente, os botocudo do interior do país. Pelos meandros da etnologia, linguística, arqueologia ou antropologia, geravam-se especulações a respeito da origem autóctone ou migrante da raça americana.

O resultado das análises de dados gerados pelas escavações dependia do sentido interpretativo de cada autor. O pioneiro Peter Lund, por exemplo, constatou a impossibilidade de as raças americanas serem descendentes de povos do Velho Mundo, pela sua formação craniana prognata, isto é, de conformações maxilares alongadas. Perguntou-se como pode ser plausível esta hipótese se a marcha natural da natureza ruma “do imperfeito para o perfeito”, isto é, do prognatismo dos povos primitivos e americanos para o ortognatismo dos crânios europeus, e jamais o inverso.¹⁷⁷

[...] tomo a liberdade de mandar junto, para ser offerecido ao Instituto, o desenho da parte superior de um d'estes craneos. Os anatomicos sem duvida extranharao a sua singular conformação, a ponto talvez de duvidarem ser da *nossa especie*, o que me aconteceu tambem até o ter verificado por um exame circunstanciado.¹⁷⁸

Vinte anos após Lund ter apontado, sem grande ressonância entre os círculos científicos do Brasil, a possibilidade da existência de uma raça americana, antiga e autóctone, outro tipo de vestígio arqueológico ganhou certa evidência, a partir dos estudos do conde francês De la

175 Cf. Capítulo 1.

176 PENNA, Ferreira. Apontamentos sobre os Ceramios do Pará (carta ao Sr. Dr. Ladisláu Netto). *Archivos do Museu Nacional*, vol. 2, pp. 47-71, 1877.

177 LUND, 1950, pp. 495-496.

178 LUND, 1950, p. 84. Grifo nosso.

Hure.¹⁷⁹ No final da década de 1860, o conde enviou ao IHGB uma série de relatórios informando a respeito de sítios arqueológicos conchíferos no litoral de Santa Catarina. Fascinado pelos vestígios escavados nestes sambaquis, De la Hure conclui estar diante dos restos de “uma das mais antigas raças de homens do Brasil [...], pouco anterior às populações do Brasil ao momento da descoberta”. Os artefatos exumados eram o que evidenciava a distinção do povo sambaquieiro com as raças tupis, pelo uso de artefatos líticos, em vez dos de madeira.

Seu estágio evolutivo também era indicado pelas evidências arqueológicas: “A falta absoluta de animais domésticos deve ter contribuído para a manutenção deste estado social que não se elevou além da necessidade material”.¹⁸⁰ A origem desse povo, todavia, era rastreada por estudos linguísticos associados aos artefatos. Para o conde, a raça do povo que construiu os sambaquis não era autóctone, mas derivada de outras raças vindas do Egito, passando por China, Mongólia e Japão.

Conde de la Hure supôs, já em 1864, que os sambaquis consistiam em uma edificação intencional, realizadas pelos primeiros habitantes do litoral. Essa assertiva contrariava todas as interpretações anteriores sobre os concheiros, a partir dos quais se edificou e consolidou a ideia de que os sambaquis seriam restos acidentais de comida, resultado da indolência indígena.¹⁸¹ Neste sentido, ao considerar os concheiros como “monumentos de uma civilização muito primitiva”, o conde atribuiu ao povo do sambaqui a capacidade de edificar um monumento, conclusão derivada de uma avaliação desta raça, de seu adiantamento cerebral e civilizatório. Peter Lund, por sua vez, não vislumbrou esta possibilidade entre aqueles indivíduos representantes da raça de Lagoa Santa, apenas constatou a existência de “diferentes graus de uma raça sem monumentos”.¹⁸²

Lund e De la Hure representam duas pontas de um imbróglio da nascente arqueologia brasileira. Escavaram sítios distintos, vestígios de povos distintos e elaboraram conclusões distintas a respeito dos habitantes mais antigos do território brasileiro. Entretanto, convergem em alguns pontos importantes, especialmente um: desejavam, ainda que por caminhos diversos,

179 Conde de la Hure, a despeito de sua fundamental contribuição para a arqueologia do litoral catarinense, fora solenemente ignorado pelos círculos científicos contemporâneos a ele. Suas cartas remetidas ao IHGB resultaram, como pudemos constatar, apenas em respostas formais por parte do Instituto. Sua biografia também é um ponto ainda obscuro na historiografia da arqueologia brasileira. Cf. Arquivo IHGB, Latas 15 e 341; LANGER, Johnni Os sambaquis e o império: Escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 11, p. 35-53, 2001.

180 DE LA HURE, Conde. 10 mar 1865. Arquivo IHGB, Lata 15, doc 9, p. 13, Tradução livre.

181 Ver, por exemplo, MADRE DE DEUS, 1797, p. 20.

182 LUND, 1950, p. 461.

compreender quão capaz de viver e atingir alto grau civilizatório seriam estes antigos ancestrais brasileiros.¹⁸³ Esta preocupação é exposta claramente por Lund:

[...] fica, portanto provado por estes documentos, em primeiro lugar – que a povoação do Brasil deriva de tempos mui remotos, e indubitavelmente anteriores aos tempos históricos. A questão que se oferece naturalmente agora, é saber quem foram esses antiquíssimos habitantes do Brasil? De que raça eram? *Qual era seu modo de vida, sua perfeição intelectual?*¹⁸⁴

O texto de Loefgren, publicado em 1893, demonstra a longevidade deste pensamento na literatura arqueológica. Quanto mais fundo, menos civilizado:

Cada enxadada naqueles montes desfolhava uma nova pagina da historia dessas populações, cuja existência mal deixára estes vestígios duma época anterior á dos documentos escriptos. Cada objeto encontrado subministrava uma explicação do modo de vida e gráo de civilização a que haviam eles atingido; e quanto mais avante iam as escavações, tanto mais profundamente se penetravam na historia, já adivinhada, do homem prehistorico. Taes foram os primeiros passos da sciencia archeologica devidos em sua mór parte aos “kjoekkenmoeddings” que permitiam determinar os degráos de desenvolvimento pelos quaes passára a humanidade até chegar á civilização hodierna.¹⁸⁵

No ensaio de Wiener, de 1876, o “adiantamento” do homem do sambaqui foi balizado entre uma reconhecida inventividade técnica e um atraso moral e civilizatório, manifesto por sua inegável indolência e canibalismo deliberado. Para ajustar as evidências a suas teorias, o autor arriscou uma outra categorização dos sítios antrópicos, em que uns representariam vestígios de antropofagia de um aborígene desumanizado, um “bípede carnívoro”, aliados à preguiça daqueles que “nem sequer procuravam fugir á vizinhança de um foco incessante de infecção”. Depois, o superior, “já um tanto culto”, criativo no manejo de suas ferramentas, e construtor de “monumentos fúnebres”:¹⁸⁶

183 Lund atribuiu aos esqueletos, a idade de três mil anos, graças a sua associação a ossos de animais extintos. De la Hure, ousou apenas afirmar que os sambaquis eram anteriores ao período da colonização. Atualmente datados pelo procedimento conhecido como C14 ou Carbono 14, tais sítios têm pelo menos cinco mil anos, para os sambaquis e perto de doze mil anos para os ossos fossilizados de Lagoa Santa. Cf. GASPARG, 2004; NEVES; PILÓ, 2008.

184 LUND, Peter W. Carta ao IHGB. LUND, 1950, p. 84. Grifo meu.

185 LOEFGREN, 1893, p. 16.

186 WIENER, 1876, pp. 18-19. A ideia de antropofagia que permeia os estudos sobre sambaquis é oriunda de dois pressupostos: o primeiro, de que o canibalismo estaria, de modo quase automático, associado a um estágio de barbárie. O outro, de que seria possível encontrar vestígios arqueológicos da experiência de antropofágica entre os Tupinambá, relatada por Hans Staden no século XVI. In: STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. São Paulo: L&PM, 2007.

[...] estamos convencidos de que estes ossos humanos não se encontram, rigorosamente falando, no meio das conchas: são também resto de refeições, podendo no ponto de vista ethnographico ser comparáveis aos moluscos e aos peixes.

A carne humana era provavelmente mais apreciada do que qualquer outro alimento, e tanto nos parece isso verdade que os restos de outros esqueletos são comparativamente menos numerosos. [...]

Certamente não se acham ainda firmadas as leis sociaes de um povo que só vê no seu semelhante um objeto de alimentação; ellas só existem desde o dia em que o homem, prezando a sua individualidade, sente horror ante uma tal pratica. É por isso que a partir deste momento, tributa-se respeito ao que deixa de viver, enterram-no e a aparição do tumulo é certamente o índice do grande passo dado pelo bípede carnívoro (anthrophago) para tornar-se homem.

[...]

Considere-se que para a fabricação dos machados, não eram necessarios, por assim dizer, instrumentos. A rocha granitica da costa bastaria, para este fim porque era a lima natural, e entretanto, quanto mérito existe na invenção, não sómente do instrumento, mas no descobrimento da matéria do instrumento destinado a lascar uma substancia tão dura como o sílex e o quartzo!

Julgamos até que na America a época da pedra polida precedeu por muito tempo a da pedra lascada.¹⁸⁷

Os pressupostos sobre inteligência eram, nestes trabalhos, claramente confirmados pelas evidências arqueológicas. Nesse sentido, a nascente antropologia física, ciência que buscava traços comportamentais projetados em caracteres físicos determinantes, fez aliança com a arqueologia. Esta fusão inaugurou um cerco contra o “homem pré-histórico”, transformando qualquer evidência de sua natureza ou cultura em um sinal de barbárie.

187 WIENER, 1876, pp. 18-20.

3.2 ARTEFATOS, CRÂNIOS E INTELIGÊNCIA: “UMA NOVA FACE À CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA”¹⁸⁸

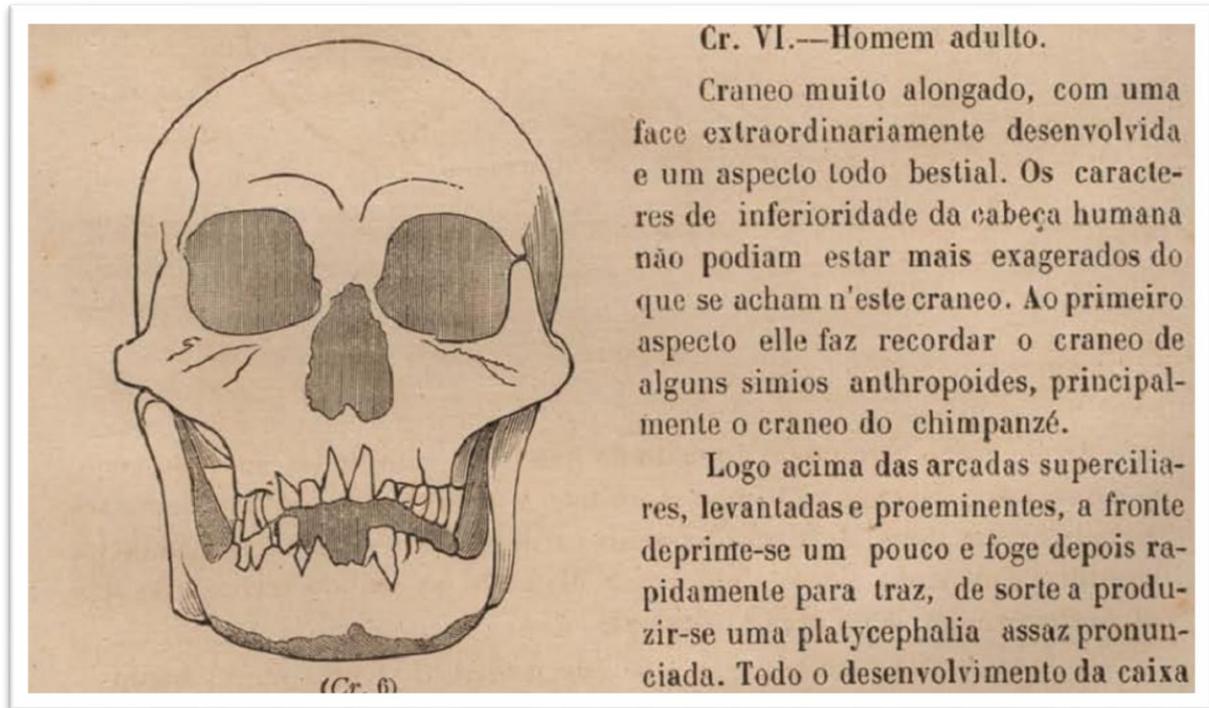


Figura 13 No trecho recortado, Batista de Lacerda, em sua publicação na Archivos de 1885, descreve o crânio n. VI, enviado dos sambaquis da província de Santa Catarina e que compunha a coleção de crânios do Museu Nacional. Sobre este exemplar, anotou:

Seu indice cefálico é 73,68, tendo o diametro antero-posterior máximo 190 millim. O diâmetro bistephanico é de 102 millim. O diâmetro bizygomatico de 140 millim. O diâmetro vertical 135 millim. É além disso leptorrhinio com indice nasal de 44,6. O diametro transverso da orbita de 37 millim. É igual ao diametro vertical. São portanto orbitas quadradas. Comprimento minimo da face 87 millim. Comprimento total da face 137 millim. Afastamento dos ângulos do maxilar inferior 102 millim. Altura no mento 26 millim. Altura ao nível do condylo 75 millim. Altura ao nível da apophyse coronoide 65 millim.¹⁸⁹

188 LACERDA FILHO; PEIXOTO, Rodrigues. Contribuições para o estudo anthropologico das raças indígenas do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*, vol 1, pp. 47-75, 1876.

189 LACERDA, 1885, p. 194.

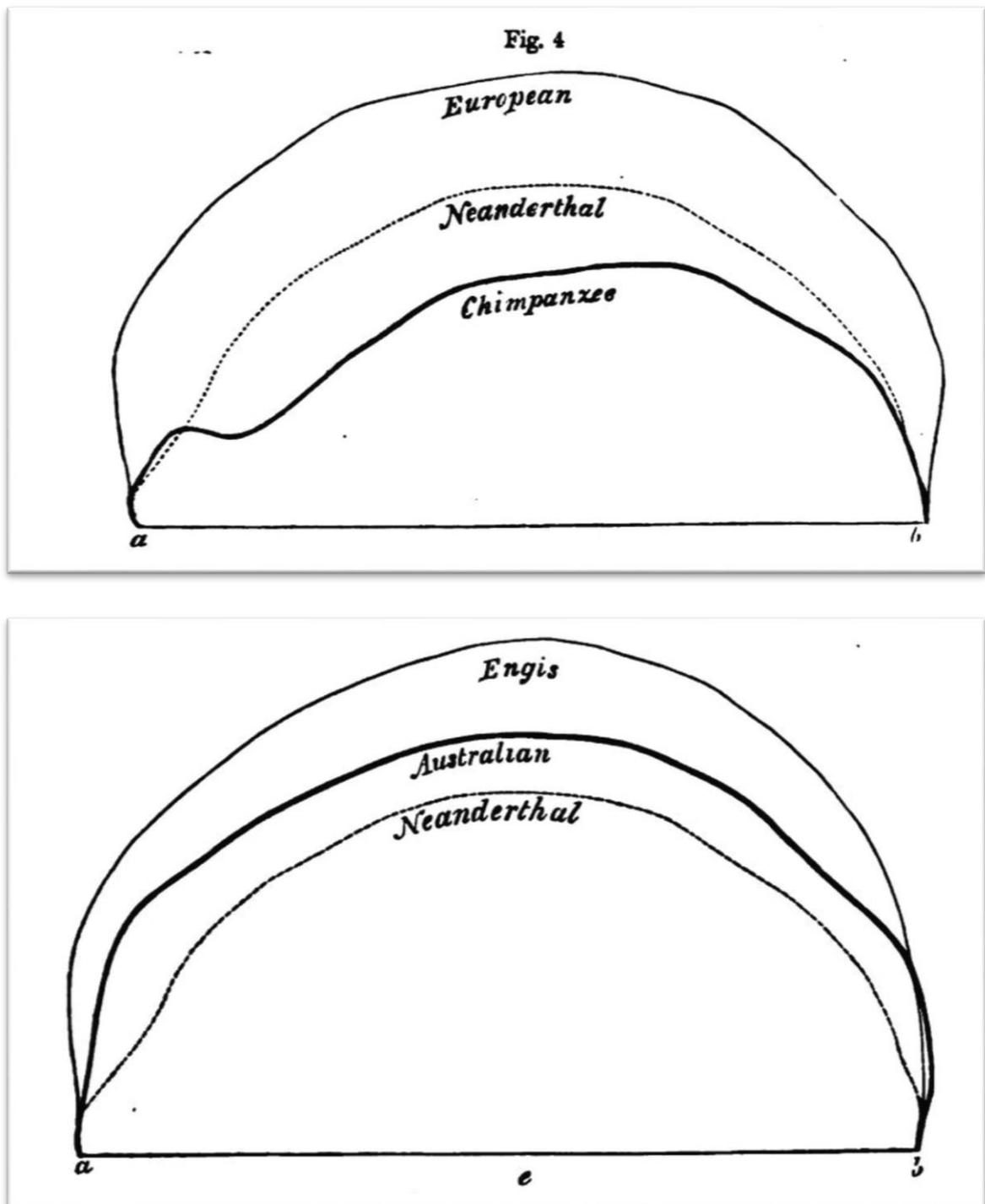


Figura 14 e 15 Em *Antiquity of Man*, Charles Lyell comparou a conformação craniana de tipos primitivos ao modelo europeu.

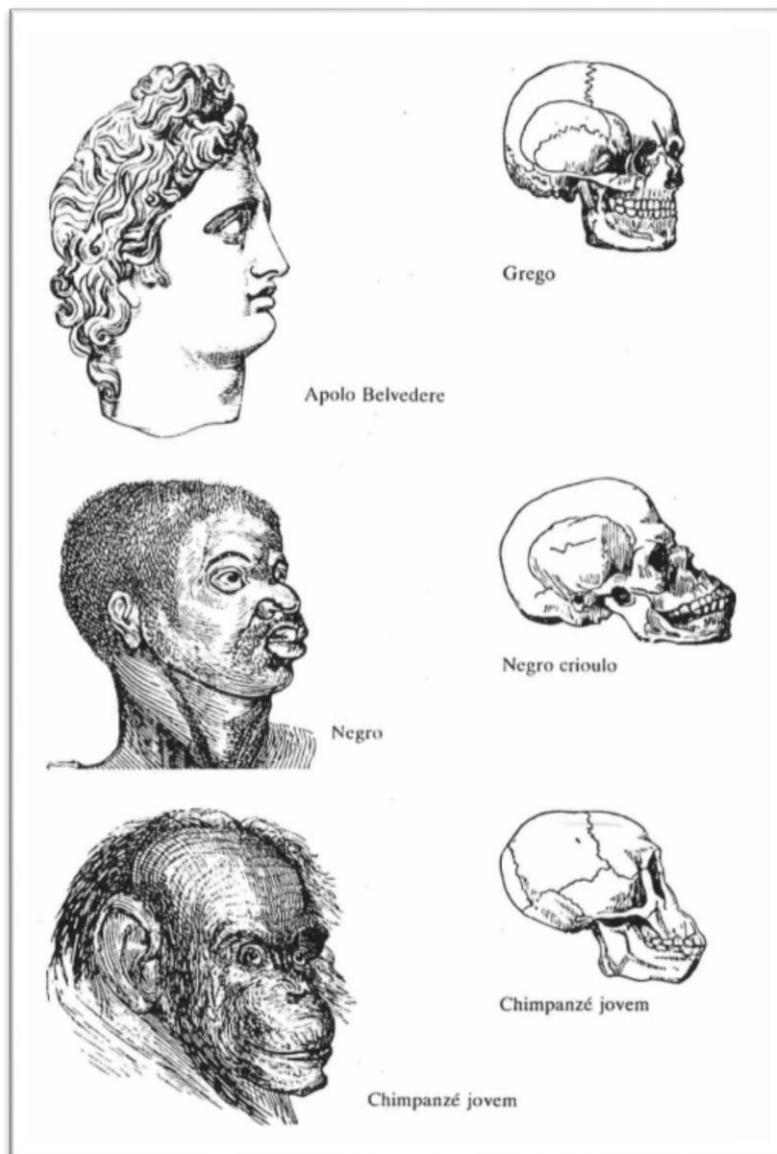


Figura 16 Este esboço apresentado no manual de Nott e Guiddon, em 1868, representa os parentescos entre raças humanas, em uma perspectiva linear escalonada.

Segundo Stephen Jay Gould, “o crânio do chimpanzé aparece incorretamente aumentado, e a mandíbula do negro falsamente distendida para dar a impressão de que os negros poderiam se situar até mesmo abaixo dos símios”. In: GOULD, 1991, p. 19. Imagem original In: NOTT; GLIDDON. *Types of Mankind*. Philadelphia; London: Lippincott, Grambo & Co.; Trubner & CO., 1854. p. 458.

Em perspectiva análoga, poderíamos contestar os croquis de crânios apresentados nos estudos dos autores que analisamos, especialmente aqueles aos quais são atribuídas características “bestiais”.

A capacidade intelectual era uma das mais importantes questões que emergiam dos estudos arqueo-antropológicos. Uma vez admitida a “abstração da inteligência como entidade

única, localizada no cérebro”,¹⁹⁰ os crâneos exumados nas escavações poderiam fornecer fundamental suporte para tais inferências.

Nos relatórios de Lund sobre ossadas humanas fossilizadas, suas elucubrações estavam centradas, como vimos, na determinação da origem gerontogica do antigo habitante do Novo Mundo. Para o paleontólogo, evidenciar características cranianas era uma maneira de comprovar o autoctonismo e antiguidade da *raça* cujos espécimes foram extraídos das grutas cársticas:

Sendo, como é, sufficientemente provado que o desenvolvimento da intelligencia está em relação directa com o desenvolvimento do cerebro, fica sempre a inspecção do craneo um dos meios mais seguros, sendo feita com a necessária discrição, para avaliar o grau que deve ocupar o indivíduo examinado, e consequentemente a raça a que elle pertence na escala progressiva dos entes intellectuaes. Applicado este criterio aos craneos em questão, ha de sahir a sentença muito em desfavor das faculdades intellectuais dos indivíduos de quem derivam: nem podemos esperar grandes progressos na industria e nas artes de povos, cuja organização cerebral offerece um substrato tão mesquinho para a séde da intelligencia.¹⁹¹

A associação da capacidade craniana com o intelecto aparece como pressuposto para Lund, assim como a existência de uma escala progressiva de inteligência. Entretanto, as conclusões sobre a capacidade intelectual dos indivíduos analisados resultavam da conjugação de dois elementos: capacidade craniana e os vestígios artefatuais associados ao esqueleto no momento da exumação, uma vez que o modo de vida era reflexo da “perfeição intelectual”, como no seguinte trecho:

Esta conclusão vem a ser corroborada pelo achado de um instrumento de imperfeitíssima construcção, junto aos esqueletos. Consiste este instrumento simplesmente n'uma pedra hemispherica de amphibolo, de dez polegadas de circumferencia, lisa na face plana, a qual evidentemente serviu para machucar sementes ou outras substancias duras.¹⁹²

As instituições dedicadas à pesquisa científica, centradas na capital, eram o Museu Real (atual Museu Nacional), fundado em 1818 e o IHGB, de 1839. Enquanto ao primeiro era reservada a função de acomodar as coleções arqueológicas do Império, o outro tinha a propósito de mediar a produção intelectual sobre história, geografia e áreas afins do Brasil. Assim sendo, mesmo nas décadas posteriores a Lund até os anos de 1870, são raras as expedições

190 GOULD, Sephen Jay. *A falsa medida do homem*. Trad. Válter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 9.

191 LUND, 1950, p. 460.

192 LUND, 1950, P. 462.

arqueológicas no Brasil. Neste ínterim, as pesquisas arqueológicas realizadas por estrangeiros diletantes, membros dos círculos de *savants* da Europa, não dedicavam grande atenção a análise da inteligência dos povos nativos do Brasil.

O cenário se alterou quando a direção do Museu Nacional foi assumida por Ladislau Netto. Este frutífero período de produção arqueológica no interior do Museu marca, para diversos autores, a primavera da arqueologia brasileira, com o início das pesquisas de cunho científico.¹⁹³ Os relatórios publicados anualmente nos Anais do Museu assumiram de fato caráter menos generalista que as cartas de Peter Lund, do Conde de la Hure e mesmo dos apontamentos do eminente naturalista Richard Francis Burton. A etnolinguística e a arqueologia ainda forneciam dados importantes para as pesquisas científicas, mas foram os estudos craniométricos, dos quais o próprio Ladislau Netto fora expoente, os alicerces das novas especulações da arqueo-antropologia brasileira.

Os manuais científicos da antropologia apontavam a ocorrência de alguns tipos cranianos nas populações humanas. Nomes como Armand de Quatrefages, Blumenbach, Morton, Nott e Gliddom, Broca, autores de importantes manuais que fizeram escola na antropologia física, eram referências nos estudos sobre anatomia de crânios, fisionomia comparada e fluxos migratórios dos povos humanos. Tais autores tornaram-se modelos para o estudo da antropologia brasileira e também foram precursores dos estudos da antropologia criminalística. Além disso, lançaram bases técnicas e científicas para a classificação do crânio do indivíduo negro como o intermediário entre os primatas e o branco anatômica e intelectualmente evoluído.¹⁹⁴

A *Noticia* de Carl Rath publicizou alguns dados craniométricos, embora não se saiba quais amostras o autor analisou:

Os anulos faciaes dos craneos têm 66 grãos conforme o methodo de Owen, grande naturalista inglez. Os craneos achados nas grutas pelo Dr. Lund [...], e que eu tenho achado nas grutas calcareas do interior das provincias de S. Paulo, Paraná, Cuiabá, etc. assim como os que o barão de Tscudi tirou das sepulturas antiquíssimas do Perú, mostram os mesmos grãos do ângulo facial, [...]. Os outros diversos indígenas variam, e têm de 67 a 68 grãos, enquanto que o europêo tem 80 grãos.¹⁹⁵

193 FERREIRA, 2010.

194 Os trabalhos de SCHWARCZ, 1995 e de GOULD, 1991 oferecem rico debate sobre o desenvolvimento da antropologia física do século XIX, respectivamente, no Brasil e no contexto internacional.

195 RATH, 1871, p. 289.

A análise craniométrica, todavia, não impediu Rath de oferecer uma visão humanizada e, mais do que isso, horizontalizada, sobre os construtores dos sambaquis. Há intencionalidade e sentimento no gesto de sepultar um ente, como fizeram os Botocudo e outros tantos povos pretensamente civilizados, conforme indicou nesta passagem:

Parece que um povo antiquíssimo do Brasil reuniu no espaço de muitos annos as cascas d'estes crustáceos que comia, para entre ellas sepultarem os seus irmãos mortos. Estes eram depositados na posição de criança quando ainda se acha no ventre materno; deitando junto ao cadáver as suas armas e tudo quanto lhe pertencia, [...].

Os *Botocudos* e outros indígenas do Brasil, ainda têm o mesmo costume, como muitos outros povos que se chamam civilizados.¹⁹⁶

Lacerda Filho, em artigo publicado nos *Archivos* em 1876, comentou: “[estes autores] deram já o exemplo, assentando as bases de um código anthropologico, aplicado ás raças indígenas do Novo-Mundo; [...]”.¹⁹⁷ Sob sua ótica, a ciência brasileira deveria somar esforços aos dos homens de ciência de outras bordas do Atlântico, contribuir com dados que confirmassem a variedade étnica dos povos do mundo e a unidade étnica dos povos americanos.

Dados minuciosos da constituição craniana dos indivíduos passam a funcionar como critério objetivo e mensurável na constatação da inteligência. Os crânios eram classificados basicamente como *ortognatas* e *prognatas*, de acordo com suas relações métricas, sendo o primeiro o parâmetro do indivíduo progredido racial e intelectualmente, enquanto o outro representaria os estágios mais rústicos e simiescos da conformação facial e craniana dos seres humanos.

Os *Archivos*, em sua primeira edição, publicaram um estudo assinado por Lacerda Filho e Rodrigues Peixoto, em que estes antropólogos analisam uma coleção de crâneos constituinte do acervo do Museu. Nesta coleção, reuniram-se crânios de diversas origens, como os exumados em um suposto cemitério indígena no Rio de Janeiro, atribuído ao povo Botocudo, os da caverna da Babilônia em Minas Gerais, além dos exemplares enviados ao Museu Nacional por Peter Lund e um único exemplar enviado do Ceará.¹⁹⁸

Os autores apresentam detalhadamente as medidas obtidas de caracteres considerados essenciais nos estudos craniométricos, a partir dos critérios propostos nos manuais de

196 RATH, 1871, p. 289. Grifo original.

197 LACERDA FILHO, Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. Nota sobre a conformação dos dentes. *Archivos do Museu Nacional*, vol.1, 1876, p. 78.

198 Os exemplares ósseos de Babilônia foram datados pelo C14 em c. 600 anos AP. Sobre este tema, ver: COLOMBO, André Vieira; CORRÊA, Ângelo Alves. “Cavernas da Babilônia” narrativas e intervenções: vestígios funerários pré-coloniais na microrregião de Juiz de Fora. *Cadernos do Lepaarq*, vol. XI, n. 21, pp. 194-207, 2014.

craniometria. Concluem que a raça americana é predominantemente *dolicocéfala* (de crânio ovalado), apesar de alguns crânios da série apresentarem sinais de cruzamento de uma ou mais raças. Sobre os Botocudo, povos em vias de desaparecimento no século XIX, dos quais os relatos etnográficos apontavam elevado grau de selvageria,¹⁹⁹ Lacerda Filho e Rodrigues apenas confirmam com dados da craniologia os pressupostos que dominavam os círculos da ciência. Em suas palavras,

Pela sua pequena capacidade craneana os Botocudos devem ser colocados a par dos Neo-Caledonios e dos Australianos, isto é, entre as raças mais notáveis pelo seu gráo de inferioridade intelectual. As suas aptidões são, com efeito, muito limitadas e difícil é fazel-os entrar no caminho da civilização.

Ou seja, assim como nos estudos de Lund, a constatação do estágio de barbárie dos Botocudo servia como informação complementar àquela fornecida pelo estudo de crânios de indivíduos dessa população.

Ladislau Netto é também autor de um ensaio dedicado a analisar a coleção de tembetás (os adornos labiais utilizados por diversos povos indígenas) do Museu Nacional, conferindo-lhes um alto valor estético e considerando a particularidade do gosto estético de cada povo:

Nenhuma parte do corpo humano sofreu nunca maiores lesões do que a cabeça e mais particularmente a face entre as nações que em todos os tempos têm povoado a superfície da terra. Lesões exigidas pela idéia, mais ou menos exagerada, mais ou menos excêntrica, de um bello, mais que relativo.

Contudo, mesmo a percepção estética “mais que relativa” está sujeita ao processo civilizador.

[...] Está a muitos e justos títulos neste caso toda a variedade de lesões, mutilações ou simples disfarces á que vemos sujeita a face humana, por uma usança hereditária adstricta ao gosto barbaro de barbaros do passado ou de civilizados que se dizem do presente.²⁰⁰

A depressão frontal dos crânios exumados em território brasileiro, também constatada pelos demais autores que se dedicaram à craniometria, com Ladislau Netto, ganhou foros

199 Segundo Manuela Carneiro da Cunha, é possível encontrar no século XIX duas categorias genéricas de classificação dos indígenas brasileiros: “bravos” e “domésticos”, termos que evidenciam a “ideia subjacente de animalidade e errância”. Outras categorias são os Tupi e Guarani, grupos virtualmente extintos, ou supostamente assimilados; e os Botocudo, o índio vivo, sobre o qual se destaca sua ferocidade. “Neste século de grandes explorações, o Botocudo não é o único índio que interessa à ciência, mas é sem dúvida o seu paradigma”. CUNHA, Manuela C. da. Política indigenista no século XIX. In: _____ (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006, pp. 135-136.

200 LADISLAU NETTO, Apontamentos sobre os tembetás (adornos labiaes de pedra) da collecção archeologica do Museu Nacional. *Archivos do Museu Nacional*, vol. 2, 1877, p. 109.

antropológicos. Ora, se o belo é relativo, possivelmente o prognatismo craniano seria referência estética de beleza para os bárbaros nativos americanos.

A conformação neanderthaloide e, em certo grau, prognata dos craneos daquelles antigos americanos, offerece realmente o maior contraste com o perfil ultra-orthognatha do typo mais perfeito que sonhára ou idealisára o engenho grego, mas que nunca tivéra, para seu exagêro, modelo efficiente na raça humana. Deste confronto deduz-se immediatamente que toda a perfeição dos referidos americanos consistia na depressão ou inclinação anterior do craneo, ao passo que a dos hellenos exigia o maior desenvolvimento na região frontal e parietal da caixa craneana.

O que se poderia esperar de um povo que persegue e imita a estética bárbara dos povos mais primitivos, as conformações cranianas prognatas e “pitecoides”? Ou, nas palavras do autor, “a qual destes dous typos poder-se-ha em rigor conceder a palma da supremacia?”²⁰¹

A ciência craniológica, pretensamente objetiva, valeu-se de informações diretas da arqueologia, dos artefatos encontrados nos sepultamentos escavados, da etnologia retratada por viajantes naturalistas, mas também por caracteres muito subjetivos, como refinamento estético, inserido em critérios evolutivos. Mais que informações complementares, estes dados indiretos eram postos lado a lado aos números extraídos das medições, gerando conclusões a respeito da composição das raças dos povos nativos, sua capacidade intelectual e, principalmente, sobre seu estágio no processo evolutivo.

Estas adaptações eram necessárias, pois, quando os padrões cranianos não se apresentavam conforme esperado, os materiais arqueológicos líticos e cerâmicos confirmavam a rusticidade do povo em questão. O alto nível de mestiçagem, o “cruzamento adiantado” também explicava a ausência de caracteres puros em diversos exemplares das amostras cranianas.²⁰²

Por um lado, a indústria arqueológica, os vestígios artefatuais acusavam o estágio da raça americana. Por outro, havia os Botocudo, que permaneceram em todas as análises como representantes do grau mais inferior na marcha civilizatória. Ao compará-los com os povos dos sambaquis escavados em Santa Catarina, o professor estadunidense Carlos Hartt disse que “o facto de que tal povo [sambaqueiro] sabia fazer louça tosca, mostra que tinha elle dado um grande passo para a civilisação, e a este respeito era muito mais adiantado do que os Botocudos, que, segundo julgo, não fazem uso de louça”.²⁰³

201 LADISLAU NETTO, 1877, pp. 110, 115, 117.

202 PENNA, 1876.

203 HARTT, Carlos. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, vol. 6, 1885, p. 4.

Com o passar dos anos, as publicações sobre craniometria nos *Archivos* seguiram tal tendência, de diferenciar as raças existentes no território brasileiro no período anterior à colonização, valendo-se da arqueologia para realizar inferências sobre o intelecto dos antigos. João Batista de Lacerda foi é outro que, assim como Lund e Ladislau Netto, procurou evidência de monumentos do passado. Para ele, a capacidade de erguer monumentos estava diretamente conectada a um adiantamento cerebral e civilizatório:

*A diversidade e a irregularidade de fôrmas que apresentam os sambaquis [...] prova que nenhum pensamento presidiu as taes formações [...]. Nos monumentos levantados, ainda pelos povos menos civilizados, existe sempre consubstanciado um pensamento, o qual se traduz por modelos ou formas mais ou menos correctas[...]. Si os inábeis constructores dos sambaquis, d'essas obras grosseiras, sem fôrmas regulares e prefixas, houvessem querido materializar um pensamento qualquer, tal pensamento ter-se-hia certamente fundido em outros moldes talhados com uniformidade e um certo cunho artístico.*²⁰⁴

E continuou:

Nas manifestações da atividade cerebral humana, sob o ponto de vista da arte ou da indústria, há, é verdade, uma infinita gradação que ascende desde o mais ínfimo representante da espécie até o mais portentoso produto d'ella. Desde o Australio e o Tasmanio, quase nivelados ao bruto, até o artístico cérebro de Miguel Angelo ou de Raphael, que innumeradas modalidades, que gradações infinitas para a concepção da beleza e da regularidade das fôrmas!²⁰⁵

Partindo deste pressuposto, em estudo analítico que impressiona tanto pela minúcia descritiva quanto pela avaliação resultante, Lacerda iniciou a descrição de uma série crânios, descontextualizados da produção artefactual associada. Os termos técnicos, quase ininteligíveis para um leigo, são acompanhados das seguintes observações, bastante compreensíveis: “a face é massiça, num aspecto brutal”; “a aproximação com o tipo bestial é evidente neste indivíduo”, “dimensões colossaes, espessura fenomenal”.

Ao cabo do artigo, evocou a figura referencial do Botocudo para concluir que

Tudo pois, nos leva a admitir que este typo [...], ocupava um nível muito baixo na escala humana; e que ele pode ser equiparado aos povos mais selvagens que hoje conhecemos. Entre estes há um com o qual o typo dos sambaquis oferece as maiores analogias morfológicas do craneo: são os Botocudos.²⁰⁶

204 LACERDA, 1885, p. 179. Grifo original.

205 LACERDA, 1885, p. 180.

206 LACERDA, 1885, p. 202.

Os dados fornecidos pela análise craniana, como procuramos demonstrar, não representavam para estes autores um elemento definitivo na inferência sobre a capacidade intelectual dos indivíduos exumados. As informações recolhidas a partir das escavações e da etnografia eram fundamentais na formulação de tais hipóteses. O indivíduo que, por quaisquer razões – mestiçagem, deformação artificial, sexo, característica individual, etc. –, apresentasse conformação craniana fora dos padrões sugeridos pelos manuais de antropologia e/ou craniometria, seria submetido à avaliação de sua produção artefactual, ou seja, daquilo que era capaz de criar e fabricar.

Isto porque estes antropólogos não partiram para campo sem pressupostos. Para além das medidas craniométricas, indicadora das raças, havia estabelecida a ideia de que os crânios exumados pertenciam a uma raça inferior, distinta da raça branca europeia, porque intelectualmente incapaz de edificar monumentos, de produzir artes e literatura, e até mesmo de possuir pensamento complexo. Caracteres que a mestiçagem não pode corrigir.

O tempo recente ou recuado também não era fator determinante. Se os autores que analisamos discordaram em relação às datações inferidas dos vestígios escavados – a variação vai de três mil anos em Lund até cem anos para Lacerda –,²⁰⁷ por outro lado eram uníssonos ao afirmar que pouco poderia se esperar da capacidade evolutiva dos nativos americanos. Isto significa que fossem os povos nativos autóctones ou migrantes, pré-diluvianos (ou pré-históricos) ou contemporâneos, a eles jamais seria conferido o estágio de paridade com os povos de referência, qual fosse, o homem branco europeu.

Os intelectuais brasileiros que se dedicaram aos estudos craniométricos edificaram importante legado à antropologia física de fins do século XIX e início da centúria posterior, especialmente aos estudos criminalísticos. A questão racial ganhou fôlego no interior de instituições de pesquisa e o fator raça tornou-se determinante de características não só intelectuais, mas também morais.²⁰⁸ A ciência produzida no contexto da abolição da escravidão e eminência da república acomodava a ideologia racista, vestindo-se de uma cruel interpretação social.

A ciência craniométrica não teve, todavia, influência tão determinante nos estudos realizados a partir das coleções arqueológicas do Museu Nacional. O pressuposto da superioridade europeia tampouco esteve assentado em balizas puramente ideológicas. Ao contrário, o patrimônio e a cultura material associada aos povos submetidos à análise eram sim fator determinante, e este método dedutivo inaugurado por Lund, ressoou em todos os estudos

207 LACERDA, 1885.

208 SCHWARCZ, 1995.

arqueológicos do período. Nos relatórios de tais pesquisas, encontramos mais a tentativa de justificar o *pressuposto* da inferioridade das raças nativas, que as evidências da tal inferioridade pressuposta.

Estes estudos publicados nas revistas de ciência no Brasil, especialmente na *Archivos do Museu Nacional*, que analisamos, evidenciam um importante ponto de contato entre a arqueologia e as ciências médicas e naturais em meados do século XIX. Ainda que com propósitos distintos, estas áreas conformaram um *corpus* de conhecimento a partir do qual se solidificou toda uma ideologia racializante e racista, consonante com os valores da época, porque revestida da cientificidade que naturalizava a situação marginal reservada à população negra e indígena no Brasil. A arqueologia praticada no Brasil, neste período, também foi protagonista na construção desta imagem bestializada de parte significativa da população brasileira, enraizada no senso comum, reproduzida nos círculos científicos, manuais didáticos, mídia e literatura das décadas posteriores.

3.3 UMA ARQUEOLOGIA EM DIÁLOGO COM O ESPAÇO: WIENER NA TRILHA DE UMA TEORIA GERAL

O artigo de Charles Wiener sobre os sambaquis do norte do litoral catarinense, publicado na *Archivos* em 1876, não foi apenas o primeiro ensaio científico publicado sobre sambaqui. Além do pioneirismo, o texto também difundiu uma visão, uma versão cunhada a partir da autoridade científica a respeito destes sítios, que passavam a ser objetos de uma teoria geral. Os sambaquis, concheiros, que eram interpretados por tantas múltiplas ideias – restos da atividade indígena, vestígios de canibalismo, evidência do dilúvio, formações naturais devido à movimentação das marés, minas de cal, entre outras –, a partir deste importante ensaio, ganharam uma certa uniformidade. Tenham ou não concordado com os princípios formulados por Wiener, todas as teses elaboradas nas próximas décadas até os anos de 1930, neles se ancoravam ou deles partiam.

Considerando que Wiener, a partir de um *estilo* de escrita característico da produção científica contemporânea a si, não apresentou rigorosamente os métodos de pesquisa nos quais

inscreveu seu raciocínio, é necessário que este seja capturado nas entrelinhas.²⁰⁹ Em seu texto, alternou entre expor sua tese e exaltar sua erudição. Preocupou-se em mencionar em quais autores ou evidências materiais baseara suas conclusões firmemente apresentadas no texto.

O autor iniciou apresentando a pertinência do debate, por sua relevância e polêmica: “sobre a origem dos sambaquis divergem as opiniões dos poucos entendidos que os hão *perfunctoriamente* observado. Parece, entretanto, que em tudo semelhantes aos Kjokkenmoddings da Dinamarca, foram estes depósitos de conchas marinhas.”²¹⁰

Prossegue a descrição:

[...] também formados e acumulados gradualmente pela mão do homem, pois que, de permeio com os mariscos, espinhas de peixe que os constituem, acham-se ali como nos kjokkenmoddings da Europa e da America do Norte, fragmentos de louça primitiva, artefactos de pedra, identicos aos das tribus do interior; finalmente esqueletos humanos que parecem ter sido inhumados em épochas diversas e por tanto nas diferentes alturas que successivamente tiveram os sambaquis[...].²¹¹

Nas primeiras páginas de seu artigo, Wiener declarou sua perspectiva sobre os sítios, sem hesitar. Para ele, os sambaquis teriam origem antrópica, isto é, foram acumulados por pessoas ao longo de diferentes ocupações das costas brasileiras, conforme acusariam os sepultamentos encontrados em seus diferentes estratos. Esta percepção, veiculada a partir da mais importante revista científica do Brasil em seu primeiro volume, já não era de autoria de Wiener. Ao contrário, deriva de uma ideia que esteve presente tanto nos relatos jesuítas quanto nos trabalhos científicos estrangeiros, passou pela “notícia científica” de Carlos Rath, e ainda permaneceria incontestada por muitos anos. A polêmica criada em torno da formação natural destes sítios jamais figurou entre os principais debates científicos, como afirmaram tantos historiadores da centúria posterior.²¹²

Uma questão necessária de se impor a esta reflexão reside nos fundamentos das conclusões tão radicais de Wiener. Aparentemente, sua principal metodologia foi a associação: associou os sambaquis brasileiros aos concheiros dinamarqueses – como vimos, na Europa, os concheiros impuseram à nascente arqueologia questões seminais ao desenvolvimento desta disciplina, no século XIX – e associou as práticas de indígenas contemporâneos aos vestígios

209 FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. 1.ed. Trad. Georg Otte, Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

210 WIENER, 1876, p. 1. Grifos nossos.

211 WIENER, 1876, p. 2. Grifos nossos.

212 Cf. Conclusão.

encontrados nos sambaquis. Se esta associação parece pouco criteriosa da forma como foi apresentada, isto se deve à força do pensamento difusionista, que parte do pressuposto de uma trajetória das invenções de uma origem única, que se espalha entre povoadamentos por aprendizado, conquista, assimilação ou comércio.

Mais que isso, o difusionismo foi uma corrente de pensamento existente nas ciências humanas, durante o final do século XIX e início do XX, que refletia um paradigma que classificava as sociedades em níveis hierárquicos, do mais selvagem ao mais civilizado. Todas as civilizações, ou conhecimentos e invenções superiores, teriam surgido em núcleos principais, como no caso do Ocidente, o Egito, Mesopotâmia e Babilônia, e, no caso do Brasil, fenícios e vikings, que influenciavam e se espalharam pelo contato. O processo de civilização, acreditava-se, seria fruto de um desenvolvimento racial superior, e através de migrações, conquistas militares ou de assimilação, outros povos adquiriam, em consonância com sua capacidade racial, níveis de civilização – entendidos aqui, grosso modo, como desenvolvimento tecnológico e político-social.²¹³

No caso brasileiro, por exemplo, esta teoria se refletiu na seguinte análise de De la Hure, ao refletir sobre a possível raça que teria construído os sambaquis, baseado em critérios como a monumentalidade e semelhança destes com concheiros de outros lugares:

Estes povos provavelmente se separaram da raça na Europa dos dolmens, dos cromlechs, os hunengroeber, les jaesttestuer, nos quais se encontram objetos análogos a estes dos concheiros. Se isso é verdade, reconhecemos que as tribus do Brasil se separaram do resto da nação a uma época anterior à edificação dos monumentos de pedra, mesmo as mais antigas.²¹⁴

Este tipo de pensamento ajudou a consolidar o racismo e o neocolonialismo, ao identificar qualquer traço de civilização em "povos bárbaros" como tendo origem europeia, e portanto, justificando presenças e influências históricas remotas. Ainda, particularmente no Brasil, reforçava os anseios dos intelectuais de relacionarem de alguma forma o passado brasileiro com o europeu e assim, se inserirem do debate científico internacional. O pressuposto difusionista tinha grande validade na literatura científico-acadêmica do século XIX. Esta tese, sem dúvidas, embasou a homogeneização do conceito sobre os sítios concheiros, ocorridos em vários pontos do planeta. Todavia, nem o peso da teoria difusionista, nem a autoridade científica

213 Cf. TRIGGER, 1987.

214 DE LA HURE, 1865, Item IV.

de Wiener livraram algumas de suas observações de contestações e críticas dentro do próprio Museu Nacional.

As camadas estratigráficas, interpretadas como as distintas alturas que tiveram os sambaquis em diferentes épocas, foram uma importante adaptação da teoria arqueológica ao caso dos sambaquis. Um caso arqueológico idiossincrático, o sambaqui não é escavado camada por camada abaixo do solo, evidenciando a idade dos artefatos pela profundidade relativa do qual são extraídos, como ensinaram os métodos de escavação em geologia. Associar um período a estas camadas, não era tarefa fácil de se concluir por métodos objetivos como o demonstrado por Boucher de Perthes.²¹⁵ Wiener, como outros autores, permaneceram no campo especulativo, sem justificar ou dar pistas sobre suas conclusões a respeito da idade dos sambaquis.

O autor, ciente de que exploraria "uma questão quasi inteiramente nova para a sciencia [...] em face dos restos de uma civilização não somente extincta, mas desconhecida até quanto ao nome de seus auctores, e em suas primitivas manifestações",²¹⁶ preocupou-se, neste trabalho, em assentar alguns pressupostos gerais. Bem verdade, trazia consigo alguns de seus próprios pressupostos:

sobre os vestigios ali deixados pelos aborigenes, cujos sambaquis se me afiguram em harmonia com a idade da costa da província, de origem muito mais moderna, parecem-me ter sido estes depositos accumulados durante o inverno de cada anno pelas tribus do interior, as quaes fugindo ao açoite regelado do *Minuano*, nas planuras do sertão, acolhiam-se ao clima hospitaleiro do litoral, onde por espaço de cerca de quatro mezes, entregavam-se exclusivamente á pesca, do que lhe resultava abundante provisão para o regresso.²¹⁷

ao passo que estes pressupostos eram desafiados pelos vestígios encontrados nos sambaquis, o que exigiu de Wiener algumas reformulações:

É justamente esta a ocasião oportuna de expôr, [...] algumas idéas sobre os princípios da arqueologia brasileira em opposição aos da arqueologia do velho-mundo.

Divide-se a idade de pedra em dous períodos. O da pedra lascada e o da pedra polida.

É incontestável que antes de polir uma pedra o esculptor a desbasta. Este desbastamento corresponde ao primeiro período; o trabalho mais artístico do aperfeiçoamento, ao segundo. Ora, para a arqueologia americana, esta divisão não pode ser aceita, e eis a razão: acha-se nos sambaquis um numero considerável de pedras roliças e achatadas de um lado pelo atrito de umas contra as outras.

215 Cf. Capítulo 1.

216 WIENER, 1876, p. 3.

217 WIENER, 1876, 2.

Não tememos declarar que, nestes modelos, vimos os mais antigos instrumentos de pedra de que os homens se serviram.²¹⁸

A ideia da variação do nível dos oceanos, tese também bastante difundida entre arqueólogos, à despeito de não gerar nenhum dado mais preciso, foi importante referência para o estabelecimento desta teoria geral sobre os sambaquis como sítios costeiros. Em igual medida, a existência dos sambaquis referendava a tese sobre o câmbio dos oceanos. Por outro lado, a que se deveu a constatação de que os construtores dos sambaquis os fizeram sazonalmente, "durante o inverno de cada anno pelas tribus do interior"? – Wiener explicou, com alusão a outras evidências materiais extraídas de escavações,

E mais ainda, me firmei n' esta conjectura, quando, escavando alguns sambaquis do Rio Grande, observei que mais abundavam nelles justamente as espinhas de peixes que mais apparecem no inverno. [...] como prova inconcussa da origem mais provavel dos sambaquis os vestigios de ignição, achados de ordinarios, nas camadas inferiores dessas collinas artificiaes, sobre as quaes é de crer accendem os indigenas suas fogueiras nocturnas, como ainda hoje praticam nas costas da provincia do Paraná e do Espirito Santo, nos pontos desertos que escolhem para as grandes pescas do inverno, em tudo semelhantes a essas de seus antepassados.²¹⁹

Os dados em que se baseia têm naturezas distintas. Primeiro, as evidências materiais, os ossos de peixes mais comuns no inverno. Depois, dados etnográficos, de indígenas que viviam na costa. Apesar dos hábitos observados entre a população indígena contemporânea ao autor nada terem a ver com edificação de sambaquis, Wiener supôs uma ancestralidade entre estes grupos: "como ainda hoje praticam nas costas da provincia". Para além deste pressuposto, a ideia da sazonalidade tem mais relação com os princípios teóricos da arqueologia do período, que nas evidências materiais destacadas por Wiener. O nomadismo era o correlato direto da ausência de vestígios de agricultura.

Ainda que declare uma sequência de concepções a respeito da população que edificara os sambaquis, o autor quis garantir que seu relato esteja protegido pela imparcialidade de quem nada conhece sobre o tema. "Tinha que recolher dados inteiramente novos para mim e estava certo de classificá-los sem nenhuma idéia preconcebida" o que, ainda segundo Wiener, "foi-me de alta valia por deixar ao meu juizo ulterior uma completa imparcialidade".²²⁰

218 WIENER, 1876, p. 19.

219 WIENER, 1876, p. 3.

220 WIENER, 1876, p. 4.

A opção de Wiener foi considerar os sítios sob quatro aspectos: topografia, forma e dimensões; natureza e estado dos materiais que os compõem; a disposição interior; e "formar idéa positiva da natureza dos objectos que n'elles se descobrissem, e de sua importancia, em relação não só á archeologia e á anthropologia brazileiras, como a estas mesmas sciencias em geral". Procedendo dessa forma, tencionava fornecer uma "descripção methodica", que originariam "só de per sim no espírito do leitor, uma idéa muito clara sobre a origem e fim desses depositos".²²¹ A "imparcialidade" era obsessão manifesta deste autor. Supôs que a alcançaria esboçando suas opiniões apenas ao fim do trabalho, depois de realizada sua descrição criteriosa.

Sua narrativa circunstanciada começou por uma descrição geográfica, um relato sobre a história do espaço em que se inscrevem os sambaquis. Wiener afirmou que sua descrição é "fácil de provar", porém, carece de fontes, referências e evidências que a situem. Carrega, por outro lado um certo drama inerente ao percurso de uma natureza bela e selvagem que se modifica ao longo dos séculos.

Os terrenos em que se elevam os sambaquis, assim como as planicies que geralmente os cercam, são em grande parte pantanosos, e há muitas razões para crer que outr'ora fossem ainda peores. Primeiro que tudo, a costa brazileira acha-se sujeita, há grande numero de seculos, a uma sublevação lenta e continua, e facil de provar que certas regiões, cobertas ainda há 30, ou 40 annos pelas aguas, estão hoje acima do nivel do mar: a enchente não as invade mais e o homem estabeleceu n'ellas, de há muito o seu domicilio.

Em segundo lugar não hesitamos em affirmar que os rios d'este paiz, taes como o Ratones ou o Tavares na ilha de Santa Catharina, o Cachoeira, ou o Araquary em S. Francisco, e mesmo o baixo Itajahy no continente, são de formações bastante recente.

Ainda hoje, as planicies banhadas por estas agua fluviaes, acham-se quase a nivel do mar.

Em épochas anteriores, a agua salgada e a agua doce deviam disputar estas immensas extensões de terreno. Invadidas pelas ondas do oceano, a cada re-mar, inundadas pelas repentinas torrentes de cara borrasca, e durante a estação das chuvas, nenhum rio pôde então formar-se ahi.

Foi, provavelmente, n'uma d'estas occasiões, em que a elevação do terreno faz recuar as aguas, que uma d'essas terriveis borrascas, tão frequentes n'este paiz, cavou um leito para as suas aguas torrencias.

Pouco á pouco este leito se transformou em canal de irrigação natural, e hoje toma até certo ponto, com justa razão, o nome de rio ou ribeirão.

Entretanto, ainda contém elle actualmente quase tanta agua salgada como agua dôce.

Na maré cheia, o rio, em muitos logares de seu curso, corre para a nascente, e na vasante a agua dôce represada na parte superior do leito lança-se ao mar.

221 WIENER, 1876, p. 4.

A natureza das plantas e dos animaes que esta região produz, bem como, os costumes do homem que n'ella habita, suggerem-nos estas asserções sobre a natureza actual do paiz e permitem uma certa inducção acerca de seu passado.

[...]

As inundações, sobre o Rio Itajahy por exemplo, tornam-se menos frequentes e menos terriveis do que o eram há cerca de meio seculo, e a meu ver, em prosseguindo movimento do solo, ellas cessarão, em uma época bem próxima, sobre as margens do baixo Itajahy e sobre as de outros rios.²²²

O texto de Rath, citado por Wiener, carrega igualmente o tom dramático.

A imensa costa do Brasil guarneçada por um sem numero de bellas e variadas enseadas e praias, onde se lançam formidaveis rios e ribeirões, é pela maior parte coberta de imensas mattas em terrenos lodosos por serem banhados pelo mar, que são povoados por numerosas qualidades de caranguejos, e muitos outros animaes, desde o menor insecto até o jacaré. [...] As marés de nosso tempo não alcançam mais estes depósitos conhecidos pelo nome indígena de – Sambagué.²²³

A natureza já extinta, descrita com detalhes, fora ambiente daquelas pessoas, cujos vestígios são guardados pelos sambaquis. Para Wiener, a descrição geográfica é informação etnológica, porque o ser humano é física e intelectualmente "nimamente" dominado pela natureza.²²⁴ Está ciente de que, devido ao câmbio do litoral, conhecer estes dados é mais significativo do que registrar a topografia atual dos sítios.

A forma dos sambaquis também era um enigma. Se, por um lado, aparentavam não terem uma forma definida, a erosão natural (crescimento de vegetação, afundamento nos charcos, efeitos da chuva e do sol que teriam alterado a forma primitiva dos concheiros) e a exploração industrial contribuíram para esta indeterminação. Por isso, os sambaquis que Wiener decidiu examinar – os do rio Tavares, Sanhassu e Cachoeira –, foram aqueles que observou estarem em terreno firme e coberto por vegetação que os protegeu da deterioração.

A ele interessava encontrar algo como um padrão de construção entre os sambaquis. Para tanto, media e classificava sua forma, perímetro, extensão e altura, ainda que admitisse que isto não o conduziria a encontrar um traço arquitetônico dos sambaquis que, se existira, já estaria perdido. Entendia que a ausência de um cimento no material impedia tanto a sua coesão quanto a construção de formas geométricas definidas.

Pelas dimensões obtidas, classificou os sítios em três tipos, da seguinte forma: (i) "Os sambaquis muito extensos e pouco elevados; especie de baluartes ou trincheiras"; (ii) "Os

222 WIENER, 1876, pp. 5-7.

223 RATH, 1871, p. 287.

224 Ibidem.

sambaquis em forma de collina, solada ou apoiando-se contra as montanhas ou rochedos"; e (iii) "Os sambaquis de fôrma pouco mais ou menos regular, approximando-se seu tanto da configuração de um pão de assucar".²²⁵

A composição e o estado das conchas, que conformam parte importante do "material de construção" dos sambaquis também foi analisado.²²⁶ Wiener constatou que as conchas forneciam importante dado sobre a idade dos sambaquis, por seu estado de decomposição e pelo comparativo que era possível perceber a partir da distribuição de conchas naquele local. Registrou que as conchas raramente encontravam-se quebradas, mas que a água das chuvas "contendo sempre uma porção de acido carbonico" dissolvia em parte a massa das conchas, formando uma crosta muito dura de espessura entre cinco a oito centímetros, revestindo o sítio e servindo-o de rodapé.²²⁷

Esta camada conchífera em estado de decomposição poderia confundir um pesquisador que por isto, atribuiria ao sítio uma grande antiguidade. Para Wiener, fora este o caso de Rath, quando escreveu sobre os sambaquis paulistas. Entretanto, citando um malacólogo especialista, afirmou que estes processos podem ocorrer tão rapidamente de modo tal que não se poderia, pela decomposição das conchas, atribuir grande idade aos sambaquis.

As espécies de conchas também foram anotadas. Aqueles sambaquis, registrou Wiener, eram principalmente constituídos por *Birbigoa* e uma concha do gênero *Corbula*. Entre elas, notou *Ostras do fundo*, *Cardium* e *Melampus*. Wiener notou que estes tipos de conchas tinham grande ocorrência nos rios, lagoas e águas salobras do litoral catarinense, ao contrário da

espécie de que se compõem os casqueiros de Luiz Alves e do Bahú e outros sambaquis explorados há muitos annos, acima do Luiz Alves, na margem direita do Itajahy, assim como os que foram achados nas margens dos riachos, chamados ainda hoje Casqueiro grande e Casqueiro pequeno, já não existe n'estas paragens.

Os habitantes, cuja alimentação consiste pela mór parte em molluscos, e que por conseguinte conhecem as especies que lhes podem servir de alimento, declaram que nunca viram viva a variedade de *Corbula*, outr'ora tão comum no Itajahy.

O Dr. Müller, observador tão assiduo, dos reinos animal e vegetal d'esta provincia não achou nenhum exemplar d'este animal cuja concha ligeiramente fendida encontramos em tão grandes quantidades.²²⁸

225 WIENER, 1876, p. 9. Rath (1871, pp. 287-8) também esboçara uma tipologia: Para ele haviam os sambagués (i) exclusivamente compostos por ostras; (ii) os compostos por berbigões; e (iii) os feitos pela natureza, pela força da água.

226 WIENER, 1876, p. 10.

227 Frei Gaspar também notou o processo de decomposição da massa calcária das conchas, mais de cem anos antes. Cf. MADRE DE DEUS, 1797, p. 20.

228 WIENER, 1876, p. 11.

O grande mérito de Wiener foi a formulação da compreensão dos sambaquis a partir dos silenciosos registros das mudanças do tempo na paisagem. Para ele, a informação sobre o sambaqui não estava apenas dentro do sítio, em suas linhas estratigráficas, mas na erosão e deposição do entorno, na variação de marés e oceanos, do clima, da população faunística. Wiener consolidou o estudo geológico e topográfico como parte de sua interpretação arqueológica. Invariavelmente esta perspectiva o conduziu à conclusão de que os sambaquis, em toda sua magnitude, seriam mesmo fruto da expressão humana de outrora.

3.4 A PRÉ-HISTÓRIA SOB RISCO: A ARQUEOLOGIA MILITANTE DE ALBERTO LOEFGREN

Quase vinte anos depois da publicação de Wiener, em contexto paulista e republicano – isto é, sem o financiamento do Museu Nacional e as verbas da coroa –, Alberto Loefgren, publicou o mais extenso trabalho sobre os sambaquis do litoral de São Paulo, nas páginas do *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*.²²⁹ Mais que uma contribuição para a pretensa teoria geral dos sambaquis que se esboçara nas décadas anteriores, entre os ilustrados membros das sociedades científicas do Império, o autor apresentou ideológica ambição. Desejava que seu trabalho, um esboço cartográfico com alguns apontamentos arqueológicos sobre os sambaquis do litoral paulista servissem para sua preservação, uma vez que, conforme informou, estavam todos em vias de desaparecimento. Como discutimos no próximo capítulo, a previsão de Loefgren não era exagerada. A indústria caieira continuou a explorar os sítios por pelo menos mais cinco décadas, já no século XX.

O método de análise utilizado por Loefgren foi de longe o mais complexo e completo, comparado a de seus antecessores. O autor aliou análise topográfica, geológica, etnológica, linguística, artefactual e historiográfica – numa palavra: arqueológica – para debater diversos pontos das teorias apresentadas sobre sambaquis. Debateu especialmente com Charles Wiener, contestando ou confirmando sua tese. Com reverência a este autor, Loefgren enfatizou que sua proposta seria aplicar os preceitos de Wiener aos sambaquis paulistas, e não questionar dados e conclusões coletadas e estabelecidas no sul do país.

229 LOEFGREN, 1893.

Iniciou elencando quarenta e dois trabalhos publicados entre os séculos XVI e XVII a respeito destes sítios:

O presente trabalho nada mais e que um ensaio para reunir maior numero possível de dados relativos á história dos “sambaquis” da costa do Estado de São Paulo, e de tudo quanto com ele tem ligação íntima.

O fim que visa é apenas a utilidade a futuros investigadores [...], porque, é forçoso contar, existem fundados receios para acreditar-se num breve desaparecimento dos sambaquis que ainda perduram, visto não existir de muitos sinão a tradição.²³⁰

As referências na literatura jesuíta, naturalista e científica eram importantes referências para Loefgren. Delas, obteria não apenas um registro histórico sobre os sítios ou dados etnográficos sobre as populações indígenas. Para fins de preservação, tentou observar o quanto dos sambaquis já não estariam completamente consumidos pela atividade caieira. Também utilizou estes dados para compor algumas de suas considerações arqueológicas. As referências “da tradição”, ou seja, etnográficas ou orais – um método largamente utilizado na arqueologia daquela época – eram uma segura referência para o estabelecimento de algumas conclusões.

Destaca-se, neste texto, a referência aos sambaquis como “vestígios de ação humana” e “monumentos archeologicos”. Esta forma de qualificar os sambaquis é uma marca importante com que o autor se posicionou do debate, pois havia uma importante questão a respeito da intencionalidade da edificação destes sítios por parte de seus construtores/acumuladores. Ainda que não tivesse escavado um sítio, Loefgren era entusiasmado com a possibilidade destas “interessantes e mysteriosas formações” conterem informações importantes da pré-história do país.²³¹

Loefgren teorizou sobre a razão da existência destes sítios em terrenos de aluvião e nas bordas litorâneas. Para ele, os sambaquis teriam esta localização, escolhidos exclusivamente pela abundância “do alimento predilecto do seu povo”.²³² Afirmou que os sambaquis eram também moradias, embora algumas estratigrafias sugerissem um abandono sazonal. Classificou os elementos que o compõem em (i) restos de cozinha/ comida; (ii) objetos que lá foram descartados por inutilidade, desleixo, perda ou esquecimento. Tanto conchas quanto artefatos, na análise de Loefgren teriam a maior importância, pois:

230 LOEFGREN, 1893, p. 9.

231 LOEFGREN, 1893, p. 14.

232 LOEFGREN, 1893, p. 76.

Ambas estas categorias são de extrema importância nas investigações científicas; porque, pelo exame e estudo da primeira, pode-se chegar a formar uma opinião sobre a vida material dos autores destes monumentos e de suas relações para com a natureza, ao passo que, pela interpretação calma e criteriosa da segunda, se torna possível levantar uma ponta do véo espesso que ainda oculta sua história, para enriquecer os nossos escassos conhecimentos sobre a sua vida moral e íntima, deixando adivinhar quais as suas instituições e o grau de civilização a que chegaram: enfim se não temêssemos exagerar, diríamos – sua *psychologia*.²³³

A despeito destas elocubrações, constatações e hipóteses, o objetivo central do autor não foi senão fazer uma descrição topográfica dos sambaquis da costa de São Paulo. Assim, Loefgren notou que os sambaquis se distribuíam com irregularidade, mas que era possível notar quatro centros nos quais os sítios apresentavam determinada aglomeração: i) o da Ilha de São Vicente e canais adjacentes “onde conhecemos 9, sendo provável a existência de maior número”; ii) o da ilha de Santo Amaro ou Guahybe, inclusive todo o canal de Bertioaga, “onde fizemos reconhecimento de 21, devendo, porém, haver outros, ainda que pequenos e de importância secundária”; iii) o formado por grupos esparsos nas margens dos rios Una, Comprido, Ribeira de Iguape, e seus afluentes “onde conhecemos 27, entre grandes e pequenos sendo, estes, entretanto, apenas uma pequena parte dos que realmente existem ou já foram destruídos”; e iv) o maior, abrangendo todo o Mar Pequeno, desde a barra de Icapará até a barra do Ararapira, “onde os sambaquis estão espalhados nas margens das ilhas do Mar, Cananéa, Cardoso e terra firme”. Além disso, supôs que sambaquis considerados isolados, seriam, na verdade, parte de um conjunto de sítios destruídos ou ainda não descobertos.²³⁴

A geografia, assim como para Wiener, forneceu-lhe dados importantes para a interpretação dos sítios arqueológicos. Por exemplo, na “ilha do Casqueiro”, primeiro centro, observou duas pequenas elevações. Assim descreveu o local: “Esta parte da ilha tem pouca vegetação e apresenta a rocha viva; além disso está orientada para o Norte, de modo que estavam aqui abrigados dos ventos frios do Sul, e que talvez determinou a escolha deste lugar”.²³⁵ Já no vale do Ribeira, destacou “como um bom exemplo da instabilidade do leito dos rios do litoral basta citar o facto do proprio rio Piruybe que hoje desemboca cerca de 4 kilometros abaixo do lugar onde desembocava 8 annos atraz. [...]”.²³⁶

233 LOEFGREN, 1893, p. 53.

234 LOEFGREN, 1893, pp. 18. Grifos nossos.

235 LOEFGREN, 1893, p. 20.

236 LOEFGREN, 1893, p. 48.

Em São Paulo, os sambaquis não reuniam nenhuma destas características, além de possuírem pouco destaque na paisagem litorânea, por serem recobertos pela vegetação que cresceu a partir da mistura fértil de terra e compostos orgânicos. O perfil esboçado por Loeffgren reforça esta ideia.

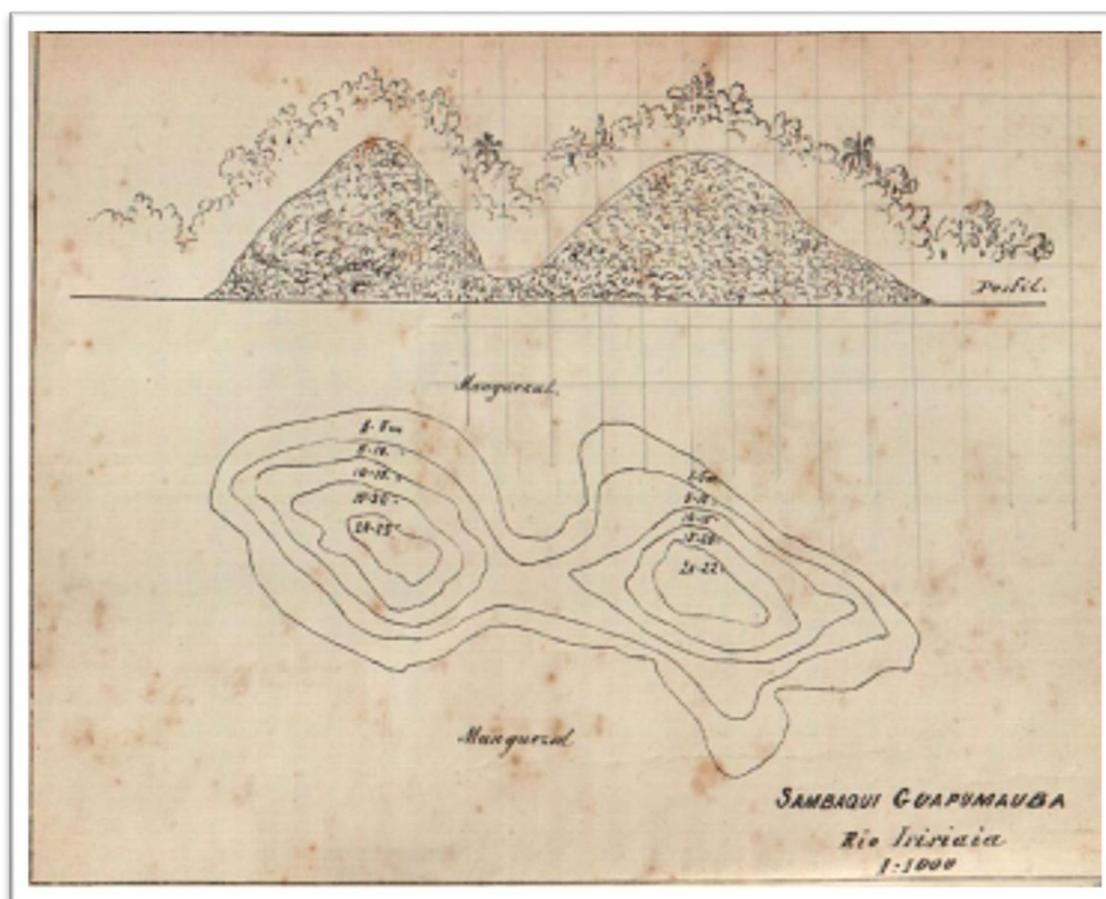


Figura 18 Croqui do Sambaqui Guapumauba, às margens do rio Iririazia, na região de Cananeia, que Loeffgren classificou como *quarto centro*.

Talvez tenha sido esta a razão que explique o fato destes sítios terem sido tão pouco explorados pela arqueologia do último quartel do século XIX. Os trabalhos que mencionam os casqueiros paulistas são, destacadamente, Burton, 1866; Rath, 1871; e Capanema, 1876. Nenhum deles, todavia, relatou uma abordagem sistemática, característica das intervenções arqueológicas da década de 1870. Isto é, antes de Albert Loeffgren, em 1893 e de Ricardo Krone, dez anos depois, o trabalho mais detalhado teria sido a descrição craniana feita por Burton, que não tinha interesse específico no tema.

A partir da década de 1890, um importante câmbio no cenário político nacional teve influência direta na produção da arqueologia e antropologia, na medida em que estas disciplinas

se desenvolveram a partir de um sólido vínculo com as instituições imperiais, sabidamente, o Museu Nacional. Este vínculo pode ser compreendido quase como uma dependência, pois a partir do Museu foi que os pesquisadores eram convidados, pagos, financiados em suas pesquisas, além da publicação dos trabalhos. A província de São Paulo obteve um crescimento exponencial na virada para a República, em termos econômicos e políticos, mas também em relação à ciência. Este desenvolvimento reverberou em três importantes periódicos: o *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo*, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* e a *Revista do Museu Paulista*.

Foi a partir das páginas destas revistas, já no início do século XX, que se consolidou uma controvérsia que deu subsídio a um equívoco da historiografia sobre a arqueologia brasileira: a ideia de que, até o segundo quartel do século XX, cientistas ainda não teriam chegado a um consenso a respeito do valor (pré-) histórico dos sambaquis, postura que teria dado margem à continuação da exploração dos sambaquis pela indústria caieira. Esta afirmação aparece em importantes manuais de arqueologia brasileira e sobre sambaquis que nos servem de referência neste trabalho.

3.5 HERMAN VON IHERING: “A CRIAÇÃO DISSE: ESTA OBRA É MINHA!”

Ocorre que o debate “artificialismo vs naturalismo” nunca existiu senão em 1903, especificamente, no volume VIII da *Revista* do IHGSP, quando o alemão Herman von Ihering, zoólogo autor de extenso trabalho, desde o posto de diretor do Museu Paulista, publicou seu artigo *A origem dos Sambaquis*. Neste texto, Ihering evocou sua autoridade científica para discordar de todos os autores que publicaram sobre os sítios concheiros. Assim iniciou seu parecer:

Um dos assumptos de maior importancia, e pois de maior interesse para o estudo da antiga historia dos aborigenes do Estado de S Paulo, é sem duvida a cultura primitiva revelada pelos sambaquis da zona costeira. Esta cultura é prehistorica e precolumbiana.

Si neste sentido não existem duvidas, estas surgem logo que se discute a origem destas ostreiras. Estudando a respectiva e não pequena litteratura, verifica-se que *quasi todos os auctores consideram os sambaquis accumulações artificiaes de conchas*, cujos animaes serviram de alimento aos indigenas.

Em oposição a esta opinião geralmente divulgada, fui eu o primeiro a reconhecer a origem natural dos mesmos, em 1894, publicando, entretanto só em 1898 [...].²³⁷

Não foi apenas o primeiro. Permaneceu o único a defender esta tese. Para rebater a "supposta acção do homem prehistorico na origem dos Sambaquis", argumentou que não houvera até então estudo preciso que estudasse a partir de uma ótica não apenas arqueológica, mas também zoológica e geológica.²³⁸

Para este autor, a indústria caieira era simplesmente uma realidade. De alguma forma, em todos os textos que trabalhamos aqui, houve algum tipo de associação entre a atividade industrial e a científica, uma vez que o valor dos artefatos "indígenas" por si, isolados do contexto dos sambaquis, era reconhecido. Por isso, das explorações industriais dos sambaquis por todo o país surgiram importantes coleções. Outrossim, a própria atividade caieira demandava que o material fosse peneirado a fim de que se seleccionassem as conchas, o que permitia que os artefatos pudessem ser encontrados pelos trabalhadores das minas. Entretanto, no texto de Ihering, esta relação é ainda mais promíscua, conforme seu relato:

O que tem sido ultimamente achado em especimens de pedra lapidada, conchas raras, ossos, etc., o senhor Manerer teve a bondade de colleccionar e me enviar; pelo que naturalmente o material de que eu dispunha, foi-se ampliando ainda mais do que poderia ter esperado caso me fosse facultado fazer excavações por um certo e limitado espaço de tempo.²³⁹

E seguiu para a descrição "O corte do sambaqui em exploração [caieira] já chegava a 8 metros em altura. O que mais me impressionou foi a normal estractificação. As camadas, duma espessura variando entre 30 e 70 centímetros, occupam a posição horizontal, com uma leve curvatura para as extremidades. [...]".²⁴⁰ A normal estratificação, para Ihering, denunciaria a qualquer geólogo que aquelas formações conchíferas seriam acúmulo natural de conchas. "Já ao primeiro olhar que lancei sobre o bem delineado córte do sambaqui paranaense pareceu-me lêr no mesmo o eloquente protesto da Creação dizendo: Esta obra é minha!".²⁴¹ Seu argumento parte da

237 VON IHERING, Herman. A origem dos sambaquis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, vol. VIII, pp. 446-456, 1903, p. 446.

238 VON IHERING, 1903, p. 447.

239 Ibidem.

240 Ibidem.

241 VON IHERING, 1903, p. 451.

distribuição das conchas que formam aquella massa compacta não deixa de obedecer a certa regra. Alternam-se camadas que só consistem de ostras, com outras em que predomina o berbigão. No logar por mim examinado obtive o seguinte perfil, de cima para baixo:

Berbigão	.	.	.	mts. 2,8
Ostras	.	.	.	>> 0,8
Berbigão	.	.	.	>> 0,7
Ostras	.	.	.	>> 0,6
Berbigão	.	.	.	>> 2,1 ²⁴²

E continuou, explicando a impossibilidade de o engenho aborígene ter edificado o sambaqui. Ihering recusou a ideia de que as conchas dos sambaquis de Baguaçu tenham sido selecionadas e acumuladas de forma intencional. Rejeitou que as cascas são restos da alimentação. Enfim, se opôs a toda a produção científica que o antecedeu.

As camadas superpostas, em espessura diferente, accusam uma formação dentro da agua, A mesma estractificação pronuncia-se egualmente bem dentro das massas de berbigão.

Acresce ainda outra circumstancia notavel. Si fosse todo o monte apenas um ajuntamento de conchas amontoadas por indigenas, então os restos dos molluscos consumidos seriam lançados em promiscuidade; mas tal não succede. Ora, como explicar então uma camada de 70 a 80 cm., formada exclusivamente de ostras?

Si calcularmos a formação do immenso sambaqui em 1000 annos (o que é arbitrário mas com certeza, antes aquem do que alem da realidade), a formação da camada de ostras teria demandado 30 a 40 annos).

[...] o caso seria sempre, que os aborígenes tendo por geração passado o berbigão, de repente tivessem mudado para passadio exclusivo de ostras por decênios, para em seguida tornarem a adoptar alternativamente o regimen de berbigão, de ostras, de berbigão outra vez e assim adeante – o que parece absurdo. Não menos absurdo é a suposição que os restos da cosinha haviam de ser carregados morro acima, para serem despejados no cume. Tal pedantismo não se harmoniza com os costumes de nossos indígenas.²⁴³

Apesar de seu declarado ceticismo, Ihering é, de todos os autores que publicaram sobre sambaquis neste período, aquele que melhor se aproximou das datações atuais sobre sambaquis, em dois aspectos. Primeiro, pela projeção do tempo de acumulação (mil anos). Depois, porque concluiu que estes montes datassem do final do quaternário, enquanto os outros autores, reticentes em afirmar, supuseram algo em torno de três séculos ou pouco antes da colonização.

242 VON IHERING, 1903, p. 450.

243 VON IHERING, 1903, p. 452.

Pouco modesto em sua defesa, Ihering confessou uma falha de sua própria teoria. Ora, se a formação estratigráfica dos sambaquis acusa uma formação natural e subaquática, como se explicaria a presença de ossos e artefatos humanos? Dúvida a qual ele mesmo respondeu:

taes objectos podem ter sido perdidos por algum pescador ou outro, assim como os esqueletos podiam ser de algum indigena afogado. A maioria das pedras que observei [...] que poderiam ser arrastadas pela correnteza por efeito da tempestade ou trazidas pela maré. [...] As mesmas forças porque não haviam de transportar pedras dum certo volume e peso para depositar de envolta com quintaes de conchas e caramujos?²⁴⁴

Outra hipótese para explicar a presença de artefatos líticos seria o “sepultamento” destes, em um período bem posterior ao da formação dos sambaquis. Pesava também a ausência de ossos de mamíferos, carvão vegetal e de cerâmica: “Contra a theoria dos *restos de cozinha* podemos ainda argumentar [...] Não ha nem houve um povo tão exclusivamente ichtyophago e concheophago que ignorasse o uso de armas e de ciladas para caçar antas, porcos do matto, veados etc. [...]”²⁴⁵ O veredicto veio a seguir:

A ideia da construcção artificial é falsa, não só sob o ponto de vista geologico, mas também sob o zootechnico. É engano suppor-se que para a construcção artificial de um sambaqui basta ajuntar e amontoar conchas. Estas, expostas ao ar livre e ás continuas mudanças de temperatura e humidade decompõem-se rapidamente.²⁴⁶

Dentro dos estudos de caráter arqueológico, considerava-se os vestígios humanos de um determinado sítio. Estes vestígios quase sempre se reduziam a artefatos de pedra ou cerâmica, sepultamentos, ossos de animais, carvão e algum vestígio de assentamento. São estas as evidências que podem atravessar séculos e milênios sob o solo, resistindo ao tempo. E foi a partir delas que os arqueólogos, com uma técnica adaptada da geologia e paleontologia, conseguiam contextualizar as informações dos sítios. Contudo, importava interpretar que as conchas que compunham os sambaquis pertenciam a animais que faziam parte da dieta de seus construtores. Eles analisaram, como vimos, sua procedência e espécie, suas cores e o estado de decomposição em alguns casos.

Ihering, por sua vez, fez das conchas o principal foco de seu estudo. Afirmou-se “o único especialista” a tratar do tema. Para ele, a questão em torno dos sambaquis se resolveria

244 VON IHERING, 1903, p. 452.

245 VON IHERING, 1903, p. 453.

246 VON IHERING, 1903, p. 456.

ao explorar o comportamento de moluscos e o estado de deposição de suas conchas. Segundo ele,

Encetar tal estudo, seria condigna tarefa de alguma corporação científica, representada por especialistas, e não sí na archeologia, como também como concurso do geologo e do zoologo, pois que, dos exploradores leigos e diletantes, não ha que esperar mais do que já tem sido dito e repetido. *Justamente o predominante interesse anthropologico despertado pelos Sambaquis, foi também a causa do insuccesso.* Dahi preveiu, como natural base e ponto de partida para taes explorações, a preconcebida opinião de serem estes montões de conchas os seculares restos de refeições de gerações humanas.²⁴⁷

Esta “ideia preconcebida” tinha um autor: Frei Gaspar Madre de Deus, “apenas no século XVII” que inventara a historia da construcção artificial dos sambaquis pelos indígenas.²⁴⁸ Ihering estaria a desconstruir uma falácia que teve início nos tempos da colônia e ganhou cientificidade pela publicação de pessoas leigas que a reafirmaram.

No mesmo número da *Revista*, Alberto Loefgren publicou um artigo eufórico, rebatendo cada ponto da argumentação de Ihering com ironia raivosa. Para além da discordância no campo científico, parece que Loefgren se ofendeu especialmente pelo desprezo com que Ihering apreciou o trabalho de seus antecessores. Nas primeiras quatro páginas, resumiu o artigo de Ihering. E então, começou sua apreciação crítica:

Em primeiro logar devemos confessar que divergimos e bastante da opinião do autor quando elle, na introducção do seu trabalho, lastima que até hoje somente leigos e diletantes se occuparam com estas interessantes formações, porquanto conhecemos os admiraveis trabalhos de homens como os Srs. Dr. Hartt, Dr. Orville A. Derby, [...]. E por mais inverosimil que parece temos que admittir que o autor não conhece estes trabalhos para avançar o que elle avançou no delle.²⁴⁹

Além de desconhecer a modesta literatura existente sobre sambaquis – que, de fato, não foi nominalmente citada por Ihering – Loefgren o acusou de citar um autor que jamais teria

247 VON IHERING, 1903, p. 447.

248 VON IHERING, 1903, p. 457.

249 LOEFGREN, 1903, p. 462.

visto um sambaqui.²⁵⁰ Continuou seu texto, contestando a controversa natureza da argumentação de Ihering com expressa ironia:

Infelizmente, porém o autor não fornece explicação alguma talvez, porque admite bondosamente que todos os leitores possuem a sabedoria delle. Também não entendemos quando, depois de ter o autor dito que: *não se deve imaginar a configuração da bahia no tempo da formação do referido sambaqui como diferente da de hoje*, ele, logo em seguida continúa: *onde agora é rio, era então uma bahia aberta e muito mais funda etc.* Francamente, isso não é fácil de entender.²⁵¹

Sobre a explicação para os esqueletos encontrados nos sambaquis, que Ihering supõe pertencerem a indígenas vítimas de afogamento, Loefgren divertiu-se:

Principalmente interessante mas igualmente difícil de explicar pela nova theoria, está a Casqueira grande de Cubatão que se acha no cimo de uma rocha de 30 metros de altura, rodeado de mangue por todos os lados e da qual já sahiram durante uma exploração de mais de 2 annos, acima de 100000 metros cubicos de ostras e de conchas e, talvez centenas de esqueletos, restando ainda provavelmente outro tanto. Quanta gente afogada no cimo do monte e que maelström aquatico e aereo!²⁵²

Provavelmente, dentro das reuniões ordinárias dos membros do IHGSP e do Museu Paulista, esta contenda tenha reverberado para além das páginas das revistas e boletins, como acusou o clamor de Benedicto Calixto no número de 1904 da *RMP*.²⁵³ Tampouco Herman von Ihering, o polêmico autor da controvérsia, que pareceu conivente com a exploração da cal, pode ser responsabilizado pelo arrasamento dos sambaquis. Ainda que tenha defendido uma tese sobre sua formação natural, encerrou seu texto afirmando que:

[...] entendo que os sambaquis, ao em vez de perder quanto ao interesse, pelo contrario, nelle enaltecem, desde que não têm só uma importância archeologica mas também geológica. Representam neste sentido documentos de alto valor, cuja destruição systematica constitue um acto de vandalismo, contra o qual é tempo de protestar energicamente. Reclamo nesse sentido o apoio do Instituto afim de que proponha o patriótico governo do Estado as medidas necessárias para sua conservação.²⁵⁴

250 Este tipo de acusação era comum, havendo uma certa disputa que envolvia os trabalhos “de campo” e os “de gabinete”. Cf. LUNA FILHO, 2007, p. 55-57.

251 LOEFGREN, 1903, 463. Grifos originais.

252 LOEFGREN, 1903, 464.

253 CALIXTO, Benedito. Algumas notas e informações sobre a situação dos sambaquis de Itanhaen e de Santos. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, vol. VI, pp. 490-518, 1904.

254 VON IHERING, 1903, p. 457.

Neste ponto, sua postura converge com a de Loefgren, para quem a preservação dos sambaquis era urgente e necessária, pelo valor arqueológico destes sítios: “Os sambaquis, representando estes restos únicos, constituem, portanto, documentos únicos da nossa prehistoria, e por isso somos tentados á comparar a sua destruição com o incêndio da biblioteca de Alexandria, sendo certo que a perda dos objetos que encerram, é uma perda irreparável”.²⁵⁵

Considerando apenas as publicações, foi assim, em dezessete páginas de um único volume da *Revista* do IHGSP, que se iniciou e se encerrou uma controvérsia que jamais teria a dimensão que tomou, não fosse inflamada pela historiografia ao longo do século XX e XXI.

255 LOEFGREN, 1893, p. 86.

Capítulo 4

O TEMPO É VORAZ, O HOMEM AINDA MAIS²⁵⁶ OU EXPLORAÇÃO “NECRÓFILA E BÁRBARA”²⁵⁷

Os costumes da população nova são outros, em vez de construir os *sambaquis* ella os destróe fazendo cal e brevemente delles em vão se procurarão vestígios: restará só o nome.

Guilherme Schuch Capanema, 1876.²⁵⁸

4.1 O QUE RESTOU DOS SAMBAQUIS

Pioneirismo científico e destruição do patrimônio. De acordo com a literatura arqueológica do século seguinte, foram estes os principais legados da arqueologia em

256 Provérbio latino citado por Conde de la Hure: Tempus edax, homo edacior. Ou, em Victor Hugo, na sua obra *Notre Dame de Paris* [*Corcunda de Notre Dame*, em versão brasileira], “o tempo é cego, o homem é burro”. Victor Hugo recorreu ao mesmo provérbio romano evocado pelo Conde, por uma razão semelhante. Em *Notre Dame...*, a Catedral, a arquitetura da Idade Média e do Antigo Regime são, metaforicamente, personagens principais e sofrem a mesma violência e degeneração que Quasímodo, o corcunda da torre. In: KESSLER, Joan C. Babel and Bastille: architecture as metaphore in Victor Hugo's Notre Dame de Paris. Disponível em:

<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40551243?uid=3737664&uid=2134&uid=2484106827&uid=2&uid=70&uid=3&uid=2484106817&uid=60&sid=21104714790017>> Acesso em 30 set 2014. Sobre o movimento de restauração dos monumentos franceses atacados pela revolução, em meados do século XIX, ver também: KUHL, Beatriz. A restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX: um período crucial para o amadurecimento teórico. Revista CPC, São Paulo, n. 3, p. 110-144, nov 2006/ abr 2007.

257 DUARTE. *O sambaqui*: visto através de alguns sambaquis. São Paulo: IPH-USP, 1968, p. 7.

258 CAPANEMA, Guilherme Schuch de. Os Sambaquis. *Ensaios de sciencia* por diversos amadores, vol I. Rio de Janeiro, Brown & Evaristo, Editores, 1876, p. 88.

sambaquis brasileiros no século XIX.²⁵⁹ São poucos os trabalhos dedicados a considerar e analisar os êxitos da arqueologia dos oitocentos para as práticas científicas posteriores. Entre eles, destacamos os textos de Johnni Langer, Lúcio Ferreira, Francisco Noelli. Estes trabalhos, mais específicos sobre a arqueologia em sambaquis, ainda que breves, são fundamentais para balancear o ponto de vista predominante de que os cientistas do século XIX não teriam ido além do debate sobre a artificialidade ou origem natural dos concheiros da costa brasileira. Ambos compreendem a arqueologia daquele século dentro de um cenário complexo de institucionalização, poder, política e ideologias. Além disso, legitimam os cientistas pioneiros e seu legado.

O arrasamento dos sítios sambaquis, sobretudo pela indústria caieira, outro tópico polêmico, apontado desde pelo menos o século XVII pelas histórias narradas pelos padres historiadores, perpassam o *boom* arqueológico do século XIX, e encontram, no século XX, destacados denunciadores, alarmados pelo perigo eminente da destruição dos sítios sambaqueiros e, junto com eles, informações valiosíssimas sobre a ocupação do território brasileiro, ou seja, sobre a “pré-história” brasileira.



Figura 19 Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, localizado no antigo Colégio dos Jesuítas, em Salvador. Detalhe das paredes construídas com pedra e argamassa feita com conchas, um exemplo típico da arquitetura colonial. De acordo com Fernão Cardim, “destas cascas [dos mariscos que comiam os índios] fazem cal, e de um só monte se fez parte do Collegio da Bahia, os paços do Governador, e outros muito edifícios e ainda não he exgotado”.²⁶⁰

259 PROUS, 1990; GASPAR, 2004; BLASIS, 2005.

260 CARDIM, 1925, p. 141. Imagem disponível em: <<http://www.mae.ufba.br>>. Acesso em 12 out 2015.

Ainda em 1904, o artigo de autoria do artista e historiador autodidata Benedicto Calixto foi dedicado à defesa da preservação dos sambaquis. Para Calixto, o posicionamento dos cientistas a respeito do valor arqueológico dos sítios seria fundamental para frear a exploração econômica dos sambaquis. “Ora, isto diziamos nós em 1894 ou 95, entretanto, não obstante termos ainda sobre sambaquis a mesma idéa que tínhamos naquella época, jamais nos resolveríamos a tratar desse assumpto”.²⁶¹

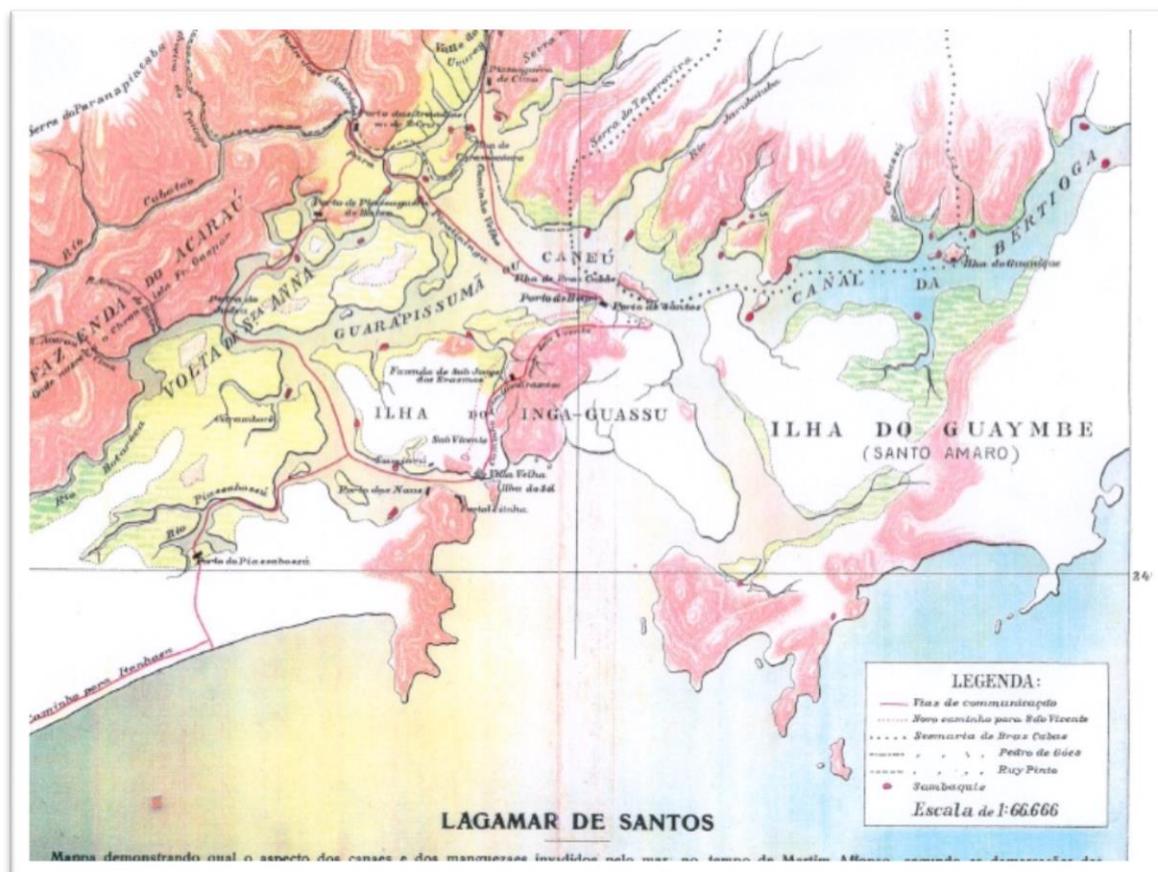


Figura 20 Mapa de Benedicto Calixto, representando parte do litoral paulista. Os pontos vermelhos localizam os sambaquis. In: CALIXTO, 1904, p. 735.

Neste mesmo volume, Calixto apresentou um mapa da região litoral sul de São Paulo, com mais de vinte dos “principaes sambaquis, hoje destruídos”.²⁶² O objetivo central do artigo era discutir teses veiculadas na *Revista* de que os sambaquis tinham formação natural, ou não tinham valor pré-histórico. Entretanto, por trás de uma discussão acadêmica, é latente em seu texto o desejo de que as autoridades científicas legitimassem os sambaquis como sítios pré-históricos, a fim de preservá-los contra a destruição promovida pela indústria caieira: “Nesse

261 CALIXTO, 1904, p. 491.

262 CALIXTO, 1904, p. 735

clamor aos poderes públicos, fazemos côro com A. Löfgren, H. Von Ihering e outros que tanto se interessam pela questão de conservação dos sambaquis”.²⁶³

A um trabalho de 1938, de autoria de Othon H. Leonardos, todavia, é atribuído o ponto pacífico sobre as origens naturais ou antrópicas dos sambaquis.²⁶⁴ *Concheiros naturais e sambaquis*, ainda hoje pode ser considerado o mais audacioso, erudito e completo trabalho sobre estes sítios, mesmo se levarmos em consideração o fato de que foi elaborado antes das datações por carbono e do que autores qualificam como “período científico” da arqueologia, isto é, pós década de 1950. O fluminense Leonardos era, na verdade, funcionário do departamento nacional de mineralogia. Daí até aventurar-se pelas veredas da arqueologia, pesou o fato dos sambaquis serem jazidas de valor ambíguo no momento, ao mesmo tempo, mina de cal e sítio arqueológico. Estabelecer esta diferenciação, para além do nominalismo, foi medida que reverberou nos dois mundos, científico e industrial. A partir de então, chamar-se-iam de concheiros, aquelas aglomerações naturais de conchas, ao passo que sambaqui seria o nome reservado aos sítios arqueológicos.

O amparo legal à demanda pela preservação dos sambaquis veio, por sua vez, de maneira indireta e parcial. Primeiro, sob forma do decreto-lei 25/1937, que deu diretrizes ao Serviço ao Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e que patrimonializou “o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”.²⁶⁵ Aqui, pesou o fato da lei exigir um “excepcional valor arqueológico”, fator que, em se tratando de sambaquis, era um tema ainda controverso.

O decreto-lei 1985/1940, conhecido como “Código de Minas”,²⁶⁶ que “define os direitos sobre as jazidas e minas, estabelece o regime do seu aproveitamento e regula a intervenção do Estado na indústria de mineração, bem como a fiscalização das empresas que utilizam matéria prima mineral”, regulamentou a exploração dos sambaquis, reconhecidos como jazidas minerais. De maneira controversa, a mesma ótica que submeteu os sambaquis à exploração industrial os colocou sob domínio da lei. Evidentemente, esta lei esteve contextualizada em um

263 CALIXTO, 1904, p. 504.

264 LEONARDOS, Othon Henry. *Concheiros Naturais e Sambaquis*. Avulso n. 37. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1938.

265 BRASIL. Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: 13 maio 2015.

266 BRASIL. Decreto-Lei nº 1985, de 29 de março de 1940. Código de Minas de 1940. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/111067/codigo-de-minas-de-1940-decreto-lei-1985-40>>. Acesso em: 19 jun 2012.

projeto mais amplo, qual seja, o projeto de desenvolvimento nacional do Estado Novo, mais do que em um plano de preservação do patrimônio arqueológico do país.

Dois anos depois, ainda durante o governo Vargas, uma nova lei, 4146/1942, decretou os depósitos fossilíferos como propriedades do Estado, e que as intervenções para quaisquer fins dependeriam de autorização emitida pelo Ministério da Agricultura.²⁶⁷ Este decreto também conferiu certa autonomia às explorações de fins científicos e acadêmicos: “Independem dessa autorização e fiscalização as explorações de depósitos fossilíferos feitas por museus nacionais e estaduais, e estabelecimentos oficiais congêneres”.

A primeira vez que os sambaquis foram mencionados diretamente pela legislação nacional foi em 1961, com o decreto-lei 3924, que dispõe sobre “monumentos arqueológicos e pré-históricos”.²⁶⁸ Neste, os sambaquis são definidos como monumentos arqueológicos, como vestígios de cultura paleoameríndia. São definidos também a proibição de sua destruição ou mutilação, o direito à pesquisa sob anuência da União e sua exploração prevista pelo Código de Minas, desde que com autorização do SPHAN.

Evidentemente, tais leis postas em perspectiva histórica ocultam a grande mobilização intelectual voltada à causa da preservação dos sambaquis durante as décadas anteriores, da qual Paulo Duarte – autor da frase que nomeia este capítulo – foi, sem dúvidas, seu maior expoente. A existência destas leis por si tampouco garantem qualquer preservação patrimonial.

Sendo queixa unânime entre arqueólogos hodiernos o prejuízo causado pela exploração industrial dos sambaquis, dedicamos as páginas seguintes à análise de como a arqueologia do século XIX administrou a destruição dos sambaquis neste período de consolidação dos sítios como fatos de relevância científica.

4.2 O CAMINHO DAS CONCHAS

Sob um determinado ponto de vista arqueológico, os objetos têm vida própria. Nesse sentido, um arqueólogo pode ser também um biógrafo das coisas. Artefatos são confeccionados

267 BRASIL. Decreto-Lei nº4146, de 04 de março de 1942. Dispõe sobre a proteção de depósitos fossilíferos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4146.htm> Acesso em 13 maio 2015.

268 BRASIL. Decreto-Lei nº 3924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm>. Acesso em: 19 jun 2012.

por pessoas, refletem suas necessidades e habilidades. Entretanto, são tão dependentes de seres humanos quanto estes são dependentes de suas coisas. Esta premissa teórica, elaborada na segunda metade do século XX por arqueólogos como Michael Schiffer e Ian Hodder, permite-nos enxergar tanto sambaquis como casas coloniais de alvenaria como um complexo arqueológico, partes de um mesmo processo, no caso, a trajetória de vida de uma série de conchas, vistas como artefato.

Sambaquis e as casas colinais, sob esta perspectiva, não podem ser desassociados, pois o próprio material constitutivo entrelaça os dois feitos do gênio humano. Tampouco a exploração caieira e científica dos sambaquis são universos apartados. Ao contrário, os documentos da arqueologia podem ser fontes preciosas para compreender esta indústria. Supomos também que a via inversa, o uso de documentos comerciais também seja válido para a compreensão da atividade arqueológica no século XIX. Propomos uma tentativa de acompanhar a trajetória da primeira.

4.2.1 A Exploração Caieira Pelos Textos Da Arqueologia

No Brasil, desde o século XVI, as conchas e ossos extraídos dos sambaquis consistem em uma das principais matérias-primas da arquitetura colonial, para a elaboração de cal e argamassa, conforme apontam os diversos documentos que trabalhamos. O consumo dos sambaquis como fonte para a construção civil durante séculos demonstra a relevância que tais ostras possuíam para a administração colonial. Por isso, é comum que alguns sambaquis atuais estejam associados na paisagem a fornos construídos para a queima das conchas e ossos. A dimensão desta exploração, isto é, quantos sítios foram esgotados, contudo, não podemos saber.

A indolência da qual os indígenas foram acusados foi respondida pela insensibilidade da engenharia e arquitetura do período: moer ossos para construir igrejas! Embora a cal não fosse obtida exclusivamente a partir das conchas dos sambaquis – usava-se também conchas marinhas de bancos naturais e, mais tarde, de pedras calcárias, sobretudo nos interiores do país – a exploração destes sítios perpassou leis de proteção e continua no século XXI, a despeito de monumentais esforços de preservação.²⁶⁹

269 CAL. In: CORONA; LEMOS. Dicionário da Arquitetura brasileira. São Paulo: Edart, 1972, p. 96-97.

Apesar das descrições, não é possível saber quais são os sambaquis mencionados pelos trabalhos dos autores do XIX. Estas informações seriam importante contribuição para o estudo das relações intersítios.

4.2.1.1 Santa Catarina

Os oito concheiros descritos por Conde de la Hure, no litoral norte da província de Santa Catarina foram relacionados como propriedades particulares e locais de exploração da cal. Por esta mesma razão, o Conde escreveu em 1865 para o IHGB, solicitando verba para que pudesse indenizar os proprietários dos sambaquis.²⁷⁰ Sobre o sítio *B*, localizado nos entornos do Lago Saguassu, o Conde afirmou:

A altura atual deste concheiro é de 3 metros, mas deve ter sido muito mais elevado, os empréstimos que foram feitos para a fabricação de cal e para outros usos diminuiram consideravelmente as dimensões. [...] As marcas do fogo são profundas e tal era o ardor em certos pontos que as conchas estão reduzidas à cal em uma espessura de dois centímetros.²⁷¹



Figura 21 Vista da lateral da igreja matriz de São Francisco do Sul-SC. Conde de La Hure informou que toda a cal que abasteceu a vila foi obtida a partir dos sambaquis do litoral norte da província. Foto capturada do *site* da prefeitura do município. <<http://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/>>.

270 DE LA HURE, Conde. *Ilmo e Excmo Sr Visconde*. IHGB, lata 311, doc 9. Rio de Janeiro, 1 set 1865.

271 DE LA HURE, Conde. *Considérations sommaires sur l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca. 10 mar 1865. IHGB, Lata 15, doc 9. Tradução livre.

Apesar das marcas da exploração, o “prestativo proprietário” M. Francisco de Souza, permitiu, segundo De la Hure, que fossem feitas as pesquisas que julgasse úteis. O mesmo proprietário conduziu o Conde a outro concheiro, localizado em um monte chamado de Montão de Trigo, margem direita do braço de mar São Francisco do Sul, denominado em suas notas pela letra C. O sítio C, segundo consta, pertenceu a muitos proprietários que, durante mais de duzentos anos extraíram parte considerável do sambaqui, para fazer “toda a cal necessária à Vila de São Francisco do Sul” e a diversos pontos da costa. Naquela época, o autor registrou sua altura de 45 a 50 metros, e circunferência de “pelo menos 500 jards”.

Tempus edax, homo edacior,²⁷² lastima De la Hure. No concheiro D, de propriedade de M. Manoel dos Santos, situado à margem esquerda do Rio Velho também havia marcas de exploração para o fabrico de cal. Ainda assim o missivista registrou altura de 18 metros e 128 [...] de circunferência.

Charles Wiener, que, em 1876, fez parte da expedição que informou ao Museu Nacional sobre sambaquis de Santa Catarina, em uma região cem quilômetros mais ao sul em relação à do trabalho do Conde de la Hure, também constatou grandes sambaquis em estado de exploração pela indústria caieira. Segundo o autor, a região se ocupava dos sambaquis “antes pelo lado industrial do que pelo científico”. Em carta introdutória, dirigida ao diretor do Museu, Ladislao Netto, lamenta: “Saint-Hilaire, Burton e Agassiz mencionaram-nos, e[...] Deixáram infelizmente aos seus sucessores o cuidado de estudar monumentos que a industria explora todos os dias e que desaparecem sem deixar vestígios”.²⁷³

O *do rio Tavares*, “tendo sido em grande parte explorado por fabricantes de cal não apresentava mais contorno algum; não nos foi possível levantar o plano d’este sambaqui, nem obter uma secção vertical que nos satisfizesse”. Outros dois, *segundo* e *terceiro*, estavam intactos ainda. Wiener também testemunhou “enormes casqueiros”, de *Sanhassu* e de *Cachoeira* em exploração.

Nosso companheiro de viagem o sr. Carlos Schreiner encontrou no Saco dos Limões, perto do Desterro, um homem chamado Severino Martins que fornecia á sua freguezia toda a cal de que ella precisava. Elle pescava a birbigôa de que, em parte, se nutria a sua família, e do producto da cal a que reduzia a casca, provia as suas despesas. Ora se um homem pôde reunir tão consideravel

272 “O tempo é voraz, o homem é ainda mais”. Cf. nota introdutória deste capítulo.

273 WIENER, 1876, p. 3.

quantidade de moluscos, que muito é que uma tribu forme montanhas como a de que falla o sr. de La Hure ou series de colinas como as de S. Paulo.²⁷⁴

4.2.1.2 Pará



Figura 22 Fortaleza de Óbidos, citada por Penna e Hartt como um dos destinos da cal obtida a partir dos sambaquis. Ao fundo, o rio Amazonas.

In: IPHAN/PA. Caixa 259. ARQ.01.MOV.01.EST.07.PRA.01.POS.06, set 1985.

O trabalho de Ferreira Penna sobre os sambaquis do Pará, publicado na *Archivos* no ano de 1877, também mencionou a exploração da cal oriunda das conchas dos sambaquis. Esta exploração arqueológica, que resultou na publicação da *Breve notícia...*, tinha a importante missão de estudar a composição das minas de sernamby do Pará, a partir da perspectiva antropológica que estava sendo elaborada pelos intelectuais do Museu Nacional. Todavia, a expedição já começou por uma surpresa. Depois de perder seis dias no mar, o pequeno grupo liderado por Ferreira Penna soube que “não existe Sambaqui algum nas visinhanças daquela povoação [Salinas]”.²⁷⁵

Ocorreu, na verdade, que as informações obtidas por relatos escritos e orais levaram à constatação que, já ao final da década de 1870, os sambaquis paraenses estavam reduzidos em quantidade e em tamanho, devido à exploração industrial. Ferreira Penna, em esforço para gerar registro e informações aos “homens científicos”, “futuros exploradores” e “poupar-lhes muitos dos embaraços e decepções” assim os descreveu.

274 WIENER, 1876, p. 17.

275 PENNA, 1876, p. 84.

O sambaqui *Mina de Apicuns*, ao pé da boca de um pequeno igarapé, que entra na margem direita do Araripó e sobre terreno pedregoso, formava uma espécie de ilha. Apontado como “completamente exausto e ha já muito tempo abandonado pelos exportadores de conchas; as que restam d'estas estão misturadas com terra preta, pedras e fortemente incrustradas.”²⁷⁶

Mina de Tijolo, como era conhecido um sambaqui situado em “uma pequena ilha do Furo que communica o rio Inajá com o Pirabas” estava já completamente extinto. Assim como o sambaqui *Mina de S. João*, em terra firme, “á margem direita do Igarapé *Axindêua* e quasi na junção deste com o rio Pirabas”.²⁷⁷ A transformação do sítio também foi descrita por Ferreira Penna: “Sobre elle e á custa délle se elevou, ha 2 annos, a pequena povoação de S. João, composta de uma capellinha e de 12 casas, em grande parte dispersas e algumas fóra da área do Sambaqui”.

Na outra margem do *Axindêua*, pertencente a um particular que possuía uma casa perto dali, o autor descreve um sambaqui sobre uma “collina pedregosa e muito arvorejada, que se eleva cerca de 15 metros acima do nivel do rio”. Era o sambaqui *Mina do Vianna*, “muito perturbado”, mas sem descrição de atividade caieira.²⁷⁸

O sambaqui *Mina da Coroa-Nova*, no centro da ilha que fica entre os rios Guapurica e Pirabas, classificado como de “dominio publico, e como tal tem sido e continua ainda a ser explorada [a mina] e arrasada pelos carregadores de Sernamby”.

Segundo o testemunho de pessoas conspicias, este Sambaqui formava uma collina tão alta que dominava as mais altas arvores da ilha, e da sua summidade se avistava perfeitamente o mar e os dois rios vizinhos; agora seu horizonte circumscreve-se aos troncos de Mangue, e sua altura sobre o nivel do Igarapé que alli vae ter, não excede 6 metros.²⁷⁹

Outro sambaqui, a *Mina do Capitão Clarindo*, no meio da Ilha do Marinheiro, era explorado por seu proprietário, o Capitão Clarindo Pinheiro “que tem alli casa e um bom forno onde prepara a cal de que se suppre a Cidade de Bragança”.²⁸⁰

Segundo o autor, os sambaquis fluviaes, do interior da província, estavam ainda mais arrasados que os da costa marítima: “apparecem tambem em muitos pontos do interior [...], principalmente á beira do Lago Grande das Campinas, perto da Costa meridional do Amazonas,

276 PENNA, 1876, p. 87-88.

277 PENNA, 1876, p. 86

278 PENNA, 1876, p. 89.

279 PENNA, 1876, p. 89.

280 PENNA, 1876, p. 90.

quasi em frente de Obidos, e nas vizinhanças da costa occidental do Tocantins, em differentes districtos da Cidade de Cameté.”. Destes, Ferreira Penna visitou dois, os sambaquis de *Curuça*, (perto da cidade) e o de *Jassapetuba* (ao norte de Cameté dez milhas distante) “Explorados ha muito mais de um seculo e arrasados pelos fabricantes de cal, os dous Sambaquis estão ainda mais destruidos do que os da costa maritima; nem um d'elles se eleva hoje sensivelmente acima do terreno circumvisinho”.²⁸¹

Estes recortes destacados do *Breve notícia...* de Ferreira Penna permitem-nos afirmar que apesar de encontrar os sambaquis em estado de exploração ou mesmo de extinção, o autor não tratou em momento algum esta constatação com pesar, tampouco, ao longo do texto, reclamou interseção de autoridades para impedir a exploração das conchas dos sambaquis. Ao contrário, o autor tratou com naturalidade a empresa industrial nas minas paraenses.

A exploração da cal das conchas oriundas dos sambaquis, aliás, é referida por um texto do século XVIII usado como referência por Penna: “Entre a Villa Viçosa (atual cidade de Cameté) e o canal do Limoeiro se acham dilatadas minas de Bribigões e as conchas marinhas a que dão o nome de *Sernamby*, de que a faz consideravel quantidade de cal, que é outro ramo do commercio d'aquella villa.”²⁸²

A referência do Arcipreste Dr Noronha levou Ferreira Penna à conclusão de que os sambaquis já estariam bastante reduzidos em relação ao que teriam sido dois séculos antes (Penna estimou a idade dos sítios em duzentos ou trezentos anos, concordando com a tese de Wiener sobre os concheiros de Santa Catarina), em consequência da exploração que supriu as demandas das fábricas de cal da capital. O negócio da cal mostrou-se rentável, de acordo com a aproximação calculada pelo autor:

Contei 8 barcos nos rios Pirabas e Juapirica, occupados em carregar Sernamby, e fui informado de que mais 4 tinham partido carregados para a capital. O maior desses barcos tem capacidade para 600 alqueires de Sernamby e o menor não carrega mais de 60.

O Sernamby posto na fabrica é pago a 500 rs por alqueire e cada barco, tiradas as despezas, deixa ao dono o lucro liquido de 10 a 30\$000, em cada viagem, não entrando na conta os juros do capital empregado e a despeza de reparos e de conservação do navio.²⁸³

281 PENNA, 1876, p. 91.

282 NORONHA, Monteiro de, Arcypreste Dr. Roteiro de Viagem da cidade do Pará aos ultimos dominios portugueses no Amazonas. *Colleção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas*. Vol 6. Lisboa, 1856. In: PENNA, 1877, p. 93. Nota de Ferreira Penna: “As conchas não são marinhas, mas sim fluviaes, havendo muitas terrestres”. Grifos originaes.

283 PENNA, 1876, p. 93.

João Batista de Lacerda, o antropólogo que elaborou o primeiro artigo antropológico específico sobre sambaquis, afirmou os distúrbios causados pela exploração econômica, que modificou as formas originais dos sítios e sua estratigrafia.

Infelizmente, essas explorações industriaes contribuíram não pouco para modificar a fôrma primitiva d'essas collinas artificiaes, perturbando o natural arranjo das suas camadas componentes e d'esta sorte difficultaram as explorações scientificas que mais tarde se fizeram. D'ellas, um pequeno numero, porém, pôde escapar a essa brutal devastação, conservando intactos os seus moldes primitivos.²⁸⁴

Os sambaquis estavam em estado tão vulnerável que, quando o professor Charles Hartt visitou outros sítios paraenses, menos de uma década após a investida de Ferreira Penna, encontrou-os também devastados, como descreveu em sua publicação da *Archivos* em 1886. O forte de Óbidos, constatou, teve sua cal oriunda toda de um sambaqui “situado no lugar chamado Mondongo, no lado occidental do rio Trombetas”.

Fragmentos de louça e uns poucos de ossos humanos foram encontrados em outros sambaquis. Pessoas fidedignas informaram que ha annos foram encontrados no sambaqui da Corôa Nova dous esqueletos humanos, de bruços, ao lado um do outro e muito juntos. N'um outro sambaqui foi encontrado em 1875 um esqueleto humano inteiro, dentro de um grosseiro vaso de barro que estava soterrado entre as conchas. No mesmo sambaqui foram encontrados ultimamente ossos que dizem ser de dimensões extraordinárias”.²⁸⁵

4.2.1.3 Paraná

Herman von Ihering identificou no rio Boguaçu, bacia de Paranaguá, a cinco quilômetros de distância da praia, dois sambaquis, um que denominou *grande* e outro, menor, *do Teodolico*. Sobre aquele, afirmou: “O sambaqui grande porém é utilizado para a fabricação de cal, e será, para este fim, rendoso por muito tempo, pois que seu volume total foi calculado em nada menos de 750 000 m. cub., achando-se o serviço em andamento ha 8 meses”.²⁸⁶

284 LACERDA, 1885, pp. 177-178.

285 HARTT, 1885, p. 6.

286 VON IHERING, 1903, p. 449.

4.2.1.4 São Paulo

“Destas conchas dos mariscos que comêraõ os Indios, se tem feito toda a cal dos edificios desta Capitania desde o tempo da fundação até agora, e tarde se acabarãõ as Ostreiras de Santos, S. Vicente, Conceição, Iguape, Cananéa &c”.²⁸⁷

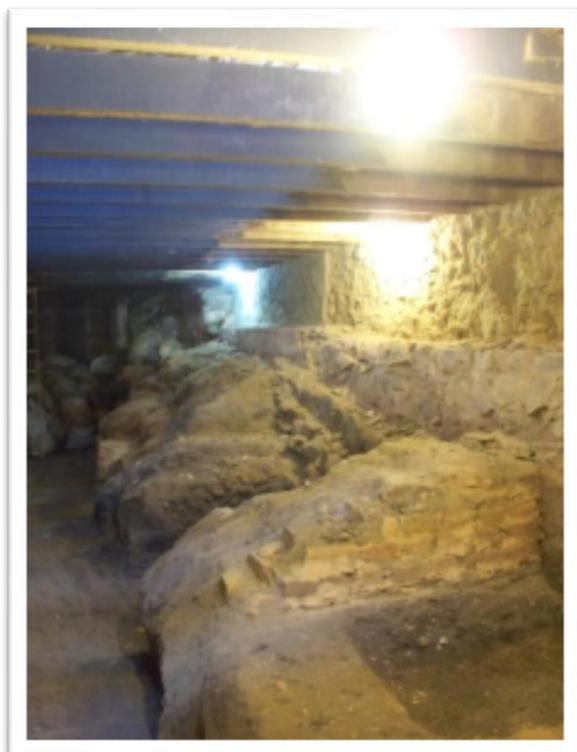


Figura 23 Alicerce da Casa Martim Afonso, ou Sítio Bacharel, em São Vicente – SP. A edificação colonial foi construída sobre um sambaqui datado de 3000 AP. Cf. ESTEVES, Edria; GONZALEZ, Manoel. Casa Martim Afonso: Edificação Histórica, sítio arqueológico e arcervo em um único espaço físico a serviço da comunidade. *Humanitas*, Santos-SP, vol. 1, ano 2, pp. 45-53, 2013, p. 51.

O texto de cunho científico mais antigo dentre os que trabalhamos, que documenta a exploração da cal nos casqueiros do litoral paulista foi da breve notícia de Richard Burton, publicado em 1866, na revista da *Anthropological Society of London*. Otimista, Burton descreveu, observando os mesmos sambaquis que, anos depois, impressionariam Loefgren, que:

Of these kjökken-möddings there are in Santos Bay about twenty, besides many down the coast at Iguapa, Cauanen, and their maritime haunts southwards. Some are of great size. On December 3rd, in company with Senor Juan Baptista da Silva Bueno, and Messrs. Glennie and Miller of this city, I visited a deposit in the 'Ilha de Casceiro,' to the north-west of Santos. It contains three mounds, one of which is about 200 feet high, and about 2800 feet each way. The oysters

287 MADRE DE DEUS, 1797, p. 20.

*in question form a conglomeration (of which a specimen is forwarded) in blocks which reach a ton weight. They have supplied the country with lime for the last three centuries, and will yet last for a long time.*²⁸⁸

Carl Rath documentou o consumo da cal obtida dos sambaquis em seu texto publicado na revista do IHGB. Fê-lo a partir do texto clássico de Frei Madre de Deus, mas suas palavras revelam uma dura postura que condena a prática exploratória dos colonos:

O próprio brasileiro (santista) Fr. Gaspar da Madre de Deus, apesar de tudo, descreve-os melhor que todos os viajantes e naturalistas estrangeiros até hoje, porque os mesmos portugueses conquistadores d'esta terra não dizem palavra alguma sobre estes montes de ostras e berbigões, que elles mesmos destruíram desde o começo de sua chegada n'este paiz, para com isso fazer cal para seus edifícios e castelos primitivos.²⁸⁹

O extenso trabalho de Albert Loefgren, de 1893, teve declarado o objetivo de registrar a existência destes sítios, em iminente desaparecimento: “O fim que visa é apenas o da utilidade a futuros investigadores que desses estudos fazem especialidade; porque, [...] existem fundados receios para acreditar-se num breve desaparecimento dos sambaquis que ainda perduram, visto não existirem de muitos sinão a tradição”.

A extinção de conchas de sambaquis aparece em todos os quatro centros, por exemplo, o da ilha do Casqueiro, no rio de mesmo nome, perto da cidade de Santos. Sua descrição é bastante vívida.

Quando pela primeira vez atravessámos o braço de mar que separa a ilha de S. Vicente da terra firme, no mez de Maio de 1875, passámos perto da ilha do “Casqueiro”. N'essa época havia allí muita vida. Um numeroso grupo de trabalhadores lá se movia em plena atividade, revolvendo a superfície e enchendo carrocinhas que desciam até beira-mar, ao pé de uns fornos que deitavam espessas nuvens de fumaça e onde umas lanchas chatas recebiam carregamento de sacos cheios. Admirados deste movimento industrial numa ilha pequena, perguntámos ao nosso companheiro: “que estabelecimento é aquelle”? É uma fabrica de cal”, esclareceu-nos ele. “De cal”? replicámos, “esta ilha é então formada de uma rocha calcarea”? “Não”, respondeu, “extraem a cal das cascas de ostras de um grande sambaqui que cobre quase toda a ilha”.²⁹⁰

288 Destes kjoekkenmoeddings que há na Baía de Santos, perto de vinte, muitos descendo a costa em Iguape, Cananeia e suas ilhas sul afora. Alguns são de tamanho grande. Em 3 de dezembro, em companhia do Senhor Juan Baptista da Silva Bueno, Srta. Glennie e Miller, desta cidade, visitei um depósito na “Ilha do Casqueiro” ao noroeste de Santos. Ele contém três mounds, um deles de mais ou menos 200 pés de altura e cerca de 2800 pés cada lado. As ostras em questão formam uma conglomeração (de cuja espécie é enviada) em blocos que alcançam uma tonelada. Elas têm suprido a região com cal pelos últimos três séculos, e ainda vão durar muito tempo. Tradução livre. BURTON, 1866, p. cxv.

289 RATH, 1871, p. 291.

290 LOEFGREN, 1893, p. 13.

A exceção de lugares inacessíveis, “onde o difícil transporte não compensa o trabalho”, como um dos sambaquis do rio Preto (quarto centro),²⁹¹ denunciou Loefgren, grande parte dos sambaquis já estavam destruídos, especialmente pelo surto de desenvolvimento que São Paulo experimentava com as riquezas produzidas a partir da produção do café. Para além da Ilha do Casqueiro, Loefgren ainda documentou exploração da cal em outros pontos da Ilha de São Vicente, como no canal de Santos, de cujos 24 sambaquis, 7 foram registrados pelo autor como “completamente extintos”, sabidamente o de nome *Itapema*.²⁹²

Na Ilha de Santo Amaro, o sambaqui chamado de *Guayuba*, foi assim descrito:

Cobre este sambaqui uma camada de excelente terra vegetal de 38 centímetros de espessura, termo médio. Nesta camada foram encontrados vários cacos de telhas e de pratos de louça antiga portuguesa. A presença destes objetos, relativamente modernos, é sem duvida devida ao estabelecimento de algum rancho para descanso dos trabalhadores ocupados na extracção das cascas para a fabrica de cal, da qual ainda existem vestígios a cerca de 200 metros de distancia, na encosta do morro do lado de Oeste.²⁹³

Os sambaquis da Ilha do Cardoso e Cananéia, onde havia maior concentração de sítios, também perpassam os registros do autor. “Indicaram-nos ahi 16 sambaquis, quase todos já desaparecidos, com exceção de 5 que são: 2 no rio Mosquiteiro, 2 no Guaraú e um no centro da ilha”.²⁹⁴ Depois, “[...] Nesta ultima parte contam-se mais de 40 sambaquis, muitos dos quaes, porém, já se acham completamente arrasados, tendo sido o seu conteúdo aproveitado para a fabricação de cal”.²⁹⁵ E, na própria vila de Cananéia: “Mais da metade deste sambaqui já foi extrahida para o fabrico da cal; porém essa exploração parece hoje acabada”.²⁹⁶

Todavia, não era apenas a indústria caieira a responsável pela exploração econômica dos sítios. O enorme sambaqui de Vila Nova, no quarto centro, descrito por Loefgren a partir de relato de moradores locais como tendo alcançado 100000m³, assim relatou:

Todo o sambaqui está coberto por uma camada de terra vegetal de 0,1 a 0,3 m. de espessura, sobre a qual já se tinha desenvolvido então uma rica vegetação de matta virgem. Esta hoje está substituída pelas hortas dos moradores que ahi encontraram um solo ubérrimo para suas plantações caseiras, tirando ao mesmo

291 LOEFGREN, 1893, p. 15.

292 LOEFGREN, 1893, p. 23.

293 LOEFGREN, 1893, p. 26.

294 LOEFGREN, 1893, p. 38.

295 LOEFGREN, 1893, p. 34.

296 LOEFGREN, 1893, p. 45.

tempo bom proveito das conchas que lhes forneciam um lucro fácil e certo pelo fabrico do cal.

Esta indústria já floresce há mais de 12 annos, a custa dos depósitos deste importante sambaqui; porém ainda não conseguiram diminuir o seu volume sinão em uma oitava parte; e insto ainda assim é uma perda sensível para a sciencia pátria.²⁹⁷

Artefatos de pedra também foram aproveitados por moradores da região, na construção de suas casas. Para Loefgren, isso demonstrou estima pelos objetos talhados pelos povos construtores dos sambaquis.

Acharam-se nestes sambaquis muitas pedras trabalhadas que foram quebradas e utilizadas para assentarem-se os fundamentos e os muros de uma casa que existe alli, e onde ainda se pode admirar esta prova de quanto eram estimados esses infelizes restos de uma civilização primitiva. A falta de pedras nas proximidades do logar não deixa de ser um atenuante para este sacrilégio inconsciente.²⁹⁸

4.3 A dimensão pedagógica da pré-história

Os autores que lamentavam a destruição dos sambaquis, faziam-no por encararem estes sítios como elementos cruciais para desvendar questões científicas. Por outro lado, compreendiam que o conhecimento da pré-história, do passado primitivo de um povo e de um território corresponderiam diretamente ao tão almejado desenvolvimento e ilustração da nação brasileira. Conde de la Hure, nesse sentido, figurou entre os mais românticos paladinos da pré-história, apesar de seu ceticismo em relação aos romances da literatura.

Vasto é o campo da ciência, e nem todos podem entrar nela sem risco de transvio. [...] Para fazer uma ideia da sua importância, seria preciso que o leitor descesse os últimos degraus da civilização, até aos povos primitivos, que ainda se pode estudar neste país, até os selvagens, para dar-lhes o nome próprio, cuja miserável existência atesta a ausência completa de noções econômicas. É aplicando este escalão do estado selvagem às sociedades civilizadas, e mostrando os pontos de contato que infelizmente ainda existem entre esses dois extremos, que se conhece melhor o que falta a estas últimas. [...] Agora voltemos os nossos olhos para a sociedade no seio da qual vivemos. Acompanhem-na nos períodos que ela atravessou desde a infância até a maturidade, que é o seu estado atual, [...]. As pessoas que, em matéria de história, só conhecem a dos personagens que vivem na imaginação dos

297 LOEFGREN, 1893, p. 35.

298 LOEFGREN, 1893, p. 36.

romancistas, e que acham entretanto interesse nessas existências fantásticas, essas pessoas, profetizo-lhes eu, não de interessar-se mais por personagens reais que, no fim das contas, são os seus antepassados, e a história por demais dramática das gerações que nos precederam na via do progresso. [...] O atrativo dos estudos históricos nada é comparado à sua imensa utilidade. Porquanto a história é o resumo da experiência dos séculos, e há nada que possa valer e substituir a experiência? É porque os povos e os governos recorrem raramente a essa fonte que os vemos girar eternamente no círculo dos mesmos erros; e os que souberam evitá-los, ao menos em parte, e levantar-se acima dos outros, são exatamente os que aproveitaram as lições do passado. Pelo contrário, os povos cujo nível social parece sujeito a uma lei fatal de estagnação, de servidão, nos imensos continentes da Ásia e da África, são os povos cuja história é mal ou incompletamente escrita, ou que nem mesmo têm história.²⁹⁹

A missiva do conde é exemplar sobre a estreita relação ciência e política, e, especificamente, arqueologia e o projeto imperial, que se delineou no Brasil no Segundo Reinado. Este mesmo projeto, no entanto, era dotado de nuances diversas. Por um lado, havia a prática científica que produzia resultados que reforçavam o domínio territorial do Império, que reafirmavam a superioridade racial dos grupos no poder sobre a população indígena, a escravizada, as populações mestiças e marginalizadas, e cuja ideologia se estendeu até o período republicano. Sob outro ponto de vista, há em textos como do Conde de La Hure, o desejo de que os resultados da ciência sejam divulgados, sirvam de ferramentas de ilustração e emancipação de povos subjugados. Este é um caráter dos textos de ciência que pode ser mais explorados em investigações futuras.

299 DE LA HURE, Conde. In: ROUANET, Sergio (Coord.). Correspondência de Machado de Assis. Tomo II, 1870-1889. Rio de Janeiro: ABL, 2009, pp. 409-410.

CONCLUSÃO

Ilmo e Exmo Sr Visconde,

Havera cerca de um anno que o ministerio do Imperio submetteu ao Instituto os meus relatórios sobre as descobertas archéologicas e anthropologicas feitas por mim em diversos pontos do littoral do Brasil, cujas descobertas tencionava prosseguir se a sua utilidade fosse reconhecida.

O Instituto, depois de exame das minhas memorias deu um parecer favoravel. Dirigi então ao Exmo SR Ministro um pedido com o fim de obter do Governo uma pequena allocação destinada a cobrir as despezas materiais das minhas explorações.

Por um officio que recebi ante hontem, participame o Exmo Sr Marquez do Olinda, com a expressão dos seus pezares, que o Governo não pode actualmente, conceder-me a diminuta allocação que lhe pedia, embora reconhecesse a grande utilidade dos meus trabalhos e investigações no ponto de vista ethnographico e historico.

V. Exc. Sabe que os trabalhos d'esta natureza, para serem verdadeiramente proveitosos á sciencia, não podem ficar interrompidos de modo que a coordenação das investigações e dos seus resultados seja tão completa e methodica como possível for.

[...]

Muito sinto, Exmo Sr Visconde, que meus meios pessoaes não me permitissem continuar, á expensas minhas, investigações, que tomei tão á peito, porem hoje limitar-se-ha o meu concurso ao offerecimento do meu tempo e do meu trabalho. Hei de dirigir ao Instituto todos os relatórios, [...].

A publicidade que os meus trabalhos hão de ter na Europa virá demonstrar que o Brasil não se conserva indifferente a solução de questões scientificas que altamente interessão a humanidade e especialmente os sabios modernos de todos os paizes.³⁰⁰

Nossa pesquisa procurou demonstrar, a partir de fontes publicadas nos principais periódicos científicos do século XIX, mas também de outros documentos, artigos e livros, como as pesquisas sobre os sambaquis brasileiros se enquadraram nas produções da arqueologia, em seu período formativo. Consideramos que os sítios conchíferos do Brasil e do mundo eram um dos principais temas da arqueologia praticada no Brasil e no mundo. Neste trabalho, alguns aspectos deste recorte foram especificamente trabalhados.

Em um primeiro momento, tencionamos responder à questão da gênese do sambaqui enquanto um fato científico, de forma análoga à apresentada por Ludwig Fleck. Todos os autores que escreveram sobre os sambaquis, desde o século XIX, concordam que estes montes sempre foram conhecidos seja por razões topográficas ou por interesses exploratórios. Em casos como os relatos dos padres historiadores, serviram, inclusive, para algumas deduções sobre o modo de vida das populações indígenas. Era reconhecido que os sambaquis fossem resultado de um trabalho humano, tantas vezes com a função de um cemitério, de características bastante particulares. Neste sentido, o que ocorreu em meados do século XIX foi uma apropriação dos sambaquis pela ciência, que enxergou nestes sítios perguntas e respostas que coadunavam com suas preocupações.

O que chamamos de ciência consistiu em um *corpus* de conhecimentos, pessoas e instituições que representou uma das grandes guinadas na história do conhecimento humano no ocidente. No século XIX, período em que muitas disciplinas científicas se estabeleceram, a arqueologia também surgiu na esteira de outras ciências, como a biologia, a geologia e a paleontologia. À sua maneira, incorporou conhecimentos e técnicas à metodologia que responderia suas próprias perguntas sobre o passado humano, cujas pistas estavam guardadas em objetos e esqueletos soterrados, quer pela natureza da passagem do tempo, quer pelo intencional trabalho de grupos humanos ancestrais.

Os sítios concheiros, ocorridos e reconhecidos em diversos pontos do planeta se enquadravam na segunda categoria. Por alguma razão, pessoas que viveram no litoral ou em áreas de aluvião utilizavam-se de conchas das mais diversas, dentre as disponíveis ou as suas preferidas, para construir montículos, plataformas, ou verdadeiros montes – como o caso dos exuberantes sambaquis do litoral sul do Brasil. Para os círculos europeus de ciência, estes concheiros eram uma importante questão, pois representavam vestígios de antigos habitantes, o povo pré-histórico que habitara aquelas paragens litorâneas. O que comiam, como viviam e o que conheciam, eram questões que os *kjoekkenmoeddings*, como eram chamados os concheiros dinamarqueses, poderiam ajudar a descobrir. Como testemunhos de um tempo de barbárie, os concheiros eram, exatamente por isso, uma importante evidência da evolução.

Estes intelectuais exportaram para o Brasil a ideia de que as casqueiras das quais diziam os populares seriam uma importante evidência arqueológica. Neste período, pululavam no continente americano de norte a sul expedições em busca de tesouros arqueológicos. No Brasil, que se organizava política e intelectualmente como nação moderna, uma determinada elite, especialmente centrada na capital, tratou de desenvolver o conhecimento histórico do país.

Por trás da narrativa nacionalista, da busca pelo passado grandioso que explicaria a formação de uma nação composta por indígenas dizimados, africanos – e seus descendentes – escravizados e o português invasor, todos em harmonia a dividir um império, esteve também a consolidação do domínio do território. As expedições tinham este duplo caráter: controle do passado e do presente. A história era uma ferramenta indispensável para a constituição do império brasileiro.

Sob outro ponto de vista, as pesquisas em geografia, história, arqueologia e afins, ao mesmo tempo que recebiam investimentos da coroa, e a suas demandas deveriam responder, também progrediam com certa autonomia, especialmente com a entrada de estrangeiros no país. Estes cientistas chegavam ao Brasil para comprovar, com evidências locais, suas teses. Foi assim com Darwin, Peter Lund, e outros tantos viajantes, naturalistas e cientistas. Lund, o sábio de Lagoa Santa, atraiu a atenção de uma parcela de intelectuais europeus interessada sobre a antiguidade humana. A partir de descobertas na Dinamarca, foi possível revisitar textos um pouco mais antigos, como de Darwin e Agassiz, que apontavam a existência de concheiros em pontos do litoral do Novo Mundo.

Foi o suficiente para que, no último quartel dos oitocentos, grande parte das expedições se voltasse para decifrar os sambaquis. As questões, em geral, pairavam sobre a descrição, formato, conteúdo e topografia. O renovado Museu Nacional, a partir da gestão transformadora de Ladislau Netto – ele próprio autor de muitos trabalhos – concentrava a maior parte das pesquisas, que também reverberavam no IHGB e, posteriormente, nas outras instituições de ciência, criadas províncias afora. Os autores, desde pontos diversos do país, tinham que trocar informações de suas pesquisas e, tantas vezes, não contavam com mais que a palavra escrita para isso. Aos poucos, percebiam que estavam diante de sítios com importantes diferenças, exceto por uma: foram construídos em um passado desconhecido, por antigos habitantes do Brasil.

É verdade que a ideia do sambaqui como vestígio pré-histórico foi um pressuposto oriundo de dois caminhos distintos: o senso comum, confirmado pelo relato dos jesuítas que descreviam a fonte da cal de suas construções, e, do outro lado do Atlântico, as pesquisas da Europa. Ainda que rondado por hipóteses diluvianas – uma versão científica que a geologia

elaborara para o dilúvio universal –, os cientistas, face ao que nomearam com a palavra Tupi, ratificaram a hipótese antrópica com seus pareceres.

Desta forma, os sambaquis nasceram como fenômeno arqueológico, e sua estrutura e conteúdo impunham à arqueologia a mobilização e elaboração de técnicas e teorias que os decifrassem. É possível pensar em uma dupla gênese, pois a arqueologia, a partir dos concheiros no Brasil e no mundo, se conformava como ciência. Sambaquis e arqueologia, mutuamente se ajustaram à suas concepções modernas e científicas.

É claro que a excentricidade dos sambaquis também conduziu especialistas a interessantes asserções sobre o passado do território, da fauna e dos seres humanos ancestrais. Os sambaquis foram compreendidos como pontos de demarcação da variação do nível dos mares e oceanos, confirmando a tese preconcebida entre geólogos. Afinal, se os sambaquis eram construídos em áreas litorâneas, fluviais ou lagunares, outra hipótese não explicaria seu afastamento em quilômetros das faixas aquáticas. As espécies de moluscos também eram analisadas e tantas vezes indicavam extinção de espécies, escassez, abundância em outros períodos.

Fosse a partir de uma hipótese arqueológica ou de uma investigação antropológica, os sambaquis também suscitaram especulações sobre a natureza de seus construtores, a começar por sua origem autóctone, ou migratória. De uma forma ou de outra, ao homem do sambaqui, como foram chamados, não foi admitida senão a pecha de primitivo ou bárbaro. Especificamente, três tipos de evidências corroboravam esta tese: primeiro, a rusticidade das ferramentas encontradas em pedra polida, a ausência de cerâmica e de agricultura. Depois, os dados extraídos das medições cranianas, que confirmaram a pequena capacidade cerebral das populações cujos esqueletos foram extraídos dos sambaquis. Por fim, a inabilidade em edificar suas habitações e monumentos funerários. Em vez disso, o homem dos sambaquis vivia e enterrava seus mortos em meio aos restos de sua alimentação, e esta era talvez a maior prova de seu primitivismo moral e intelectual. Estes três tipos de evidências, conjugados, confirmavam o pressuposto da barbárie que era indefectivelmente projetado às populações indígenas remanescentes no século XIX, sobretudo os Botocudo, representantes do quinhão mais baixo desta escala evolutiva.

A época de construção dos sambaquis permaneceu um mistério ainda por longas décadas. Os autores do período não conseguiram chegar a um consenso mínimo diante desta questão. Enquanto alguns trabalhavam com a hipótese poucos séculos, outros supuseram alguns milênios, sempre de forma imprecisa, todavia. Esta informação é interessante quando conjugada com nossa primeira asserção sobre o estabelecimento da antiguidade humana e

terrestre, dado em meados do século XIX, porque guarda em si a ideia um fato importante sobre a periodização da história estabelecida naquela época: não é linear e uniforme, no sentido que progride do antigo ao moderno, do passado ao presente, da pré-história aos tempos atuais em todos os lugares. Ao contrário, o tempo histórico segue uma variável espaço-temporal – com licença ao conceito emprestado da física –, isto é, não progride e evolui de maneira homogênea, de forma tal que, qual a viagem no tempo sonhada por físicos como Einstein, pode-se a qualquer momento presenciar a pré-história, pulsante em tribos primevas, tal como fora milênios atrás.

A teoria de evolução, aplicada à história, ajudou a sanar este conflito teórico, e, na interpretação dos autores que estudamos, ajustou as discrepâncias evolutivas em um novo preceito. A evolução depende do ambiente, o evoluído pode regredir, um primitivo pode nunca evoluir ou estacionar em um determinado patamar. A arqueologia desenvolvida no Brasil teve que se desenvolver com base nestes pressupostos. Dessa forma, explicaria uma involução dos artefatos: metal nos povos andinos ancestrais, pedra polida nos sambaquis dos povos degenerados e pedra lascada entre os indígenas contemporâneos descendente de todos aqueles. Esta seriação contrariava o sistema das três idades – da pedra polida, lascada e do metal –, que funcionava com certa eficácia na arqueologia europeia.

Um último aspecto que evidenciamos foi a relação entre a exploração industrial e a científica dos sambaquis. Os próprios cientistas nos informam sobre o consumo predatório dos sambaquis, salientando-o em toda a costa brasileira e a extinção de diversos sítios. Ocorre que, a exploração arqueológica, mesmo que para fins bastante diversos, também interferia nos sítios de forma irreversível. Isto significa que, para a maior parte dos arqueólogos, a coexistência de suas atividades não era exatamente um impedimento, ao contrário, em depoimentos como os de Peter Lund (no caso da exploração do salitre), Conde de La Hure, Ferreira Penna e Charles Hartt (em relação aos exploradores da cal), pareceram atividades estranhamente complementares.

Sabemos que muitos outros sítios continuaram a ser explorados até o esgotamento completo nas décadas posteriores. É possível trazer à tona dados por ora perdidos, por meio dos rastros das documentações de propriedades privadas em que havia sambaquis, da atuação dos engenheiros portugueses que atuavam na construção civil na América portuguesa, ou mesmo a documentação comercial referente à produção, circulação e tributação da cal. Estes dados podem fornecer informações para uma cartografia da arqueologia, entre outros fins.

Outro ponto em aberto nesta pesquisa foi a exploração da mão de obra escrava pela arqueologia. O tema apenas aparece no texto *Considérations* de Conde de la Hure e no de Abílio

Marques, sobre as ostreiras de Santos, ainda que de forma fortuita, também pode ser melhor esclarecida por documentos alheios à documentação que exploramos até aqui..

Identificar com maior precisão os sítios estudados e descritos pelos autores do século XIX seria tarefa que auxiliaria sobremaneira a leitura destes documentos, não apenas para arqueólogos, mas historiadores e quaisquer outros interessados. Muitos são os obstáculos que dificultam um estudo que melhor localize os sítios endereçados nesta documentação. São rios, riachos e vilas que mudaram de nome, sítios que não existem mais, além de informações imprecisas de datas, locais e distâncias percorridas. São alguns dos nós que não foram afrouxados por esta pesquisa.

A ideia de reconstituir a trajetória das conchas em sua função de “casa” é de Maura Imázio da Silveira. A este plano, somamos a noção da *história de vida* da teoria arqueológica mais recente, o que nos ajudou a esboçar uma história para os sambaquis desde o ponto de vista de suas conchas. O contexto original (molusco), até seu uso artefactual (sambaqui), o contexto arqueológico (sítio) e até o reuso (na argamassa e cal), vistos em perspectiva histórica, pode fornecer um novo sentido às visitas dos diversos edifícios tombados pelo Brasil, construídos a partir desta técnica de alvenaria. Associar estas casas a sambaquis é uma possibilidade, um caminho para divulgar a remanescência dos sítios, de sensibilizar para nossa responsabilidade ao interferir na paisagem, e de (re) pensar o patrimônio histórico, arqueológico e natural como uma unidade. A expressão “caminho das conchas” foi uma dica de Jurandir Malerba.

No decorrer dessa pesquisa, nos deparamos com muitos problemas relacionados à gestão desse patrimônio. Inacessibilidade, ausência de placas informativas – quer nos sambaquis, quer nas construções que deles foram feitas – são apenas as mais recorrentes. Há casos mais graves, como no sambaqui do Itapary, no estado do Maranhão, que sofre a exploração dos habitantes que vivem nos arredores – e mesmo em cima – do sítio. Dele, as pessoas retiram a fecunda terra preta, que é distribuída em um comércio paralelo de adubo para jardins domésticos.

Evidentemente, a proteção oferecida pela promulgação da lei de 1961 a todas as jazidas arqueológicas do país não foi suficiente para erradicar tal exploração. Ocorre que, ainda hoje, muitos outros sítios correm risco de extinção, ignorando ecos dos clamores de tantos intelectuais desde o século atrasado.

À guisa de considerações finais, confrontamos alguns resultados desta pesquisa com a fortuna crítica sobre os autores que trabalhamos. Seja por filiação teórica ou por choque de informações, apresentaremos as principais convergências e distanciamentos entre nosso trabalho e os autores de referência, que, de alguma maneira, influenciaram e influenciam grande parte da produção científica em torno do tema. São manuais, livros de referência, sínteses e textos acadêmicos produzidos durante os séculos XX e XXI. Consideramos a variedade de estilos nos diversos textos selecionados e não tentamos aqui uma crítica rasa ou contestação pura e simples. Nosso objetivo é localizar os resultados desta dissertação dentro de um debate mais amplo e, porventura, oferecer um novo prisma sobre a arqueologia em sambaquis no século XIX.

De maneira geral, os autores concordam que a questão em torno dos sambaquis está profundamente conectada à história da arqueologia no Brasil. Encaram este pioneirismo, no entanto, sob óticas diversas. O autor Anygone Costa, no trabalho que é considerado o primeiro manual de arqueologia brasileira, elaborou um histórico sobre o nascimento da pesquisa arqueológica no Brasil. Para este autor, a origem da disciplina no Brasil está vinculada às instituições de ciência. Por isso, é sobre os pesquisadores ligados a estes institutos que Costa lançou seu olhar, no intento de traçar uma narrativa sobre as pesquisas nos principais sítios arqueológicos brasileiros.

Os sambaquis, por sua vez, constituem um capítulo à parte nesta obra. Em seu texto, o autor classificou os trabalhos produzidos sobre o tema no século XIX em três correntes interpretativas: artificialista, naturalista e mista.

Os sambaquis são classificados e explicados segundo diferentes teorias. Para alguns, eles oferecem uma formação natural. Outros vêem em sua composição simplesmente o trabalho dos homens da pré-história, representando uma intenção incipiente, um detalhe da capacidade de raciocínio das raças da primeira idade. Um terceiro grupo neles procura descobrir o esforço conjugado do homem e dos elementos naturais.³⁰¹

Os dados que trabalhamos, no entanto, nos conduziram a uma outra perspectiva: a de que esta classificação em correntes interpretativas não seja possível. Nosso argumento é que todos aqueles pesquisadores trabalhavam experimentando hipóteses e compartilhando resultados. Elaboravam as primeiras deduções sobre os sítios sambaquieiros. Não constituíam “correntes interpretativas”, pois apenas delineavam uma percepção desde a ótica científica

301 COSTA, Anygone. *Introdução à Arqueologia brasileira* (etnografia e história). 4ª edição, ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980, pp. 62-3.

sobre estes sítios. Na esteira do conhecimento produzido poucos anos antes nas instituições científicas da Europa e dos Estados Unidos, não houve, neste meio, contestação sobre o valor arqueológico dos sambaquis. Ao contrário, a artificialidade dos sambaquis foi justamente o que motivou as pesquisas arqueológicas, era um pressuposto para a maior parte dos pesquisadores. Hartt, dentre eles, foi uma exceção quando afirmou no início de seu relatório:

Achei as conchas tão regularmente dispostas, tão frequentemente unidas e fechadas e com tão pouca mistura de materias estranhas que, não tendo encontrado vestígio algum de louças, madeira carcarbonizada, ossos ou outros restos indicando acção humana, cheguei um tanto levemente á conclusão de que o deposito se formou naturalmente. Essa opinião me parecia mais acertada, porque tinha visto perto de Aveiros grandes acervos de conchas das mesmas espécies lançadas nas praias pelas ondas do Tapajoz. Suspeitei, porém, que o deposito pudesse ser um Kitchen-midden; [...].³⁰²

Defendemos que não houve tal coisa qual uma corrente naturalista, no que concerne à interpretação da formação dos sambaquis no século XIX. Se esta polêmica existiu a partir da publicação das ideias de Ihering, e teve penetração entre alguns autores, isso ocorreu nos anos de 1900 e fora dos recortes temporais deste trabalho. Assim sendo, não há evidências entre a documentação que pesquisamos de que tenha havido interpretações naturalistas, tampouco há possibilidade de traçar um *continuum* sobre as interpretações arqueológicas dos sambaquis nestes períodos.

Costa descreveu os pressupostos do que nomeou corrente naturalista:

Para alguns, eles obedecem a uma formação natural [...]. Concluem que são um simples amontoado de carapaças de lamelibrânquios e gastrópodos, acumulados pelas correntes marinhas e pela ação dos ventos, obra exclusiva desses agentes naturais. [...]

Para esses representantes da corrente naturalista, os sambaquis oferecem variações de morfologia, alongando-se ou arredondando-se, segundo a variedade e a disposição dos fatores reunidos em sua composição. Não concebem a hipótese de que esses amontoados de carapaças possa ser um trabalho artificial, um acumulado de restos de cozinha, um cemitério de índios.³⁰³

Ocorre que, à exceção de Ihering, os autores que Costa julgou pertencerem à suposta “corrente naturalista”, não manifestaram, nos textos que pesquisamos, qualquer opinião semelhante. Nomeadamente, Carl Rath, João Batista de Lacerda e Herman von Ihering seriam

302 HARTT, 1885, p. 2.

303 COSTA, 1980, pp. 63.

os intelectuais partidários da corrente naturalista, segundo o manual. Eles declararam abertamente suas posturas nas publicações da *Archivos* e da Revista do IHGB.

Carl Rath, por exemplo, não podia ser mais claro ao pronunciar-se. Afirmou, em 1871, que:

Estes montes de diversos tamanhos distinguem-se em tres qualidades [...]. A segunda consiste em montes de cascas de berbigões, concha bivalva. A primeira vista qualquer homem de poucos conhecimentos percebe que foram feitos pela mão humana. [...] Parece que um povo antiquissimo do Brasil reuniu no espaço de muitos annos as cascas d'estes crustaceos que comia, para entre ellas sepultarem seus irmãos mortos.³⁰⁴



Figura 24 A imagem que ilustra o artigo de Rath na revista *Globus* é uma das raras representações de sambaquis na documentação do século XIX. In: RATH, Carlos. *Die Sambaquis Oder Muschelhügelgräber Brasiliens*. *Globus: Illustrierte zeitschrift für länder-und völkerkunde*, Braunschweig, pp. 193-198; 214-218, 1874, p. 195.

304 RATH, 1971, p. 288.

Alguns anos depois, em publicação de 1874, na revista ilustrada alemã *Globus*, Rath elaborou um pouco melhor sua tese. Assumiu que os montículos teriam formação pela ação das águas em uma grande inundação – o dilúvio –, e que os nativos usaram os montes de conchas como sepulturas. Teria mudado de opinião sobre a formação dos sambaquis? De uma forma ou outra, o fato de o autor admitir ao menos as sepulturas como intencionais, já faz do sambaqui de Rath um fenômeno antrópico e exclui este autor de qualquer corrente naturalista que tenha existido.

João Batista de Lacerda, por sua vez, também marcou seu posicionamento em 1885, com o sugestivo nome *O homem dos sambaquis*: “Infelizmente, essas explorações industriaes contribuíram nao pouco para modificar a fôrma d’essas colinas artificiaes. [...]”.³⁰⁵

Herman von Ihering, cujo trabalho analisamos no capítulo 3, assumiu abertamente que teria sido o primeiro a reconhecer a formação natural dos sambaquis, em um ensaio de dez páginas publicado na Revista do IHGSP e 1903.

As interpretações que Angyone Costa classificou como “artificialista” ou “mista”, de fato, aparecem nos textos dos autores do século XIX. Imbuídos de um pensamento racializado, duvidavam da capacidade dos nativos brasileiros edificarem monumentos intencionais, com significados simbólicos. Não questionaram, porém, a ação humana por trás da acumulação das conchas.

Paulo Duarte, talvez a mais significativa dentre as vozes em defesa do patrimônio pré-histórico brasileiro, questionou, assim como Ihering, o amadorismo das abordagens em sítios concheiros no século XIX. Corroborou com Costa a respeito das correntes interpretativas: “[...] a discussão antiga, embora anacrônica, perdura ainda sôbre se o sambaqui é ou não uma jazida natural ou artificial”.³⁰⁶

Nos anos posteriores, trabalhos de arqueologia ou de história desta disciplina seguiram a reprodução das categorias de Angyone Costa e do seu equívoco. Anamaria Beck, em artigo de 1970, revisou o histórico de pesquisas em sítios sambaquieiros de Santa Catarina. Ela confirmou a existência de duas correntes interpretativas. Em suas palavras:

A origem dos sambaquis foi uma das discussões de maior repercussão entre os *naturalistas*. Dividiam-se em duas correntes: os que admitiam serem os sambaquis produto da atividade humana e conseqüentemente, depósitos artificiais de conchas; e os que negavam a origem artificial dos sambaquis,

305 LACERDA, 1885, p. 177.

306 DUARTE, 1964, p. 4.

considerando-os como produto da acumulação de conchas através de agentes naturais, tais como as correntes marinhas, ventos, rios em ação conjugada.³⁰⁷

Sem citar os “naturalistas” aos quais se refere, Beck é mais uma autora que replicou a tese das correntes interpretativas. Seu trabalho é citado como referência em trabalhos posteriores como a tese de doutorado de Walter Neves, em 1984, e o artigo de Tânia Andrade Lima, de 2000. Este último, tem pretensão interessante para nossa pesquisa. Lima, a partir de extensa pesquisa, concatenou os resultados mais significativos da arqueologia em sambaquis do litoral brasileiro, nas faixas de centro a sul do país. A autora também se propôs a elaborar um histórico das pesquisas nos sítios e escreveu o que nos pareceu um dos trabalhos mais completos sobre as pesquisas em sambaquis do século XIX, ainda que tenha como resultado um texto bastante sintético.

Segundo este trabalho, havia uma corrente naturalista que se definiu em meados dos anos de 1870 no Brasil. Nas palavras da autora:

[...] instalou-se no último quartel do século uma forte polêmica que acabou envolvendo a nata dos pesquisadores então em atividade nas áreas de geologia, zoologia, botânica e antropologia, sobre a origem natural ou artificial desses montes. [...]

Esses ardorosos defensores de uma origem antrópica encontraram em Hermann von Ihering, zoólogo e diretor do Museu Paulista, um ferrenho adversário. Atribuindo a frei Gaspar da Madre de Deus a "paternidade" da teoria artificialista, combateu-a fervorosamente. Reconheceu pela primeira vez, em 1894, segundo ele mesmo, a origem natural dos sambaquis, mas publicou suas ideias somente em 1898, na Alemanha.³⁰⁸

Como o próprio texto informa, a pretensa polêmica inaugurou-se nos últimos anos do século XIX, e não “no último quartel” daquele século. Os adeptos do naturalismo, os seguidores de Ihering seriam: Josef Siemiradzki e Paldaof (segundo Ihering) e Carlos Rath – que teria mudado de opinião, mas não há referências sobre este fato – e Benedito Calixto (segundo Lima). Não encontramos informações sobre estes autores para que conferíssemos seus pareceres, com exceção do interessante e dúbio caso do artista Benedito Calixto, autor do mapa que mostramos no capítulo 4 e que Lima qualificou como “delirante”. Sobre o último, talvez caiba aqui uma pequena digressão.

307 BECK, Anamaria. O problema do conhecimento histórico dos sambaquis do litoral do Brasil. *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, ano VII, n. 7, pp. 27-66, dez 1974, p. 32. Grifo nosso.

308 LIMA, Tânia Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, pp. 270-327, dez/ fev 2000, p. 287.

Em defesa dos sambaquis, no sexto volume da *Revista do Museu Paulista*, Calixto publicou seu artigo *Algumas notas e informações sobre a situação dos sambaquis de Itanhaen e de Santos*. Sua proposta foi dar “uma opinião não científica” e fazer uma intermediação na discussão instalada no ano anterior, protagonizada por Loefgren e Ihering. “Declaro, porém, desde já, que não os analisarei cientificamente; não tenho esta pretensão. Demonstrarei simplesmente aos homens de ciência a parte que me parece pouco elucidada nesta matéria, afim de melhor ser resolvida”.³⁰⁹

A bem da verdade, Calixto, apesar da modéstia anunciada, mostrou-se inclinado a concordar com a versão de Ihering para a origem das “casqueiras colossais”, isto é, a acumulação das cascas de moluscos mortos, devido às oscilações da maré. Outrossim, este autor apontou informações sobre os sambaquis de sua cidade natal que, se não delirantes, ao menos evidenciam a intimidade mínima do autor com o assunto. Para explicar, por exemplo, os ossos de animais no interior dos sambaquis, Calixto explicou:

E são, quase sempre, esses sulcos, [...] abertos no seio dos sambaquis, pondo á mostra uma parte de seu conteúdo, que revelam a sua existência ao caçador que por ahi passa.

Outras vezes acontece que, tendo secado e apodrecido, por qualquer motivo, uma arvore, deixa esta no interior da casqueira um vão, no lugar em que existiu o seu tronco e apodreceram as suas raízes, produzindo então verdadeiras galerias [...] [que] constituem, mais tarde, as tocas onde se abrigam os reptis e os roedores [...].

Todos esses animaes, fugindo ás vezes ao caçador e á sua matilha, podem, penetrando por esses meandros e galerias subterrâneos, ir morrer no interior dos sambaquis, levando no corpo e, quem sabe, talvez “na maxila inferior” a bala de chumbo do caçador civilizado ou a ponta da flexa atirada pelo índio semi-barbaro.³¹⁰

Apesar da idiossincrática colaboração, e da manifesta descrença nas capacidades do indígena bárbaro, Calixto, conforme prometeu, não assumiu uma posição no debate entre Loefgren e Ihering:

[...] póde bem acontecer que por esses mesmos buracos penetrem no interior dos Sambaquis, levados pela enxurrada, esses objetos deixados na superfície pelos caçadores, ou por outro individuo, completamente extranho aos “constructores de sambaquis” (se é que os houve).³¹¹

309 CALIXTO, 1904, p. 491.

310 CALIXTO, 1904, p. 494.

311 CALIXTO, 1904, p. 495.

Retomando a fortuna crítica, André Prous, em trabalho monumental, elaborou uma análise que mais se aproxima de nossas conclusões, embora ainda afirme a existência das tais correntes interpretativas. Seu texto reconhece quanto do personalismo de Ihering há em sua tentativa de impor sua controversa opinião. Segundo ele,

[...] Parecia claro para todos a origem artificial dos sambaquis. [...] Contudo, Hermann von Ihering, diretor do Museu Paulista, alemão impregnado da superioridade germânica, recusou estas evidências. Para ele, os sambaquis não passavam de acumulação natural de conchas mortas, em lugares antigamente ocupados pelo mar. Portanto, os “artificialistas”, em geral, pessoas que escavavam e conheciam os sítios de perto, e os “naturalistas”, influenciados pelo prestígio de cientistas estrangeiros, se enfrentaram.³¹²

O livro de MaDu Gaspar, *Sambaqui*, reiterou a existência destas correntes. Assim como Costa, Gaspar afirmou que esta foi uma questão que apenas se resolveu na arqueologia na década de 1940.

Em seu início (1870-1930), a arqueologia brasileira caracterizou-se por grande efervescência. [...] A questão que orientava o estudo dos sambaquis era estabelecer se os sítios eram decorrentes de fenômenos naturais ou artificiais. A primeira tendência, denominada comumente de “naturalista”, considerava que os sambaquis eram resultados do recuo do mar [...]. Já os “artificialistas” sustentavam que eram resultados da ação humana e propunham diversas explicações [...].³¹³

A revisão histórica elaborada no trabalho de livre-docência de Paulo de Blasis traz também uma consideração semelhante:

[...] importantes estudos remontam ao século XIX, quando boa parte dos temas que constituiriam o universo de pesquisa relacionado aos sambaquis no século seguinte pode ser encontrada. Desde estas primeiras publicações até meados dos anos 40 do século seguinte, um dos principais tópicos de discussão era se estes sítios tinham ou não origem humana [...].³¹⁴

Para além da repercussão deste equívoco ou redução nos trabalhos que mencionamos, não podemos mensurar o quanto o parecer de Angyone Costa possa ter influenciado inúmeros

312 PROUS, 1992, p. 8.

313 GASPAR, 2004, pp. 11-2.

314 BLASIS, 2005, p. 7. Alguns anos depois, Gaspar e Blasis, em artigo conjunto, emitiram parecer interessante, admitindo um teor do debate da arqueologia dos oitocentos para além do naturalismo/artificialismo. Em capítulo publicado no manual *The Handbook of South-American Archaeology*, reconhecem o trabalho de Wiener em 1876, bem como estudos bio-antropológicos publicados na *Archivos* nos anos de 1880, por Ladislau Netto e João Batista de Lacerda. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William, 2008, pp. 322-3.

outros entre dissertações, teses, artigos nacionais e internacionais. Por exemplo, o artigo de Gustavo Wagner e outros, publicado em 2011, na revista *Quaternary International*, que reafirmou a existência de três correntes, ou *schools of thought*: a naturalista, a artificialista e a mista: “*The naturalist, represented by Hermann von Ihering, advocating ideas of the natural origin of the sambaquis as a result of the marine oscillations and the coastal rising (epirogenesis) dating back to the Tertiary period*”.³¹⁵

Ainda que Ihering tenha mesmo declarado sua interpretação dos sambaquis como originados pelo natural acúmulo de conchas, questionamos por que a postura de um único autor seria suficiente para caracterizar uma “corrente interpretativa”. Ihering, influente que fosse, com reconhecida carreira e ostentando o posto de diretor do Museu Paulista, não pode apenas por isso concentrar em si qualquer coisa parecida com a ideia de uma “escola de pensamento”.

O lugar institucional ocupado por Ihering não é o único fato que observamos na produção de um discurso sobre o passado. Há nesta historiografia mais que a reprodução de um engano, mas a consolidação de um julgamento sobre os primeiros pesquisadores de sambaquis. Este julgamento perpassa a ideia de que o fazer científico tenha uma lógica inerente de auto-superação, mas de que também os verdadeiros cientistas compartilhem uma ética, um *metier*, um conjunto de conhecimentos e técnicas que os tornam inevitavelmente melhores e mais capazes de analisar e fabricar os fatos científicos, quando comparados a seus antecessores.

No texto de Paulo Duarte, este julgamento também aparece, da seguinte forma:

Os primeiros estudiosos que tentaram analisá-los não eram nem paleontologistas nem pré-historiadores, nem geólogos no verdadeiro sentido. Exceto poucos, pouquíssimos. Em geral, engenheiros, topógrafos, no máximo geógrafos mais ou menos improvisados. E ninguém levava a sério ainda o estudo desses discutidos depósitos.³¹⁶

Anamaria Beck, por sua vez, afirmou que

[...] podemos classificar as informações par ao conhecimento dos sambaquis em três períodos, cada uma delas caracterizado por um tipo de observação, decorrente do método e da técnica utilizada:

1. Período antigo ou de conhecimento fortuito, que abrange os Século XVI, XVII e XVIII. As informações têm caráter fortuito e são encontradas nas obras de missionários, cronistas e viajantes.

315 A [corrente] naturalista, representada por Hermann von Ihering, defendia ideias de uma origem natural dos sambaquis como resultado de oscilações marinhas e o avanço a costa (epirogenesis) datando até o período terciário. WAGNER, Gustavo. Sambaquis (shell mounds) of the Brazilian coast. *Quaternary International*, 239, pp. 51-60, 2011. Tradução livre.

316 DUARTE, 1964, p. 4.

2. Período médio ou do conhecimento pré-científico. Abrange todo o Século XIX e a primeira década do Século XX. As informações são decorrentes de observações intencionais realizadas pelos naturalistas. [...]
3. Período recente ou do conhecimento científico. Abrange o Século XX, exceto a primeira década. A discussão sobre a origem dos sambaquis, praticamente se encerra. Nos anos seguintes, os trabalhos de observação se tornam mais sistemáticos. [...] Assim, o terceiro período, o do conhecimento científico dos sambaquis, deve ser analisado em duas etapas: a primeira que abrangeria as contribuições da Geologia, Geomorfologia, da Antropologia física e da Arqueologia pré-histórica, [...]; a segunda, que se inicia em 1950 e se estende até o presente.³¹⁷

Neste trecho que destacamos, os adjetivos intencionais/ sistemáticos qualificam, respectivamente, os períodos pré-científico e científico. Os trabalhos que analisamos, por sua vez, evidenciam testemunhos de relevantes investigações de campo, que faziam parte dos projetos das instituições imperiais de ciência que duraram décadas.

Os marcos de cientificidade que a geração de autores posteriores à década de 1960 anunciaram, mesmo que sem detalhes, remetem-nos a alguns marcos da disciplina arqueológica. Há o texto do geólogo Othon Leonardos de 1938, que diferenciou concheiros naturais de sambaquis (mencionamos no Capítulo 4), representando um avanço teórico, por assim dizer. A partir de então, não se chamariam mais de sambaquis os bancos de mariscos, os monte de conchas acumulados sem intervenção humana.

Para além deste marco epistemológico, a década de 1950 foi palco de mudanças importantes no fazer arqueológico, que nos fazem supor que sejam o que representou a fronteira entre os períodos pré-científico e científico. A primeira foi a invenção da datação por radiocarbono, que contabiliza o decaimento do carbono 14 em uma determinada matéria orgânica. Este método de datação, combinado aos tradicionais métodos – estratigráfico e de seriação – forneceu aos arqueólogos datas muito mais precisas do que poderia sonhar a primeira geração de especialistas.

Outro marco, de acordo com entrevista de Ondemar Dias, professor e arqueólogo, foi o advento do PRONAPA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas), a partir de uma associação com arqueólogos estadunidenses. Segundo Dias:

O nosso modo de “fazer” arqueologia, nasceu em função do nascimento da própria arqueologia brasileira. As primeiras pesquisas arqueológicas no Brasil aconteceram na Região de Lagoa Santa, em Minas Gerais e foram desenvolvidas pelo dinamarquês Peter Lund ainda no século XIX. [...] Até 1954, o trabalho de arqueologia no Brasil era feito por pesquisadores amadores.

317 BECK, 1974, p. 30.

Mas naquele mesmo ano (1954) foi trazido para São Paulo o Congresso Internacional de Americanistas, quando se comemorava o IV Centenário daquela cidade, o que tornou este ano um marco da arqueologia brasileira. O Congresso foi a oportunidade de se reunir especialistas estrangeiros com pesquisadores brasileiros [...] [para] discutir a questão da cientificidade da arqueologia brasileira com os pesquisadores internacionais presentes.³¹⁸

Betty Meggers, principal nome do PRONAPA, escreveu um artigo para a revista *American Antiquity* de 1985, sugestivamente intitulado “*Advances in Brazilian Archaeology 1935-1985*”. A síntese da autora sobre o período da arqueologia brasileira antes do Programa é brutal. Segundo ela, “*Prior to 1950, archaeological activities did not differ significantly from those of earlier decades. The foci of interest were also the same. The sambaquis (shell middens) continued to attract attention from geologists and palaeontologists, as well as those interested in their cultural significance*”.³¹⁹

Cristiana Barreto, em artigo sobre a história da arqueologia no Brasil, apontou que os principais temas da arqueologia brasileira se definiram no século XIX, por uma

[...] elite de especialistas, enclausurada em seus museus estava às voltas com os polêmicos debates sobre a origem dos sambaquis entre naturalistas e artificialistas, sobre a antiguidade da raça de Lagoa Santa, e sobre a origem local ou externa das culturas do baixo Amazonas definindo assim as principais temáticas a serem desenvolvidas na futura arqueologia acadêmica brasileira.³²⁰

A repercussão das categorias analíticas de Angyone Costa – naturalista, artificialista e mista –, que consideramos inverossímeis para o século XIX, no trabalho de pesquisadores posteriores evidencia um lugar-comum na historiografia das ciências. A reprodução de avaliações equivocadas, repetidas indefinidamente, até que tenham alcançado o status de verdade. É claro que cada pesquisador irá se apoiar em outros trabalhos para compor o panorama histórico, o status científico, o estado da arte de seu tema. Não é exigido de um arqueólogo que revire todo o passado de pesquisas em um sítio arqueológico antes de realizar sua própria pesquisa. Ainda menos, quando se trata de um período “especulativo”, “descritivo”, “pré-científico”. Aqueles autores, desde um tempo remoto, estão além das fronteiras do conhecimento do qual, curiosamente, se viram como arautos. Não precisam ser considerados.

318 DIAS, Ondemar. *PRONAPA – Uma história da Arqueologia brasileira contada por quem a viveu*. História da Arqueologia Série – IAB, Rio de Janeiro, maio 2014. Entrevista concedida a Jandira Neto. Disponível em: <<http://www.arqueologia-iab.com.br/publications/download/28>>. Acesso em: 8 out 2015.

319 Até 1950, as atividades arqueológicas não diferiam significativamente daquelas das primeiras décadas. Os focos de interesse também eram os mesmos. Os sambaquis (shell middens) continuaram a atrair atenção de geólogos e paleontólogos, assim como daqueles interessados em seu significado cultural. MEGGERS, Betty. *Advances in Brazilian Archaeology, 1935-1985*. *American Antiquity*, vol. 50, n. 2, Golden Anniversary Issue, pp. 364-373, apr 1985. Tradução livre.

320 BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, pp. 32-51, dez/ fev 1999-2000, p. 39.

Este etos da produção científica, de cuja eficiência não nos cabe questionar, é ambiente propício para acúmulo de acertos tanto quanto para a reprodução de erros como este. Revela – entre outras questões, a influência de um trabalho de síntese, como o manual de Costa.

É neste mesmo texto que Costa fez uma apreciação dos pioneiros das pesquisas arqueológicas no Brasil. Considerou seu interesse e sabedoria, mas não os livrou de uma crítica cujo teor nos cabe explorar.

Dentro do grande respeito que aqueles nomes nos merecem, tentemos uma crítica de seus trabalhos. O primeiro, Ladislau Netto, foi o que escreveu maior tomo, aquele que pesquisou e reuniu cópia mais considerável de material, seriando-o, dividindo-o, classificando-o. Trabalhou e trabalhou muito. Reuniu elementos que existiam em seu tempo, recolhidos ao Museu Nacional. Como não lhe bastassem, foi ele em pessoa ao Pará logrando ser dos exploradores mais felizes do famoso Pacoval. Colheu e trouxe desse e de outros depósitos precioso material em cerâmica, em cópias de inscrições, em nefrite trabalhadas, noutros espécimes líticos.

A tudo dedicou um carinho, uma constância comovedora, pondo ao serviço das suas pesquisas os seus amplos conhecimentos, que abrangiam da história natural aos domínios da antropologia, da arqueologia e, por outro lado, alcançavam as línguas mortas, não lhe sendo estranhos os segredos da egiptologia. Era um sábio, no sentido que se possa dar ao homem que alargou muito o campo dos seus conhecimentos. Não era um talento de síntese. Não tinha gênio criador. Mas seria injustiça negar-lhe uma curiosidade sem limite e uma inteligência vivíssima.

E foi, justamente, essa inteligência vivíssima, que prejudicou parte de seus estudos. [...] ³²¹

O trecho que selecionamos demonstra a natureza da crítica que se pode elaborar sobre alguém que pertence a outra época, ou outra escola. Não bastou a Costa todos os logros do trabalho de Ladislau Netto, o esforço “comovente” que ergueu uma coleção inteira no Museu Nacional, e o artigo de maior fôlego sobre arqueologia brasileira realizado até então. Tampouco seu reconhecido talento e sua inteligência vivíssima foram suficientes. Ladislau Netto era um sábio, mas não um gênio. Em outras palavras, trabalhou muito, mas não foi um grande cientista.

Outro aspecto deste debate historiográfico desnuda também a tentativa de periodização da arqueologia brasileira entre épocas pré-científica/descritivista - e científica. A persistência destes recortes, ainda que ancorados em fatos como criação de institutos, museus e universidades, mas – principalmente – em uma noção bastante estrita do fazer científico, pode ocultar continuidades evidentes a partir da leitura dos documentos, além de sugerir categorias

321 COSTA, 1980, p. 38.

em que não se enquadram nem pesquisadores, tampouco paradigmas por eles estabelecidos e referendados.

A historiografia do século XX e XXI, procuramos demonstrar, retirou o adjetivo “científico” das atividades que os “homens de ciência” tão orgulhosamente ostentavam, reservando a estes a pecha de “naturalistas” e “descritivistas”, e demonstrando em suas análises históricas que a verdadeira ciência nada deve àqueles curiosos de um período de inocência. Os que têm o tempo a seu favor, têm também a possibilidade de produzir um discurso de afirmação como este. O presentismo, a simplificação e a perspectiva internalista, apontados por Abadía como um dos problemas mais comuns da historiografia da arqueologia, se repetiu no caso dos autores que analisamos.³²²

O fato é que, como os homens de ciência do século XIX pensavam o mesmo sobre si próprios, reservamos este espaço para reproduzir e refletir sobre suas manifestas visões da ciência. Apenas no primeiro volume da *Archivos*, encontramos muitos exemplos sobre como os autores do século XIX enxergavam-se como agentes de uma comunidade científica, que compartilhava um conhecimento positivo e válido para as gerações futuras. Lacerda Filho e Peixoto Rodrigues, enfaticamente, manifestaram sua preocupação em oferecer um trabalho verdadeiramente científico a seus pares, ancorados em uma visão de progresso, colaboração e exaustivas pesquisas:

Haverá, quando muito, um século, que a anthropologia, a mais nova de todas as sciencias, começou a oferecer um campo imenso ás investigações dos sábios; [...]. Seguindo o caminho traçado por esses dois representantes da sciencia no seculo passado, [...] concorreram para augmentar os dominios da anthropologia, cujos horisontes foram se dilatando á medida que as sciencias, suas auxiliares, iam fazendo novos progressos. Todo esse imenso material acumulado á custa de laboriosas investigações, durante quasi um seculo, veio servir de base aos moderníssimos estudos [...].

O trabalho que vamos submeter á apreciação do mundo scientifico é apenas uma contribuição para o estudo das raças indígenas do Brazil; quisemos aproveitar da resumida colleção de craneos, que possui o Museu Nacional, esses pocos elementos que ahí estavam esquecidos e que bem aproveitados podem constituir a base de estudos mais completos no futuro.

Não poupamos esforços para imprimir o verdadeiro cunho scientifico ao nosso trabalho; as medidas craniométricas foram tomadas com extremo cuidado e verificadas repetidas vezes afim de excluir toda a causa de erro.³²³

322 ABADÍA, 2007, p. 37, 41.

323 LACERDA FILHO; RODRIGUES, 1876, pp. 47-8.

O artigo de Wiener, por sua vez, atestou os objetivos em se delinear princípios gerais para a prática arqueológica, do desenvolvimento da ciência e do país e ainda, de como a opinião popular pode divergir do conhecimento produzido por cientistas.

Quando v.s. [Ladislau Netto] deu-me a honra de encarregar-me de estudar os sambaquis existentes na provincia de Santa Catharina, achei me a braços com uma questão quasi inteiramente nova para a sciencia e em face dos restos de uma civilisação não somente extincta mas desconhecida [...].

O Dr. Rath, bastante conhecedor da arqueologia do paiz em que habita há mais de 30 annos, tentou chegar a este fim e expendeu suas observações afim de dar uma certa base a esta nova sciencia; porém, não conseguindo examinar os pormenores, foi-lhe impossível estabelecer princípios geraes, não se pronunciando claramente, nem sobre a origem dos sambaquis, nem sobre seu fim.

Aproveito esta ocasião pata exprimir meus mais sinceros agradecimentos aquelles que por amor da sciencia e de seu paiz, nos coadjuvaram eficazmente em nossos esforços.

A opinião popular sobre a origem dos sambaquis (de que se ocupam em Santa Catharina, antes pelo lado industrial do que pelo scientifico) assignala-lhes uma idade que remonta além do diluvio.

Não insistindo sobre a extravagancia desta hypothese, não justificada por facto algum, e que os missionários perpetuaram entre o povo, referimos a opnião de alguns homens de sciencia, segundo a qual devem-se considerar os sambaquis do Brazil, idênticos debaixo de todos os pontos de vista, aos de kjokkenmoddings [...].³²⁴

Ferreira Penna escreveu sobre a comunidade científica, sobre a qualidade das informações produzidas pela ciência e ainda encerrou descrevendo as virtudes de um homem de ciência, comparado às pessoas comuns.

De regresso á capital, recebendo o 1º n. dos *Archivos do Museu Nacional* em que vem transcripto o relatório do Sr. Professor C. Wiener sobre os Sambaquis de Santa Catharina, li com o maior interesse este trabalho que, além de ter sahido da mão de um homem tão distincto no mundo scientifico, não podia chegar-me mais a proposito; e eu o tomaria por guia e modelo, si possuísse elementos suficientes para dar ao meu escripto um character scientifico, em vez de encerral-o como força é fazel-o nos limites de uma simples *Noticia*.

Estes pormenores podem parecer supérfluos á maior parte dos homens, ainda aos mais doutos que não estiverem familiarizados com os costumes e condições dos habitantes e com as disposições physicas dos lugares tão pouco povoados; parecerão mesmo triviais e enfadonhos áquelles que só tem viajado de cidade em cidade, á bordo de vapores, com todas as comodidades e boa companhia. Nunca, porém, serão demais para os homens scientificos que a nobre ambição do saber obriga tantas vezes a longas e penosas viagens.³²⁵

324 WIENER, pp. 3-4; 13; 15.

325 PENNA, 1876, pp. 93; 99.

João Batista de Lacerda descreveu a pretensão científica de demonstrar as hipóteses para futuras investigações.

Guardamos para mais tarde, quando tivermos á mão maior somma de elementos, dar a demonstração desta hypothese, a qual poderá constituir um ponto de partida para novas e importantes investigações anthropologicas com relação á origem e procedência dos primitivos povos da America.³²⁶

Preocupação semelhante foi descrita por Ladislau Netto, em 1885.

[...] e tanto bastou ao aumento rápido e progressivo do nosso cabedal archeologico, pouco antes mesquinho, desaproveitado e demasiado pobre. Tal foi a minha impremeditada iniciação, a minha, á primeira vista, inexplicável intervenção n'uma sciencia que não era da minha especialidade.³²⁷

Neste mesmo ano, Peixoto descreveu como sua geração fora aquela que edificou uma ciência de fatos tangíveis: “Em primeiro lugar, no tempo em que foram feitas estas classificações [etnográficas] a anthropologia ainda não se havia constituído em sciencia de factos tangíveis e os seus processos de investigação não estavam divulgados nem conhecidos”.³²⁸

E mesmo no início do século XX, o famoso embate intelectual enter Loefgren e Ihering foi travado com base nas mais duras noções do fazer científico. Eles afirmaram, respectivamente, que:

Para base de uma investigação systematica sobre a antiguidade dos sambaquis, entendemos indispensável primeiro procurar elucidar quanto possível os seguintes pontos, auxiliando-nos dos documentos existentes e dos factos resultantes da observação directa. [...] ³²⁹

Já se tem escripto muitíssimo sobre os Sambaquis to litoral brasileiro – sem que tenha, todavia, havido algum estudo verdadeiramente profundo, empreendido por pessoa competente, com o preciso methodo e perseverança. Encetar tal estudo, seria condigna tarefa de alguma corporação scientifica, representada por especialista [...] pois que, dos exploradores leigos e diletantes, não há mais do que já tem sido dito e repetido.³³⁰

326 LACERDA, 1879, p. 45.

327 LADISLAU NETTO, 1885, p. 257.

328 PEIXOTO, 1885, p. 206.

329 LOEFGREN, 1903, p. 70.

330 VON IHERING, 1904, p. 445.

As imagens de ciência que aparecem nos dois momentos, a partir da fala de dois grupos de cientistas temporalmente distantes, são diferentes, pois se assentam em paradigmas distintos sobre o fazer científico por si, mais do que por disputarem verdades. Como ocorre com qualquer pauta nos estudos de ciência, não há uma ótica puramente científica, isto é, isenta de outros fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. Em se tratando de arqueologia, vale a mesma prerrogativa.

Sobre o século XIX, percebemos que os estudos dos sambaquis estiveram vinculados a interesses diversos que sobre eles repousavam. Pesou sobre as pesquisas arqueológicas a irrefutável importância da instituição por trás dos projetos, além de questões políticas que transpassam esta influência. O imaginário social, a busca por um passado mítico também são fatores a serem considerados. Nada disso, entretanto, invalida a atuação dos pesquisadores pioneiros. A arqueologia do século XXI, com técnicas e tecnologias tão apuradas para examinar o passado, pode se valer destas reflexões para olhar com mais atenção para sua própria história.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

Arquivos

Arquivo da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Pará - <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/318>>

Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - <<http://www.ihgb.org.br/acervo3.php>>

Arquivo Guilherme de La Penha do Museu Paraense Emilio Goeldi - <<http://www.museu-goeldi.br/portal/content/biblioteca-domingos-soares-ferreira-penna-0>>

Arquivo Histórico de Cubatão - <<http://bibliotecacubatao.blogspot.com.br/p/acervo-do-arquivo-historico.html>>

Fundação Biblioteca Nacional - <<http://www.bn.br/>>

Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - <<http://www.museunacional.ufrj.br/o-museu/arquivo-historico>>

Eletrônicos (Acesso em 15 set 2015)

Arquivo do Estado de São Paulo - <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br>>

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - <<http://www.bbm.usp.br/>>

Biblioteca Virtual da Fapesp - <<http://www.bv.fapesp.br/pt/>>

Gallica Bibliotheque Numérique - <<http://gallica.bnf.fr/?lang=PT>>

Internet Archive - <www.archive.org>

Journal Storage - <www.jstor.org>

Portal do Museu Imperial - <<http://www.museuimperial.gov.br/>>

Portal Domínio Público - <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>>

Portal Heracles - <<http://heracles.mae.usp.br/sistema/>>

Project Gutenberg - <<https://www.gutenberg.org/catalog/>>

Scientific Electronic Library Online (SciELO) - <<http://scielo.org/php/index.php>>

Bibliotecas

Biblioteca “Florestan Fernandes” da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - <<http://biblioteca.fflch.usp.br/>>

Biblioteca “Prof. Dr. Gelso Vazzoler” do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo - <<http://www.io.usp.br/index.php/infraestrutura/biblioteca>>

Biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - <<http://www.nptbr.mae.usp.br/biblioteca/>>

Biblioteca Domingos Soares Ferreira Penna do Museu Paraense Emilio Goeldi - <<http://www.museu-goeldi.br/portal/content/biblioteca-domingos-soares-ferreira-penna-0>>

Sites (Acesso em 15 set 2015)

Carl Rath: a vida e obra de um grande alemão em São Paulo. Exposição virtual do Instituto Martius Staden. Disponível em: <http://www.martiusstaden.org.br/CarlRath/carl_rath_flash-full.html>

Instituto Martius Staden - <<http://www.martiusstaden.org.br/>>

Museu de Arqueologia e Etnologia/ Universidade Federal da Bahia (MAE-UFBA) - <<http://www.mae.ufba.br>>

Núcleo de Latim da Universidade Federal de Santa Catarina - <<http://www.nucleodelatim.ufsc.br/wp-content/uploads/2012/05/5.b.-Ars-Poetica.pdf>>

Prefeitura Municipal de São Francisco do Sul <<http://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/>>

Periódicos

Arquivos do Museu Nacional

Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Revista do Museu Paulista

Fontes

AGASSIZ, Louis. *A journey in Brazil*. Boston: Ticknor and fields, 1868.

BARIL, V. L. *L'Empire du Brésil*, monographie complète de l'Empire sudaméricain. Paris: Ferdinand Sartorius, 1862.

BOUCHER DE PERTHES, J. *Antiquités celtiques et antédiluviennes*: Mémoire sur l'industrie primitive et les arts a leur origine. 3 vol. Paris: Treuttel et Wurtz; Derache; Dumoulin; Victor Didron, 1849, 1857, 1864.

BOUCHER DE PERTHES, J. *Antiquités celtiques et antédiluviennes*: Mémoire sur l'industrie primitive et les arts a leur origine. Vol. 3. New York: CambridgeUniversity Press, 2010.

BRASIL. Decreto-Lei nº 1985, de 29 de março de 1940. Código de Minas de 1940. Disponível

em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/111067/codigo-de-minas-de-1940-decreto-lei-1985-40>>. Acesso em: 19 jun 2012.

BRASIL. Decreto-Lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm>. Acesso em: 13 maio 2015.

BRASIL. Decreto-Lei nº 3924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3924.htm>. Acesso em: 19 jun 2012.

BRASIL. Decreto-Lei nº4146, de 04 de março de 1942. Dispõe sobre a proteção de depósitos fossilíferos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4146.htm> Acesso em 13 maio 2015.

BREVE notícia sobre a criação do Insituto Historico e Geographico Brasileiro. *Revista do Insituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo I, n.1, 1º trimestre 1839, p. 5-8.

BURKHARDT, Frederick (Org.). *Origens*: Cartas seletas de Charles Darwin 1822-1859. Trad. Vera Ribeiro, Alzira Vieira Alegro. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

BURKHARDT, Frederick; EVANS, Samantha; PEARN, Alison (Org.). *A evolução*: Cartas seletas de Charles Darwin 1860-1870. Trad. Alzira Vieira Alegro. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

BURTON, Richard Francis. On a kjokkenmodding of Santos, Brazil. *Journal of the Anthropological Society of London*, Londres, vol. 4, pp. cxci-cxciv, 1866.

CALIXTO, Benedito. Algumas notas e informações sobre a situação dos sambaquis de Itanhaen e de Santos. *Revista do Museu Paulista*. São Paulo, vol. VI, pp. 490-518, 1904.

CAPANEMA, Guilherme Schuch de. Os Sambaquis. *Ensaio de sciencia* por diversos amadores, vol I. Rio de Janeiro, Brown & Evaristo, Editores, 1876.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: Editores J. Leite & Cia., 1925.

CARTA de 27 de Outubro e Viener, encarregado de uma Missão na America Meridional ao Director do Museu Nacional. Agradecendo a este, ao partir E.Sta. Catharina, a missão que lhe confiam os estudos os Sambaquis Déssa provincia e o bom acolhimento que recebeu do Museu. MN, Pasta 14, Documento 61, DCMNO(0)3, 0396, DR. CO. AO 1761, 27 out 1875.

CONTRACTO firmado em 2 de Março, entre o Ministro da Agricultura C. e Obras Publicas e o Professor Charles Frederic Hartt E. que este se obrigue, pelo praso de 3 annos, a cumprir todos os deveres e obrigações que no Reg. approved pelo Decreto nº 6116 de 9 de fevereiro ultimo, [ilegível] o Director do Museu Nacional da Secção de Sciencias Phisicas Mineralogicas, geologicas e paleontologia geral. MN, Pasta 15, Documento 19, 0210311876, CDMNO3, 0434-0435, DR. CO. AO 1785, 1876.

CUVIER, Georges. *Discurso sobre as revoluções da superficie do globo e sobre as mudanças que elas ocasionaram no reino animal*. Trad. Fco. Ferreira de Abreu. São Paulo: Ed. Cultura, 1945.

DARWIN, C. *A Origem das espécies*. Trad. Eduardo Nunes Fonseca. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.

DARWIN, C. *The Descent of Man and Selection related to sex*. 2 vol. Londres, John Murray, 1871.

DARWIN, Charles. *On the Origin of Species by means of Natural Selection, or the Preservation of Favoured Races in the Struggle for Life*. Londres: John Murray, 1859.

DE LA HURE, Comte. Nouvelles archéologiques et correspondence. *REVUE ARQUÉOLOGIQUE*, Nouvelle Serie, vol. 15, pp. 306-310, jan-jun 1867.

DE LA HURE, Conde. *A Messieurs les Membres de l'Institute*, 14 jun 1865, IHGB, lata 92, pasta 7.

DE LA HURE, Conde. *Considérations sommaires sua l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca. 10 mar 1865. IHGB, Lata 15, doc 9.

DE LA HURE, Conde. *Ilmo e Excmo Sr Visconde*. IHGB, lata 311, doc 9. Rio de Janeiro, 1865.

DE LA HURE. *Dona Francisca, 16 Août 1864*. IHGB, lata 341, Pasta 7.

DERBY, Orville. Contribuições para a Geologia do Baixo Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 2, pp. 77-104, 1877.

FOSTER, John Wells. Prehistoric races of the United States of America. Chicago: Griggs and Co., 1873. Resenha de: C. C. A. Prehistoric races of the United States. *The American Naturalist*, University of Chicago Press, vol. 7, n. 10, pp. 623-626, out 1873.

HARTT, Carlos. Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 6, pp. 1- 174, 1885.

HARTT, Carlos. Nota sobre algumas tangas de barro cosido dos antigos indígenas da ilha de Marajó. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 1, pp. 21-26, 1876.

IHGB. Appendice ao relatorio de 1859. Obras, impressos, manuscriptos, offerecidos ao INSTITUTO HISTORICO NO ANNO DE 1859. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol. XXII, 1859.

JOLY, N. L'homme fossile: les habitations lacustres et l'industrie primitive. *Revue des cours scientifiques*, 1865.

J. V. Brasileiros e Phenicios. *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, n. 414, ano 10, pp. 1-8, 1885.

KRONE, Ricardo. Contribuições para a Ethnologia Paulista. *Revista do Instituto Histórico e Geographico de São Paulo*, São Paulo, vol. VII, pp 470-481, 1902.

KRONE, Ricardo. Estudo sobre as cavernas do Valle do Ribeira. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 15, pp. 139-166, 1909.

LACERDA FILHO. Craneos de Maracá: Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. Nota sobre a conformação dos dentes. *Archivos do Museu Nacional*, vol.1, 1876

LACERDA FILHO; PEIXOTO, Rodrigues. Contribuições para o estudo das raças indígenas do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol 1, pp. 47-75, 1876.

LACERDA, João Batista de. O homem dos sambaquis. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol.6, pp. 175-202, 1885.

LADISLAU NETTO. Apontamentos sobre os tembetás (adornos labiaes de pedra) da collecção archeologica do Museu Nacional. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 2, pp. 105-164, 1877.

LADISLAU NETTO. As ostreiras de Santos e os Kiokken-moddings da Dinamarca. *Revista brasileira*, vol. VI, pp. 186-187, out 1880.

LADISLAU NETTO. Investigações sobre a archeologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 6, pp. 257-544, 1885.

LOEFGREN, Albert. Os Sambaquis de São Paulo. *Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo*, n. 9, p. 1-54, 1893.

LOEFGREN, Albert. Os Sambaquis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, vol. VIII, pp. 458-465, 1903.

LUBBOCK, John. *Pre-historic times*, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages. Edimburgo; Londres: Williams and Norgate, 1865.

LUBBOCK, John. *Pre-historic times*, as illustrated by ancient remains, and the manners and customs of modern savages. 7th edition. Londres: Williams and Norgate, 1913.

LUND, Peter W. Memórias sobre a *Paleontologia Brasileira*. Revisão e Comentários: Carlos de Paula Couto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; Instituto Nacional do Livro, 1950.

LUND, Peter W. Memórias sobre a *Paleontologia Brasileira*. Revisão e Comentários: Carlos de Paula Couto.

LYELL, Charles. *Principles of geology*. 1^a ed. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1990.

LYELL, Charles. The geological evidence of the *Antiquity of man* with remarks on theories of the origin of species by variation. Londres: John Murray, 1863.

MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. *Memórias para a história da Capitania de São Vicente*. Lisboa: Typografia da Academia, 1797.

MARQUES, Abílio S. As ostreiras de Santos e os kiokken-moddings da Dinamarca. *Revista brasileira*, vol. 6, pp. 55-71, 1880.

MEGGERS, Betty. Advances in Brazilian Archaeology, 1935-1985. *American Antiquity*, vol. 50, n. 2, Golden Anniversary Issue, pp. 364-373, apr 1985.

MUNRO, Robert. Danish Kjökkenmöddings, their facts and inferences. *Proceedings of the Society*. Londres, 10 mar 1884.

NOTT, Josiah; GLIDDON, George *et al.* *Types of Mankind* based upon the ancient monuments, paintings, sculptures, and crania of races, and upon their natural, geographical, philological, and biblical history. Philadelphia; London: Lippincott, Grambo & Co.; Trubner & CO., 1854.

PEIXOTO, J. Rodrigues. Novos estudos craniológicos sobre os botocudos. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, vol. 6, pp. 205-256, 1885.

PENNA, Domingos S. Ferreira. Apontamentos sobre os Ceramios do Pará (carta ao Sr. Dr. Ladisláu Netto). *Archivos do Museu Nacional*, vol. 2, pp. 47-71, 1877.

PENNA, Domingos S. Ferreira. Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. *Archivos do Museu Nacional*, vol. 1, 1876.

PINHEIRO, J. C. Fernandes. Parecer sobre a memória do Sr. conde de La Hure, relativa ás inscrições achadas nas ruínas d'uma cidade incógnita, que se diz existente nos sertões da Bahia. *RIHGB*, Rio de Janeiro, v. 29, pp. 373-90, 1866.

RATH, Carlos. Die Sambaquis oder Muschelhügelgräber Brasiliens. *Globus: Illustrierte zeitschrift für länder-und völkerkunde*, Braunschweig, pp. 193-198; 214-218, 1874.

RATH, Carlos. Noticia Ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, em como o seu interior antes do dilúvio universal. *Revista trimestral do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, tomo XXXIV, pp. 287-292, 1871.

ROUANET, Sergio (Coord.). *Correspondência de Machado de Assis*. Tomo II, 1870-1889. Rio de Janeiro: ABL, 2009

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil*. São Paulo: L&PM, 2007.

VON IHERING, Herman. A origem dos sambaquis. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, vol. VIII, pp. 446-456, 1903.

VON KOSERITZ, Karl. Sambaquis da Conceição do Arroio. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, vol. XLVII, parte I, pp. 179-182, 1884.

VON MARTIUS, Karl F. P. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Rio de Janeiro: IHGB, 1991.

WIENER, Carlos. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, vol.1, pp. 1-20, 1876.

WILSON, Daniel. *Prehistoric Man: Researches into the origin of civilisation in the old and the new world*. 2 vol. Cambridge: Macmillian and Co., 1862.

Referências Bibliográficas

ABADÍA, Oscar Moro. *Arqueología pré-histórica e historia de la ciência*. Hacia uma historia crítica de la arqueologia. Barcelona: Bellaterra Arqueología, 2007.

AMOROSO, Marta. Natureza e Sociedade. Disputas em torno do cultivo da paisagem em Itambacuri. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 24, n. 71, pp. 55-72, out 2009.

BANDEIRA, Arkley Marques. *Ocupações humanas pré-coloniais na Ilha de São Luis – MA: inserção dos sítios arqueológicos na paisagem, cronologia e cultura material cerâmica*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARMAN, Roderick J. *Imperador cidadão*. Trad. Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: Unesp, 2010.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Barasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, pp. 32-51, dez/ fev 1999-2000.

BARRETO, Cristiana. Arqueologia Brasileira: uma perspectiva histórica e comparada. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 3, p. 201-211, 1999.

BECK, Anamaria. O problema do conhecimento histórico dos sambaquis do litoral do Brasil. *Anais do Museu de Antropologia*, Florianópolis, ano VII, n. 7, pp. 27-66, dez 1974.

BLASIS, Paulo de. *Os sambaquis vistos através de um sambaqui*. 2005. 138 f. Monografia (Livre Docência em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BRESCIANI, Stella. Identidades inconclusas no Brasil do século XIX – Fundamentos de um lugar-comum. In: BRESCIANI; NAXARA (org.). *Memória e (res) sentimento*: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2001.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Com as mãos sujas de cal e de tinta, homens de múltiplas habilidades: os engenheiros militares e a cartografia na América Portuguesa (sécs. XVI-XIX). *Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, Paraty-RJ, maio 2011.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2000.

COLOMBO, André Vieira; CORRÊA, Ângelo Alves. “Cavernas da Babilônia” narrativas e intervenções: vestígios funerários pré-coloniais na microrregião de Juiz de Fora. *Cadernos do Lepaarq*, vol. XI, n. 21, pp. 194-207, 2014.

COSTA, Angyone. *Introdução à Arqueologia brasileira* (etnografia e história). 4ª edição, ilustrada. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

CORONA; LEMOS. *Dicionário da Arquitetura brasileira*. São Paulo: Edart, 1972.

COUTO, Carlos de P. Introdução. In: LUND, Peter W. *Memórias sobre a Paleontologia Brasileira*. Revisão e Comentários: Carlos de Paula Couto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde; Instituto Nacional do Livro, 1950.

CUNHA, Manuela C. da. Política indigenista no século XIX. In: _____ (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

CUNHA, Osvaldo Rodrigues da. *Talento e atitude*: Estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi. vol 1. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1989.

DIAMOND, Jared. *Guns, germs and steel: the fates of human societies*. New York; London: W. W. Norton & Company, 1997.

DIAS, Ondemar. PRONAPA – Uma história da Arqueologia brasileira contada por quem a viveu. *História da Arqueologia Série – IAB*, Rio de Janeiro, maio 2014. Entrevista concedida a Jandira Neto. Disponível em: <<http://www.arqueologia-iab.com.br/publications/download/28>>. Acesso em: 8 out 2015.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. *A World History of Nineteenth-Century Archaeology: Nationalism, Colonialism, and the Past*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

DROUIN, Jean-Marc. Os viajantes naturalistas de Lineu a Darwin. In: SERRES, Michel (Dir.). *Elementos para uma história das ciências*. Lisboa: Terramar, 1996.

DUARTE. *O sambaqui: visto através de alguns sambaquis*. São Paulo: IPH-USP, 1968.

ECO, Umberto. *Viagem na irrealdade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

ESTEVES, Edria; GONZALEZ, Manoel. Casa Martim Afonso: Edificação Histórica, sítio arqueológico e acervo em um único espaço físico a serviço da comunidade. *Humanitas*, Santos-SP, vol. 1, ano 2, pp. 45-53, 2013.

FARIA, Felipe. *Georges Cuvier: dos estudos dos fósseis à paleontologia*. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia; Ed. 34, 2012.

FERREIRA, Cesar; TORRES, Francisco; BORGES, Welington. *Cubatão: Caminhos da História*. Cubatão: do autor, 2008.

FERREIRA, Lúcio M. Arqueologia e geoestratégia: as fronteiras imperiais e o uso das fontes arqueológicas (1838 – 1877). *Varia História*, Belo Horizonte, nº24, jan 2001a.

FERREIRA, Lúcio M. História petrificada: a Arqueologia Nobiliárquica e o Império Brasileiro. *Cadernos do CEOM*. Chapecó, Ano 17, nº 18, dez 2003.

FERREIRA, Lúcio M. *Território primitivo: A institucionalização da Arqueologia no Brasil (1870-1917)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FERREIRA, Lúcio M. *Vestígios de civilização: a Arqueologia no Brasil imperial (1838-1871)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FERREIRA, Lúcio M. Vestígios de Civilização. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Constituição da Arqueologia Imperial (1838 – 1870). *Revista de História Regional*, 4 (1). Verão 1999.

FERREIRA, Lúcio M. “Um bando de idéias novas” na arqueologia (1870-1877). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11, p. 21-33, 2001b.

FERREIRA, Lúcio M.; NOELLI, F. Richard Francis Burton, os sambaquis e a Arqueologia no Brasil Imperial (Com tradução de textos de Burton). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 17, p. 149-168, 2007.

FIGUTI, Levy. A recipe for a sambaqui: considerations on brazilian shell mound composition and building. In: ANTCZAK, Andrzej ; CIPRIANI, Roberto (Org.). *Early Human Impact on Megamollusks*. Oxford: BARS Archaeopress, 2008.

FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. 1.ed. Trad. Georg Otte, Mariana Camilo de Oliveira. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FRANCO, Maria Sylvia de. As ideias estão no lugar. *Caderno de Debates*, n.1, São Paulo, Brasiliense, 1976.

FREITAS, Marcos Vinícius de. *Charles Frederick Hartt, um naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

GASPAR, MaDu. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GASPAR, MaDu. Prefácio. In: VILLAGRÁN, Ximena. *Geoarqueologia de um sambaqui monumental: Estratigrafias que falam*. São Paulo: Fapesp; Annablume, 2010.

GELL, Alfred. The Technology of enchantment and the enchantment of technology. In: COOTE, J; SHELTON. A. *Anthropology, art and aesthetics*. Oxford: Clarendon. 1992

GONZALEZ, Manoel M. B. *Tubarões e raias na pré-história do litoral de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GOODRUM, Matthew R. The Idea of Human Prehistory: the Natural Sciences, the Human Sciences, and the Problem of Human Origins in Victorian Britain. *Hist. Phil. Life Sci.*, 34 (2012).

GOULD, Sephen Jay. *A falsa medida do homem*. Trad. Válter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOULD, Stephen Jay. *Leonardo's mountain of clams and the diet of worms: Essays on Natural History*. Cambridge; Massachussets; London: The Belknap Press of Harvard Unuversity Press, 2011.

GRASLUND, B. *The Birth of Prehistoric Chronology: Dating Methods and Dating Systems in Nineteenth-Century Scandinavian Archaeology*. CUP Archive, 1987.

GRAYSON, Donald K. *The Establishment of Human Antiquity*. New York: Academic Press, 1983.

GROLA, Diego Amorim. *Coleções de História Natural no Museu Paulista, (1894-1916)*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GUARINELLO, Norberto. L.. História Científica, história contemporânea e história cotidiana. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 1, n.1, p. 13-38, 2005.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. D. João VI e a gênese do Império Brasileiro na obra de Varnhagen. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 99-108, jan/jun 2009.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. Primeiro Congresso de História Nacional: breve balanço da atividade historiográfica no alvorecer do século XX. *Tempo*. DH/UFF, N°18, jan-jun 2005.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº1, 1988.

GUIMARÃES, Márcia Segal B. C. Do lixo ao luxo: As premissas teórico-metodológicas e a noção de sambaqui. *Boletim do Museu Nacional*, Nova série, Antropologia, Rio de Janeiro, n. 63, pp. 1-23, nov 2003.

GUTBERLET, Jutta. *Cubatão: Desenvolvimento, Exclusão Social e Degradação Ambiental*. Trad. Kay-Uwe Gutberlet. São Paulo: Edusp, Fapesp, 1996.

HESSEN, Boris. As raízes sócio-econômicas dos *Principia* de Newton. In: GAMA, Ruy (Org.). *Ciência e técnica* (antologia de textos históricos). São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

HILL, Rosemary. *Stonehenge*. Londres: Profile books, 2008.

HODDER, Ian. *Entangled: An archaeology of the relationships between humans and things*. New York: John Wiley & Sons, 2012.

HOLTEN, Birgitte; STERLL, Michael. *Peter Lund e as grutas com ossos em Lagoa Santa*. Trad. Luiz Paulo Ribeiro Vaz. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

KERN, Daniela. Tirando o pó das Brazilian Antiquities: Charles Frederick Hartt relido por Anna Rososevelt, *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Campinas/SP, n. 16, pp. 29-55, jul-dez 2011.

KESSLER, Joan C. *Babel and Bastille: architecture as metaphore in Victor Hugo's Notre Dame de Paris*. Disponível em:
<<http://www.jstor.org/discover/10.2307/40551243?uid=3737664&uid=2134&uid=2484106827&uid=2&uid=70&uid=3&uid=2484106817&uid=60&sid=21104714790017>>. Acesso em 30 set 2014.

KEVLES, Daniel J. *In the Name of Eugenics: Genetics and the Uses of Human Heredity*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.

KUHL, Beatriz. A restauração de monumentos históricos na França após a Revolução Francesa e durante o século XIX: um período crucial para o amadurecimento teórico. *Revista CPC*, São Paulo, n. 3, p. 110-144, nov 2006/ abr 2007.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LANGER, Johnni Os sambaquis e o império: Escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11, 2001.

LANGER, Johnni. *Ruínas e mito: A arqueologia no Brasil Império*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

LANGEVIN, Paul. O valor educativo da história das ciências. In: GAMA, Ruy (Org.). *Ciência e técnica* (antologia de textos históricos). São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

LATOURE, Bruno. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOURE, Bruno. *Ciência em Ação*. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LEONARDOS, Othon Henry. *Concheiros Naturais e Sambaquis*. Avulso n. 37. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1938.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Trad. António Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

LIMA, Tânia Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, pp. 270-327, dez/ fev 2000.

LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: Os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec; Universidade de Brasília, 2009.

LUNA FILHO, Pedro Ernesto de. *Peter Wilhelm Lund: O auge das suas investigações científicas e a razão para o término das suas pesquisas*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MANUEL, Frank; MANUEL, Fritzie. *El pensamiento utópico em el mundo occidental*. Vol. III. Trad. Bernardo Moreno de Carrillo. Madrid: Taurus, 1984.

MÁXIMO, Bruno Pastre. *Uma História da Arqueologia na África: Peculiaridades, Conflitos e Desafios da disciplina em Angola*. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas-SP, 2013.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A história cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista Inst. Est. Bra.*, 34, 1992.

MERTON, Robert K. Os imperativos institucionais da ciência. In: DEUS, Jorge Dias de (Org.). *A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MOMIGLIANO, Arnaldo. O surgimento da pesquisa antiquária. In: _____. *Raízes clássicas da historiografia moderna*. Trad. M. Beatriz B. Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.

MOTOYAMA, Shozo (Org.). *Prelúdio para uma história: Ciência e Tecnologia no Brasil*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2004.

MUSEU NACIONAL. *Os diretores do Museu Nacional/ UFRJ*. Rio de Janeiro: MN/UFRJ, 2007-8. Disponível em: http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf. Acesso em 15 jul 2015.

NEVES, Walter Alves. *Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)*. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

NEVES, Walter A.; PILO, Luís B. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.

OLIVEIRA, Maria Dulce B. Gaspar de; KLOKLER, Daniela; BIANCHINI, Gina Faraco. Arqueologia estratégica: abordagens para o estudo da totalidade e construção de sítios monticulares. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Cienc. Hum., Belém, v. 8, n. 3, p. 517-533, set-dez. 2013.

OLIVEIRA, Tânia Ferraz de. *Estudo comparativo dos sambaquis Caipora, Lageado e Jaboticabeira I*: interpretações acerca da mudança de material construtivo ao longo do tempo. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PEREIRA JUNIOR, José Anthero. *Introdução ao estudo da arqueologia brasileira*. São Paulo: Ind. Gráfica Bentivegna Editôra Ltda, 1967.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: UNB, 1992.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ROBRAHN-GONZALEZ, Érika. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*, São Paulo, n.44, p. 10-31, dezembro/fevereiro 1999-2000.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. Relatório da excursão ao litoral e a região das Lagoas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Universidade do Rio Grande do Sul, 1962.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SANJAD, Nelson. Ciência de potes quebrados: nação e região na arqueologia brasileira do século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, São Paulo, vol 19, n.1, jan-jun 2011.

SCHIFFER, M. B. *Behavioral Archaeology: Principles and practice*. London: Equinox, 2010.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870 - 1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SCHWARZ, Roberto. As ideias fora do lugar. *Estudos CEBRAP*, n. 3, p.150-161, jan 1973.

SERRANO, Antonio. Sambaquis o concheiros brasileiros. *Revista do Instituto de Antropologia de la Universidad de Tucuman*, vol. 1, n. 3, 1938.

SILVA, Wilton C. L. *As Terras Inventadas: Discurso e Natureza em Jean de Lery, André João Antonil e Richard Burton*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.

SILVEIRA, Maura Imázio da. Onde a Amazônia encontra o mar: estudando os sambaquis do Pará. *Revista de Arqueologia*, 18, pp. 67-79, 2005.

SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William. *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008.

SIMÕES, M. F. Coletores-pescadores ceramistas do litoral do Salgado (Pará). Nota Preliminar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série, Antropologia, Belém, n. 78, p. 1-26, mar. 1981.

SOUZA, Alfredo Mendonça de. História da arqueologia brasileira. *Pesquisas*, série Antropologia, Rio Grande do Sul, n. 46, pp. 1-157, 1991.

STENGERS, Isabelle. *A Invenção das Ciências Modernas*. São Paulo: Editora 34, 2002.

SUSSMAN, Hillary E. On the origin of Darwinism. *Genome research*. Cold Spring Harbor Laboratory Press, 2009. Disponível em: <<http://genome.cshlp.org/content/19/5/691.full>>. Acesso em: 15 set 2015.

WAGNER, Gustavo. Sambaquis (shell mounds) of the Brazilian coast. *Quaternary International*, 239, pp. 51-60, 2011.

VILLAGRÁN, Ximena. *Arqueologia de um Sambaqui Monumental: Estratigrafias que falam*. São Paulo: Fapesp; Annablume, 2010.

WHITROW, G. J. *O Tempo na História: Concepções sobre o Tempo da Pré-História aos nossos dias*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.